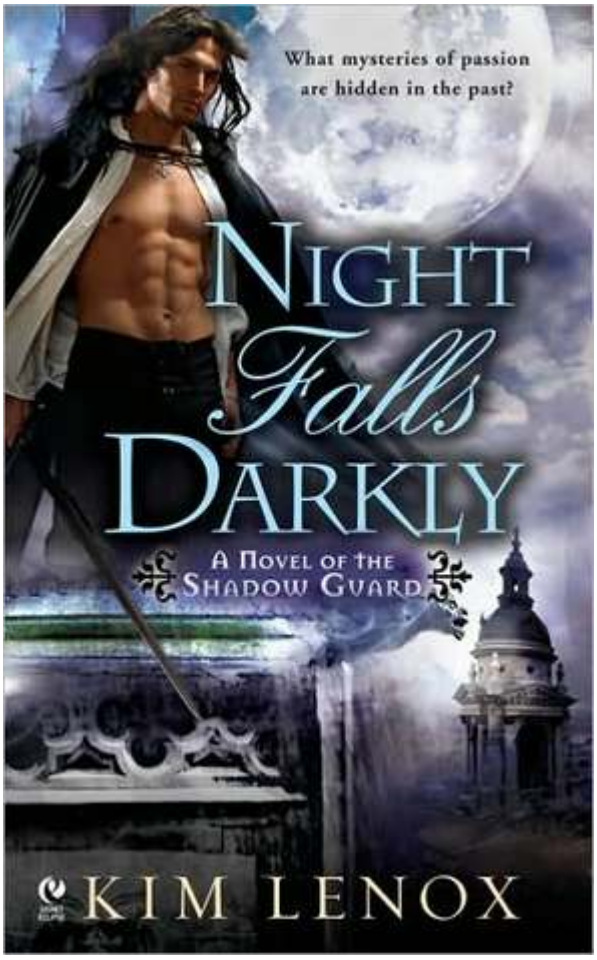
Shadow Guard

Livro 1 - A Noite Chega Perigosamente

Kim Lenox



Equipe Pégasus Lançamentos:

Disponibilização: Soryu

Tradução: Soryu

Revisão Inicial: Virginia

Revisão Final: Silvia Helena

Leitura Final e Formatação: Hana Tsuki

Resumo:

Um imortal foi chamado para levar uma alma decadente...

Desde um acidente que tirou a sua memória, **Elena Whitney** não lembra os segredos de seu passado. Tudo o que ela sabe é que, com seu misterioso benfeitor **Archer**, Lord Black, retornando a Londres a pedido da rainha Victoria, ela deverá aproveitar a oportunidade para obter algumas respostas.

Sendo um imortal Guardião das Sombras, Archer foi convocado a Londres para eliminar a alma de um demônio: Jack, o Estripador. Archer não só se sente obrigado a proteger as mulheres da noite, mas também sua jovem e bela protegida, Elena, a quem poupou da morte, dois anos antes. Mas com uma onda de pânico se espalhando por toda Londres, Archer teme que Elena seja a sua fraqueza, uma distração que ele não pode ter, especialmente porque ela é suscetível de se tornar o próximo alvo do Estripador...

Informações Sobre a Série:

1 - A Noite Chega Perigosamente – Distribuído

2 - So Still The Nigth – Revisando

3 - Darker Than Night - Traduzindo

Prólogo

Cortiço de Spitalfields
Londres
Abril de 1887

— Saía, Sr. Winslow. — Archer saiu da escadaria sobre o telhado escuro. — É seu tempo para morrer.

Vento, cortante e cruel, fez com que a parte traseira do seu sobretudo estalasse atrás dele. Ele moveu-se entre as chaminés desintegradas e pilhas de lixo, evitando o jornal deformado e apodrecidas vigas que poderiam desmoronar e enviar de forma descuidada o edifício abandonado abaixo. Ele puxou as luvas de couro de suas mãos e dobrou-as em seu bolso no quadril. Outra rajada jogou seu cabelo longo sobre seus ombros. Inalando profundamente, ele saboreou o odor de medo no ar.

— Como você pode correr e se esconder, quando eu viajei tudo isso só para... ver... você.

Essa era sua parte favorita da caça, o primor, tortura lenta da presa na frente da Recuperação Final. Ele podia escolher escurecer em sombra e fazer as coisas mais rápidas, mas não queria uma morte não convencional, quando Winslow merecia ser aterrorizado em uma escala muito maior.

Archer fechou seus olhos e evocou o calor. O calor queimava a pele dele e fluía por suas veias. Quando ele abriu seus olhos novamente, soube que eles não eram mais cinzas, mas completamente pretos. Oito adagas assobiaram, suas lâminas eram formadas em partes iguais de fogo e prata primitiva.

Uma pilha de tijolos desintegrados ficava ao extremo sul do telhado. Entretanto a névoa era densa e o céu não possuía nenhuma estrela, não que ele precisasse de luz para discernir até o detalhe mais minucioso.

Com um grunhido, ele saltou a distância e nivelou-se com um sopro.

— O que diabos é você? — Winslow ficou boquiaberto, seus olhos fixos em terror, primeiro nas armas de Archer e então em seus olhos. Sulcos escarlates marcavam uma bochecha, evidência do fascínio fervoroso. — Um demônio, ou o diabo?

Winslow arrastou a moça em direção à borda.

— Me... deixe... ir! — Ela deu socos na mandíbula dele. Seu lábio inferior estava contundido e inchado. Uma de suas mangas aberta e rasgada, batia com o vento.

Archer silvou. Como ele reclamaria seu alvo sem sacrificar a vida da garota?

O salto do sapato de Winslow pisou em um lugar fraco no telhado. Ambos iam cair. Recuperando-se depressa, ele prendeu a arma ao redor de seu tórax, o outro braço estava ao redor do pescoço dela e a arrastou para trás até a borda. Atrás deles a rua suja estava coberta de fuligem negra. Desavisada do perigo, a moça bateu seus braços e chutou as canelas da besta com seus pés nus.

— Pare de lutar, cadela! — Winslow falou por entre os dentes amarelados e quebrados. Ele lutou para equilibrar-se sobre o cume estreito do desintegrado telhado.

Archer hesitou. Qualquer queda seria fatal para ambos. Ele não se importava com Winslow, nada poderia salvar o bastardo agora, mas ele não queria responder para os Primordiais sobre a morte de um inocente.

— Eu espero que ele mate você. — a garota gritou, arranhando as mãos carnosas, tentando manter elas longe. — Que o mate pelo que fez para mim. Pelo que você fez para os outros.

— Feche sua boca. — Como um animal ele a puxou duramente contra o corpo dele. A borda do telhado moveu-se. Pedaços de tijolo e telhas lascados desintegraram-se. — Eu saltarei antes de eu deixar você me cortar com essas lâminas más e eu a levarei comigo.

— Então faça isto agora, covarde! — Desafiou a moça, soluçando de forma desafiante. — Pule!

Archer procurou a escuridão de sua mente e achou seu nome lá.

"Elena", ele comandou em silêncio. *"Pare"*.

Ela congelou. Seus braços e pernas aliviaram-se até as pontas de seus dedões do pé quase tocarem, confusa, as botas de Winslow. Ela ofegou, lutando para respirar com esforço visível, balançado seu rosto, olhando fixamente com olhos arregalados, não acreditando em Archer.

Que olhos estranhos ela tinha. Olhos valentes, um azul e um marrom. O tempo, que normalmente passava por ele com a velocidade de um rio tumultuoso, engolindo-o, quase parou. A pulsação dele... ou a dela? Pulsava em suas orelhas, um bombeamento escuro. Além de suas lágrimas ele viu dignidade e força e o reflexo dele mesmo enquanto ela o via.

Cruel. Violento.

Bonito.

Sua mente vacilou ao lembrar-se de sua vida anterior, para um tempo quando ele viveu e amou. Sonhos ou memórias? Ele não tinha mais certeza.

— Faça o que deve. — ela sussurrou para Archer.

Winslow vomitou blasfêmias, seu rosto um mero borrão contra o fundo da noite.

Archer olhava fixamente para Elena, perplexo por ele não poder quebrar a conexão que existia entre eles. Como podia ser com um único olhar e algumas palavras, uma mulher... uma mulher mortal... penetrar em sua mente dessa forma? Ele sentia-se todo confuso sobre ela, sua mente rejeitava, mas sua alma a desejava.

Enervado, Archer desviou o olhar, e olhou para alguém que ele entendia melhor.

— É hora de nós fazermos essa dança chegar ao fim.

— Vá em frente. — Winslow advertiu, torcendo a cabeça mais alta da garota contra seu ombro. — Mas ela morrerá também.

— Você pensa que isso tudo termina assim? — Archer sussurrou. — Com a morte? Eu temo que não. Você não pode escapar, então deixe a garota ir.

— Ela fica comigo! — Winslow berrou. Seus dedos corpulentos apertados na carne pálida da garganta de Elena.

Ao longo do tempo, Archer sempre caçou com a precisão imparcial de um lobo, mas agora a ira infernal dentro dele era tão negra e intensa que ele sentiu com se fosse se virar do avesso. Ele amaldiçoou as limitações de seu poder, desejando que ele pudesse matar com um mero olhar. Ao invés, sem outra escolha, ele transformou-se em sombra. Com um frenético olhar, Winslow gritou e procurou a cumeeira. Ele se moveu para o lado ao longo da borda para escapar.

O beiral rachou ruidosamente, então deslizou e desintegrou. A garota gritou.

Archer guardou suas adagas e saltou para ela, mas foi muito tarde. Um flash de anáguas e ela desapareceu com Winslow acima da extremidade.

Frenético para salvá-la, ele caiu contra os tijolos e esticou seu braço e sua recompensa foi alcançar as pontas dos dedos da garota e seu olhar fixo e apavorado preso sobre ele quando ela desmaiou.

Capítulo 1

29 de setembro de 1888

Elena agarrou os pulsos da jovem. Com o peso de seu corpo e cada grama de sua força segurou a jovem prostituta contra a mesa.

— Bastardos! — Lizzy gritou e se incorporou com tal força que quase se soltou de Elena.

— Shhhh, shhhh. — Elena a consolou. — Ele fará com que seja rápido.

Com um pequeno barulho, o osso deslizou-se para seu lugar.

— Pronto. — Anunciou o doutor Harcourt.

— Viu? — O alívio invadiu Elena, juntamente com uma eletrizante carga de orgulho. — Não foi tão ruim, não é? Disse que ele era bom.

Ela soltou Lizzy, com cuidado. Em seu breve tempo na enfermaria havia aprendido que nunca podia ter certeza da resposta do paciente. Alguns reagiam com gratidão, outros com um golpe na mandíbula. Olhando para baixo, viu lágrimas correndo pelas têmporas de Lizzy até seu brilhante cabelo vermelho. A palidez da garota quase combinava com o branco da mesa abaixo dela.

— Lizzy? — Elena alisou um cacho rebelde que caia no rosto sardento. A garota era muito jovem e claramente estava sozinha no mundo. — Está bem?

De repente braços finos apertaram Elena em um abraço tão forte que seus pés se levantaram alguns centímetros do chão.

Lizzy soluçou.

— Oh, obrigada, senhorita. Obrigada por permanecer comigo. Nunca estive tão assustada desde a minha infância.

Sua paciente cheirava a cigarro e álcool, mas que a sabonete e flores como uma garota de sua idade deveria, no entanto, Elena sentia simpatia por ela e sentiu uma certa afinidade. Quem poderia dizer que ela não estaria vivendo na rua e fazendo qualquer coisa para sobreviver se o destino não lhe houvesse dado um conjunto diferente de circunstâncias?

— Foi muito valente, Lizzy. — Elena lhe apertou. Dando um passo para trás, deslizou uma mão no bolso de seu jaleco e tirou um lenço. — Há dois dias vi um homem grande se desfazer quando enfrentou este mesmo procedimento.

— De verdade? — Lizzy sorriu envergonhada e aceitou grata o lenço dobrado. Passou o lenço por seus olhos molhados.

No canto da pequena habitação o doutor Harcourt dava instruções para o jovem estudante de medicina que assistiu o procedimento. Elena escutava também, buscando qualquer tipo de conhecimento, fosse simples ou complexo. Colocariam uma tala de madeira e uma robusta vendagem para manter o joelho da jovem alinhado de forma segura para os próximos dias. Dadas suas instruções, o doutor caminhou até a porta.

— Espere, doutor. — Lizzy o chamou, levantando-se sobre um cotovelo. Sua roupa se ajustava a seus ombros estreitos.

O doutor Harcourt parou, fazendo com que seu cabelo loiro caísse sobre seu olho até que ele o afastou com a mão.

— Sim, senhorita Harper?

Vestia calça e jaleco de médico, um discreto uniforme para o ilustre segundo filho de uma das famílias mais ricas e influentes da Inglaterra. Era alto e de constituição atlética, sua cabeça quase tocava o marco superior da porta.

Lizzy deixou escapar.

— Estou muito arrependida de tê-lo chamado de bastardo. — Olhou para o estudante. — A você também. Estou muito, muito arrependida.

Harcourt lançou um cálido sorriso que Elena o viu empregar frequentemente com seus pacientes. Diferentemente de outros médicos, ele deixava seus pacientes cômodos e tranquilos.

Seu olhar foi para Elena por um breve momento antes de voltar para a garota.

— Não volte a pensar nisto. Estou feliz por ter sido útil.

Com isso, desapareceu pelo corredor.

O sorriso de Lizzy revelou uma fileira de dentes tortos.

— Senhor, o doutor é o homem mais bonito que já vi. Como pode sequer suportar trabalhar com ele?

Elena riu suavemente, mas não respondeu. Harcourt era um homem bonito, mas foi seu médico pessoal nos meses posteriores ao seu acidente. Agora era seu mentor. Com o tempo ficaram amigos e ela não pensava nele assim.

Oh, tolice. Essa era uma suja mentira que dizia a si mesma, todas às vezes.

Mas levava a sério sua posição no hospital. Somente depois de muita insistência Harcourt deixou de insistir em fazê-la dedicar-se a interesses mais apropriados para sua posição e lhe garantiu um estágio na enfermaria. A proximidade de alguns enfermeiros do hospital com as vítimas dos assassinatos de Whitechapel inspirou uma onda de pânico entre as enfermeiras. Várias delas renunciaram seus postos de trabalho, deixando Londres seriamente sem profissionais. Passaram-se três semanas completas desde o último homicídio, mas durante esse tempo as autoridades não avançaram no caso e um grosso nó de medo pendia sobre a cidade.

Elena não tinha medo do assassino, não no hospital, e faria qualquer coisa para ficar.

Ajudou Lizzy a sentar-se e arrumou a saia de lã da garota discretamente sobre seus joelhos.

— Bem, agora esse bom cavalheiro colocará uma atadura em sua perna. Irei ao depósito e verei se consigo um par de muletas. Tem alguém que pode te levar para a casa?

— Oh, não voltarei para casa outra vez... — Sua voz sumiu em um silêncio melancólico.

— Não? — Elena não pressionou a garota para que explicasse as circunstâncias de sua lesão. As pacientes deste hospital raramente admitiam serem vítimas de um “velho britânico” ou um cliente. Ela manteve sua voz calma. — Aonde irá, então?

— Minha grande amiga Catherine Eddowes está me esperando no pavilhão. Ela gosta de ser chamada de Kate Kelly. Ela é como eu, sabe. — Lizzy assentiu e sorriu com valentia. — Mora em um lugar lindo, muito comum em Shoe Lane. Talvez possa ficar com ela...

— Então, vou chamá-la.

— Ela está usando um chapéu de palha negro e um casaco de pele até o pescoço.

Com duas tábuas de madeira na mão, o estudante aproximou-se da perna ferida de Lizzy.

Lizzy olhou para ela com cautela.

— Tem certeza de que ele sabe o que está fazendo?

— Ele tem o melhor professor. — Elena assegurou enquanto saía do quarto.

A enfermeira James, chefe das enfermeiras, passou roçando-a, balançando uma bandeja com ataduras enroladas.

— O doutor Harcout perguntou se pode encontrar-se com ele no laboratório químico.

— Obrigada, senhora.

Elena não perdeu o tom da enfermeira James. Em sua maioria, as enfermeiras eram mais velhas que ela e com grande experiência. Viviam em dormitórios dentro da instituição e saiam muito pouco deste lugar para viver uma vida fora das paredes do hospital.

Embora ela tivesse feito sua cota de amizades, um bom número de mulheres não aceitaram sua presença tão amavelmente, talvez por ela ter uma boa residência em Mayfair, um carro particular e um motorista, mas ela não se intimidava. Não querendo permanecer afastada de todos, Elena recentemente começou a ficar no dormitório três vezes por semana também.

Alisou seu jaleco e passou pela porta. Ali dentro encontrou o doutor escrevendo em um formulário no laboratório químico, com seus óculos sobre o nariz. Potes de unguento, garrafas de vidro e jarros enchiam as estantes atrás dele. No ar havia um distinto cheiro de alcânfora.

— Pediu para me ver, doutor Harcourt?

— Senhorita Whitney. Obrigado por vir. Quero conversar com a senhorita sobre uma solicitação que chegou a meu escritório esta tarde.

De repente, o lugar pareceu muito menor, suas paredes e teto mais baixo.

Elena levantou os ombros.

— Sim, senhor.

Ele agia de forma profissional, mas agradável. Ela não podia ler nada em sua expressão que a fizesse acreditar que lhe concederia ou negaria o pedido.

— Conseguiu me surpreender outra vez, senhorita Whitney.

— Como, senhor?

— A maioria das mulheres jovens com seus privilegiados meios não se dignariam a passar na rua da frente deste hospital, e menos ainda trabalhar em uma instituição de caridade. E agora vejo que suscitou uma admiração entre nossos pacientes.

— Não estou buscando a admiração de ninguém, doutor Harcourt. Para dizer a verdade, minha primeira visita ao senhor Merrick foi completamente acidental. Apenas quis ser educada e fiquei por um momento conversando.

Dias antes, uma das outras enfermeiras pensou em afugentar Elena fazendo-a levar uma bandeja de caldo de carne o quarto de um paciente em particular, apenas para que Elena descobrisse que o homem era Joseph Merrick, anteriormente uma atração de circo no papel de Homem Elefante. Seria uma mentira dizer que sua aparência não a havia assustado, mas depois que as apresentações foram feitas, ficaram cerca de meia hora conversando sobre vários assuntos.

— Ele deseja que saiba que gostou muito dos livros.

Para assegurar-se que o senhor Merrick soubesse que ela não havia sido repelida por sua deformidade, e que realmente desfrutou de sua visita, Elena enviou no dia seguinte vários de seus livros favoritos da biblioteca.

— Fico feliz.

O doutor a observou por um momento. Elena resistiu ao impulso de juntar as mãos e ajustar o jaleco.

— Em relação a sua solicitação.

— Sim, senhor.

— O caminho que quer percorrer é cheio de dificuldades e desafortunadamente, muito cheio de prejuízo com relação a seu sexo.

Ela tentou sorrir.

— Pensei muito sobre isso, antes de vir para o hospital.

— Sei que sim. — Ele assentiu e tirou os óculos colocando-o dentro de seu bolso. — E o matrimônio? Filhos? Como sabe, o Sr. Black deixou instruções para que se desejar se casar, ele daria um dote generoso.

Seu lábio tremeu.

— Sim, o Sr. Black é muito generoso.

Certamente, seu misterioso guardião, um homem do qual não se lembrava de conhecer, a deixou como senhora de sua residência em Mayfar, uma grande casa digna de uma rainha. Também tinha a sua disposição um crédito ridiculamente grande e contas nos melhores estabelecimentos.

Por que era tão difícil entender que necessitava mais? Necessitava identidade. Propósito.

De alguma forma, sentia que estava agindo corretamente e sendo verdadeira. Elena olhou de relance seu jaleco e percebeu uma mancha como a forma da mão de uma criança.

As pontas de seus dedos passaram sobre a mancha.

— No entanto, doutor Harcourt, meus interesses são outros.

— E deseja que eu escreva uma carta de referência?

— Apenas se acreditar que eu seria um médico competente.

Lentamente, seus lábios se curvaram em um sorriso.

— Disso, absolutamente não tenho nenhuma dúvida.

— Obrigada, doutor. — Elena suspirou, aturdida e satisfeita com o elogio.

— Escreverei a carta

— Ficarei agradecida para sempre.

— Com uma condição.

— Sim, senhor. Qualquer coisa. Esfregarei os pratos...

— Sem pratos, Elena.

Elena ruborizou ao escutá-lo dizer seu nome. Nunca antes foi tão informal.

— A festa de aniversário de minha mãe é esta noite.

A ansiedade chegou a seu estômago.

— Recebi um convite. Lamentavelmente...

— Sei que é difícil estar em um evento social e ser questionado sobre seu passado.

Com certeza sim.

— Não é apenas isso, doutor Harcourt. Agora trabalho sob sua supervisão.

— Portanto seu comparecimento seria inapropriado? Tolice. Somos vizinhos e a Sra. Kerrigan te adora. Ficou muito decepcionada ao receber sua nota declinando o convite.

A mãe do doutor Harcourt fez numerosas visitas a Casa Black durante a recuperação de Elena.

Provavelmente, a condessa simplesmente sentiu curiosidade pela reclusa amnésica sob a tutela do Sr. Black, mas apesar desta intromissão da dama, se deram extremamente bem.

Harcourt afastou-se da mesa e parou.

— Com a suspensão do Parlamento, quase todos deixaram o país, assim que o evento deverá ser algo pequeno e íntimo.

Como podia negar? Ele tinha feito tanto por ela e ainda concordou em escrever a carta de recomendação, assegurando sua aceitação na Escola de Medicina para Mulheres de Londres.

— Convenceu-me. — Elena recapitulou e sorriu apesar de seu temor iminente. — Por favor, diga para a Sra. Kerrigan que ficarei encantada de comparecer.

— Excelente. — Sua voz demonstrou satisfação. — Então deve voltar para casa para se preparar e buscar um vestido apropriado. E para também descansar, são ordens de seu médico. Está de pé desde manhã. A Sra. Kerrigan ficaria extremamente ofendida se fosse a sua festa apenas para dormir em uma poltrona.

— Obrigada, doutor. Apenas terminarei com Lizzy. Acha que uma carruagem pode levar ela e sua acompanhante para a casa? Elas estão temporariamente em um dos albergues em Shoe Lane, acredito.

— Sim, com certeza. Encontrar-nos-emos esta noite, então. — Sorriu enquanto ela empurrava a porta atrás de si.

Com uma rápida olhada ao relógio em sua cintura, foi apressada pelo corredor até as cheias salas de espera. Não se incomodou em olhar para a esquerda, já que este espaço estaria cheio de homens — marinheiros, operários de fábricas e outros trabalhadores masculinos. Sendo assim, foi para a direita.

— Senhora Eddowes? — Chamou. — Estou procurando à senhora Eddowes.

Tosses e resmungos formaram uma vivaz murmuração na grande sala, pobremente iluminada. Uns poucos rostos se giraram em sua direção, mas rapidamente voltaram para o outro lado. Mulheres e crianças se amontoavam e sentavam-se em bancos de madeira. Alguns dormiam no chão ou pelos cantos. O ar cheirava a enfermidade e sujeira humana. As tristes damas que a rodeavam estavam todas juntas, a maioria vestindo a única roupa que possuíam. Cada rosto contava uma diferente história através de cicatrizes ou rugas, com suas expressões ou falta de dentes.

Ela não podia explicar, nem sequer para si mesma, porque se sentia cômoda nesse horrível lugar ao invés de em um salão de chá em Mayfair.

Provavelmente a resposta estava escondida em seu passado.

Elena deu uma volta até o fundo da sala.

— Senhora Eddowes?

Dois meninos com punhos balançando passaram a sua frente.

— Sou o Estripador, rapaz! Vou cortar suas tripas e deixa-las para que os cães comam!

— Socorro! Polícia! — Gritou o outro caindo no chão aos pés de Elena.

— Vocês dois parem com isso. — Ordenou Elena com sua melhor imitação de voz autoritária de uma enfermeira do hospital. Ajudou ao menino levantar-se o segurando pelo braço. — Não mais brincadeiras ou irão para fora. Com quem estão?

— Com a mamãe – respondeu o menino.

— Bem, então. Sentem-se ao lado de sua mãe, ali contra a parede.

Chamou uma última vez.

— Senhora Eddowes?

Ninguém levantou a mão ou parou. Elena rezou para que Lizzy não houvesse sido abandonada, não quando tão desesperadamente necessitava a fidelidade de uma amiga. Caminhou para o centro da sala de espera onde o porteiro do dia estava sentado atrás de sua mesa.

— Senhor Morgan, sei que as possibilidades são escassas, mas estou desesperada para encontrar uma mulher com um chapéu negro e um casaco de pele. Poderia tê-la visto?

O porteiro concordou com cansaço.

— Oh sim, lembro-me dela. Envolveu-se em uma briga com uma fulana de boca grande aí em frente. — Apontou o dedo em direção às portas. — Foi-se cerca de quinze minutos.

— Maldição. — Murmurou Elena, curvando suas mãos em punhos.

Ele soltou uma risada rouca.

— Senhorita, está começando a parecer uma garota de Whitechapel!

Elena lançou-lhe um sorriso arrependido enquanto empurrava a grande porta com painel de madeira, até parar sobre o pórtico coberto que percorria todo o hospital. Arcos arredondados permitiam uma vista tênue de Whitechapel Road. Embora a tarde ainda não tivesse se rendido a noite, as sombras eram longas, e uma nevoa fina, cinza rodeava tudo. Um homem com um chapéu amassado e um saco remendado estava no degrau inferior, fumando um charuto. Além dele, uma carruagem com grandes cavalos estava passando, com suas lâmpadas laterais iluminadas por uma chama laranja.

— Senhor. — Ela chamou. — Havia aqui uma mulher esperando?

Ele assentiu e apontou para o pavilhão, em direção a Raven Row.

— Obrigada, senhor.

O ar estava com um cheiro incômodo e um coro de vozes sem sentido chegava dos botequins próximos.

— Ta-ra-da-boom-di-ay, ta-ra-da-boom-di-ay[1]...

Elena cruzou seus braços para se proteger e atravessou a passagem entre os edifícios. Um vento baixo fez com que sua saia se enrolasse em suas pernas. Chegando ao final do pórtico, deu a volta na última coluna, mas não viu nada além de neblina e sombras. Franziu o cenho. Parecia que não havia nada a fazer, exceto dizer a Lizzy que a senhora Eddowes foi embora sem ela.

Além disso, não queria permanecer mais tempo naquele lugar. Não era de sentir estranhas sensações ou premonições, mas havia algo desconcertante ali, algo que incomodava deixando-a vulnerável, com arrepios e a fazia querer correr de volta para dentro.

Justo então, escutou a risada de uma mulher, baixa e provocante. O som estava próximo, mas difícil de encontrar. Embora pudesse facilmente ver uma pedra a seu redor, a nevoa embasava tudo a seu redor.

— Olá? — Desceu as escadas e continuou através do caminho até que parou sob um poste de iluminação pública. Olhou fixamente para a luz com seu brilho reconfortante, porém a luz oscilou tão brilhante como uma vela apagando-se e logo se extinguiu.

Um calafrio passou por sua coluna.

Embora vislumbrasse a fachada do hospital logo acima, robusta e majestosa com suas chaminés concentrando toda classe de ciência e humanidade, repentinamente teve a sensação de estar completamente sozinha.

Um som ecoou próximo, uma respiração ou um ofego. Ela deu a volta, buscando a parede atrás dela. Os pelos de seus braços e nuca se arrepiaram.

Alguém a observava. Ninguém que pudesse ver, mas sentia a presença, sua intensidade e sua malicia, como se o rançoso fôlego da pessoa esfriasse sua pele.

Seus ouvidos perceberam passos, pesados e decididos. Botas de homem.

— Quem está aí?

---

[1] É uma música.

Fragmentos de artigos de jornais chegaram a sua mente.

“. . . garganta cortada de orelha a orelha . . .”

“. . . o abdômen foi aberto . . .”

“. . . homicídio em sua forma mais horrível . . .”

Elena se lançou contra as escadas. O dedo de seu pé se enganchou em sua saia e com um forte golpe caiu de joelhos. Os passos se aproximaram.

Apenas uma pessoa caminhando por Whitechapel.

Não, um assassino.

As botas apressaram o passo e pelo canto do olho viu uma forma escura inclinando-se para ela. Abriu a boca para gritar. Apenas para perceber que a pessoa que calçava botas de homem também usava saia.

Listas azuis e vermelhas, para ser precisa.

Uma mulher e disse:

— Oh, querida. Caiu? A névoa está terrível esta noite, não?

Uma mão firme a segurou pelo cotovelo.

— Que bom vê-la respirar. Primeiro... bem sabe o que pensei. Pensei que tivesse sido esfaqueada pelo Estripador. — A dama riu nervosa. Usava um chapéu de palha sobre seus cachos e um casado de pele.

— Senhora Eddowes? — Elena ofegou.

— Sim. Oh querida. Saiu para me procurar? Sinto muito. Tive que sair um momento. — Embora suas palavras fossem sussurradas, o cuidadoso discurso da senhora Eddowes revelava o brilho de uma mulher educada. Observou Elena com olhos perspicazes e frágeis. Uma pequena garrafa verde apareceu no bolso de sua saia. — Lizzy está bem?

Juntas subiram as escadas e Elena a levou até as portas da enfermaria. Olhou de lado, e apenas uma vez sob seu ombro, para certificar-se de que ninguém as seguia.

— O doutor cuidou de seu joelho. Afortunadamente era apenas um deslocamento, nada quebrado. — Elena falou cuidadosamente, ainda tentando acalmar o pânico. Que ridículo ter se assustado assim.

— Posso levá-la para casa então?

— Lizzy disse que não pode voltar para casa. Posso confiar que encontrará um lugar adequado para ela nas próximas noites?

A risada da senhora Eddowes era defensiva.

— O que significa o posso confiar?

Elena olhou fixamente para a garrafa em sua bolsa.

A mulher suspirou pesadamente e revirou os olhos.

— Apenas tomei um pouco para acabar com minha dor de cabeça. Não esperava ficar neste pavilhão de caridade o maldito dia todo.

Passaram pelas portas de madeira até a cheia sala de espera. O calor e o movimento aliviaram a tensão de Elena.

— Tenho certeza de que Lizzy aprecia sua preocupação.

A expressão da senhora Eddowes se abrandou.

— Ela me lembra minha filha querida. Estava planejando ir a Bermondsley para ver minha Annie esta tarde, sabe. Parei para ver se Lizzy queria algo já que estava ali, mas encontrei a pobre garota nesta situação. O desgraçado daquele velho a jogou pelas escadas, sim ele fez isso.

Elena mordiscou o lábio inferior e franziu o cenho. Ninguém merece tal violência, especialmente uma alma gentil como Lizzy.

— Não. — A senhora Eddowes balançou a cabeça. — Não a levarei para casa. Pode ficar comigo, apenas tenho que conseguir comida por oito peniques[2] ou então ambas comeremos no asilo de pobres pela manhã.

— Senhora Eddowes.

A mulher se despediu com um gesto.

— Conseguirei o dinheiro. Sempre consigo.

Elena sabia o que ela queria dizer. Significava aventurar-se em uma rua escura com um estranho, com o risco de ficar doente ou morrer, tudo por uma miserável moeda ou duas. Tal tentativa era suficientemente perigosa além do risco de encontrar-se com o assassino estripador que espreitava as mulheres como Lizzy e Catherine nessas mesmas ruas. Abandonaram a sala de espera e entraram em silêncio no corredor central.

— Espere. — Elena colocou a mão no braço da senhora Eddowes e a parou. Olhou ao redor para assegurar-se de que ninguém as via. A costureira tinha feito um pequeno bolso dentro de seu jaleco. Ela retirou umas poucas moedas e as apertou contra a mão da senhora Eddowes. — Tome estas, para a senhora e Lizzy.

Elena orou para não estar cometendo um engano. Foi advertida por outras enfermeiras sobre oferecer caridade. Disseram que apenas se decepcionaria com o resultado. Mas por alguma razão Lizzy tocou algo dentro dela e a senhora Eddowes realmente parecia se importar.

— Uma gentileza inesperada. — Ela ficou olhando, sem acreditar, as moedas em sua mão. — Lizzy ficará muito agradecida.

— Não diga que vieram de mim. Que a gentileza seja sua.

Pela primeira vez, seus olhares se encontraram de verdade. De repente, a expressão da mulher mudou para reconhecimento.

— Céus, querida, te conheço de algum lugar, verdade?

— Estou trabalhando no hospital há três semanas já. Talvez tenha me visto aqui?

A senhora Eddowes franziu o cenho.

— Vim aqui uma vez ou duas por meu Bright, mas não. Foi em uma casa em Berner. Tenho certeza. Lembra-se? Um lugar sujo e cheio de ratos. Alegra-me ver que saiu dali e encontrou um trabalho respeitável por si mesma.

Elena sorriu e negou.

— Acredito que não. Cresci em outro lugar e apenas cheguei a Londres há pouco tempo. Desde então, resido em uma casa fora de Whitechapel.

Uma simples explicação para vários meses de complicação.

— Estranho. Poderia jurar que era essa garota. — A senhora Eddowes a observou. — Recordo estes olhos. Um castanho e outro azul. Tão diferentes. Nunca vi antes.

O sorriso de Elena sumiu. Nunca encontrou ninguém com seus olhos também.

Mas a senhora Eddowes estava enganada. Elena cresceu na Costa de Marfim com seu pai viúvo, um médico missionário. Viajou para Londres apenas depois de sua morte para viver sob a tutela do Sr. Black.

Não que ela recordasse sobre isso depois do acidente na carruagem que tinha roubado cruelmente suas lembranças. Simplesmente sabia que era verdade porque... O Sr. Black havia lhe contado isso em sua carta.

---

[2] É uma valor de câmbio monetário usado no Reino Unido, vale a centésima parte de uma libra esterlina.

*****

Archer cruzou a estreita prancha. A água era negra e fétida, deu um chute contra o barranco logo abaixo, um reflexo de seu ânimo sombrio. Atrás dele uma densa tempestade emaranhava-se com a noite, dirigindo-se ao Tâmisa, a poucos momentos de engolir a cidade.

A impaciência o deixava mal humorado. A incompetência de outro Reclamador havia forçado seu prematuro regresso à Inglaterra, quando deveria estar no outro extremo do mundo realizando sua própria tarefa com um final exitoso.

Seu capitão de pele escura parou do outro lado da alfândega, com o livro de registro encadernado em couro em sua mão.

— Esperarei instruções em Tilbury, meu senhor.

— Dois a três dias, Charon. Uma semana no máximo.

Desceu para o cais. Um jornal descartado foi lançado a ele e ficou preso na ponta de sua bota. A manchete dizia: “OS ASSASSINATOS DE WHITECHAPEL”. As primeiras gotas caíram nas pedras e molharam os ombros de seu casaco. Archer fechou os olhos e inalou os vários cheiros que caracterizava a cidade.

Muito suja. Muito complexa. A chuva limparia o ar e aceleraria a caça.

Os outros membros de sua comitiva esperavam do outro lado, entre a névoa, seu secretário o senhor Leeson e Selene, com seu cabelo rebelde caindo sobre seus ombros. Seu guarda-chuva se estendia sobre eles como um cogumelo negro.

A carruagem que usava na cidade apareceu, com seus arneses de prata, feitos artesanalmente ostentando quatro negros, perfeitamente combinados cavalos Hanover. Poderosos músculos se reuniam sob suas reluzentes mantas. Um empregado desceu de um salto para abrir a porta.

Leeson foi para frente, o tapa olho era um ponto escuro contra sua pele. Seu braço se estendeu para o veículo, um convite para que Archer procedesse.

O Sr. Black rugiu em uma língua tão antiga que inclusive, houvesse sido ouvida por acaso, ninguém exceto Archer teria entendido.

“*Bem vindo a sua casa na Inglaterra.*”

Capítulo 2

A chuva batia contra a janela do terceiro andar onde Elena estava como ondas pulsantes. Embora o frio penetrasse em todos os cantos escuros da habitação, Mary Alice havia acendido um fogo para que esquentasse. Elena pensava com nostalgia em Lizzy e a senhora Eddowes. Não parecia justo que ela estivesse ali, segura e em calor, rodeada por uma comodidade suntuosa, enquanto elas passariam outra noite nas piores condições humanas. Ao menos podia sentir-se melhor sabendo que não estariam na rua esta noite, não com o dinheiro que tinha dado para elas.

Em qualquer outra noite da Casa Black, se acomodaria para desfrutar das pilhas de texto sobre medicina e fisiologia, um generoso empréstimo da biblioteca pessoal do Dr. Harcourt, espalhados pela habitação. No entanto, para sua surpresa, realmente queria sair à noite.

Talvez houvesse permitido que o episódio aterrador da tarde fora do hospital afetasse seu estado de ânimo, posto que não queria ficar sozinha esta noite.

Sentou-se no banco estofado em frente à penteadeira. Queira usar seu medalhão, mas como estava enferrujado não combinaria com seu encantador vestido azul de seda. A placa frontal redonda foi amassada no acidente, mas a peça delicadamente gravada era sua posse mais apreciada. Embora, não tivesse lembranças para confirmar sua crença, suspeitava que o medalhão houvesse pertencido à sua mãe.

A senhora Hazelgreaves, matrona da sociedade, escolhida pelos advogados do Sr. Black para atuar como sua acompanhante, explicou-lhe que quase tudo foi roubado por desumanos ladrões de rua momentos depois que a carruagem chocou-se com outra de aluguel. O acidente aconteceu enquanto viajavam para a Casa Black, desde o cais de Santa Catarina, onde seu barco a vapor da África havia atracado.

Abriu o medalhão de metal pequeno e olhou para o homem no interior: O Dr. Phillip Whitney.

— Deseja-me sorte esta noite, Pai.

Inexplicável era como o rosto de um verdadeiro estranho podia lhe dar consolo. Sentia sua falta terrivelmente, apesar de não poder se lembrar exatamente do que sentia falta nele. Havia lembranças ímpares em sua memória... coisas impessoais, tais como o conhecimento de medicina, os idiomas e a música, mas até o momento, sua mente se negava a recordar os detalhes mais pessoais de sua vida.

O Dr. Harcourt lhe assegurou que logo suas lembranças voltariam em uma ardente corrente de cor e detalhes. Ela se aferrava a esta esperança, mas até agora nada tinha acontecido.

Seu trabalho no hospital servia como uma distração bem vinda e esperava com ansiedade pelo mês de treinamento mais intensivo na escola de medicina.

Elena colocou o medalhão na bolsa de veludo e guardou-o na gaveta de sua penteadeira. Ali, ela viu a única carta que recebeu do Marquês Black em todos estes meses. Passou os dedos sobre seu nome *senhorita Elena Whitney*, escrito com uma letra escura e precisa. O envelope foi registrado do Cairo, há 15 meses atrás.

Não havia retrato de seu tutor nas paredes da Casa Black. A senhora Hazelgreaves lhe havia assegurado que a maioria das famílias ricas e tradicionais mantinham retratos de família em suas casas de campo.

Lamentavelmente, quando ela tentou imaginar como seria o Sr Black, seu subconsciente, indevidamente substituía a imagem pela de seu pai, que estava no medalhão, quando ela tentou imaginá-lo em seu subconsciente.

Em parte por respeito a seu pai, desejava com fervor que o Senhor Black voltasse para a Inglaterra e lhe desse uma definição mais clara de si mesmo.

Ela escreveu cartas para ele e inclusive enviou telegramas, com a esperança de conseguir mais detalhes sobre as circunstâncias. No entanto, entre São Petersburgo e Birmânia, e outras localidades estrangeiras, suas cartas pareceram não chegar a ele. Com o tempo desistiu e se aproximou de Harcourt a respeito de um posto no hospital. Chegou o momento em que deveria seguir em frente.

Bateram na porta.

— Sim? — Gritou.

— A Senhora Hazelgreaves pergunta se pode encontrá-la no andar de baixo, senhorita.

— Obrigada, Mary Alice. Estarei ali.

O relógio no suporte da lareira marcava seis horas. Deu uma última olhada no espelho. Dois olhos de cores diferentes olharam-na de volta. Em junho, quando esteve no palácio de São James com seu vestido elaborado, a espera de quarenta e tantas outras jovens que se apresentariam ao príncipe Alberto Eduardo e à princesa Alexandra, escutou uma matrona sussurrar e descrever seus olhos como “peculiares”. As risadas de seu acompanhante confirmavam que estava de acordo, acrescentando a descrição de “desconcertantes”. Elena tinha que admitir que, apesar de seus “peculiares” e “desconcertantes” olhos, se sentia bastante satisfeita com sua aparência essa noite. Com um ferro quente e vários grampos Mary Alice transformou seu cabelo loiro escuro em um penteado elegante.

Como a senhora Hazelgreaves havia declarado, o azul era sua cor.

Recolhendo seu xale de renda negra da cabeceira da cama, Elena deixou o quarto. Nas paredes havia luminárias em formato de folhas que estavam acesas no estreito corredor.

Embora a mansão tivesse treze quartos privados, apenas dois deles estavam atualmente em uso. Há pouco tempo, a senhora Hazelgreaves ocupava o quarto ao lado do dela, mas quando chegou setembro disse que corria um ar frio e era — uma afronta ao reumatismo de uma anciã — e havia ordenado que seus pertences fossem mudados para outro quarto no extremo da ala.

Ao passar pelas colunas próximas à sala principal, parou. A porta estava aberta. Além de seu quarto e o usado pela Hazelgreaves, o resto da mansão estava envolto em pó, salvo durante a limpeza de rotina realizada pelos poucos empregados mantidos na ausência de sua senhoria. No interior, duas empregadas tiravam o pó dos moveis. O aroma de azeite emanava ao exterior. Elena olhou para o quarto soturno, cheio de moveis descomunais de madeira escura e seguiu em frente.

No centro da casa ela desceu as escadas, uma estrutura de mármore enorme que se retorcia da terra como um leviatã negro e brilhante. Um relâmpago iluminou as sombras através da claraboia arredondada acima. Ao chegar ao térreo procurou pela senhora Hazelgreaves, mas ela não estava a vista. Nem o mordomo o Sr. Jarvis. De fato, a sala estava envolta na escuridão como se os empregados houvesse se recolhido a muito tempo. Apenas um par de lâmpadas pequenas, em ambos os lados das portas de madeira iluminavam o lugar.

Esperava que o senhor Jarvis não houvesse esquecido que iriam sair esta noite.

Aproximou-se da janela com sacada e abriu a cortina para ver se, por acaso a carruagem poderia estar do outro lado da rua. A larga entrada circular se estendia para a rua, vazia e úmida.

Estranho, mas as portas de ferro estavam abertas. Geralmente, os empregados mantinham meticulosamente as portas fechadas.

Uma brisa fresca atingiu os cristais e enviou ondas frias sobre sua pele. Ela se afastou com a intenção de chamar Jarvis pela campainha da mesa, mas um raio de luz chamou sua atenção. Uma estreita claridade iniciada no hall do gabinete.

Esse cômodo nunca antes foi usado desde que foi morar na Mansão Black. De fato, nunca viu seu interior, pois sempre estava fechada com chave. Talvez encontraria o Sr. Jarvis ou inclusive a governanta. Cruzou a sala, cuidando para não tropeçar em nenhum dos móveis estofados escuros... Os móveis estavam cobertos com linho marfim.

Bateu na porta.

— Sr. Jarvis?

Não houve resposta. Abriu a porta um pouco, o suficiente para ver o interior.

No lado oposto do quarto ardia a lareira em uma imensa chama azul, suficientemente alta como para que um homem caminhasse sem tropeçar. O calor do fogo tocou seu rosto. Havia troncos e caixas em toda a parte, algumas abertas, outras fechadas com correias de couro. Um suave roce de papéis soaram no interior. Seu coração se acelerou.

Alguém estava na casa.

Uma palmeira em um vaso grande obstruía sua visão da mesa. Aventurou-se ao interior. Fiel a sua predição, um homem estava na mesa.

O senhor Black.

Ela juntou as mãos trêmulas. Ele era tudo o que havia esperado que fosse e afortunadamente, muito diferente da imagem de seu pai. Elegante, e com um bigode cinza, estudava minuciosamente um livro com gesto de concentração e um olho crítico. Sim, um olho porque o outro estava coberto por um tapa olho negro! Fascinante. Não podia esperar para escutar a história de como o havia perdido, talvez com os piratas das Bahamas ou com uma tribo de nativos rebeldes.

Por dezoito longos meses, havia esperado este momento. Finalmente, sua curiosidade seria satisfeita. Finalmente, suas perguntas seriam respondidas. Respirou profundamente e se aproximou.

— Senhor Black?

Ele não se moveu. Limitou-se a continuar refletindo sobre os documentos. Inclusive pegou um lápis para anotar algo rapidamente. Poderia ser que seu tutor fosse surdo? Ela buscou sobre a mesa algum aparelho, mas não viu nada parecido.

— Senhor Black. — disse um pouco mais forte.

Esta vez, o homem levantou os olhos. Com seu olho bom, mostrou-se perspicaz, inteligente e a observou de cima a baixo.

Ele sorriu.

— Sua Senhoria. — Sorriu calorosamente e fez uma reverência. — Não posso dizer-lhe o quando fico feliz em conhecê-lo.

Ele continuou sorrindo.

Um trovão soou acima e o vento sacudiu a extensão das janelas que estavam no extremo da parede no quarto. Depois de um período mais prolongado de sorrir e olhar fixamente, Elena começou a sentir-se muito boba.

— Senhor Black, eu...

— Ele não é o senhor Black. — anunciou uma voz de homem atrás dela, tão baixa e suave que as palavras roçaram sua pele como o fôlego de um amante.

Com um olhar divertido o homem mais velho levantou-se e caminhou até onde ela estava em pé.

Elena virou-se. Seus olhos se abriram.

A luz fraca da lâmpada revelou o contorno de um homem de pé no gabinete. Um homem alto, nu, à exceção de uma toalha presa em seu quadril. Sua pele brilhava úmida e dourada, exceto pelas sombras que pairavam e se agarravam a cada músculo. Atrás dele havia uma banheira esmaltada.

Uma visão repentina a assaltou, a de um anjo escuro a ponto de uma terrível violência. A imagem desapareceu de sua mente, esquecida tão rapidamente como apareceu.

— Sou Archer, o Senhor Black.

Se ela estivesse bebendo chá com Sua Majestade a Rainha nesse momento, teria cuspido sobre o tapete.

— Oh... De verdade?

— De verdade.

— Bem vindo a casa sua senhoria.

— Obrigado. — Apoiou-se no marco da porta, uma decisão que o trouxe para a luz.

Humor iluminava seus olhos e ela suspeitava que, em outras circunstâncias pareceriam sóbrios e distintamente cinza.

Mortificada, Elena se encontrou presa no lugar. Ele em troca, não parecia nada mortificado. A ligeira insinuação de um sorriso jogava no canto de seus lábios sensuais.

Pelo que diziam, seu tutor afirmava não ter herdeiros diretos.

Seguramente ela teria recebido uma carta ou algum tipo de notificação formal se o senhor Black tivesse morrido em suas viagens durante o ano passado e deixado seu título e propriedades a um distante e mais jovem parente. No entanto, como poderia ser o seu senhor Black?

— Não era o que eu esperava. — Acabou confessando.

— O que esperava? — O cabelo negro penteado para longe de seu rosto, ressaltava as marcas de sua masculinidade e acentuava suas maçãs do rosto. Apesar de não poder perceber quão cumprido era, parecia ancestral, tentador.

— Eu... ah, pensei que fosse mais velho.

— Ah sim? — Uma pequena gota de água brilhou sobre sua pele, atraindo seus olhos, que já desciam em um caminho lento, seguindo para o pescoço, clavícula e peito.

— E não esperava que fosse tão...

Ela não pode evitar. Seus olhos se desviaram mais para baixo, para seu magro e bem definido corpo.

— Nu? — Olhos fumegantes a contemplavam com tanta intensidade, que sentiu-se tão nua quando ele.

— Isso também. — Sussurrou ela com a boca seca.

O calor formava redemoinhos em seu estômago e se espalhou em ondas quentes através de todo seu corpo. Ela sentiu o impulso de abanar-se com a mão, ou melhor, de correr para a chuva para que esta refrescasse sua pele, maldito vestido azul.

Ao invés disso, ela desviou o olhar.

— Sinto de verdade. Se soubesse que estava aqui, não teria entrado.

— Pensei que era essa precisamente a razão para se impor. Devido a que sabia que estava aqui.

Uma vez mais, seus olhos se encontraram.

— Sim, mas apenas quando o vi... Quer dizer, a ele no gabinete. Com roupa.

Sua conversa, enquanto se contradizia, tornava-se mais absurda a cada momento, mas tinha mil perguntas para fazer. Enquanto sua mente colocava cada uma na lista, a primeira era como tinha conhecido seu pai.

A mínima mudança em sua postura e os músculos de seu abdômen se dobraram.

— Temo que não me lembro de telegrafar de antemão, assim meu grupo de viagem e eu ocupamos todos os criados sem que percebêssemos. Os quartos estão sendo preparados agora, entretanto, devo estar em algum lugar esta noite e não queria cheirar como o Tâmisa.

Elena assentiu.

— Deveria ir. — Um eufemismo, sentir-se segura. — Podemos conversar quando não...

— Esteja ocupado de outra maneira. — Interrompeu uma voz de mulher.

Elena se voltou para o som. Uma morena elegante em um rico vestido marrom estava na porta, emoldurada pelas sombras. Ela olhou para Elena com olhos zombeteiros, felinos.

O sangue abandonou o rosto de Elena, e a emoção de conhecer seu tutor sumariamente se evaporou.

— Archer. — Disse a mulher. — Talvez devesse nos apresentar?

Suas palavras tinham um ligeiro sotaque, notavelmente perceptível, talvez de origem mediterrânea, se Elena se aventurasse a uma conjetura.

A expressão do Senhor Black se transformou em uma careta, e se dirigiu a de um dos baús abertos, deixando um rastro de umidade no tapete. Em um tom sem humor, murmurou:

— Apresente-se, por que não?

Archer pegou uma camisa dobrada com precisão de uma pilha de outras dentro do baú e a puxou. Não recordava que Elena fosse tão intrigantemente encantadora. Lembrava-se daquela noite, como uma mera piscada no tempo de sua imortal existência. Ela estava pálida de terror, machucada e magra, muito diferente da moça que agora se encontrava no centro de seu gabinete, com o rosto irradiando vivacidade e seu cabelo prateado preso em uma massa de cachos brilhantes.

Conheceu muitas mulheres formosas. Havia algo diferente em Elena. Algo quente, delicioso e embriagador que emanava de sua pessoa, de sua própria alma, que capturava e retinha sua atenção. O mesmo misterioso “algo diferente” que sentiu no teto naquela noite e que se obrigou a esquecer.

— Sou a senhora Black. — Selene disse sorrindo brilhantemente.

Archer apertou os olhos fechando-os. Que hipótese totalmente desafortunada, uma que sabia que iria alimentar a vaidade de Selene imensamente. Sua pupila seguiu adiante com sua equivocada saudação.

— Seja bem-vinda a Casa Black. Devo pedir desculpas por esta intromissão em sua intimidade. Não havia percebido...

As sobrancelhas escuras de seda de Selene se arquearam.

— Não se desculpe comigo.

— Perdão? — As bochechas de Elena ficaram vermelhas.

Um impulso irracional apoderou-se dele com força inesperada, de tocar sua luminosa pele e de acalmar seu rubor.

— Ela não é a Senhora Black. — Ele interrompeu.

O olhar de Selene foi para ele.

— Ele é um pouco teimoso nessa questão.

O homem mais velho no gabinete riu entre dentes. De repente, toda a conversa ganhou um tom de mau gosto. Ele só podia imaginar as conclusões sórdidas que Elena devia estar chegando.

— Senhoritas. — Archer reclamou sua atenção. Agarrou a toalha, incapaz de lançá-la como sempre quando ficou de pé em meio delas. — Peço-lhes só um momento, para que possa me vestir.

Em poucos minutos, em que pode interrogar Leeson, Elena conseguiu uma explicação por sua inesperada presença na Casa Black. Archer com um olhar, sentiu que ela estava profundamente magoada. Apesar de sua mandíbula dura, seus olhos brilhavam com notáveis lágrimas.

— Escrevi-lhe uma série de cartas. — Sussurrou ela. — Recebeu alguma?

Archer lançou um olhar intenso para Leeson, que respondeu com um gesto de vergonha e balançou a cabeça.

— Parece que não.

— O que aconteceu com meus telegramas?

Outro olhar. Outro encolhimento de ombros.

— Não recebi nenhum telegrama.

Ela assentiu bruscamente.

— Por que tem que olhar para ele antes de responder?

— Devido a que o sr. Leeson organiza minha correspondência e, obviamente, faz um trabalho horrível, senhorita, senhorita...

Maldição, agora estava perdido. Sabia quem era ela, mas não podia, por todos os pecadores do inferno, recordar seu nome.

Leeson murmurou a resposta.

Archer sussurrou:

— Srta. Whitney.

Elena ficou sem fôlego, com os olhos cada vez maiores ao tomar conhecimento dos fatos.

— Nem sequer sabe quem sou.

— Sei quem é você. — Gritou furioso com seu secretário por dizer a resposta em voz alta, quando a comunicação silenciosa teria sido a opção óbvia. Ao perceber quão duro deveria ter soado, tentou redimir a si mesmo em um tom mais sutil. — Simplesmente não pude recordar seu sobrenome.

Um tenso silêncio permeou o gabinete.

Ele disse:

— Se tão somente pudesse vestir a camisa e a calça, poderíamos...

— Talvez amanhã. — A garota endireitou os ombros e levantou o queixo. Seus olhos já não o encontraram. — Tenho um compromisso com outras pessoas esta noite e temo que já seja irremediavelmente tarde.

— Srta. Whitney...

— Que tenham uma noite agradável todos vocês.

Para seu espanto, ela partiu em direção à porta onde, com os braços cruzados, Selene se colocou, como um petulante porteiro. Não ofereceu nenhuma liberdade de ação e enquanto Elena passava por ela, suas saias soaram forte.

— Não faça nada, Selene. — Archer lhe advertiu.

Mas a mão da Selene já agarrava o trinco da porta.

A cabeça de Elena palpitava com a mesma intensidade da porta que acabava de bater atrás dela. Durante todo esse tempo, ela tinha vivido na casa do Sr.

Black e apreciado sua generosidade, acreditando que era um homem de respeito, que havia outorgado sua tutela devido a sua bondade e por respeito a seu finado pai. Esperava sua volta à Inglaterra, desejava sua companhia e imaginava uma espécie de família substituta, ou pelo menos um amigo. Alguém que pudesse responder suas perguntas, ou ser a chave para desbloquear sua memória.

Agora percebeu que não era nenhuma dessas coisas, e devastadoramente, não era absolutamente nada disso. Era simplesmente um rico esbanjador, muito envolvido consigo mesmo para recordar seu nome, e muito menos preocupar-se com seu passado ou futuro. Haveria inclusive escrito a carta?

Esperou chegar à sala para soltar seus pulmões ardentes pela falta de respiração.

— Boa noite, senhorita Whitney. — gorjeou uma voz do alto.

Dois homens desciam a senhora Hazelgreaves pela escada, passo a passo cuidadosamente. Correias de veludo atavam a anciã a sua cadeira favorita.

— Minhas desculpas por estar atrasada, querida. Esqueci meu casaco, e como de costume Mary Alice não estava em nenhuma parte para que o procurasse. Estes jovens tiveram a amabilidade de me trazer outro.

A senhora Hazelgreaves usava um vestido de cor rosa pálido, o rosa era sua cor favorita. As caras dos que estavam de pé superavam o rosa. Estavam de cor vermelha pelo esforço e seus uniformes estavam empapados de suor. Uns passos mais e acomodaram sua diminuta acompanhante no chão. Se a senhora Hazelgreaves estava consciente da volta do Senhor Black a Inglaterra, não deu nenhuma indicação.

Elena considerou compartilhar as notícias, mas se decidiu pelo silêncio. A senhora Hazelgreaves, nunca conheceu a sua senhoria tampouco e sem dúvida insistiria em se apresentar imediatamente.

— O que acontece querida? Sente-se mau? Está pálida. — A senhora suspirou profundamente. — Avisei sobre o trabalho com os desgraçados no Whitechapel. Dos sujos e doentes que estavam ali.

— Não estou doente.

Não da forma que a senhora Hazelgreaves queria dizer de qualquer maneira.

A senhora Hazelgreaves mantinha a firme esperança de que Elena fosse mudar de opinião sobre trabalhar em Whitechapel, ou simplesmente trabalhar. Por essa mesma razão, Elena ainda não compartilhou a notícia de sua solicitação à escola de medicina.

Elena se ajoelhou junto à cadeira e soltou as correias com suas mãos trêmulas. Era só uma questão de tempo antes que os recém-chegados saíssem do gabinete e não tinha a intenção de saudá-los de novo.

— Disse-o antes, e o direi outra vez, as senhoritas de privilégio, não têm a intenção de ter emprego. Dá-me medo o que o Senhor Black dirá quando souber.

— Talvez devesse lhe escrever uma carta. — Elena grunhiu com os dentes apertados.

Ofereceu seu braço e ajudou à senhora Hazelgreaves com a cadeira. O empregado apareceu, trazendo uma larga capa para cobrir os ombros da mulher. As portas principais da casa se abriram, e um lacaio entrou, com a capa arrastando sobre o chão de mármore.

Abriu um enorme guarda-chuva, apesar de que a generosa porta da entrada lhes oferecia o devido amparo da chuva.

— Cuidado garota. — Advertiu sua acompanhante. — Não deixe que a chuva danifique seu vestido.

Elena já não estava preocupada com seu vestido. Ao contrário, era por sua prudência que agora estava em sério perigo de ficar louca.

*****

Archer passou cada botão através de seu orifício correspondente.

— Eu não gosto de surpresas.

— Minhas desculpas, sua senhoria. — O Sr. Leeson pegou uma agenda de couro e folheou seu conteúdo. — Simplesmente não entendo...

Selene suspirou pela sala e se jogou em uma cadeira, irritada, como sempre ficava quando ele falava a língua antiga, uma língua que tão somente tinha 1.900 anos de idade e que ela não entendia.

— Pedi para que cuidasse dela.

— Cuidei dela, senhor.

— Referia-me a que a levasse a um hospital. — Archer arrumou a gravata de seda com praticada perícia. — E então talvez fizesse os acertos para que frequentasse uma dessas escolas de garotas.

Os olhos do Leeson se estreitaram e tirou um papel do exterior.

— Disse-me que usasse meu julgamento.

— Algo que não pedirei novamente.

Os Recuperadores Amaranthine estavam caçando, não podiam interferir. Ao salvar a vida de Elena, naquela noite no terraço, Archer tinha revelado uma debilidade perigosa de si mesmo, que ainda não entendia e depois se esforçou por purgar sem piedade. Que ela tivesse aparecido essa noite, em seu santuário, que a tivesse considerado como uma parte esquecida de seu passado, tinha-o deixado muito inquieto.

Leeson estava empenhado procurando uma caixa. Quando a encontrou, retirou de seu interior várias revistas finas.

— Aqui temos a solução. Escute com atenção. — Abrindo uma página, leu em voz alta com voz afetada — *Com um dote generoso de seu tio, um armário cheio de elegantes vestidos e convites aos bailes mais exclusivos da temporada, Minerva estava segura de comprometer-se com um pretendente rico no transcurso de tempo de três meses.*

Archer arrebatou o livro e leu superficialmente.

— A história de amor de Minerva Fairchild? O coração oculto de sua senhoria? Tomou suas decisões futuras com respeito à senhorita Whitney baseado em romances de um centavo?

Leeson ficou rígido.

— Essas histórias são um reflexo exato da cultura moderna e dos ideais humanos. Ainda assim, as coisas não mudaram muito com o tempo. As mulheres mortais sempre requerem dois elementos singelos para alcançar a felicidade: um marido rico e bebês.

— Certamente está brincando.

Archer não podia afirmar que sabia o que poderia agradar a uma mulher mortal. Apesar de que a necessidade o obrigava a andar entre elas, às vezes, tinha o cuidado de manter-se claramente à distância. Com as poucas que passou algum tempo, pareciam desfrutar de sexo em uma quantidade excessiva.

— Não, é verdade. — Assegurou-lhe Leeson. — Sabe de meu interesse na conduta mortal. Reuni muitas fontes, além dessas.

— Não me diga.

— Digo isso sim, por que não dar à garota essas coisas? Não tínhamos intenção de retornar a Inglaterra pelo menos durante outra década. Durante esse tempo a casa ficaria com os criados e as carruagens estariam sem uso. Deus sabe que tem muita riqueza para durar por mil vidas mortais. Melhor que a senhorita Whitney se beneficiasse que qualquer outra pessoa.

— Deveria ter me avisado. Nem sequer me lembrava do nome dela, pelo amor de Deus.

Archer fechou os olhos, tentando esquecer o olhar de traição que ela havia lançado antes de abandonar o gabinete.

Leeson mordeu o lábio inferior.

— A srta. Whitney foi uma surpresa tanto para mim como para você. Seus advogados de Londres apresentariam solicitações de recursos adicionais se a garota os esgotava eu... er, você, originalmente concedeu, incluindo uma generosa soma total em espécie se ela chegasse a se desposar com um cavalheiro adequado, cujos detalhes, uma vez mais, seriam dirigidos por um comitê de advogados. Nunca recebemos nenhuma solicitação, e, naturalmente, acreditamos que ela se casou com êxito.

— O que há nas cartas e telegramas que mencionou?

— Nunca recebi nenhuma.

— Por que diria que as tinha enviado, se não mandou?

Uma sombria consciência despontou em Archer. Olhou para Selene, que descansava na cadeira, entrelaçando seus longos cabelos ao redor de seus dedos.

— Selene, sabe algo a respeito das cartas e telegramas que foram enviadas pela srta. Whitney?

— Hmmm. — suspirou pesadamente, e cruzou os tornozelos sobre uma almofada de penas.

— Sem dúvida queimadas até tornarem-se cinzas. — murmurou o sr. Leeson.

O mais provável era que Selene as tivesse comido. Uma bibliófila de proporções imortais, que sofria uma fome peculiar, fetichista com as palavras por escrito, uma faminta da classe mais literal. Ela devorava todas as variedades de cartas, jornais e livros como um menino mimado poderia comer doces.

— Não tenho paciência para isto. — grunhiu Archer, colocando um braço, e logo o outro na manga de sua jaqueta. — Não esta noite, quando há tanto por fazer. Mas Selene, por favor, saiba que você e eu discutiremos esta questão mais a fundo, e com muitos detalhes, quando retornar amanhã pela manhã.

— Vamos sair? — Selene se levantou, deixando cair seu disfarce de indiferença. — Vou procurar minha capa.

Ele a agarrou pelo braço enquanto ela passava de lado. Ela se retorceu, apertando-se com todos seus atributos femininos em seu peito. Com lábios sorridentes e olhar direto que queria ser provocadora e tentadora, mas ele não sentia nada por ela, não havia faíscas de sua antiga paixão. Nunca perdoaria sua traição.

— Entenda. — pronunciou em voz baixa — Porque não vou repetir. Não trabalhamos juntos. Nunca vamos trabalhar juntos de novo.

Selene se distanciou, com uma cor profunda reclamando suas bochechas.

— Sou uma Recuperadora, maldição, igual a você. Temos dois objetivos trabalhando muito ridiculamente perto um do outro. Só tem sentido que unamos nossos esforços.

— Já tenho seu condenado irmão errante com quem lutar. Não é necessário ter seus pés também.

— Isso não é justo. — Ela amassou a seda de sua saia.

— Não concorda?

— É obvio que não.

— Tem razão. Mudei de opinião.

— Sério? — Ela deu um passo para frente, enchendo sua expressão com esperança.

— Não sairá esta noite.

Ela ficou imóvel.

— O que?

— É certo. Beba vinho. Jogue cartas com Leeson. — Archer olhou para ela. — Coma alguns livros. Mas a proíbo de sair das instalações da Casa Black.

Ele saiu do gabinete, fechando a porta com firmeza contra seu grito de fúria.

Na sala, ele tomou a manga de madeira do sino de bronze e deu um rígido meneio.

Passos ecoaram no corredor. Jarvis apareceu.

— Sim, meu senhor?

Archer olhou seu relógio de bolso.

— Vou necessitar a carruagem de novo.

— Muito bem. Vou informar ao lacaio. — O homem se inclinou, e logo voltou sobre seus passos.

— Sr. Jarvis. — Archer o chamou.

— Sim, Senhor Black?

— Quero ir onde a senhorita Whitney foi.

Capítulo 3

— O enchimento dessas poltronas é muito mole. É só questão de tempo antes que minhas costas comecem a doer. — A senhora Hazelgreaves franziu a testa e apertou o cabo da sua bengala.

Elena e sua acompanhante acabavam de chegar à casa do senhor e senhora Kerrigan na rua Curzon. Depois de terem passado pela recepção, a senhora Hazelgreaves estava muito ansiosa para encontrar um lugar para ficar.

— Por favor, sente-se nessa cadeira. — Elena verificou. — É muito firme, e os braços também o são. Aceita um pouco de limonada?

A pequena reunião casual da senhora Kerrigan não se tornou nem pequena nem casual depois de tudo. Os convidados passavam de uma sala opulenta a outra, admirando a extensa coleção de esculturas e obras de arte douradas da família. No lado oposto da galeria os tapetes foram retirados, e uma pequena orquestra tocava Strauss.

— Talvez mais tarde, querida. Por agora, simplesmente quero me sentar e tomar conhecimento de tudo.

Ainda abalada pela chegada inesperada do Senhor Black, Elena concordou, mais do que feliz de atender sua acompanhante de idade avançada e agir como se nada estivesse acontecendo pelo resto da noite. Além disso, seus pés doíam por seu longo dia no hospital.

Como a maioria das grandes casas em Mayfair, a mansão Kerrigan não era dotada com iluminação de gás moderna, mas com um grande candelabro que era suficiente para iluminar qualquer casa de ópera em Paris, pendurado no centro do teto arredondado da galeria. O aparato de Veneza contava com uma cascata de lágrimas de cristal por toda parte, e não menos de uma centena de velas ardendo.

Lustres e arandelas espelhados na parede proporcionavam luz adicional à periferia da elegante sala.

A senhora Hazelgreaves pegou na mão direita da Elena.

— Oh, querida. Aqui vem seu Dr. Harcourt.

— Por favor, não diga isso.

— Dizer o que?

— Que é o meu Dr. Harcourt. Fala como se eu tivesse algo com ele.

— Bom, deveria ter.

— É obvio que não. É meu chefe no hospital.

— Não deveria ser.

— Shhhh. — O mais discretamente possível, Elena deixou o branco programa de valsa, que listava a ordem das danças da noite com vinte espaços em branco para a programação dos parceiros, entre seu encosto e a almofada.

— Senhora Hazelgreaves. Senhorita Whitney. — Harcourt despejou seu charme dourado sobre elas.

Primeiro tomou a mão da mulher idosa e lhe beijou o dorso dos dedos. Seus olhos encontraram os de Elena antes de inclinar-se para fazer o mesmo com a sua mão.

— Estou encantado com a presença de vocês.

— Sentimo-nos honradas de compartilhar esta ocasião especial com sua senhoria. — A Sra. Hazelgreaves se inclinou.

Harcourt olhou de lado.

— Aqui vem a rainha de Curzon agora.

A senhora Kerrigan deslizou para eles, era uma joia vibrante, em um pálido vestido de seda verde. Elena se ergueu de seu assento. O Dr. Harcourt se colocou ao seu lado.

— Srta. Whitney, — anunciou à senhora Kerrigan. — Declaro que você está hoje tão formosa que faz meu coração doer com absoluta admiração.

Elena não perdeu a graça quando a formosa mãe do Dr. Harcourt a examinou dos pés a cabeça.

— Obrigada, senhora Kerrigan.

— Charles me disse que se adaptou às suas funções no hospital esplendidamente.

— Desfruto de cada momento que passo ali.

— Maravilhoso. O serviço de assistência aos pobres de Londres é uma causa tão nobre. Mas eu, prefiro as lojas de Bond Street.

— Para infortúnio de meu pai, — riu o Dr. Harcourt, provocando a risada de todos. Na verdade, o ativismo de sua senhoria em uma série de obras de caridade era bem conhecido por todos.

O rosto de Lady Kerrigan assumiu um ar mais solene.

— Sério, srta. Whitney, não faria meu dever se não fizesse menção de meu medo por sua segurança. Os assassinatos dessas mulheres...

O Dr. Harcourt interveio:

— Nenhum só dos quais teve lugar nos terrenos do hospital.

— Mas aconteceram só a poucas ruas de distância! — A Senhora Kerrigan apertou uma mão sobre seu braço. — Muito perto para minha tranquilidade.

— Expressei repetidamente o mesmo medo. — A Sra. Hazelgreaves deu um suspiro ligeiro.

Harcourt negou.

— Asseguro as duas, por minha honra, que a srta. Whitney não está em perigo algum, a menos que vague pelas ruas e becos de East End em horas depois da meia-noite.

Elena acrescentou:

— É verdade. Nunca temi por meu bem-estar, enquanto estou no hospital.

O que ocorreu na neblina fora do hospital nessa tarde não contava, é claro, devido a que só assustou a si mesma.

A senhora Kerrigan apertou os lábios.

— Não vou fazer menção disso outra vez, não nesta noite de todos os modos, porque não vou permitir que essa besta espantosa arruíne meu aniversário. Simplesmente queria que a senhorita Whitney soubesse como me sentia.

— Obrigada por sua preocupação, senhora Kerrigan.

A senhora assentiu antes de aproximar-se da cadeira da senhora Hazelgreaves.

— Sobre outro assunto, senhora Hazelgreaves, tenho tanto que lhe dizer. Mamãe escreveu de Veneza...

Elena sabia por suas conversas anteriores que décadas antes, a senhora Hazelgreaves e a avó paterna do Dr. Harcourt foram debutantes juntas.

Harcourt estendeu a mão.

— Vamos dançar, enquanto elas compartilham as notícias.

— Sim, dancem. — A senhora Kerrigan disse. A Sra. Hazelgreaves murmurou:

— Formosos jovens. Como invejo sua juventude.

A contra gosto, Elena se afastou. Não sentia vontade de dançar, mas queria falar com o Dr. Harcourt em privado.

— Srta. Whitney. — Chamou-a Lady Kerrigan. Ela fez um gesto para o cartão branco. O coração de Elena gelou. — Não esqueça seu programa. Espero ver o resto dos espaços ocupados até a meia-noite. Vários candidatos já fizeram suas investigações.

Elena recuperou o cartão.

— Obrigada, sua senhoria.

Com o final da música a orquestra rapidamente trocou o ritmo para um tempo de valsa.

O Dr. Harcourt a conduziu para a pista de dança onde os casais estavam juntos.

— Se nos apressarmos, podemos começar nesta música.

— Doutor...

— Charles. Meu nome é Charles esta noite, e você se chama Elena. — Ele abriu seus olhos um pouco, com fingida incredulidade. — Surpreendente, sei, mas estamos aqui para desfrutar de nossa noite, e somos amigos, antes de qualquer coisa, não é, Elena?

— Sim, somos. Charles. — Ela lançou um pequeno sorriso forçado. — Mas se tudo estiver bem para você, eu prefiro me sentar e... talvez pudéssemos conversar.

— Por favor, não me decepcione. — Sorriu de maneira convincente e a levou pela mão para a pista. Isso atraiu olhares interessados de muitos dos que estavam no caminho, incluindo suas senhorias os filhos de Dray, Bernard e Thackston, cada um dos quais visitaram Elena na Casa Black depois de sua apresentação na corte, e de sua pouco entusiasta aparição em vários eventos da sociedade, só para que seus esforços cortesmente fossem rejeitados.

Charles continuou.

— A verdade é que estive esperando dançar com você desde que começou a caminhar de novo. Chame de vaidade como médico, mas eu gostaria que minha experiência desempenhasse um papel em sua recuperação. Além disso, estou seguro de que se não reclamar minha valsa agora mesmo, meus velhos amigos lhe lançarão uma olhada nesse vestido precioso, e não terei outra oportunidade.

Elena mordeu o lábio inferior.

— Obrigada por tentar me fazer sentir-me mais confortável. É só que...

Ao se aproximar da área onde o tapete cedia lugar ao assoalho polido, Elena sentiu a vibração dos instrumentos de corda através das solas de seus sapatos. Adorava música e adorava dançar.

— O que acontece, Elena?

— Será que sabia como dançar antes do acidente...

— Me conte.

— Não me lembro mais.

Imediatamente, ele parou.

— Já entendi.

— É verdade. Posso recitar de uma só vez as propriedades químicas da quinina, — moveu a mão ansiosamente. — mas não posso recordar um só passo de dança.

Ele olhou para o chão.

— Não são tão difíceis.

— Entretanto, não quero aprender em público.

— Talvez aula particular seja melhor?

— A senhora Hazelgreaves sugeriu o mesmo... — A voz de Elena foi se apagando. Não podia imaginar voltar para a Casa Black e começar algo tão

comum como lições de dança, ou inclusive tomar o café da manhã. Recordou o formoso rosto do Senhor Black, franzindo a testa ao esquecer seu nome. Nada voltaria a ser o mesmo. Na verdade, não tinha casa.

— Quero dizer que eu lhe ensinarei.

— Seria maravilhoso, — respondeu ela, assim que registrou suas palavras. — Dr. Harcourt?

— Charles.

— Charles. — Elena ruborizou. — Posso falar com você a respeito de algo?

Seu rosto ficou sério.

— Espero que saiba que pode falar comigo sobre qualquer coisa.

— Seria possível eu ficar no dormitório das enfermeiras em uma base mais permanente?

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Já ouviu minha mãe e à senhora Hazelgreaves hoje. Nunca permitiriam. Além disso, por que quer fazer uma coisa como essa?

— Só seria até que meu curso de medicina começasse.

— A senhora Hazelgreaves está pressionando para que desista? Devo falar com ela em privado ou escrever uma carta ao Senhor Black?

— Uma carta. Hummm, não. Só digamos que não desejo permanecer na Casa Black nenhum tempo mais.

— Deve haver uma razão, Elena. O que aconteceu?

Um grito se elevou da área da recepção, reclamando sua atenção. Ali, os criados agarravam a duas enormes portas esculpidas. Apesar de seus esforços e de sete pares de pés arrastando-se para fechar as portas com os painéis, as dobradiças rangiam em protesto. Uma rajada gelada percorreu a sala, apagando a chama de cada vela. A orquestra parou de tocar.

A mão de Harcourt se moveu protetoramente abaixo de suas costas.

— É só o vento.

Risadas nervosas se ouviram por toda parte.

O fechamento das portas ecoou na sala, e o mordomo da mansão pegou uma lanterna. Gritou:

— Afastem-se, o candelabro deve ser aceso novamente.

Perto dali, os criados removeram um painel da parede, e giraram uma enorme manivela fixa ao chão. Formas imprecisas se adiantaram, sustentando velas acesas. Elena viu com fascinação, enquanto cada vela era acesa de novo, só para perceber, do outro lado das lágrimas brilhantes, um par de olhos cinza concentrados intensamente nela.

— Subam. — Gritou o mordomo.

A manivela girou, e o candelabro começou a subir com um tinido musical.

— Subam.

Pouco a pouco, a obra prima de cristal balançou mais e mais até que todo o seu descomunal peso estremeceu no teto, deixando a extensão do tapete logo abaixo desocupada, pois ninguém se atrevia ainda a passar.

Ninguém a não ser o Sr. Black.

Quando o homem tocou em Elena, fez com tanta soberba para que todo mundo visse, que a visão de Archer ficou inesperadamente escura. O impulso de destruir, como um instinto profundamente enraizado, rugiu em seu interior.

— Senhor Black. — Exclamou Elena, com seus olhos cada vez maiores com cada passo que ele dava para ela.

De repente, eclodiu um excesso de pensamentos, sons e expectativas desabaram sobre ele, convertendo o momento em algo feio e surrealista. Vozes

sussurrantes, e murmúrios inclusive gritaram seu nome. Não em voz alta, é óbvio, a não ser nas mentes dos que perceberam sua presença.

— Senhor Black? — Uma mulher de verde encabeçou o grupo dos mortais que de repente se amontoaram sobre ele. Suas bochechas estavam vermelhas e brilhantes de emoção. — Perdoe minha apresentação, mas somos vizinhos, antes de tudo, não? Sou a senhora Kerrigan. Que inesperado prazer, ter a sua graça em meu modesto aniversário.

— O prazer é... todo meu. — Archer fez todo o possível para sorrir, quando no íntimo só podia amaldiçoar a si mesmo por ter atraído toda essa atenção sobre si mesmo, quando não queria nada disso.

Uma dor súbita e aguda lhe atravessou o olho esquerdo. Nunca lhe tinham feito bem as multidões, principalmente quando toda a atenção se concentrava nele. Procurando trégua à cacofonia dentro de sua cabeça, olhou os lábios de Elena, e viu que formavam as palavras:

— Não Charles, não estou equivocada. Esse é meu tutor, o Senhor Black.

Charles. Por que não se referia a ele pelo Senhor Fulano de Tal, ou Senhor Alguém? Por que era tão familiar? A mão de Charles ainda pressionava suas costas.

Com devido esforço, conteve o grunhido de sua voz.

— Se todos nos permitirem, eu gostaria de dançar com a senhorita Whitney.

A pista de dança era o único lugar em que podia pensar que ninguém os seguiria, e falariam e falariam e falariam.

Os olhos da Sra. Kerrigan se abriram, como se estivesse um pouco surpresa. Olhou para Elena.

— É claro.

— Srta. Whitney? — Archer estendeu a mão.

Elena mordeu o lábio inferior, mas depois de um momento, disse:

— É claro.

Pôs sua mão na maior. Como a etiqueta ditava, ela usava luvas. Archer não.

Charles protestou:

— Mas não sabe como fazê-lo.

Archer tirou a cartola e a entregou a ele.

— Se importa?

Sem esperar resposta, abriu espaço entre a multidão, levando Elena para trás, com seu polegar pressionando a parte inferior de seu pulso. Seus saltos soavam contra o assoalho. Sentindo-se mais feroz a cada momento, pegou o cartão impresso de sua mão e o lançou para que caísse em zig-zag no tapete. Os membros da orquestra lançaram olhares lascivos, com seus diversos instrumentos preparados na mão.

Ele atraiu Elena para si, deliberadamente colocando a mão no lugar exato onde a de Charles tinha permanecido, ao longo da fileira de pequenos botões que riscava a longitude de sua coluna. Ele olhou para baixo, só para se encontrar enredado em seu olhar. Esperava ira, confusão ou medo. Merecia qualquer dessas reações. Entretanto, ela aparecia de novo com toda a calma como uma escultura do Egito.

— Desculpe. — Ela disse claramente. — Mas não sei dançar.

— Sim, sabe.

Seus seios esmagaram sedutoramente contra seu corpete com sua brusca inalação. Seus olhos repentinamente aceitaram o desafio. Três casais com entusiasmo ocuparam o espaço ao lado deles, e a orquestra saltou em uma animada quadrilha.

Ele inclinou mais a cabeça, e murmurou:

— Le Pantalon[3].

Com uma mão, guiou-a para a direita. Juntos caminharam em círculo, dentro e fora dos outros casais, trocando a mão ao passar. Logo, retornaram ao lugar onde tinham começado, e uma vez mais estavam ao lado um do outro. Brindou-o com um olhar de assombro.

Calmamente anunciaram a próxima etapa da dança.

— L'Eté.

Sempre com sua atenção fixa nela, em seu cabelo, rosto, formoso pescoço. Ao concentrar-se nela, filtrava o resto. Era só a música e Elena. Sua dor de cabeça diminuiu. Muito cedo, voltaram a tocar.

Com os olhos brilhantes de lágrimas, ela sussurrou:

— La Poule.

Dançaram a sequência da La Trenise, e, finalmente, o Le Finale. A orquestra encerrou, e os outros casais se separaram. Archer permaneceu junto à Elena. Os cartões despontaram, e os casais trocaram. A assembleia reunida flutuava ao longo da pista, observando.

Esperando. Charles estava entre eles, com seus olhos escuros e mandíbula tensa. Uma vez mais, a orquestra levantou seus instrumentos, o que indicava o início da próxima quadrilha.

Ele escutou Elena dizer:

— Obrigada, meu senhor.

Deu um passo como se fosse afastar-se. Os primeiros compassos de uma valsa, brandamente ardente, deslizaram no salão de dança. Archer tomou sua mão e a puxou de volta contra ele. Ofegos soaram por toda parte. Apesar do casaco de lã e seda entre eles, ele sentiu o batimento acelerado do seu coração contra o peito.

Timidamente, ela colocou a mão em seu ombro, com os dedos em seu cabelo encaracolado.

Logo, ele a levava aos primeiros passos. Ela se moveu contra ele, sílfide[4] e doce.

Só então Archer concedeu a si mesmo a recriminação pelo grave erro que tinha cometido indo à festa.

Algum tempo depois, Elena estava olhando para os jardins na penumbra, mas não reconheceu nada, nem uma árvore, nenhuma fonte ou um arbusto. Em vez disso, cada fragmento dela estava focado no homem que estava parado na escuridão, a poucos metros atrás dela.

Quando a valsa terminou, eles escaparam para essa pequena galeria sem iluminação, onde estavam disponibilizadas várias mesas com comida e bebida para os convidados. A tênue luz das luminárias do jardim brilhava através das janelas. No outro lado da porta, vozes riam e conversavam. Copos se chocavam.

Ele rompeu o silêncio primeiro.

— Você está bem?

— Ainda estou um pouco acalorada pela dança.

Suas luvas estavam no peitoril da janela. Tirou as mãos de onde tinha pressionado o vidro frio e as reteve contra suas bochechas.

A dança. O que tinha acontecido entre eles ali? De algum jeito, suas palavras ou sua voz tinha desbloqueado uma lembrança enterrada profundamente dentro

---

[3] É uma dança. Para ficar mais claro: http://www.youtube.com/watch?v=wF4RYfPuLng

[4] Mulher esbelta e delicada.

dela. Não só isso, mas também tinha experimentado uma mescla de emoções. Depois, havia se sentido instável sobre seus pés.

Recordou que passou um longo dia na enfermaria do hospital. Provavelmente, só precisava descansar. O Senhor Black a tinha levado até ali para recuperar-se.

— Eu gostaria de lhe pedir desculpas por esta tarde, em meu gabinete.

Elena riu brandamente, desceu suas mãos e se voltou para ele.

— Não sabia meu nome.

— Não.

Ela não podia ver muito bem, mas de algum jeito sabia que não havia devolvido o sorriso.

— Nem sequer sabia que eu vivia na mansão, não é?

— Não tinha conhecimento.

Ela riu de novo.

— De algum jeito na escuridão é mais fácil fazer estas perguntas.

— Então me alegro de que estejamos aqui. — Chegou a seu lado. Ela ficou um pouco tensa, mas simplesmente reagiu apoiando a palma de sua mão contra o peitoril da janela atrás deles e encostando as costas contra ela. Agora, só uma fração de espaço os separava.

— Tenho muitas perguntas para você.

— Pergunte o que quiser. — Ali junto à janela, com a meia-noite pintando seu rosto de azul.

Ele era um homem formoso, másculo, da alta sociedade, com suas maçãs do rosto em harmonia com sua firme mandíbula. Com sua roupa impecável e seu cabelo solto se via elegante e selvagem ao mesmo tempo. Sua respiração se obstruía em sua garganta cada vez que se atrevia a lhe dar uma simples olhada.

— Suponho que minha pergunta principal é como pude estar sob sua tutela dezoito meses e que não soubesse nada a meu respeito?

— Sei uma coisa ou duas a seu respeito, Elena. Mais do que acredita. Mas às vezes confio muito em Leeson para dirigir os detalhes mais sombrios de minha vida.

— Não sei se devo ficar ofendida. — Brincou ela decidida a manter as coisas leves entre eles. Depois de tudo, não levaria tão a sério. Ela não tinha experiência em assuntos de romance, pelo menos que pudesse recordar. Suspeitava que ele fosse o tipo de homem que uma mulher podia apaixonar-se, perdidamente, só para que ele destruísse seu coração. — Estou muito segura de que nunca fui chamada de sombria antes.

— Você não é sombria, não mais. Cometi um engano. Perdoe-me.

— Pode ser. — Não podia pensar, não com ele olhando seus lábios. Nem podia ordenar duas palavras juntas. Ele diminuiu a distância.

— Leeson supôs que estaria casada agora.

— Casada?

— Por que está rindo? — Agora ele sorria, só um pouco.

— Você e eu temos muito do que falar.

Havia algo angustiante e emocionante ao redor. Em sua mente, ela imaginava o que poderia acontecer se ele inclinasse a cabeça e a beijasse. Nunca teve tais pensamentos, nem sequer com o encantador Dr. Harcourt. E só a ideia fazia seu pulso disparar. Ele era seu tutor. Ela se afastou dele.

— O que está fazendo, Elena?

— Estou tentando abrir esta janela, só um pouquinho. — Lutou com a fechadura e orou para que não estivesse sido selado. — Está muito quente aqui. Tenho certeza que é o calor dos fornos da cozinha do outro lado que...

Seus braços estavam ao seu redor, com sua lã escura e rica de calor muscular. Não a tocou em nenhum lugar, exceto nas mãos. Só estava em uma situação torturante, o casaco dele acariciava seus braços, seus ombros nus e costas. Os dedos largos e elegantes se moveram debaixo dela onde alcançou as alças de metal. As agarrando, levantou facilmente a janela alguns centímetros.

— Melhor? — Sua respiração tocou sua bochecha e pescoço.

Oh, sim, inclusive melhor que o beijo que ela tinha imaginado. Tudo estremeceu, seu corpo, sua pele. Despertando depois do acidente, sem lembranças, havia sentido a absoluta necessidade de controle. De emoção controlada, de pensamentos controlados, por isso não sucumbiu a realidade do pânico de estar total e completamente sozinha no mundo. Agora tudo dentro dela gritava que abandonasse seu autocontrole.

— Obrigada.

— Elena... — Roçou a mandíbula contra a sua. Seu aroma limpo, picante e muito masculino a envolveu.

— Sim? — Murmurou ela, aturdida.

Uma batida soou ao mesmo tempo em que a porta se abria, lavando o estreito espaço com luz dourada. Elena foi liberada do abraço do Sr. Black e deu vários passos de distância. A Senhora Kerrigan e a senhora Hazelgreaves entraram, como um exército de duas, uma em rosa e outra em verde.

Ambas sorriram forçadamente.

A Senhora Kerrigan sustentava dois copos.

— Algum de vocês quer um refresco?

Archer se recostou no peitoril da janela, em uma atitude indiferente de graça.

— Não, mas obrigado.

A senhora Hazelgreaves agitou sua bengala para ele.

— Não lhe está perguntando se deseja limonada. O que está dizendo é que você está chamando a atenção. Todo mundo fala. Ou pelo menos sussurra. E os sussurros são piores que os falatórios.

A Senhora Kerrigan pressionou um copo na mão de Elena, e outro na do Senhor Black.

— Depois de viajar por lugares tão exóticos, deve ser difícil voltar para as regras mais restritas da boa sociedade.

O primeiro instinto de Elena foi saltar em defesa do Senhor Black, mas ele não se via nem ao menos um pouco envergonhado. Na verdade, nem ela estava. Bebeu um gole de limonada.

Archer respondeu em voz baixa.

— A srta. Whitney se sentia fatigada. Eu só a trouxe aqui mais afastado, para que recuperasse o entusiasmo e a disposição. Eu sou seu tutor. Não deveria me preocupar com seu bem-estar?

A Senhora Kerrigan deu uma risada nervosa.

— Existem diferentes definições de bem-estar. Por favor, tome isto como um conselho, sua senhoria, mas esta dama de sociedade nunca viu um tutor como você. Devo advertir que a proximidade de suas idades só inspira falatório.

A senhora Hazelgreaves bateu sua bengala contra o tapete.

— E os falatórios, como os sussurros, são algo que simplesmente não vou tolerar. É por isso que seus advogados me mantiveram como acompanhante da

garota, não é assim, Senhor Black? Para assegurar que seu caráter fosse impecável.

— Sim, é claro. — Olhou para Elena. Com a diversão iluminando seus olhos.

Ela mordeu o lábio inferior, para não sorrir.

— Nesse sentido, — anunciou a senhora Hazelgreaves. — estou cansada e desejo voltar para a Casa Black.

Elena protestou brandamente:

— Mas acabamos de chegar.

A Senhora Kerrigan implorou:

— Sentirá saudades de Eddy.

A senhora Hazelgreaves fungou.

— O Tribunal de Justiça o tem em Balmoral.

— Só nesta tarde avisou em um telegrama que viajaria de trem, hoje a noite.

Uma careta torceu os lábios da velha mulher.

— Eddy é um tolo.

— Entretanto, — sussurrou a senhora Kerrigan, com um olhar por cima do ombro para assegurar-se de que ninguém a ouvisse. — O tolo muito bem poderia ser nosso futuro rei.

Os lábios da senhora Hazelgreaves se apertaram em uma magra linha branca.

— É quase meia-noite.

— É claro. — Assentiu Elena. — Se está cansada, temos que ir.

O Senhor Black se incorporou em sua altura completa.

— Cuidarei para que seu transporte seja trazido.

Elena murmurou:

— Obrigada, Senhor Black.

A senhora Hazelgreaves estreitou os olhos para ele.

— A Srta. Whitney me acompanhará.

Suas sobrancelhas escuras se levantaram.

— Não questiono isso.

Archer avançou pela galeria cheia de gente, com seu olhar fixo na saída. As vozes e os pensamentos daqueles no espaço ao redor dele ressonaram incomodamente em sua cabeça.

Maldição, se a metade da população do oeste de Londres não elaboravam planos que os levariam até a Casa Black amanhã pela tarde para lhe dar as boas-vindas.

Quando estava quase às portas, algo mudou, ao passar por um emaranhado conjunto de pensamentos. Ele parou. Pensamentos imortais, pela ordem natural das coisas, protegidos. Não conseguia ler os pensamentos de Leeson ou de Selene, ou os pensamentos que pertenciam ao imortal misturado ali, entre os convidados dos Kerrigan. Entretanto, um número de mulheres atualmente fantasiava a respeito de alguém que era fácil de reconhecer. Procurou e encontrou rapidamente a cabeça de um cavalheiro loiro de pé e com os ombros mais alto que o grupo de belas mulheres reunidas ao redor dele.

— O indescritível Senhor Black. — o loiro como o amaranto elogiou, levantando seu copo de cristal em uma saudação. Uma barba de corte rente emoldurava a tendência de seu travesso sorriso.

Uma grande quantidade de olhares femininos pousou sobre Archer. Eram mulheres amadurecidas das mais seletas viúvas da sociedade, e era provável que algumas fossem mulheres casadas e aventureiras. Uma onda interessante

ondulou através deles nas proximidades de Archer. Marcus Hélios, o senhor Alexander, também o havia sentido. Seu sorriso ficou mais frio imediatamente.

— Alexander. — Archer o reconheceu com uma inclinação profunda de cabeça.

— Que surpresa ver a maioria dos solitários da Inglaterra e alguns de nós entre os humildes mortais.

Uma brincadeira privada imortal, em que Archer não encontrava nenhum humor. Diferente dele, Marcus sempre tinha desfrutado se envolver nos assuntos sociais e nas camas dos humanos.

— Nada menos que um choque é ver você aqui. Certamente, tem muito para preparar antes de sua saída?

Um protesto unificado passou pelas damas, e com veemência sacudiram suas penteadas cabeças.

Alexander franziu o cenho.

— Temo que está mal informado. Não tenho planos de viajar. — Estabeleceu seu olhar em uma moça, e logo em outra, voltando imediatamente o sorriso a seus lábios. — Talvez dê uma festa em minha casa em Yorkshire ou organize uma caçada em Kent.

As mulheres riram entre dentes, encantadas.

— Você e eu conversaremos depois.

Alexander levou o copo a seus lábios sem sorrir.

— Não tenho nenhuma dúvida disso.

— Boa noite. — Archer se inclinou ante as damas, e girou sobre seus pés para retomar seu caminho para a porta.

— Black. — Chamou Alexander.

Archer parou, sentindo o jovem imortal golpeá-lo como uma parede de gelo.

— Sim, Alexander?

— Sua pupila é muito formosa.

*****

A senhora Hazelgreaves franzia a testa, já sentada na carruagem, olhando para Elena e ao Senhor Black com seu olhar desconfiado através da janela. O ar cheirava a chuva. Junto a eles, a porta do transporte se abriu com o vento, e a escada se pendurou. O lacaio se manteve a uma respeitosa distância. Outras carruagens adicionais chegavam para recolher aos membros da ruidosa e bem vestida multidão que descia dos degraus, enquanto que outros acabavam de chegar.

— Irá retornar à casa Black também, meu senhor? — Elena perguntou, não preparada para que a noite ou seu tempo com seu misterioso tutor terminasse.

— Ainda não.

Ela não podia deixar de perguntar-se aonde iria. O Senhor Black pertenceria a um clube como outros cavalheiros de sua classe? Apostaria, fumaria ou beberia?

— Ainda tenho muitas perguntas para você. — Ela agarrou a abertura de sua capa contra o frio da noite. Seu olhar posou ali, em suas mãos, logo subiu até seus lábios.

— Vou responder a todas suas perguntas pela manhã. — Ele levantou sua mão, logo lhe tocou a bochecha com a ponta dos dedos. O entusiasmo dançou em seu estômago.

Uma batida soou forte na porta ao lado deles.

— Suponho que deveria ir. — Sussurrou. O lamento pesava em sua voz.

Ele retirou a mão lentamente, sorrindo.

— Boa noite, senhorita Whitney.

Sua mão se moveu até seu cotovelo, e ele a ajudou a entrar.

Meia hora mais tarde, o transporte de Archer rodava ao lado da Strand em Whitehall. Apesar de que a hora já passava da meia-noite, as ruas de Londres estavam lotadas de tráfego e inquietavam mais as criaturas da noite. Quando a fachada de colunas do Ministério da Marinha ficou à vista, Archer fechou os olhos e alterou sua forma física para sombra. Seu veículo ecoava a distância.

Ele flutuou na rua escura, pavimentada por pedras úmidas pela chuva. Envolto pela escuridão, passou debaixo do arco do número quatro de Whitehall, e deslizou entre a porta e a moldura.

Seguiu as notas discordantes, com a escuridão zombando do fedor de sua presa, como uma sonata negra no vento. No caminho passou por um sargento e três agentes da polícia uniformizados.

Finalmente chegou a uma pequena sala sem janelas, o escritório do assistente do comissário.

Informações de investigação, fotografias e copos vazios cobriam as mesas, mas o que interessava a Archer era a caixa com as cartas.

Levantou a primeira, com seu envelope, e analisou cada movimento de ângulo e largura, tensão e controle. Cheirava a papel e a tinta, e desfrutou de sua peculiar amargura no ar. Em pouco tempo havia duas pilhas de cartas na sua frente, uma autêntica e outra falsa. Com olhos cansados, passou pelas imagens, de Polly Nichols e de Annie Dark, duas mulheres que não mereceram a selvageria intensa que o assassino de Whitechapel havia infligido.

Archer viu o suficiente. Em sua forma fluida de sombra roçou ao inspetor Abberline em seu caminho. Torcendo-se para baixo, passou ao longo dos ladrilhos do chão e saiu à rua.

Ali, inalou e bebeu profundamente a escuridão. Chamou o depredador terrível em que se transformava e que nunca permitiria que a senhorita Whitney, em toda sua renovada inocência, voltasse a ver.

Capítulo 4

— Srta. Whitney, espero que tenha desfrutado da noite fora. — Mary Alice saiu do extremo longínquo do corredor, com o sorriso contrastando surpreendentemente com o seu uniforme preto, mas que combinava à perfeição com as sombras. Levava um balde com carvão em brasa.

— Gostei muito, obrigada, Mary Alice. — Disse Elena.

Tinha usufruído uma noite perfeitamente escandalosa se interpretasse o comportamento da senhora Hazelgreaves na carruagem ao voltarem para casa. Apesar das tentativas de Elena de manter uma conversa, ficou apenas o silêncio e um cenho franzido. Enquanto os criados carregavam a idosa mulher pelas escadas, ela se moveu drasticamente em sua cadeira e pediu seu tônico no quarto.

Talvez agora que o Senhor Black retornou, não haveria discussões quanto a seu futuro.

Não esperava que a formalidade de um companheiro pudesse prescindir, já que não tinha desejo de se destacar na sociedade, ou de atrair o interesse de um pretendente rico ou com um título. Tinha desviado do tema com a senhora Hazelgreaves durante meses, alegando esquecimento como razão para evitar as visitas da tarde e grande variedade de eventos sociais para os quais foi convidada, mas na verdade, uma vez que sua educação médica começasse, queria dedicar-se por completo a seus estudos.

Ela e o Senhor Black se deram bem.

Suas bochechas coraram. Parecia o tipo de homem em quem poderia confiar suas aspirações, e esperava aliviar essa carga de sua mente.

Mary Alice se voltou para acompanhar Elena até seu quarto.

— Acabei de acrescentar carvão em sua lareira, por isso seu quarto ficará quente e acolhedor. Soltaremos seu cabelo e lhe ajudarei a despir-se.

— Obrigada, Mary Alice, mas já é tarde. Posso fazer isso sozinha. Por favor, vá dormir. — A verdade seja dita, Elena mal podia esperar para ficar sozinha e lembrar-se dos eventos mais emocionantes da noite. Inclusive agora, a intensa atração que sentiu por sua senhoria parecia um sonho sedutor.

A donzela de olhos marrons vacilou, agarrando a alça do balde de carvão, com as duas mãos.

— O que acontece, Mary Alice?

— Havia outra coisa que queria lhe dizer, mas parece que não posso recordar o que era.

— Estou segura de que se for algo importante, recordará e me contará amanhã.

Depois de pensar outro momento, a criada encolheu os ombros com bom humor.

— Tem razão, é claro. Boa noite, senhorita Whitney. Só tem que chamar se necessitar de meus serviços.

— Durma bem.

Elena continuou sozinha na escuridão. As arandelas da parede foram reduzidas e só uma luz mais tênue permaneceu. Mesmo antes dessa noite, o corredor sempre pareceu ameaçador, como um túnel de esquecidas catacumbas, como o resto da grande estrutura. Com a chegada do Senhor Black, cada escada ricamente atapetada, cada corredor, parecia imbuído de sua forte presença. Mal podia esperar até amanhã, quando se encontrariam de novo, e todas suas perguntas seriam respondidas. Ao mesmo tempo, não estava disposta a fechar os

olhos ao que foi uma noite maravilhosa de forma inesperada. Lembrou-se de como dançar.

Talvez outras lembranças logo voltassem.

— L'Eté. — Rodopiou, recordando a voz e o contato com o Senhor Black. Suas saias se moveram em um amplo círculo, escuras e intensas, sussurrando contra o painel de madeira. Girou o trinco de bronze e entrou em seu quarto.

Entretanto, preocupantemente, não estava sozinha. De fato, uma pessoa que não desejava encontrar tinha os ombros curvados no interior das portas abertas de seu armário. A agitação dos movimentos identificava a intrusa.

Elena se aproximou da cama e pôs seu xale sobre a colcha.

— Boa noite. — Disse.

Algo soou oco por dentro, batendo contra a madeira.

A companheira de viagem do Senhor Black se ergueu, tocando com dedos longos e elegantes a parte de atrás da cabeça. Seu cabelo exuberante, fascinante, sobre os ombros, brilhou com a visão da luz do abajur.

— Hmph. — farejou ela, visivelmente irritada por ter sido interrompida. Não parecia ter a mínima vergonha de ter sido descoberta mexendo nos pertences de outra mulher.

— Sinto muito, mas não sei exatamente como devo chamá-la. Não fomos devidamente apresentadas hoje a tarde.

— Sou Selene, a condessa Pavlenco. — Anunciou a mulher. O orgulho despertou em seus olhos escuros.

Por que uma condessa que viajava com o Senhor Black não tinha se casado com ele? Seriam amantes, ou compartilhariam alguma outra relação?

Com a curiosidade ardendo em sua mente, Elena continuou sua apresentação com uma pergunta.

— Perdoe meu atrevimento, mas há um... er...

— Um conde Pavlenco? — Sua senhoria assumiu uma expressão triste, totalmente incrível. — Me causa sofrimento sua perda até hoje.

— Minhas condolências.

— Você é muito amável. — Ela se inclinou casualmente na porta do armário aberto e apoiou o braço na parte superior da porta. Ricas pedras brilhavam em seus dedos.

— Obviamente, segui com minha vida.

— Há algo que eu possa te ajudar? — Elena se sentou sobre a colcha de veludo no final da cama.

— Eu sou obrigada a lhe pedir uma camisola.

Elena manteve o olhar de surpresa em seu rosto. Uma camisola? Uma peça tão pessoal e íntima? Que mulher não viajava com várias?

— Já sei. — respondeu Elena com cuidado. — Suas malas não chegaram?

— É claro que chegaram.

— E não tem uma camisola entre suas coisas? — Não era de boa educação ser tão direta com o próprio questionamento, mas tampouco era de boa educação remexer nos pertences privados de outra pessoa. Pelo menos estavam em condições de igualdade de classe.

Lábios grossos se curvaram no mais desafiante dos sorrisos.

— Nenhuma, temo. — Seus dentes brilharam intensamente. — Esqueci-me de quão dissimulados podiam ser os criados ingleses de Archer.

A condessa soltou certamente indícios suficientes de que ela e o Senhor Black estavam envolvidos em algum tipo de relação amorosa. O sentido disso atingiu a Elena como uma bofetada no rosto, sendo assim esqueceria sua atração

por sua senhoria, e se manteria longe dele e da sociedade peculiarmente como fosse possível. Com toda probabilidade, não permaneceria muito tempo em Londres, e qualquer envolvimento emocional ou de outra maneira, terminaria apenas em dor.

Elena disse:

— À esquerda, na gaveta do meio. Prefiro a de acima, mas posso emprestar qualquer uma das outras.

Selene desapareceu no escuro do armário e Elena ouviu o ruído da gaveta se abrindo.

Depois de um momento, a condessa se voltou com uma camisola encostada em seu corpo. Seus olhos se estreitaram em desgosto por cima da gola alta. A bainha finalizava em um comprimento entre seus joelhos e os tornozelos. As mangas eram curtas, lhe dando uma aparência claramente infantil.

Ela sorriu forçadamente.

— Não percebi que você é uma menina.

Elena realmente não era tão pequena, mas escultural não começava a descrever à condessa.

— Só posso oferecer mais do mesmo. Há um roupão pendurado atrás de você. Certamente amanhã poderá visitar as lojas e encontrar algo que se adapte mais a seus gostos. Dama Pavlenco, sente frio?

A condessa sacudiu a cabeça.

— Sou famosa por meu sangue quente. Por que a pergunta?

— Por seus lábios. — Elena se inclinou para frente, estreitando os olhos. — Estão... azuis.

Na realidade, não azuis, a não ser imprecisos e escuros.

— Oh, hmmm. — Selene os lambeu e passou seu polegar sobre eles. A cor azul desapareceu quase como se fosse tinta. Piscando rapidamente anunciou: — É provável que sua senhoria tenha voltado a essas alturas. Vou vê-lo antes que sinta saudades.

Elena respondeu sem pensar:

— Não retornará até mais tarde.

A condessa ficou rígida dos pés a cabeça.

— E como sabe?

— Encontramo-nos no mesmo evento social essa noite, e indicou que não retornaria diretamente.

Selene empalideceu. Deu uns passos para a cama, apertando a camisola enrugada contra seu peito. Seus ombros se convulsionaram, e apertou uma mão contra sua boca.

— Dê Phénomènes relatifs...

As palavras brotaram de seus lábios quase como se tivessem sido arrotadas.

Embora fosse uma frase familiar, Elena ainda não conseguia entendê-la.

— Minha senhora, está bem? — Perguntou sentindo uma pontada de remorso pela mulher, com obviamente suas emoções e paixões muito articuladas por sua senhoria. Uma advertência de alarme soou na cabeça de Elena. Seria o Senhor Black um homem perigoso de admirar?

Selene se sentou junto à Elena. Toda a confiança e fogo pareciam havê-la abandonado. Outra série de palavras brotou de seus lábios.

— A polarisation rotatoire dê liquid… — Golpeou um punho fechado contra o centro de seus seios.

Elena levantou.

— Vou pedir uma xícara de chá. Às vezes melhora...

— Estou bem. — grunhiu Selene, agarrando o antebraço de Elena e puxando-a para seu lado.

Uma batida soou na porta.

— Sim? — Disse Elena.

Mary Alice entrou, ainda segurando o balde de carvão.

— Pensei ter ouvido vozes.

Vacilou um pouco antes de estender um envelope.

— Sua senhoria, uma mensagem chegou para a senhora.

Selene saltou e arrebatou a missiva. Com o polegar rompeu o selo de cera vermelha.

Olhos felinos procuravam a mensagem no seu interior.

— Huzzah! — Exclamou. Seu olhar percorreu Elena com desdém. — Parece que não necessitarei seu vestido de boneca depois de tudo.

Com um sorriso, jogou a camisola na cama. Roçando Mary Alice, deixou cair a nota no balde e desapareceu no corredor.

Elena e Mary Alice olhavam uma para a outra, até que por fim Elena falou.

— Antes, quando me disse que tinha esquecido algo, foi quando viu a condessa em meu quarto?

— É claro que não... — Murmurou a criada fracamente. — Eu teria lembrado isso, não? Ela é do tipo memorável.

— De fato ela é.

Mary Alice hesitou durante um tempo antes de dizer:

— Bem, então. Boa noite, senhorita.

— Boa noite.

Mary Alice fechou a porta atrás de si.

Elena saltou da cama e abriu a porta.

— Mary Alice!

Entretanto, Mary Alice não foi muito longe. A jovem estava no outro lado da soleira, estreitando os olhos ao bilhete ardente que tinha aprisionado entre seus dedos polegares e indicador. Com vergonha, o ofereceu à Elena.

— Não vou dizer nada se não o fizer a senhorita.

Fumaça acinzentada subia do balde, impregnando o ar com cinzas.

— De acordo.

Elena pegou a mensagem, cuidando de não tocar a borda enegrecida, e retornou à solidão de seu quarto. Aproximando-se do abajur sobre a mesa, inclinou-se para ler:

"Venha para mim."

Seu peito se oprimiu. Era a convocatória de um amante? Franziu o cenho, odiando a curiosidade que a obrigou a abrir sua gaveta. Rapidamente, colocou o bilhete e a carta do Cairo lado a lado. Era a mesma letra? Não podia ter certeza, devido à brevidade e à caligrafia descuidada da nota. Sem dúvida, ambas foram escritas por uma mão masculina.

Nervosa devido ao diálogo com a condessa, e ansiosa para saber que tipo de relacionamento ela mantinha com sua senhoria, Elena rapidamente tirou as fivelas do cabelo e vestiu sua camisola. Dobrou a que Selene descartou e a guardou no fundo da gaveta.

Muito distraída para dormir, selecionou um texto de medicina da parte superior da pilha de leitura e se instalou no assento da janela. Jogou uma manta sobre suas pernas para manter o calor, tentando apagar a lembrança persistente do Senhor Black com seus braços ao redor dela, e a intensidade de seu olhar em sua boca. Um movimento distante no pátio traseiro chamou sua atenção. Limpou

a condensação do vidro imediatamente para ver com mais claridade. Um transporte, quase oculto pela névoa e as sombras, corria ao lado das grades para a parte dianteira da casa, sem dúvida para pegar Selene que iria se encontrar com o autor do misterioso chamado.

Acomodando seus ombros no travesseiro, Elena abriu o livro na seção que da última vez tinha deixado a leitura. Encontrou apenas um oco irregular.

Toda a seção da teoria dos germens de Pasteur, em sua versão original em francês, foi arrancada.

*****

A torre St. Botolph despontava imensa no céu noturno de Londres. Archer se inclinou contra o concreto molhado, olhando para o labirinto de East End. O suporte debaixo dele, e o ar ao redor, vibravam com o crescente som do órgão de tubos da igreja, e com os apelos de um grupo de prostitutas, que inclusive agora circulavam as calçadas da igreja, chamando os estrangeiros com ofertas de prazer ilícito.

As bancas de Aldgate tinham fechado horas antes, mas o aroma de pescado, repolho e sangue ainda persistia. Abajures de gás iluminavam pontos da via pública, muito débeis e muito espaçadas para proporcionar uma iluminação genuína. Uma vez esse lugar não foi nada mais que campos sem fim, e mais tarde, construíram um muro. Depois as ruas tinham visto o desfile de reis e papas, para não mencionar a peste, as execuções e as fogueiras. Os casebres foram se aglomerando. E a população foi crescendo junto com o crime e a pobreza extrema.

Seu treinado olhar prata e preto extraordinário, se fixou ao longo da sarjeta abaixo, e uma emoção sombria ondulou através dele.

— Como poderiam me pegar agora? — Uma das cartas do Estripador ridicularizou. Talvez a polícia não pudesse. Mas Archer sim.

Como tinha esquecido, embora fosse pelo curto espaço de uma hora, o que ele era? Apesar de que preferia a solidão da riqueza e a comodidade que podia conseguir, pertencia ali, entre os mais baixos dos mais baixos. Não era um pretendente com boas maneiras. Não era um guardião, amante ou amigo.

Era um caçador. Um assassino.

Era parte da noite.

É curioso que em um momento como esse, quando se sentia mais afastado de sua humanidade, Elena permanecia em seus pensamentos. Fechou os olhos e saboreou a sensação do vento levantando seu cabelo de seus ombros, longe de sua pele ardente. Elena era uma luz dourada como o sol, para uma criatura que passou sua vida imortal na escuridão, era uma sedutora tentação para alguém que se tornou nos últimos tempos descontente, inquieto e buscando algo superior e além dos limites de sua existência.

E assim, ironicamente olhava com grande expectativa a decadência do antigo terreno baldio. Pela primeira vez em muito tempo, enquanto sentia a fome de assaltar e reclamar, como Jack o Estripador, como o assassino tão bem se nomeou na maioria de suas cartas às autoridades, era diferente. Archer sentiu o mesmo nas docas no momento em que chegou a Londres, e confirmou sua suspeita na sala de provas da Scotland Yard. Poderia na realidade estar em um desafio? Jack poderia estar avançando para a Transição?

Passou tanto tempo. Esboçou um sorriso e, na sombra, deu um passo fora do suporte.

Agarrando-se aos tijolos, desceu à rua e se dirigiu pela estrada do norte ao longo de Houndsditch.

Como um pescador fantasma, lançou sua enorme rede mental, com a captura da maioria dos maus pensamentos. Palavras, emoções e outros restos nebulosos se aferraram como teias de aranha a sua mente. O desespero. A inveja. A cobiça. Subtraiu-lhes a importância, já que não pertenciam ao que procurava. Sua presa se destacaria por um vazio de consciência, e uma disposição ao mal que desafiaria a mais escura das loucuras.

— Procurando um pouco de companhia esta noite? — Uma mulher o chamou de um beco estreito.

Parecia nada mais que uma sombra estreita com um avental sujo. As gotas de chuva caíam a seu redor, soando nas poças que se acumularam na rua.

— Sou a garota certa para vocês, sim eu sou.

A solicitação não estava destinada a Archer, e sim aos três jovens que permaneciam ao longo da calçada na frente dele, com as costas retas como soldados, fazendo o melhor para parecerem como se pertencessem a essas ásperas ruas, eram jovens de verdade, de lares respeitáveis, estavam ali no distrito para desafiar um ao outro. Caminharam um pouco mais rápido.

À medida que ele se aproximava, suas fossas nasais se abriam. Uma quantidade excessiva de malícia poluía o ar.

Ele assumiu sua forma física normal e cruzou a rua até ela, tirando um par de óculos escuros de seu bolso. Rapidamente os pôs sob o nariz para cobrir o brilho residual de seus olhos.

Ao vê-lo, a mulher ficou rígida, obviamente perplexa pela forma que surgiu tão repentinamente na escuridão. Ao que parecia, ela acalmou sua confusão, porque um sorriso voltou para seus lábios. Ao longe um mau músico tocava uma melodia. Estavam justo ao lado da rua comercial, um lugar muito frequentado, inclusive nessa hora.

— E você, amigo? — Ela riu entre dentes com voz profunda, em uma ébria tentativa de sedução. — O que faz um cavalheiro bonito como você sozinho nesta noite?

— Boa noite, senhorita. — Archer tirou a cartola, parando diante dela.

— Sou Kate, e você deve ser o homem mais bonito que vi durante toda a noite. — Ela se inclinou para ele e levou a mão a seu ombro, cheirando como se tivesse tomado banho de gim. O movimento revelou algo na parede de tijolo atrás dela, um risco de giz pálido. Considerando as sombras, a marca não teria sido vista por nenhum olho humano. Entretanto, sua consciência ampliada detectou um desenho: N.

Era um pouco de grafite que formava o painel na parede com um zero à esquerda atrás de uma carruagem no meio da agitada multidão do dia?

Archer se esticou por cima de seu ombro. Ela estremeceu.

— Minhas desculpas. — disse ele.

Ele tentou o melhor para clarear seu nariz e inalar, entretanto, o aroma era distinto, o mesmo que experimentou na sala de provas, enquanto examinava as cartas.

O enxofre se mesclava com decomposição pútrida. Seu sangue vacilou claramente, uma indicação de que a alma que estava caçando poderia estar perto.

— Está bem, amigo. Estamos todos um pouco nervosos esta noite. — Ela sorriu amplamente, entretanto sua mão se estreitou em um gesto defensivo

contra sua garganta, afastando seu nervosismo. — Não podemos esquecer que há um louco rondando.

— Assim me disseram.

— Acredita que o pegarão antes que mate outra vez? — Seu olhar vagou para as sombras mais escuras na rua.

— Não tenho nenhuma dúvida. Acaso sabe quem deixou essa marca na parede, atrás de você?

Ela olhou por cima do ombro.

— Realmente achei que ele tivesse escrito algo.

— Quem?

— Outro cavalheiro, vestido elegantemente como você. Tirou algo do bolso, e arranhou a parede escrevendo, mas você tem olhos muito melhores do que os meus, inclusive com esses óculos escuros, se é que pode ler o que ele escreveu.

— Parece ser a letra N.

Ela encolheu de ombros.

— Tem sentido, suponho.

— Como é isso?

— N de Sr. Nemo. — Agitou uma flácida mão. — Esse é o nome que me disse. Como pode adivinhar, encontro-me com os Senhores Ninguém aqui na rua.

— Tinha visto alguma vez a este senhor antes?

— Se o vi, não me lembro. Cavalheiro estranho, mas de aparência suficientemente agradável. Disse-me que esperasse aqui por ele, que tinha que ir atender algum negócio, e que retornaria. — Bufou ironicamente, movendo-se novamente para Archer. — Promessa vazia, já ouvi tudo isso antes. Ele perdeu não foi amigo? O que acha de você e eu passarmos um tempo juntos? Em qualquer lugar que você quiser. Este beco atrás de mim é agradável e privado, e mais limpo que a maioria.

Archer a segurou pelos braços. Intensificado pelo contato, procurou em suas lembranças recentes. Havia sombras... o interior de uma cela de cárcere vista pelo ponto de vista da embriaguez... vários becos e transeuntes... e, por último, a menor imagem de frios olhos.

Deveria ficar ali com Kate, na sombra, e ficar à espreita na pequena possibilidade de que o sr. Nemo pudesse voltar a procura-la?

Não era uma casualidade. Se ficasse ali, poderia perder o rastro por completo. Seu objetivo era estar o suficientemente perto para pegá-lo.

Além disso, enquanto conjeturava o que disse Kate, a promessa do sr. Nemo de voltar era provavelmente vazia, da classe que um transeunte apressado poderia oferecer a uma agressiva comerciante vendendo sua mercadoria na frente de sua loja.

Ele a encostou contra a parede.

— Devo continuar.

— Ah, inferno, essa é a história da minha vida. — Ela franziu o cenho. — Volte, caso se sinta sozinho. Ficarei aqui um pouco mais.

Incorporando-se às sombras, Archer a deixou. Tinha avançado só uma quadra quando viu um O rabiscado em um pôster de publicidade. Correu sobre as pedras, percorrendo mentalmente todas as fendas e sombras.

Viu um T riscado contra um mural na parede do armazém.

Um S contra o lado de uma calha de madeira.

E um T no peito de um bêbado caído na porta, tão recente que os restos minúsculos de giz em pó ainda deslizavam mesmo sem o giz.

NOTST.

Era evidente que as letras ficaram como uma mensagem para alguém, para a polícia, Archer suspeitava, se os policiais fossem observadores suficientes para encontrá-las. Tal ousadia confirmava a arrogância do Estripador, uma arrogância que levaria Archer a um caminho direto a seu objetivo.

Seguiu adiante. O ar ficou pesado, e provou o sabor de metal em sua língua.

A fome deslizou através de suas veias, rapidamente consumindo-o, assim como a débil decepção de saber que sua busca poderia concluir com muita rapidez, quando esperava algo mais.

Uma falta de definição saiu da escuridão, jogando-o lateralmente a uma parede de tijolo. Sua concentração se destroçou, Archer tomou forma e deu meia volta para enfrentar a seu atacante.

Uma mulher magra estava rebolando ao longo da calçada. Sob seu braço levava um grande pôster que dizia: "*ARREPENDA-SE OU SERÁ CONDENADO*". Aparentemente, era uma das moças do Exército de Salvação que passava seus dias e noites nas esquinas de East End, pregando valentemente sua mensagem de salvação aos perdidos.

Archer saltou longe, aterrissando bem diante dela.

— Deus! — Ofegou ela, encostando-se na parede. — É um demônio diante de mim?

— Diga-me você. — Archer pegou o cartaz e o jogou girando à escuridão. Ela saiu disparada com a intenção de fugir, mas ele a agarrou pelos ombros de seu casaco de lã e a levantou do chão. Com um assobio, golpeou-a contra a parede.

— Por favor, não! — Soluçou com o rosto enrugado pelo medo. — Não fiz nada para merecer este tipo de violência!

Archer a golpeou contra a parede. E outra vez. Com cada golpe a fachada de feminilidade se rompia e desintegrava, até que de sua forma magra surgiu uma mais pesada, e um rosto familiar olhava para ele por cima de seus ombros largos.

Archer grunhiu:

— Seu disfarce necessita mais aperfeiçoamento, moço.

Ele soltou ao jovem Guarda das Sombras.

Marcas de botas surgiram potentes contra o pavimento. Ele amaldiçoou, com seus olhos azuis e furiosos, e se separou da parede. Tinha descartado seu fraque e gravata, e usava só uma camisa de linho branco, com suspensórios e calça.

— Esta é minha caça, meu velho. Volte de onde veio.

— Sua missão foi cancelada.

— Provavelmente devido a seu pedido.

— Sinto decepcioná-lo. Não traio meus companheiros.

— Nem eu mestre, independentemente do que escolheu acreditar.

Archer viu algo por cima do ombro, a marca de um O e de um P irregular se destacavam na escuridão da parede do fundo do armazém.

"*NÃO PARAREI.*"

Um aviso de que não tinha tempo para perder.

— Não vim comercializar prazeres. Devo completar uma Reclamação fracassada.

— Não fracassei. — grunhiu Marcus. — Embora saiba que eles desejem isso.

— O desafio contínuo do Estripador é uma afronta contra todos nós. Não só para você, Marcus, mas também para todos os Guardas das Sombras. E agora sua recusa em responder a convocação dos Primitivos o puseram em desgraça.

— Querem que eu abandone o caso no meio da caçada. Eu não vou desistir. — Marcus se inclinou, olho contra olho e nariz contra nariz com o imortal que foi seu mentor e campeão. — Só necessito um pouco mais de tempo.

Escondida na profundidade de sua afirmação dura, Archer escutou uma súplica fervente. Vacilou em sua ira. Uma vez, ele e Marcus foram amigos.

— Disse que necessita mais tempo? — Balançou a cabeça. — Tempo para desonrar a Guarda das Sombras ainda mais? Tempo de que ele volte a matar?

Os músculos no pescoço de Marcus se esticaram e ficaram visíveis, em resposta a sua mandíbula apertada.

— Passaram semanas desde sua última vítima. Foi-se à clandestinidade.

— Você é um Guarda das Sombras, Marcus. Persiga-o, arraste-o esperneando e gritando de qualquer buraco em que esteja escondido e o envie ao inferno. Rápida e eficientemente. Esse é seu trabalho.

— Este é diferente, Black. Diferente de tudo o que já experimentei.

Archer recordou como ele também no princípio acreditou na mesma coisa.

— Entretanto, está aqui. Agora. Muito perto.

Os olhos de Marcus se estreitaram.

— Impossível. Se o houvesse sentido, eu também o teria feito.

O agudo estridente de um apito rompeu o silêncio da noite.

— Assassino! — Interrompeu um grito longínquo. — Assassino!

Capítulo 5

A cabeça de Archer se virou. Uma onda de medo bateu contra ele, com a magnitude do que só podia ser gerado por uma multidão. Esquecendo-se de Marcus, desvaneceu-se nas sombras e correu para a fonte do pânico.

Inúmeros mortais, homens e mulheres, estavam em um estreito beco localizado entre dois edifícios altos. Portas de madeira alta se sacudiam contra as paredes enquanto a multidão avançava. Os gritos de: Polícia, Assassino, enchiam a noite com a miríade de idiomas da cidade. Archer não perdeu o M ostensivamente rabiscado no exterior da parede. Ele também entrou no beco.

No pequeno pátio, velas e lanternas balançavam. A escassa luz não revelou a presença de Archer em sua forma de sombra, ou a alta Amaranthine que o seguiu. Um vendedor de rua tentava controlar a agitação do cavalo amarrado a uma carroça de madeira, enquanto Archer passava. Deslizou através da multidão, obrigando-se a ir em direção ao epicentro do medo. Então a viu. A mulher estava próxima do seu lado esquerdo, com seu rosto indiferente evitando a multidão.

— Não se aproxime. — Archer grunhiu para Marcus, lançando um olhar de advertência sobre seu ombro, só para ver Selene deslizando entre a multidão para estar ao lado de seu irmão gêmeo.

Archer se agachou junto à vítima. Jazia em uma poça de água de chuva, um ramalhete de rosas vermelhas e avencas estavam colocadas cerimoniosamente no peito de sua jaqueta. Uma série de papéis de doces estava derramada sobre ela, e continuava segurando alguns doces em sua mão. O calor emanava de seu corpo débil, mas sua vida mortal tinha terminado e muito barbaramente.

Ele sabia que haveria mais um sinal, e viu a marca através da ensanguentada água da chuva, um M, e um pequeno E, despontava contra o paralelepípedo no topo do chapéu da vítima, tímido, como uma piscada.

"*NÃO ME PARARÃO.*"

As mãos de Archer se apertaram em punhos. A mensagem era clara. Não pode ou não me deterá.

Estava brincando com a polícia, como antes tinha acreditado, ou poderia haver outra possibilidade?

A inquietação percorreu suas veias. Poderia o Estripador escapar do Guarda das Sombras que o caçava?

— Afastem-se. Afastem-se. — ordenou uma voz, imperiosa, mas destacada pelo medo.

O feixe da lanterna da polícia atravessou Archer.

Ele ficou de pé, com todos os seus músculos estimulados com a caça. Estaria o Estripador ali, inclusive agora, observando?

Seu rastro estava em todos os lugares, em toda parte, tão grosso que enchia as fossas nasais e a garganta de Archer.

Ele examinou a multidão, alma por alma, abrindo sua mente a qualquer evidência de alterações deterioradas. Sentiu apenas medo.

Às vezes se odiava pelo homem frio que se tornou. O assassinato era comum entre a população mortal. Devido a sua exposição recorrente a esses delitos, sentiu mais pesar por haver falhado como Guarda das Sombras que pela mulher morta a seus pés.

Esteve tão condenadamente perto. Uma carruagem parou próxima da porta e oficiais desceram começando a trabalhar imediatamente para dispersar a multidão. Archer se afastou dirigindo-se para a rua.

A voz de Marcus o desafiou pelas costas.

— Não serei responsável por esta morte. Se não fosse por sua interferência...

Archer parou e se virou, afundando o salto de sua bota no chão. A chuva começou a tamborilar ao redor deles em forma de gotas grandes, ajustadas.

— Por minha interferência? — Ferveu. — Quantas vezes tenho que dizer antes que aceite a verdade? Frustrou esta Recuperação e lhe darão baixa por isso.

— Ele se aproxima de um estado de Transição. Não pode negar.

— Graças a você. Deixou as coisas irem muito longe, ao mesmo tempo em que assistia a suas execuções e suas fugas. Enquanto jogava e se prostituía.

Marcus sussurrou com seus olhos vacilantes azuis e sombrios.

— Como se não tivesse usufruído seu próprio pedacinho de distração esta noite.

Archer lutou para conter a fúria perigosa ardendo por suas veias. Empregou muito trabalho para ter certeza de que seus companheiros imortais não descobrissem a existência da Elena. Entretanto, algo que o enfurecia mais era que estava de acordo com a acusação de Marcus. Nunca deveria ter ido a esse baile hoje. Cometeu um engano ao aprofundar sua relação com Elena.

Isso não alterava o tema em questão.

— Eu lhe disse que não estava preparado para uma Recuperação dessa complexidade. Ainda não.

— Estou mais que preparado. — respondeu Marcus com ferocidade. — E vou demonstrar minhas habilidades a todo mundo, quando me derem a oportunidade.

Mais espectadores atraídos pelo clamor contínuo e o alarme estridente de apitos da polícia, passaram correndo, ignorando os imortais poderosos que se enfrentavam no centro da rua.

Selene os circulou, como uma admiradora das sombras. Movendo-se perto, apertou uma mão possessiva em um ombro de cada Recuperador.

Ela riu baixo em sua garganta.

— Muito agradável estarmos todos juntos de novo.

Archer se encolheu sob sua mão desajeitada.

— Não seremos uma espécie de equipe.

Os Guardas das Sombras eram notoriamente mercenários, conhecidos por sua crueldade e natureza solitária. Raramente cooperavam em alguma coisa. De fato, geralmente saíam do caminho para evitarem cruzar com outros. Entretanto, quando o portal para o mundo mortal se deteriorou e saiu de controle, os Primitivos recrutaram imortais adicionais nas fileiras dos Guardas das Sombras. Archer encontrou-se com a embaraçosa e não desejada tarefa de uma tutoria, pelo menos no princípio. Tinha chegado a acreditar que Marcus e Selene realizariam promessas sem igual. Confiou neles, como não tinha confiado em ninguém antes.

— Não esqueci Paris.

Mark grunhiu:

— Foi apenas uma experiência, uma experiência obrigatória.

— Uma que falhou.

— Miseravelmente.

Archer inclinou a cabeça para seu adversário, sorrindo friamente.

— Ao menos estamos de acordo em alguma coisa.

Selene negou, com seu cabelo brilhando como ágata.

— Estamos bem juntos. Mais que bem.

Archer nivelou um olhar frio sobre ela.

— Dei instruções claras para você permanecer na mansão.

Marcus encolheu os ombros.

— Ela não recebe ordens suas. Já não mais.

— Eu posso me defender, irmão. — replicou Selene.

— Ah... tudo está voltando-se sobre mim agora. — refletiu Archer, com um sorriso torcido nos lábios. — Fomos muito bons juntos. Por desgraça, tive o suficiente de recordações do passado para uma noite. Selene, concentrará seus esforços em sua própria tarefa. A proximidade não nos faz sócios. Mantenha-se em seus assuntos. Marcus, considere-se dispensado de sua posição. Se a ordem o desagrada, faça uma petição aos Primitivos, já que a decisão de dispensa-lo vem do mundo interior. Em outras palavras: Fique fora do meu caminho. Não há nenhuma razão pela qual eu deva me deparar com qualquer dos dois em East End novamente.

Girou sobre seus pés e foi reunir-se com as sombras.

— Não vá. — Marcus o perseguiu. — Não terminamos ainda.

Com impaciência, Archer agitou a palma de sua mão e criou um muro centralizando sua ira e em última instância o enviou a Marcus que foi ao chão.

— Archer, não! — Selene caiu de joelhos junto ao forte Guarda das Sombras que jazia quase paralisado, sem fôlego.

Enquanto Archer chegava à esquina escutou o ofegar de Marcus.

— Maldição. Eu gostaria de saber como ele faz isso.

Archer rapidamente se distanciou dos gêmeos imortais. Sua mente reproduzia recorrentemente a imagem de uma prostituta bêbada com uma saia com desenhos de margaridas de San Miguel.

"*NÃO PARAREI.*"

Disse-me que esperasse aqui por ele, que tinha que ir atender algum negócio, e que estaria de volta.

"*NÃO PARAREI.*"

Seus sapatos batiam no pavimento com um ritmo rápido, no caminho inverso a seus passos anteriores. Em pouco tempo chegou ao lugar onde havia encontrado Kate, mas o beco estava deserto. Talvez com a volta da chuva, tivesse procurado refúgio para a noite.

Um policial apareceu na escuridão, com sua lanterna na mão. Caminhou rapidamente, percorrendo as sombras com os batimentos cardíacos a ponto provavelmente de pular de seu uniforme.

Archer o seguiu alguns passos atrás em silêncio, seu instinto o levava na mesma direção. Altos muros se alinhavam no meio-fio a ambos os lados da Igreja Passage.

Uma linha pálida cortava a parede da direita, no meio do muro, como se alguém estivesse passando um giz enquanto caminhava.

Um fedor familiar se levantou seu redor, já se extinguindo...

Maldição. Maldição.

No final do muro havia uma pequena praça escura e abandonada, com casas abandonadas e um armazém com uma placa com grandes letras brancas anunciando que pertencia a Kearley & Tonge. Totalmente desabitado, a não ser pelas sombras da noite e o aroma de sangre fresco.

Um momento depois, o feixe da lanterna do policial percorreu o corpo de Kate, deixando evidente ao oficial o que Archer já tinha visto. Seus passos frenéticos ecoaram em toda a praça, e a porta do armazém se abriu.

— Pelo amor de Deus, homem. — gritou o policial a um vigilante noturno assustado, dormitando dentro do armazém. — Venha me ajudar. Outra mulher foi destroçada.

Um transporte negro de aluguel ecoava através das escuras ruas de Mayfair. A noite ainda reivindicava a terra, mas a manhã não demoraria em chegar. Já as carruagens particulares se negavam a rodar de uma grande casa à outra, removendo a insuportável realidade da sujeira antes que seus privilegiados habitantes despertassem em suas camas confortáveis.

Archer permaneceu rígido contra as almofadas de veludo. A notícia se espalhou rapidamente através dos barracos. Mais duas vítimas mutiladas. Um louco que continuava em liberdade. Apesar de conseguir encontrar evidência do rastro do Estripador entrecruzando as ruas e becos do bairro, com a intensidade do medo e do pânico se apoderando da área, nublando o ar, tornava-se impossível detectar a qualquer cheiro específico. Ele percorreu East End até o esgotamento de seu pensamento e a debilidade de seu poder. Embora já não estivesse totalmente transformado, estava preso em certo ponto de tortura, como uma enfermidade que o acometia por ter estado tão perto de seu objetivo, só para falhar em sua Recuperação.

O que necessitava agora era a solidão, e tempo para retornar a seu estado natural.

Archer se aproximou das portas abertas da Casa Black. Dois grandes candelabros de ferro feitos à mão séculos antes pelos artesãos tibetanos iluminavam a entrada, com o marrom dos olhos dos dragões piscando a cada lado da porta, enquanto o resto da mansão dormia na escuridão. O transporte parou.

Com mãos trêmulas, tirou os óculos escuros do bolso de seu casaco, e os empurrou no rosto. A porta foi aberta, lançando um feixe de luz vacilante das lanternas através de seus sapatos. Ouviu um rangido de metal, e as escadas foram abaixadas.

Passou-se um longo tempo.

— Meu senhor, necessita ajuda? — Perguntou o jovem lacaio do exterior, sem atrever-se a invadir a privacidade de sua senhoria.

— Não. — grunhiu Archer.

Ele puxou a aba de seu chapéu para baixo sobre sua testa e levantou a gola de seu casaco alto. Foi preciso empregar toda sua disciplina com o lacaio de libré e os dois porteiros de olhos sonolentos, sem arremeter contra eles em um absurdo ataque de raiva.

Raiva contra Jack por ter escapado, mas sobre tudo, raiva por seu próprio fracasso. Tinha desejado um desafio, não uma derrota sangrenta. Obrigou-se a atravessar a extensão iluminada, de mármore negro como a noite, e subiu as escadas.

Deus o amaldiçoara, sua mente ainda permanecia irracionalmente procurando algum vestígio de sua presa, inclusive ali, em seu santuário. Fez uma pausa na metade das escadas e pressionou um punho no centro de sua cabeça baixa.

Entretanto, tudo o que podia sentir era ela.

Elena. Sua mente chegou até ela, olhando e procurando, como mil videiras pretas vorazes no desejo de sua Reclamação e sentindo-a perto até que se converteu em parte dele. Passou as mãos pelos cabelos. Sua cartola rolou pelas escadas atrás dele.

Uma advertência soou em sua mente, que lhe disse que ainda estava caçando, e que sua mente não tinha a capacidade de distinguir uma presa da outra. Se tão somente pudesse chegar a seu quarto e trancar-se até que os efeitos passassem...

No patamar do terceiro andar, agarrou-se ao corrimão, cego pela confusão. Onde inferno ficava seu quarto? Onde demônio estava Leeson quando o necessitava?

Tudo a seu redor, o tapete e as escadas eram familiares, entretanto, completamente desconhecidos, como se cada detalhe tivesse sido reorganizado por duendes travessos. Em cima, a claraboia olhava para baixo como um negro olho de ciclope, condenando sua desorientação. Ele tirou os óculos de seu rosto. As bordas, geralmente frias e suaves em sua pele, queimavam-lhe além do suportável. O vidro rangia enquanto com mãos tremulas metia-os no bolso.

Visões da moça que o olhou com total confiança poucas horas antes o torturavam. Seu corpo exigia e gritava, como o tinha feito naquela noite faz dois anos no terraço, ela faria com que a confusão e a dor desaparecessem.

Quando caçava, perdia a sensação e a emoção... Passava o tempo rompendo fragmentos de sentimentos e de luz...

Ninguém precisa dizer onde ficava a cama da Elena. Inclusive nessa distância, podia cheirá-la.

Podia ouvir os batimentos de seu coração e sentir o calor sensual de seu fôlego contra a pele.

A cena diante dele mudou.

Seu quarto estava cheio de sombras.

Ela dormia no assento da janela, apoiada sobre travesseiros macios, com o aspecto de uma beleza medieval amaldiçoada com mil anos de sono. Seu olhar voraz se moveu sobre sua pálida e exuberante pele, sobre seu cabelo solto. Antes, ela vestia camadas de lã, roupas de seda e linho, e mesmo assim, estando em seu são julgamento e em completo controle, não foi capaz de manter suas mãos longe dela. Agora levava só roupa de estilo camponês.

Quaisquer que fossem as curiosidades que tinha sobre a autenticidade da forma e as curvas de seu corpo foram respondidas pela natureza do delicado vestuário. A blusa de cambraia estava recolhida sobre seu peito alto e redondo, com uma fita de cor verde pálido amarrada debaixo. Com interesse, notou uma faixa escura ao redor de seu pulso, uma tatuagem em forma de serpente retorcendo-se.

A marca que ocultou essa noite sob a manga larga de sua luva, e só serviu para inflamá-lo mais profundamente, já que acrescentava um ponto proibido à dimensão sensual de sua inocência.

Seu corpo se esticou. Excitado. Desejava-a.

Maldição, desejava-a como um viciado em ópio delirante.

Seus dentes se apertaram em um grunhido. Seu olhar se deslocou para seu rosto. Pediu para que seus olhos se abrissem, e que o olhasse com horror, e lhe pedisse para ir embora e nunca mais voltasse a lhe causar dano. Mas ela continuava dormindo, inconsciente da besta em sua presença.

Naquela noite, em Spitalfields, ele tentou salvá-la, mas uma vez que entrou em uma espiral fora de seu controle, tinha-a deixado cair. Obrigou-se a permanecer, dizendo a si mesmo que sua morte estava além de sua autoridade, que estava destinada a acontecer.

Os Recuperadores Caçadores, não intervinham para salvar a vida efêmera dos mortais, sem importar quão injusto sejam as circunstâncias. Era um

assassino, não um salvador, e exigia de seus protegidos que fossem muito simplórios a respeito de seu papel dentro da Guarda. Nunca encontrou a mínima tentação de desviar-se de seu objetivo destinado desde antes.

Entretanto, depois de ter descido do teto, cometeu o erro de ficar na calçada ao seu lado e pegá-la nos braços, olhado para baixo em seus belos olhos. Nos braços da besta que a havia assassinado, ela o olhou nos olhos e ele ficou sem fôlego. Ela não tinha morrido. Estava suspensa no local de tortura, desesperada entre a vida e a morte, e o gelo ao redor de seu coração imortal e frio se fez em pedaços.

Assim como não pôde deixar de tocá-la naquela ocasião, não conseguia deter a si mesmo agora.

Brandamente, levantou-a de seu assento. Sua cabeça se pendurou em seu ombro, e suspirou.

Ele aspirou seu fôlego, saboreando sua essência de vida. Sua pele era fresca onde esteve exposta ao ar da noite, mas cálida e aveludada debaixo da manta que lhe cobria as pernas.

Tinha dado um passo quando um livro bateu em cima da larga cauda da manta. Ele parou, certo de que despertaria e gritaria, vendo seus olhos e sua pele nada natural. E, em efeito, seus olhos se abriram.

— Mas não posso dançar. — murmurou.

Ela o via? Veria o brilho de seus olhos e a fome nua em seu rosto?

— Sim, sim pode. — sussurrou ele, paralisado pelo olhar de suas pesadas pálpebras. Deus, não desejava nada mais que sustentá-la com mais força, pressionar sua boca contra a dela. Ela suspirou e fechou os olhos. Ele esteve a ponto de gemer de alívio. Alguns passos mais e a colocou na cama.

Debilitado por seu fracasso e esgotamento, ficou de joelhos a seu lado. Um pequeno fragmento de sua consciência sobreviveu advertindo que havia cruzado uma linha proibida, mas seu desejo cresceu também fora de controle. Passou tanto tempo desde que esteve perto de alguém. O suficientemente perto para sentir o batimento de seu coração. Pouco a pouco, desceu a bochecha contra o suave movimento de seu peito. Como se de algum jeito soubesse instintivamente, que pouco a pouco, a dor e a confusão diminuiriam.

Ele perdeu todo pensamento consciente. De modo egoísta, sem pensar em nada, estendeu-se sobre ela, cobrindo-a com sua sombra.

— Archer…

Sussurrou seu nome? Embriagado com sua pele, com seu cabelo e seu aroma, moveu-se ao redor dela, abraçando-a em seu calor, mais homem agora que sombra. Pouco a pouco, sua mente voltou a focalizar. Ela se moveu inquieta encostando mais nele, entrelaçando suas mãos em seu cabelo.

— Sim. — sussurrou ele, movendo suas pernas, suas coxas, convidando-a a se aproximar mais. — Elena.

Acariciou lhe a mandíbula com seus lábios, procurando. Ele apertou sua boca contra a dela com audácia para explorar o interior com sua língua. Sua mão se moveu para seu seio. Ela suspirou de novo, gemendo brandamente.

De repente ela ficou imóvel e, com um grito e seus punhos se soltou de seus braços e ele voltou rapidamente para sua forma de sombra.

— Archer. — ofegou ela, sentando-se na cama.

Ele se retirou a um canto do quarto, com o pulso disparado. O cabelo de Elena caía desordenadamente sobre seus ombros, e ela se apoderou do lençol subindo até a altura do peito. Seus impressionantes olhos coloridos muito

abertos e plenamente conscientes olhavam com muita atenção o lugar onde ele estava. Ela o via?

Cautelosamente tocou os lábios inchados. Depois de um longo tempo, ela gemeu brandamente e passou as duas mãos por seu cabelo. Desceu até os cotovelos, e logo desabou sobre os travesseiros.

Inclusive agora, ele queria ir até ela. Lutou contra seus impulsos primitivos, tão vis e rampantes que desprezou a si mesmo por senti-los. Ela era tudo o que ele desejava, o belo, o inocente, o bom, portanto, tudo o que nunca poderia ter.

Com um rugido de fúria silenciosa, ele girou sobre si mesmo e escapou pela fresta estreita debaixo da porta.

Três horas mais tarde, Archer meditava junto à janela de seu quarto, com seu humor tão negro como um canto fúnebre. Na noite anterior fracassou, devastadoramente em todos os níveis. Isto depois de séculos de perfeição.

No jardim, os pássaros voavam nas árvores de galho em galho. Nuvens escuras atravessavam pesadamente o céu. O som de passos rangendo se ouvia em diversos lugares da mansão, enquanto os empregados corriam daqui para lá para completar suas tarefas do período da manhã. A terra continuava girando. A vida seguia seu caminho.

Não a dele.

— Quem vai me segurar agora? Você não, Recuperador.

Uma provocação criada por sua própria consciência torturada, mas nesse momento realmente não importava.

Cada fragmento de seu ser, até sua medula imortal, exigia vingança.

Archer fechou as cortinas mergulhando o quarto na escuridão.

Ao contrário da noite anterior, sua mente estava clara como cristal, tendo voltado à perfeição, à fria sanidade. Negava-se a atribuir o retorno de sua lucidez ao seu contato com Elena e ao que tinha acontecido em seu quarto depois que ele satisfez sua impressionante liberação na intimidade escura de seu quarto, fechando os olhos ante a realidade de sua mão e empenhando-se em fantasiar com ela.

Elena. Maldição, não podia acreditar que foi até seu quarto. Esfregou a testa, tentando expulsar sua lembrança sensual. Ela demonstrou nada mais que admiração e confiança, e ele a traiu.

Olhou para o pergaminho dobrado sobre a mesa e o selo negro triangular que foi aberto tão somente uma hora antes. Não podia esperar mais para responder a notificação.

Um fogo crepitava no centro da enorme lareira, que estava rodeada por antigos ladrilhos de terracota pintados com flores de lótus em vermelho e negro. Girou a cadeira da mesa, a moveu para o mais perto possível do calor punitivo quanto seria possível sem incendiar o estofamento. Sentando-se, olhou as chamas de cor laranja e vermelho, e imaginou queimando-se ali como penitência por tudo o que fez e não fez ao longo de sua existência. Fechou os olhos limpou todo pensamento de sua mente.

Logo as chamas assumiram uma cor arroxeada, e um zumbido baixo se estendeu através da sala. Uma voz surgiu e três tons distintos se entrelaçaram em um único. O calor converteu-se em frio como a geada, e a menor imagem de um rosto tomou forma nas chamas.

— Duas atrocidades mais... — A voz não era insultante, mas sim se limitava a afirmar um fato.

Entretanto, as mãos de Archer se dobraram nos braços grossos de madeira, como se fosse um menino chamado ao escritório do professor para uma reprimenda.

— A alma escapou. Não voltará a acontecer. – disse Archer.

O rosto era desfocado, flutuando entre as facções dos três Primitivos que governavam o reino interno e dos Guardas das Sombras que protegiam as frágeis fronteiras desse domínio imortal.

— A alma marcada se aproxima da Transição?

Só as almas completamente transcendidas tinham a capacidade de cruzar o mundo dos mortais ao Reino interno e causar a destruição e o assassinato de seus habitantes imortais. O Guarda das Sombras impedia tais incursões. Até a noite anterior, Archer raramente encontrou uma alma progredindo para a Transição para ser considerada uma ameaça para suas habilidades como Recuperador.

— Seu rastro é distinto, mas nem sempre claramente visível devido à alta densidade populacional e a agitação da cidade. Havendo chegado ontem, eu gostaria de ter mais tempo para decidir o verdadeiro nível de sua deterioração.

— Que não haja nenhuma possibilidade de que cruze o portal.

O cenho de Archer se elevou.

— Minha honra não o permitiria.

Archer ficou olhando para as chamas. Nunca recebeu nenhum tipo de reprimenda, sem importar quão pequena fosse dos Primitivos, e as palavras o sufocavam.

— Antigo... — Já a voz se debilitava. Logo, o portal se fecharia.

— Sim?

— A garota.

Essas duas palavras revelavam tudo. Apesar de seus esforços por manter sua indiscrição em privado, os primitivos conheciam Elena. Como? Marcus?

Os Primitivos não permitiriam que seu guerreiro mais poderoso fosse desviado de seu eterno propósito. Não atuavam com malícia, mas com a precisão sem emoção necessária aos governantes de um mundo ameaçado. Se acreditassem que Elena era algum obstáculo para ele, poderiam optar em pôr fim a sua existência.

— Ela não é uma distração.

— Assegure-se de que seja assim.

Capítulo 6

As chamas púrpuras subiam altas e retornavam a sua cor laranja. O calor uma vez mais lhe queimou a pele. Archer empurrou a cadeira para trás se distanciando do fogo e passou a mão sobre a testa.

As coisas mais importantes primeiro. Não seria capaz de concentrar toda a sua atenção na crise em sua mão até que se ocupasse de Elena. Maldição, ele se recusava prejudicá-la.

Deveria ter sido um bastardo desde o começo. Quanto antes essa farsa de tutela chegasse ao fim, melhor seria para todos os envolvidos. Cruzando o tapete, abriu a porta. Dirigiu-se à sala para colocar em movimento sua missão infeliz.

Nesse momento, as portas da entrada se abriram e Selene entrou, liberando um de seus sorrisos devastadores sobre o lacaio. O jovem a olhou, estupefato com sua saudação até que viu seu patrão com o cenho franzido. Com um movimento rápido de cabeça, aceitou rapidamente o manto que ela entregava e desapareceu em outro cômodo.

— Por que voltou para a Casa Black?

— Por que mais? — Respondeu ela secamente, estreitando seus olhos. — Para espioná-lo. Além disso, sei que meu irmão prefere um alojamento comum. Quero um banho quente. Cheiro à morte. Acabo de passar as duas últimas horas examinando um braço.

— Um braço?

— Parece que o meu assassino do Tâmisa se encontra em um estado de ânimo para desmembrar de novo.

Com esse pronunciamento, ela agarrou o corrimão e, em uma nuvem escura de saias, subiu as escadas.

Nesse momento o senhor Jarvis saiu por uma porta sob a escada. Em suas mãos levava dois abajures pequenos de mesa, que voltou a encher presumivelmente com óleo.

— Sr. Jarvis.

— Sim, sua senhoria.

— Por favor, diga à senhora Hazelgreaves que quero falar com ela em meu gabinete assim que estiver disponível.

— Agora mesmo.

Voltando para seu gabinete, pegou a pasta de couro de Leeson, e depois de alguns momentos de busca, espalhou em sua mesa várias novelas velhas.

*****

— Srta. Whitney?

— Oh. — Porcelana contra porcelana ecoou, com a xícara de chá de Elena caindo contra o prato.

Ela imediatamente levantou a xícara de novo para ver se tinha quebrado. No processo derramou café, sobre a imaculada toalha branca.

Estava sentada na enorme sala de jantar. Estátuas de tamanho natural de deuses e deusas gregas, só Deus sabia qual era qual. Estavam em um pedestal de Corinto, que marcava uma divisão na ampla extensão de janelas. Talheres de prata estavam em uma mesa de mogno, e o aroma das salsichas e arenques pairava ao seu redor. Normalmente tomava o café da manhã com a Sra. Hazelgreaves, mas a velha senhora ainda não tinha chegado. Esperava que não

estivesse indisposta devido aos “escandalosos” acontecimentos da ontem à noite. A senhora Hazelgreaves era capaz e guardar um desagradável rancor.

— Minhas desculpas, não quis assusta-la. — disse Jarvis da porta em arco.

— É completamente minha culpa. — ela limpou a toalha com um guardanapo. — Estava tão concentrada nos jornais matutinos.

Os jornais eram um de seus vícios. Cada manhã se derramava sobre uma pilha deles: o Time, a Gazette Pall Mall, O Lloyd e o Reynolds. Por ter dormido no hospital na quinta-feira e na sexta-feira, acumulou alguns sem ler. Não gostava de ler fora de ordem, por isso os jornais dessa manhã de domingo foram colocados na parte inferior da pilha.

Mas era como se nem sequer os tivesse olhado, não com o sonho fragmentado da noite anterior com o Senhor Black estando tão vivo em sua mente. Só a lembrança fazia com que o calor se acumulasse em suas bochechas.

Não tinha visto sua senhoria essa manhã e esperava poder conseguir controlar seus nervos antes.

— O Senhor Black pede que vá a seu gabinete.

Seu dedo enganchou na asa da xícara. O café derramou sobre a mesa, com o enegrecimento dos cantos dos variados jornais antes que pudesse tirá-los.

— Oh, maldição! — Exclamou ela, levantando-se de um salto.

Jarvis se adiantou, desviando o olhar, mas estando completamente em choque.

— Não amaldiçoe. Aqui não. — Ela se repreendeu ao prender sua respiração por seu desafortunado costume adquirido no hospital. — Sinto muito, senhor.

— Não pense mais nisso, senhorita. Eu me ocuparei das coisas aqui. — Ele moveu a mão para uma criada, uma que Elena não conhecia que veio da cozinha, sustentando uma panela fresca de chá para o aparador. Parecia que com a chegada de sua senhoria, o pessoal da casa se multiplicou durante a noite.

— Obrigada, senhor Jarvis. — Elena apertou os jornais contra seu peito e se apressou em sair da sala. Uma vez fora do olhar do mordomo, apoiou-se contra a parede e tomou uma respiração estabilizando-se. Mentalmente se reprovou.

O Senhor Black era seu tutor, e havia questões que era necessário atender, incluindo as respostas que devia receber a algumas perguntas muito importantes sobre seu passado.

Obviamente, o baile da noite anterior e o pouco tempo que ficaram juntos mais tarde, tinha inspirado sua mente com uma espécie de obsessão inconsciente, provocada por um sonho com o homem que provavelmente nem sequer existia.

Quem poderia culpar seu subconsciente na realidade? Fisicamente, o Senhor Black era simplesmente sem igual.

Mas a luz do dia trouxe a crua realidade de sua relação jurídica a foco, assim como os assuntos que havia entre eles. Não havia justificativa para o rubor voraz subindo até seu pescoço e seus nervos como ponto de inflamação.

À exceção desse formoso sonho.

Apertou uma mão contra seus rebeldes lábios sorridentes. Para falar a verdade, não queria esquecer as imagens, imaginado seu toque ou seu beijo. Nunca.

Mas os sonhos eram sonhos, e a realidade era a realidade, e ela era, em todo caso, uma realista.

Em poucos dias, o Senhor Black sem dúvida sairia da Inglaterra e retornaria às suas viagens com a condessa, que era muito provavelmente sua amante, e Elena se encontraria na mesma posição anterior, como uma moça sem

lembranças, fazendo seu melhor esforço para forjar uma trajetória significativa na vida. Era melhor terminar com isso rapidamente. Tinha uma confissão a fazer, e agora era provável que fosse o momento mais oportuno para compartilhá-la.

Correu pelo vestíbulo, organizando os jornais em uma pilha e depositando-os em uma mesa laqueada próxima ao gabinete.

Na porta fechada, passou as mãos na cabeça. Não podia negar que se vestiu com cuidado essa manhã. Escolheu um rico vestido de tons ameixa, acreditando que a cor e a confecção cuidadosa da blusa realçavam sua figura, e que acentuava sua esbelta cintura e tirava o máximo partido de seu busto de tamanho médio. Em vez de girar seu cabelo em seu coque de costume, tinha deixado solto, e permitiu que Mary Alice modelasse com cuidado seus cachos com pinças quentes. Carregando um sorriso estúpido em um espelho dourado perto, sentiu-se como sempre tão agradecida de que ainda tivesse todos os dentes.

Bateu de leve no centro da porta.

— Adiante, por favor. — disse uma voz masculina.

Sua voz. Imediatamente recordou a sensação de sua mandíbula roçando a dela, e a forma como murmurou seu nome na escuridão da galeria na noite anterior. Suas pernas ficaram fracas com a consistência de geleia. Entretanto, deu um passo valente e abriu a porta fechando-a trás de si.

— Bom dia, sua senhoria.

Ele estava sentado atrás da mesa, sem dúvida magnífico. Seu cabelo penteado para trás mostrava seu formoso rosto, e descia solto. Usava uma camisa branca e uma perfeita gravata de seda negra.

Mas sua expressão... meu Deus, sua expressão...

— Bom dia. — respondeu ele em voz baixa.

O homem sensual da noite anterior não já existia. Seu olhar se moveu sobre ela em uma avaliação desapaixonada, e seus lábios, bem, pareciam como se nunca houvesse sentido a calidez de um sorriso.

Para sua surpresa, a senhora Hazelgreaves estava sentada diante de sua mesa em uma cadeira de respaldo alto, vendo-se decididamente imperiosa.

— Bom dia, querida.

— Bom dia, senhora Hazelgreaves.

Obviamente, a senhora Hazelgreaves passou algum tempo com o Senhor Black nessa manhã. Ela poderia imaginar o que tinham discutido. Uma sensação de sufoco se apoderou dela.

— Seu vestido, querida.

Elena olhou para baixo. Só então percebeu as manchas escuras manchando sua saia, o café que se derramou antes. De repente se sentiu completamente torpe e descuidada.

— Temo que derramei café justo agora, na sala de jantar, mas não desejava manter esperando a sua senhoria.

Os lábios da senhora Hazelgreaves desenharam uma careta bem condensada. Só tinha que esperar até que o senhor Jarvis a informasse de seu deslize com sua desafortunada língua ao falar maldições. E ele o faria. Sem importar que gostasse do homem, ele era um deles, dos que por meses costumava chamar com tristeza em sua mente como —Sociedade de Vigilância das boas maneiras da Srta. Whitney— da qual a senhora Hazelgreaves era o comandante, e o senhor Jarvis seu fiel tenente, junto com outros soldados fofoqueiros e variados ao longo da casa, excluindo a Mary Alice.

— Por favor, sente-se. — Instruiu-a o Senhor Black com a ponta dos dedos elegantes.

Ela se sentou na cadeira junto à senhora Hazelgreaves.

O Senhor Black se acomodou em seu assento.

— Como sabe, enquanto mantenho minha residência principal em Londres, meus interesses de demanda seguem estando quase exclusivamente no estrangeiro.

— Sim, meu senhor. — Fossem quais fossem esses interesses. Ninguém explicou nada e ela não iria perguntar com seu humor dessa maneira.

— Não ficarei em Londres por muito tempo, — continuou rapidamente. — Portanto, algumas questões devem ser abordadas e resolvidas prontamente.

Ela assentiu.

— É claro.

— Um desses temas é a questão de seu futuro.

Elena soltou um débil sorriso e afastou um pouco o laço em seu pescoço que arranhava sua pele.

— Estou de acordo.

Olhou entre seu guardião e sua acompanhante. A expressão severa no rosto da senhora Hazelgreaves não augurava nada bom para a discussão iminente.

— A senhora Hazelgreaves me disse que não teve uma apresentação adequada.

Elena piscou. Pensou que estava além de tudo isso, havia procedido de forma estável antes da temporada em Londres com uma participação mínima.

— Fui apresentada a sua Alteza Real o Príncipe Alberto Eduardo e à Princesa Alexandra em junho.

— Entretanto, negou-se a ter um baile de estreia, como é habitual com todas as senhoritas de sua temporada.

Elena pigarreou incômoda e olhou para a senhora Hazelgreaves, que lhe ofereceu nada mais que um olhar raso.

— É verdade.

— Posso perguntar por quê?

Por que dançava ao redor da verdade? Sempre sentiu orgulho de sua franqueza.

— Porque não quis.

—Entretanto, dei instruções à senhora Hazelgreaves para ajudar na preparação de tal evento. Agora que voltei para Londres, acredito que é apropriado que lhe apresente a todos da sociedade como minha protegida.

Elena piscou rapidamente, tentando entender o sentido do que acabou de ouvir. Seus dedos se curvaram ao redor dos braços estofados da cadeira.

— Um baile de apresentação? Para mim? É primeiro de outubro. Seria contra todos os protocolos anunciar uma coisa tão fora de temporada.

Seu olhar se estreitou.

— As pessoas tão ricas e influentes como eu, srta. Whitney, são quem estabelecem o protocolo, e os outros se apressam em seguir o exemplo.

Ela respondeu.

— É claro, meu senhor.

— Agrada-me que esteja de acordo.

Sua atitude fria irritou Elena. Obviamente, estava tentando intimidá-la para que fizesse o que ele queria, que, depois do acordo agradável da noite anterior simplesmente não parecia certo. Não pôde deixar de sentir o aguilhão da traição.

Ela se endireitou na cadeira e levantou o queixo.

— Posso lhe perguntar, senhor, por que é tão imperativo que me apresente nesse evento?

— Como atrairá uma proposta de matrimônio?

— Matrimônio? — A palavra caiu como um chute no centro de seu apertado espartilho com nervuras.

— Sim, senhorita Whitney. Matrimônio. — Enunciou a palavra com cuidado, como se fosse explicar um conceito comum a uma caipira provincial, com ela, é obvio, sendo a caipira. — O matrimônio é o que as jovens de sua idade e boa fortuna buscam.

Elena empalideceu e permaneceu em silêncio. Sim, todas as outras solteiras debutantes que foram apresentadas nos últimos meses, tinham as bochechas rosadas e enjoavam ante a menção de um compromisso com um estimado nobre ou um rico financista. Seus pensamentos se centralizavam em enxovais, na igreja de São Jorge e nos presentes de bodas.

Elena não desejava isso. Simplesmente tinha outros planos. Distintos, planos bem pensados. Deveria revelar suas aspirações de estudar medicina a sua senhoria agora? Seu estômago revirou. Tinha a esperança de atenuar sua confissão no decorrer de uma confortável conversa amigável. Na noite anterior ele pareceu tão diferente, como alguém que com quem poderia conversar sobre qualquer coisa. Algo mudou. Nessa manhã, ele irradiava fria tirania, e seu rosto parecia esculpido em pedra.

Em seu silêncio, ele a desafiou:

— Tem algo contra a instituição do matrimônio, senhorita Whitney?

— Não, é obvio que não. — Respondeu um pouco mais forte.

O matrimônio era perfeito para algumas pessoas. Pessoas que queriam se casar. Mas ela sofreu com a perda da memória. Como poderia pensar em dedicar-se a outra pessoa quando realmente não sabia ainda quem era? Por outro lado estava claro como cristal seu desejo de servir à comunidade carente de Londres através da medicina.

— Então, está resolvido. Ficará totalmente a disposição da senhora Hazelgreaves, e todos os acertos necessários serão feitos com a finalidade de...

Elena suspirou abatida. As coisas estavam indo muito longe. Tinha que dizer algo, e dizê-lo agora.

— Sua Senhoria. — tentou interromper. — Se me permite...

— Uma data dentro das próximas duas semanas.

— Duas semanas! — Exclamou ela.

Sem dúvida a senhora Hazelgreaves protestaria. Nenhuma festa desse calibre poderia ser preparada nesse espaço tão curto de tempo. Entretanto, as sobrancelhas da senhora Hazelgreaves subiram, e um sorriso de satisfação curvou seus lábios rosados.

— Adorável. — Ela apertou as veias azuis de suas mãos de alegria. — Vou fazer acertos com Gunter para nos abastecer de carne de porco, chuleta e pudim de lentilhas, com certeza. E uma floricultura. Teremos flores por toda parte. Querida, não poderemos conseguir que alguém desenhe um vestido com tão curto prazo, mas ainda temos Madame, que é um pouco rigorosa...

Elena se mexeu em seu assento.

— Tenho algo a dizer. Algo importante.

— Sim? — O Senhor Black quase grunhiu com uma sobrancelha levantada, com o semblante carregado.

Não gostava que lhe grunhissem. Queria ao outro Senhor Black de novo, se não ao homem de seus sonhos, pelo menos ao homem com quem esteve na noite anterior. O fogo na lareira ardeu atrás de sua cadeira alta, o fazendo parecer como se tivesse uma audiência com o próprio diabo.

— Não me olhe assim, como se tivesse feito algo reprovável. — Sua voz se elevou uma oitava com cada palavra. — Escrevi-lhe. Enviei-lhe um telegrama. Necessitava seu conselho.

A senhora Hazelgreaves ficou sem fôlego.

— Minha menina, não fale assim com sua senhoria.

Ambos a olhavam como se fosse uma menina comportando-se mau. Mas era uma mulher, uma mulher inteligente, independente, com sonhos próprios.

O Senhor Black franziu o cenho, com os olhos escuros fixos sobre ela.

— Deve entender que...

Cada pequena dor que experimentou nos últimos meses voou diretamente desde seu coração até sua boca.

— Oh, sim. Eu o entendo. Entendo que estava muito ocupado para mim. Que eu não tinha espaço em sua vida. Mas se pensa assim, meu querido guardião, já não pode irromper em minha vida depois de quase dois anos de ausência, depois de dois anos de indiferença...

Um gemido se elevou da direção da senhora Hazelgreaves.

O olhar do Senhor Black vacilou.

— Senhora Hazelgreaves. Está bem?

— Ela está bem. — respondeu Elena pela anciã.

— Desmaiou. — argumentou ele em tom acusador, empurrando sua cadeira para trás e ficando de pé.

— Está fingindo. — Elena se encostou perto da mesa. — Fez isso antes quando me comportei de uma maneira que considerou abominável, só que nunca a enfrentei a respeito.

Ele olhou à anciã.

— Ela está fingindo?

— Sim. Fez o mesmo quando lhe disse que tinha assumido o posto de enfermeira no hospital.

Seu olhar se voltou para Elena.

— Com que frequência se comporta de forma que a Sra. Hazelgreaves considera “abominável”?

— Sou normalmente muito bem comportada, quando não sou excessivamente provocada. E como estava lhe dizendo, não pode simplesmente irromper em minha vida depois de tanto tempo e esperar que lhe jure fidelidade dentro de uma semana ou duas. — Ela plantou as mãos na borda de sua mesa e se inclinou para ele. Elena sabia que estava agindo com rebeldia, e para sua surpresa, descobriu que não era tão terrível assim. — Mas, sim, agora que examino o assunto, por favor, faça o melhor.

Ela nunca agia dramaticamente, mas tratou desde seu despertar depois do acidente, de equilibrar as exigências impostas sobre ela pela sociedade em que se encontrava, ao mesmo tempo em que conservava a legitimidade de seus próprios sonhos.

Tentou não olhar para os lábios do Senhor Black, tentou não recordar a forma que desejou que a beijasse na noite anterior.

— O melhor de mim? — Archer plantou suas mãos contra a mesa, e quase se encontrou nariz com nariz com ela, um erro, porque logo que se aproximou dela não quis mais do que beijá-la e conter as tolices que saiam de seus lábios. — Está me desafiando? Ao homem que se encontra legalmente no controle de sua própria existência?

— Tenho certeza que nenhum cavalheiro poderia concluir em tão pouco tempo que me quer como esposa.

— Isso não é verdade. — A Archer não importava se ela olhava admirada a raiva contraindo seu rosto. Era formosa, inteligente e enérgica. Que homem sensato não mataria para tê-la?

— Por que diz tal coisa?

Sua visão periférica permitiu ver a Sra. Hazelgreaves endireitar-se em seu assento. A anciã revirou os olhos e murmurou, obviamente consciente. Maldição, um sorriso surgiu em seus lábios.

Seus olhos caíram em sua boca, e de novo a seus olhos. A tensão se rompeu como eletricidade entre eles.

— Eu disse que ela estava fingindo. — sussurrou.

— Sim, você disse. — sussurrou ele.

Elena pigarreou.

— Ocorreu-lhe que tenho uma vida própria? E que em sua ausência completa e sem comunicação, poderia ter tomado decisões para meu futuro?

Qualquer que fosse o bom humor que tinha conseguido encontrar no momento se evaporou.

— Por exemplo? — Exigiu.

Algo dentro dele se arrepiou, como um milhão de agulhas dirigidas diretamente ao seu coração. Se ela dissesse que já aceitou a proposta de alguém, e que o nome de seu futuro marido era Dr. Charles Harcourt, levantaria a mesa e a lançaria contra a parede.

— Esses homens que espera atrair para se casarem comigo...

— Sim?

— Ficariam horrorizados em ter a uma médica como esposa.

— Uma médica? — Exclamou a senhora Hazelgreaves.

— É isso mesmo. — Cruzou os braços sobre os seios altos, deliciosos. — Eu me candidatei para a Escola de Medicina de Mulheres de Londres.

— Impossível. — Ele balançou a cabeça. — Teria que estudar para os...

— Exames. Sim. — Ela concordou com evidente satisfação. — Passei em todos.

— E os acertos para...

— Uma carta de referência. Foi escrita e apresentada.

— Por quem? — Ele já sabia, é obvio, mas queria escutar o maldito nome de seus lábios.

— Por alguém que aparentemente acredita em mim.

— E? — Exigiu em voz baixa. Com frieza. — E agora o que?

— Vou continuar trabalhando como enfermeira no hospital, enquanto espero minha admissão formal.

O olhar de Archer foi à senhora Hazelgreaves, em seguida voltou para ela.

— Maldição. Acredito que verdadeiramente desmaiou desta vez.

Elena lhe lançou um olhar incrédulo, mas depois de avaliar sua velha acompanhante, cuja boca estava aberta e cujas feições relaxaram em uma máscara de quem estava realmente inconsciente, agarrou a saia e se apressou em socorrer.

— Senhora Hazelgreaves? — De joelhos, tomou o pulso da anciã e levou um dedo a seu próprio pulso. — Oh, Meu Deus.

— Talvez a tenha matado. — sugeriu Archer sombrio.

Os olhos da senhora Hazelgreaves se abriram e depois de um momento, seu olhar aquoso se fixou em Elena.

— Alguém, por favor, me diga que despertei de um sonho terrível.

— Tudo vai ficar bem. — Tranquilizou-a Elena.

— O que todos dirão? — Disse sua acompanhante. — Que também se juntou a um circo itinerante. E não pense que não vi a tatuagem em seu pulso!

Elena sorriu debilmente.

— Acredito que está voltando a si.

A senhora Hazelgreaves levou a mão à testa.

— Chamem uma das empregadas do andar de baixo. E me tragam também um tônico!

Momentos depois chegou uma criada, com um frasco de prata discreto na mão. A senhora Hazelgreaves se levantou de sua cadeira e agarrou o braço da moça.

Elena se aproximou para ajudá-la.

— Está bem para caminhar?

— É claro que sim. — A Sra. Hazelgreaves lhe esmagou a mão. — Não sou decrépita.

— Provavelmente algum tempo na estufa a revigore. — sugeriu Elena, querendo evitar a subida pelas escadas.

— Sim, a estufa. Necessito tempo a sós para me recuperar do choque deste anúncio. — A senhora Hazelgreaves murmurou para Archer. — A menos que possa convencê-la a abandonar essa ridícula ideia, a lista de elegíveis ficará destroçada.

Elena olhou a saída de sua acompanhante. Quando se voltou, seus lábios tremeram em um amargo sorriso.

— Não somos um bom par?

— O que quer dizer com isso? — Respondeu ele secamente.

Ela riu com tristeza.

— É o querido guardião e eu sua protegida desobediente. É como um desses romances baratos horríveis, em que tudo dá errado mediocremente.

— Não deveria falar comigo dessa maneira. Tão ousada.

Ela se aproximou da janela e olhou para fora. Ele irradiava frustração, e ela percebeu que ele não tinha nenhuma ideia de como tratá-la. Era tão diferente das outras mulheres jovens?

Admirava lhe que nem sequer a enfrentasse. Uma repentina onda de solidão pesou em seu espírito.

— Em duas semanas partirá de Londres, e eu estarei em minha lua de mel com algum esbanjador aristocrático que se casou comigo só porque atirou uma quantia ridícula de dinheiro nele. O que importa então?

Ela não queria ouvir sua resposta. Em vez disso, caminhou pela sala, parando apenas para pegar sua pilha de jornais, se não por outra razão que dar a suas mãos algo para segurar.

Ele estava certo. Ela não deveria falar de maneira tão audaciosa. Suas bochechas queimaram com mortificação. O que aconteceu com ela? Tentou provocá-lo, exigindo atenção por parte dele que não lhe tinha dado antes. Isso não parecia se enquadrar à Elena que chegou a conhecer nestes últimos meses.

Ela não sabia! A única coisa que sabia era que toda a conversa foi horrível.

Ela trabalhou duro para descobrir seu verdadeiro eu, e simplificar sua complicada vida para Archer colocar tudo completamente de cabeça para baixo com sua chegada a Londres.

Mary Alice se precipitou para ela vindo diretamente da cozinha.

— Oh, senhorita. Estive esperando que saísse do gabinete de sua senhoria para poder perguntar se ouviu a terrível notícia?

Oh, sim. Escutou a terrível notícia. Seu tutor, o homem legal no controle de sua vida, requeria que abandonasse tudo o lhe importava, e se casasse sem amor, em um matrimônio comprado, tudo para sua conveniência egoísta. Mas algo lhe disse que a cara da garota não seria o fantasma branco com esse tipo de notícias.

— O que está acontecendo, Mary Alice?

— Houve mais dois assassinatos em Whitechapel ontem à noite.

Capítulo 7

— Não! — Exclamou Elena, imediatamente esquecendo seus próprios problemas. — Duas? Duas mulheres?

A cabeça da donzela balançou em confirmação.

Lizzy e Catherine, sua mente correu. Não, certamente não. A maioria delas provavelmente estariam a salvo em algum lugar, até mesmo agora, no início da manhã quando bebiam um copo de cerveja em seu pub local favorito.

— Tem certeza? Ou se trata simplesmente de um rumor?

— É certo senhorita. O Sr. Watkins, o lacaio me contou e ele nunca foi de brincar.

— Está nos jornais da manhã?

Deixou cair a pilha em uma mesa próxima, e os espalhou, examinando as datas.

— Aqui está o Lloyds da manhã. Vamos ver... Oh, Deus. Sim. Uma edição extra especial, e olhe a manchete: *MAIS TRAGÉDIAS EM EAST END.*

— Assim é verdade. — sussurrou Mary Alice.

— Lerei os detalhes. *Neste domingo pela manhã, houve o atroz assassinato de uma mulher em Aldgate. A vítima. . .* Oh, Senhor...

Elena fechou os olhos às palavras que acabava de ler.

Degolada.

Mutilada.

Estripada.

Ela sacudiu a cabeça.

— Os detalhes são muito terríveis para serem lidos em voz alta.

Mary Alice estremeceu, envolvendo seus braços ao redor de si.

— Deus abençoe suas pobres almas.

Elena leu mais o artigo.

— Descrevem o assassino como diabolicamente ardiloso. Certamente devem estar corretos. Que classe de pessoa pode fazer essas coisas a outro ser humano? Ele ou ela certamente deve ser louco.

Mary Alice refletiu:

— Há alguns que acreditam que as mulheres mereciam o que receberam porque são... — diminuiu a voz. — mulheres de vida fácil e de natureza ninfomaníaca.

Elena franziu o cenho a isso.

— Ridículo. Eu trabalho com “essas mulheres” no hospital. São iguais a mim e você, apenas caíram em tempos difíceis e foram abandonadas pela sociedade. Elas não têm como se sustentar.

Mary Alice assentiu solenemente.

— Poderia acontecer com qualquer uma de nós, suponho. Pobres almas. Falando em cair em tempos difíceis, não quero perder meu próprio emprego. Será melhor que retorne de novo a meus deveres antes que Jarvis me descubra aqui conversando com a senhorita.

— Entendo. Obrigada por me falar a respeito da notícia, Mary Alice.

Depois que a criada se foi, Elena continuou lendo, procurando os nomes das vítimas. Não descreviam detalhes particulares, mas as mulheres falecidas foram descobertas em dois diferentes lugares a uma distância surpreendentemente curta de cerca de um quarto de milha. Um duplo evento, supostamente cometido pelo mesmo assassino! A ideia era assombrosa. Era quase como se o assassino

fizesse alarde de suas horríveis habilidades sanguinárias com as autoridades, e de fato, ao mundo.

Para sua surpresa, em um artigo separado, mais discreto, havia detalhes de outro recente incidente. No princípio do mês, o braço quebrado de uma mulher foi encontrado flutuando no Tâmisa perto de Pimlico. Agora, um segundo braço foi descoberto em Southwark. Um frio incômodo desceu por suas costas. Realmente, onde estava indo o mundo?

Elena voltou a concentrar-se no artigo sobre os assassinatos de Whitechapel. Uma das vítimas era descrita como tendo entre trinta e cinco e quarenta anos, a idade que calculava que a senhora Eddowes tivesse. Não havia tal estimativa para a outra vítima.

Elena dobrou o jornal em seu colo. Estava sendo tola. Era tolice temer que duas mulheres que conheceu no dia anterior tivessem sido vítimas do mais horrível assassino da história de Londres. Havia milhares de mulheres como elas nas ruas da cidade, em todas as horas da noite, desprotegidas. As vítimas poderiam ser qualquer uma.

De pé, aproximou-se da janela e observou a rua. Carruagens luminosas seguiam em frente, com os homens mais ricos do mundo e as mulheres mais formosas, sem dúvida para passear por Hyde Park ou a fazer algum outro igualmente alegre passeio.

Não sabiam o que significava passar a noite sentada em posição vertical em um beco sórdido, com apenas um papel de jornal molhado por manta. Tampouco ela sabia, para o caso. Não podia tirar o sorriso valente de Lizzy de sua mente.

Sem dúvida, Lizzy e Catherine não gastaram o dinheiro que ela lhes deu em algo que não fosse um refúgio.

*****

— Bom dia, senhora. — saudou a voz culta de um homem na porta da estufa. — Um dia precioso, não?

Rodeada por orquídeas e palmeiras, Belinda Hazelgreaves se sentou em uma cadeira de vime grande, refletindo sobre a profusão de plumas cinza em sua sombrinha de seda rosa. Comprou em Paris, quase quinze anos antes, e ainda se via perfeitamente nova, um testemunho da qualidade que o dinheiro podia comprar. Três canários cantavam em uma jaula dourada grande a seu lado. O frasco de prata que continha seu tônico estava em uma mesa pequena de metal, e junto a ela, uma taça de xerez vazio.

Alto e dourado, perfeito em todos os sentidos, simplesmente o homem lhe tirou o fôlego, e isso não ocorria em muito tempo. Por sua experiência, os homens mais bonitos eram geralmente os mais perigosos. Ela, uma viúva rica, devia tomar cuidado com lobos em pele de ovelha. Ainda assim... a roupa dizia muito a respeito de um homem, e os homens que usavam roupa impecável e finamente modelada, relógios de ouro, e botas tão finas como esse senhor eram normalmente muito ricos. Ele sustentava sua cartola na mão, e simplesmente bateu contra o lado de sua perna.

Inclinou a cabeça para a mansão.

— Cheguei cedo para minha entrevista com sua senhoria. Eu não gosto de ser grosseiro e me apresentar cedo. Posso me sentar com a senhora um momento para passar o tempo?

Ela estreitou os olhos para ele.

— Suponho que sim.

Ele entrou, agachando-se por sua impressionante altura, caminhando debaixo da soleira.

Uma vez diante dela, inclinou-se até a cintura.

— Sou Alexander.

— Ah... senhor Alexander? — Ela estendeu sua mão. Ele se inclinou para pegá-la, passando os lábios sobre os nódulos.

— Assim é.

— Sou a senhora Hazelgreaves.

— Hazelgreaves... — Refletiu. — Alguma relação com Ibbot Hazelgreaves, o membro do governo?

Ela inclinou a cabeça.

— Sou sua viúva.

— Um homem muito importante. É certo o que dizem. Cada homem com grande sucesso tem uma mulher atrás dele. Você deve ser essa grande mulher.

Belinda sorriu, porque dizia a verdade. Ibbot obteve grandes conquistas, tanto no setor político como no social por causa dela. Por seu cargo influente, querendo ou não, ela se negava a permitir que a senhorita Whitney fosse um ponto negro em seu registro perfeito. Foi paciente com todas suas tolices, mas o anúncio da escola de medicina foi a gota d'água. A julgar pela reação de sua senhoria, estava certa de que ele pensava o mesmo.

— Você e sua senhoria são amigos? — Perguntou.

Ele se inclinou sobre o braço da cadeira, sociável e resoluto.

— O Senhor Black e eu temos um longo caminho juntos. E você, querida senhora Hazelgreaves? Como é que se encontra aqui na Casa Black?

— Sou a acompanhante da senhorita Elena Whitney.

— Ah, já entendi. — Mostrou seus dentes brancos e perfeitos. — A srta. Whitney. Acredito que cheguei a vê-la no evento da noite anterior com os Kerrigan.

— Estava lá? — Sorriu. — A srta. Whitney é uma garota encantadora, verdade?

— Impressionante.

— Espero, entretanto, logo voltar a viver com meu filho em Wilshire.

— Ah, sim? Por quê?

— Sua senhoria deseja que a srta. Whitney se case, ou ao menos se comprometa adequadamente antes de partir de Londres outra vez.

— Interessante.

— E você, senhor Alexander? — Sorriu insinuante. — Está o senhor... comprometido?

— Por que, senhora Hazelgreaves? — Seus olhos brilharam com picardia. — Não estou.

— Bem, então, estou muito contente por conhecê-lo.

*****

— Ela foi-se! - Leeson entrou na biblioteca.

A ansiedade irradiava dele, uma atitude rara que chamou a atenção de Archer. Seu secretário geral se movia através de sua existência imortal com a imperturbabilidade de um bovino. O ancião tirou um lenço do bolso de seu colete e enxugou a testa.

Archer não era capaz de ler os pensamentos de Elena desde aquela primeira noite no terraço.

Por desgraça, havia algumas estranhas exceções à regra. Era simplesmente dessa forma com algumas almas. Essas almas deixavam simplesmente outro tipo de rastro, simples vestígios na sequência de seus movimentos. Como tal, sentiu sua ausência logo que saiu das instalações da mansão. Talvez, como ele, necessitava algum tempo sozinha para recuperar-se do encontro desagradável. As coisas não saíram em nada como havia planejado.

— Ela, quem? — Respondeu friamente Archer, batendo sua pluma de tinta na mesa.

Os olhos de seu secretário se reduziram.

— A única mulher nesta casa que tem importância para você.

Leeson caminhou pela extensão da biblioteca e agitou um braço em um excepcional gesto dramático.

— Eu a vi caminhando na rua, mas não consegui parar o lacaio suficientemente rápido para segui-la.

— Estou certo de que simplesmente foi ao parque dar um passeio.

— Saiu sozinha, sem uma acompanhante adequada ou amiga, e as jovens damas inglesas de Mayfair não se supõe que façam isso. De tudo o que li e observei não é considerado correto. — Em sua roupa verde, ele parecia um duende de olhos vermelhos. — Não apenas isso, mas também saiu pelo pátio lateral como uma empregada doméstica comum. Vestida como uma empregada doméstica. E chamou um transporte de aluguel. Um veículo sujo, contratado e conduzido por um estranho. Por que faria isso, quando dispõe de todo o luxo?

De repente, Leeson enrijeceu. Lançou um olhar acusador para Archer.

— O que você fez?

— Tome cuidado, Leeson, ou terei que despedi-lo.

Leeson soltava faíscas. O mesmo fazia Archer. Prometeu aos Primitivos que Elena não seria uma distração, mas era exatamente isso o que se tornou a partir do momento que colocou seus antigos e cansados olhos sobre ela. Deveria deixar que se fosse, mas a ideia dela vagando sozinha e desprotegida o deixava inquieto.

Jack estava em alguma parte, em algum lugar, e estava muito perto no que concernia a Elena, inclusive nessa cidade transbordando com milhões de pessoas. Maldição, tinha que Recuperar ao bastardo rapidamente.

Archer tamborilou seus dedos sobre a mesa, e desabafou laconicamente

— A srta. Whitney deixou bem claro nesta manhã que nossa relação atual não é de seu agrado. Acredito, embora não especificasse assim, que prefere sua independência.

Enquanto meditava sobre o curso apropriado de ação, olhou de lado, para o jardim.

Momentos antes, a senhora Hazelgreaves estava sentada na estufa, mas não via rastro dela agora. Sua sombrinha de damasco rosada adornada com plumas de cor cinza estava aberta sobre as lajes, fixa em seu lugar pela alça. Enviaria um dos criados a recolhê-la, pois certamente a esqueceu.

Leeson se apoderou de seu campo de visão.

— Independência? Não pode permitir isso, sua senhoria. Nossa preciosa garota não deveria estar por sua conta nesta cidade todos os dias, para não falar deste momento. As notícias do duplo assassinato se espalharam, e a cidade está em crise absoluta.

Archer fechou os olhos com cansaço e esfregou a ponta estreita do nariz, relembrando as mortes. Leeson se jogou em uma cadeira estofada de mogno.

— Há multidões nas ruas pedindo sangue. As pessoas se comportam como loucas, suspeitando de todos, estão alucinados, — saltou de novo. — Eu a

encontrarei e a trarei para casa onde estará a salvo de todos os malditos malvados que governam as ruas lá fora.

— Eu irei. — interveio Archer, ficando de pé. Se saísse agora, ainda poderia captar seu rastro. Além disso, agora que seus sentidos estavam controlados, tinha que submeter-se à confusão emaranhada da cidade. A imersão total lhe assegurava a precisão mortal que procurava. — Você fica aqui e termine de resenhar os livros.

Leeson agitou a mão.

— Não há tempo para livros. Eu irei com você. Quem sabe onde ou quão longe ela esteja agora e podemos dividir a cidade entre nós dois.

— Termine os livros, Leeson. Eu a trarei para casa.

Um quarto de hora mais tarde, Archer desceu os degraus de concreto na estação Baker Street. Os passageiros formavam redemoinhos na plataforma, esperando o próximo trem. Quase a totalidade de seus pensamentos estava consumido pelas terríveis notícias da manhã.

Um vendedor de jornais passou gritando:

— O Estripador volta a matar. Duas mulheres assassinadas na noite anterior.

Os jornais eram arrancados de sua mão, um após o outro, quase mais rápido do que podia cobrá-los.

Archer encontrou Elena de pé do outro lado, perto de duas senhoras idosas, em uma proximidade que supôs tinha a intenção de dar a impressão a estranhos que ela estava acompanhada de algum jeito, em uma relação mais humilde ou de uma criada. Ela não o viu, é obvio, porque a seguia como sombra. Como Leeson lhe informou, vestia-se como uma mulher de classe inferior, usava um chapéu puído de palha preto decorado com flores negras e uma imitação de cardeal, um casaco puído e preto com saia cinza listrada. Possivelmente a roupa foi adquirida em algum lugar de segunda mão, ou em uma barraca do mercado. Levava uma bolsa desbotada pendurada no braço.

O chiado do metal, a luz que penetrava e ondulava com vapor anunciou a chegada do trem rumo ao leste. Archer seguiu Elena até o vagão de segunda classe, onde mostrou seu bilhete ao condutor e se sentou no banco ao lado das duas mulheres. Archer se acomodou no corredor diante dela. Quando o trem se pôs em marcha, ela tirou de sua pequena bolsa um livro encadernado em linho azul. Ele vislumbrou o título enquanto ela separava as páginas para começar a ler. Teoria bacteriana. Não pôde evitar sorrir com isso.

Seu sorriso desmoronou, entretanto, ao perceber que vários passageiros varões estavam olhando, evidentemente tão intrigados como ele. Apesar de ela manter a cabeça inclinada para frente, de modo que seu chapéu ocultasse grande parte de seu rosto, seus lábios exuberantes e rosados ficavam claramente visíveis. E pior ainda, uma mecha de seu lindo cabelo escapou de seu chapéu para descansar em seu ombro.

Uma mecha loura, brilhante. Deusa do cabelo. Ainda podia recordar o delicioso aroma e senti-lo. Mas não podia permitir-se atuar por impulso. Não de novo. Faria o que era honrado para ela e garantiria a segurança de seu futuro, inclusive se o desprezasse no final. Maldição, mas de algum jeito, nesse curto espaço de tempo, ela se tornou profundamente importante.

Ela não desceu do trem, nem em King's Cross ou nas estações da rua Farringdon com as duas senhoras idosas. Não afastou seu livro até que o condutor anunciou.

— Aldgate.

Quando as portas se abriram, Archer saiu do trem se espremendo contra uma multidão agitada. Sua jovem protegida tinha aperfeiçoado seu caminhar confiante de uma mulher de East End, uma mulher sem um verdadeiro protetor, alguém que deveria estar em guarda em todo momento. Ela abriu caminho através da escura estação, firmemente batendo na mão de um marinheiro que se aventurou muito perto. Devido a ela se mover tão rápido, Archer suprimiu o impulso de ferir o jovem idiota, e a seguiu pelas escadas para a calçada cheia de gente.

De um lado, charlatões com roupas coloridas chamavam os recém-chegados, oferecendo shows e ligeira diversão com mãos leves. Um homem idoso tocava um órgão de manivela enquanto um macaquinho, enfeitado com uma boina e um colete, dançava com um copo na mão. Carruagens particulares e de aluguel congestionavam as ruas passando em ambas as direções.

Elena continuou até Whitechapel. Em um primeiro momento ele assumiu que seu destino era o hospital, mas quase imediatamente ela se voltou para o norte na rua comercial. Mais adiante, a Igreja de Cristo se elevava por cima deles, mas infelizmente ela não subiu os degraus da igreja, foi ao pub do outro lado da rua.

O estado de ânimo de Archer ficou decididamente soturno. Por que razão respeitável sua encantadora protegida seria cliente de uma casa pública em Spitalfields ao meio dia de um domingo?

*****

O fedor azedo atingiu duramente Elena no rosto enquanto se forçava a entrar no Pub. Fez uma pausa, para que seus olhos se adaptassem à penumbra. As janelas em cada lado da porta não contribuíam muito para iluminar o interior escuro, ou as faces dos clientes. Na parede dos fundos um longo balcão era atendido por duas garçonetes contra um cenário de desgastados azulejos amarelos, verdes e vermelhos. Uma série de mesas e cadeiras desorganizadas estavam espalhadas pela sala, ocupadas pela pequena multidão triste do meio-dia.

Por um momento ela temeu ter que continuar até Horn of Plenty ou a Britânia, mas por sorte, embora não visse Lizzy ou a Sra. Eddowes, encontrou o rosto familiar de alguém que poderia lhe dizer o que desejava saber.

— Senhora Scott? — deslizou entre as mesas. — Olá, recorda-se de mim do hospital?

A senhora Scott tinha cinco filhos com idades entre os oito até os dezoito que trabalhavam em qualquer lugar que pudessem encontrar, na construção civil, distribuição de jornais ou engraxando sapatos. No breve tempo de Elena no hospital, conhecia todos por causa de diversas lesões, mas raramente por enfermidade.

— Oh, sim... Enfermeira Whitney? Venha e sente-se. Sim, venha.

Com o salto de seu sapato, a Sra. Scott empurrou uma cadeira vazia. Ela se sentava com uma moça, toda vestida de preto, com manga larga e uma boina de feltro negro. Em cima da mesa havia dois grandes copos de barro e duas empadas de carne meio comidas, envoltas em gordurento jornal.

— Bom dia as duas. — Elena se sentou e colocou sua bolsa firmemente em seu colo.

A senhora Scott sorriu.

— Já conhece Maria? Não? Ela é conhecida como Mary Kelly, uma boa amiga da Corte de Miller. Vocês duas se parecem muito, sabia?

— Olá Maria. — Elena sorriu e acenou para a jovem, que era surpreendentemente bonita, com cabelos loiros e travessos olhos azuis. — É um prazer conhecê-la. Sra. Scott, como está a mão de Jimmy?

— Muito melhor, graças a senhorita e ao bom Dr. Arcourt. Disse a todos que quisesse escutar, a fina atenção que nos deram no hospital.

— Uma cerveja para você, senhorita? — Perguntou uma das garçonetes.

Elena assentiu, e logo se voltou para a Sra. Scott.

— Estou muito contente que Jimmy esteja se recuperando. Parei para ver se encontrava uma de minhas pacientes. A senhora sabe de Lizzy Harper, ou de sua amiga Catherine Eddowes?

A senhora Scott assentiu.

— Oh, sim. Sei que Kate Kelly está bem. Mas ainda é um pouco cedo para averiguar. — A mulher se inclinou para Elena e começou a rir. — Não é que seja alguém para julgar, mas quando a vi ontem à noite, não podia colocar uma perna na frente da outra. Os policiais a levaram de Bishopsgate.

A garçonete deslizou uma caneca na frente dela e Elena deu a moeda necessária para o pagamento.

— Sério? Tão mal assim? — Elena tentou ocultar sua decepção. Assim Catherine não utilizou o dinheiro para passar a noite em segurança. Em vez disso esteve bebendo e conseguindo que a prendessem.

A senhora Scott riu alegremente, balançando-se em sua cadeira.

— Menina, provavelmente está dormindo em uma cela.

Pelo menos, entretanto, se a senhora Eddowes tinha passado a noite em uma cela no cárcere estava a salvo. E a jovem Lizzy?

— Volto em seguida. — disse Maria, puxado uma pequena bolsinha de couro de sua cintura. — Tenho que liquidar minha parte com Genova, ou não me deixará passar pela porta esta noite.

Ela partiu na direção do balcão.

Elena perguntou à senhora Scott.

— Estava Lizzy com Kate Kelly quando a viu ontem à noite?

— Lizzy. — A mulher a olhou pensativa. — Lizzy a do cabelo encaracolado de cor vermelha? Aquela jovem que vive com um desses janotas?

— Essa é ela. — Elena levantou sua caneca e tomou um gole. Não gostava de cerveja preta, sobre tudo, não como uma bebida ao meio-dia, mas evitou fazer uma careta.

— Não a vi ontem à noite, mas se estamos falando da mesma garota, eu a vi esta manhã na parte traseira de um carro que se dirigia para Aldgate. Muita gente vai nessa direção pela manhã. A senhorita escutou as notícias, não?

— Sim.

A mulher negou com a cabeça, cuja expressão mesclava repulsa e medo.

— O que se diz na rua é que essas mulheres foram massacradas, enfermeira Whitney. Massacradas como animais.

— Escutou os nomes das vítimas?

— Todas nós estamos esperando por isso, senhorita, e saber se são estranhas ou familiares. De qualquer maneira, todo mundo está com medo de ser a próxima, uma vez que caia a noite outra vez. É algo lamentável, viver nestas ruas.

— Sei, é terrível. Pior que terrível. — Elena franziu o cenho. — E acha que Lizzy se dirigiu para Aldgate?

— Ouvi que há uma reunião pública por ali, e uma em Vitória Park, para organizar e exigir que a polícia faça algo mais do que tem feito.

— Sei. — Elena cruzou uma perna sobre a outra, assentindo enquanto escutava atentamente.

— As autoridades não se preocupam conosco ao longo desta parte da cidade. Não, a menos que todos nos juntemos e façamos um pouco de barulho. Eu mesma irei para lá depois de acabar meu café da manhã.

— Talvez a veja por lá, então. — Elena se levantou.

— Oh, por favor... — a senhora Scott olhou fixamente o copo de Elena, ainda cheio até a borda. — Se importaria?

— Não, absolutamente.

Ela se virou, ao mesmo tempo uma grande parede de homem se levantou da mesa junto a ela, bloqueando sua saída.

— Bom dia, preciosa. — Tinha as maçãs do rosto alta, pronunciadas, bigode escuro e olhos negros e era quase uma cabeça mais alto que ela. Suas palavras tinham um forte sotaque do Oriente Europeu, segundo ela, de sua experiência no hospital. — Eu a vi passar. E tinha a esperança de me apresentar.

Elena olhou-o diretamente.

— Sinto muito, estou saindo.

— Farei com que valha a pena ficar.

A senhora Scott interveio:

— Ela não é seu tipo, Ludwig. Deixe-a passar.

Ele não se moveu.

— Na verdade, senhor, tenho que ir a outro lugar.

Ela se afastou, só para ter seu braço agarrado e puxado para ele.

— Oh, você aí! — Gritou a senhora Scott, levantando-se e arrastando a mesa. — Tire as mãos de cima dela.

Os homens na outra mesa gargalharam ruidosamente.

Elena congelou e ficou olhando aonde ele apertava o braço dela. Não era ingênua sobre East End, ou do que poderia acontecer em suas ruas, de dia ou de noite. Plenamente sabia as possibilidades ao se arriscar a ir ali.

— Por favor, tire a sua mão do meu braço.

— Sempre fala tão doce e elegante? — Escarneceu depois de ter perdido toda pretensão de cortesia. — Sinto muito, princesa. Não soltarei até que compartilhe uma cerveja com meus amigos e comigo.

Maria, que estava apoiada no balcão, deu meia volta e se colocou com valentia entre eles.

— Deixa-a ir, Ludwig.

Ele levantou seu punho alto e os braços de Maria se levantaram para defender-se.

— Não! — Gritou Elena.

— Severin Antoniovich. — interrompeu a voz de um homem com autoridade silenciosa e imponente. O bar ficou em silêncio.

Elena olhou de lado.

O Senhor Black estava sentado em uma cadeira a poucos metros deles, com seu cabelo preto como uma cascata de meia-noite sobre seus ombros, e seu olhar gelado e fixo em seu agressor.

Capítulo 8

Exclamações e maldições se elevaram ao redor da sala. O choque retumbou em Elena. Como poderia ter acontecido de lorde Black estar até agora sentado despercebido, ali todo este tempo?

Um pequeno sorriso provocador tomou seus lábios. Sem deixar de olhar o homem, inclinou-se em sua cadeira e ficou lentamente de pé mostrando gradativamente sua impressionante altura. A débil luz brilhava no rico tecido que formava a lapela de seu casaco. O bar parecia um balde de carvão sujo em comparação com seu escuro esplendor.

— Acredito que gostaria de retirar a mão da dama. — murmurou ele, olhando fixamente os olhos do homem. — Não é assim, Severin?

Ludwig ou Severin, ou qualquer que fosse o nome do homem, deu um grito de angústia e a liberou. Cambaleou para trás, com seus olhos muito abertos e fora de foco e segurou sua mão como se sentisse uma dor insuportável, só para ser empurrado por Maria na direção oposta.

Archer recolheu seu chapéu da mesa e pegou o cotovelo de Elena. Sem mudar sua expressão, escoltou-a até a porta. Enquanto passavam através da luz do meio-dia, a senhora Scott e Maria foram atrás deles, a senhora Scott com uma mão agarrando fortemente a cerveja salpicando e na outra a empada de carne.

— Obrigada, senhor. — Maria disse sorrindo.

— Logo a verei, enfermeira Whitney. — gritou a senhora Scott.

Elena olhou as mulheres cruzarem a rua rapidamente até desaparecer na multidão da calçada.

A sós com seu tutor, preparou-se, certamente pediria uma explicação. Ela foi muito cuidadosa ao sair da mansão. Como a seguiu até ali sem que ela soubesse?

Mas ele não disse nenhuma palavra. Nem tampouco soltou seu cotovelo. Sua intensa tranquilidade, à medida que avançavam pela rua cheia de gente, enviava uma perigosa excitação de antecipação através dela. Ela temia sua fúria, mas de alguma forma tortuosa e mórbida ansiava qualquer contato com ele.

Tentando medir a gravidade de sua situação, ela levantou o olhar debaixo da borda de seu chapéu.

— Quanto tempo esteve ali antes que a confusão começasse?

Ele encontrou seu olhar inquisitivo, com serenidade.

— O suficiente para perceber que fez este tipo de coisas antes. E não me diga que pensa que poderia ter resolvido sozinha. Não quero ouvir.

Odiava admitir quão aliviada ficou em vê-lo dentro do pub, mas por que falar o contrário?

— Alegra-me que estivesse ali.

— Não me alegra que você estivesse ali. — respondeu ele sombriamente.

— Foi arriscado. — admitiu ela. — Gostaria que compreendesse meus motivos. Mas era muito importante encontrar alguém hoje. Como ficou sabendo onde eu estava?

— Leeson a viu sair da mansão, vestida assim. Espantou-se que saísse sem companhia. Sabe quão perigosa a cidade está hoje?

Ela assentiu.

— Terei que agradecer ao sr. Leeson por sua amável preocupação.

O Sr. Black a guiou ao redor de uma laje torcida na calçada e, ao fazê-lo, moveu a mão de seu cotovelo para a parte baixa de suas costas. Caminhava perto dela, tão perto, que às vezes sua calça roçava suas saias. Que Deus a ajudasse, ele a excitava com sua presença, inclusive zangado.

Os pedestres passavam junto lançavam um segundo olhar ao cavalheiro arrumado com o longo e exótico cabelo e com a roupa elegante. Uns poucos inclusive davam a volta e ficavam olhando-o enquanto passava.

Uma coisa que Elena aprendeu em seu tempo de trabalho no hospital era que o lado leste de Londres era um lugar estranho e havia lugares singulares de ver por toda parte dentro dele, a toda hora do dia ou da noite. De alguma forma inexplicavelmente, ele se encaixava perfeitamente ali.

— Lá, no pub, as damas chamaram esse homem de Ludwig. Você se referiu a ele de outra forma.

— Escutei algo que seus amigos disseram a ele. — Respondeu vagamente, olhando para frente sobre a multidão. — Simplesmente aproveitei a oportunidade para chamar sua atenção.

— Isso foi surpreendente, a forma que olhou para ele...

— Quem era que estava tentando encontrar hoje aqui?

— Uma garota, Lizzy Harper.

— É alguém próximo a você?

— Não realmente. — confessou Elena. — Na realidade, apenas a conheci ontem no hospital. É uma de minhas pacientes. Não sei por que, mas de algum jeito me senti muito conectada com ela. Já sabe como é com algumas pessoas.

— Suponho que não. — Respondeu ele com frieza.

Apesar de ser atraente, era fácil ver que não depreendia alguns vínculos. Enquanto prepotente, não era uma descrição precisa, já que não era arrogante em suas maneiras ou forma de falar. Ele emanava inacessibilidade, como se qualquer tipo de emoção ou impulso se mantivessem atrás de um muro impenetrável. Elena não podia deixar de perguntar-se como seria se esse muro desmoronasse.

— Estou preocupada com ela e com a amiga que supunha deveria ficar com ela na noite anterior. Sei que é tolice. Mas quando soube que houve mais dois assassinatos...

Ele não respondeu, mas sua mandíbula se esticou visivelmente.

Atravessando a rua, uma fileira de mesas estreitas estavam sobre a calçada. Mulheres vestidas formalmente entregavam panfletos nas mãos dos transeuntes. Ao lado delas estava apoiado um grande cartaz com as palavras: COMITÊ DE VIGILÂNCIA DE WHITE CHAPEL.

Gritavam à multidão:

— Senhoras! Todas vocês, senhoras, sim, você aí, e você. Por favor, assinem a petição. Uma petição que será apresentada a nossa misericordiosa dama, rainha Vitória. Vamos exigir o fechamento de todas as casas que são redutos do pecado e da impureza de nossa cidade!

— Quer assinar a petição? — Perguntou-lhe o Sr. Black em tom cordial.

— Obrigada, mas não.

Ele levantou sua sobrancelha.

— Por que não?

— Não é a maldade o que leva essas mulheres à rua, é o desespero e a pobreza. Assinar a petição não propõe uma solução a esses problemas. Oh, meu Deus. Olhe toda essa gente.

Tinham chegado à esquina da rua Whitechapel. Embora antes as calçadas estivessem cheias de gente, agora não havia espaço para caminhar. Centenas, se não, milhares de pessoas se aglomeravam na rua, a tal ponto que a via pública parecia ser um mar de cabeças e chapéus movendo-se, que fluíam para Aldgate.

— Estão tentando examinar os lugares onde as mulheres foram assassinadas.

— Assim parece. — Concordou ele franzindo o cenho.

Os vendedores ambulantes, geralmente pouco comuns nessa parte do bairro, seguiram à multidão e instalaram seus carros ao lado da via. Vendiam café fumegante, chá e uma grande variedade de bolos, frutas e nozes.

O Sr. Black franziu o cenho, irritado com alguns meninos e um cachorro que latia e circulava ao redor deles.

— Talvez o melhor que possamos fazer se houver alguma esperança de encontrar a essa garota, Lizzy, é permanecer em um só lugar. Talvez pudéssemos nos sentar ali naquele muro baixo. Ao menos por um tempo. Tenho um compromisso esta tarde.

Elena se surpreendeu intimamente. Tinha dado por certo que a levaria até a estação de trem e a escoltaria diretamente para casa. Em vez disso, ele ficaria com ela para cuidar de Lizzy. Provavelmente o Sr. Black não era o diabo.

— Usa uma muleta, por isso acredito que ficaria um pouco afastada da multidão, portanto sim, façamos isso. — Elena sorriu mostrando seu agradecimento. Tocou-lhe o antebraço com a mão. — Um momento, por favor. — Afastou-se correndo para a multidão, entrando através dos mais maltrapilhos cidadãos, próximo a um vendedor.

Por um momento Archer a perdeu, mas rapidamente viu a pena vermelha em seu chapéu. Mantendo seu olhar nela, ele se dirigiu à parede e se sentou na borda do muro. Havia espaço suficiente para os dois, e para mais gente que se alinhava na parede, vendo o espetáculo na rua.

Seu sorriso quando voltou provocou um aperto nos músculos de seu estômago. Em sua mão enluvada, ela tinha um pequeno saco:

— Queria um doce. Comprei alguns para você também.

Eram bombons, idênticos aos que viu apertados nas mãos da mulher morta na noite anterior.

— O que acontece? — Suas sobrancelhas se franziram. — Oh, meu Deus, não gosta de hortelã.

Ele se encontrou com seu olhar diretamente.

— Eu não gostei de como terminaram as coisas entre nós esta manhã.

Ela olhou para longe e ruborizou, colocou um dos bombons entre seus lábios.

— Nem eu tampouco.

— Somente quero o melhor para você. — ele confessou.

— Eu sei. — Respondeu ela, sentando sobre o muro, junto a ele, mais perto do que seria adequado no outro lado da cidade. De nenhuma forma se incomodou. — Mas obviamente temos ideias diferentes de como deveria ser.

— Eu... admiro sua ambição e seu desprendimento em querer ajudar a outros que não podem ajudar-se a si mesmos. — Acher cedeu obrigando-se a dizer as palavras, que eram verdadeiras, mas mesmo assim não eram fáceis de sair de seus lábios.

Suas feições encantadoras mostraram surpresa e prazer.

— De verdade?

Sendo antigo como o tempo, estava familiarizado com ideias supostamente contemporâneas sobre o sexo de Elena. Conheceu muitas mulheres poderosas e intelectuais. As Olímpias, Cleópatra, Boudaccia. As mulheres eram tão capazes quanto os homens em atos de grandeza. Era obvio, não podia dizer isso. Esse tipo de honestidade não serviria a seus propósitos, concretamente para mantê-la a

salvo, feliz e viva nas próximas seis ou sete décadas, embora ele não estivesse para presenciar o que prometia ser uma vida contente e feliz para ela. Não se humilharia novamente, intervindo para lhe dar uma segunda oportunidade, só para que ela conseguisse ser morta a umas poucas quadras da miserável rua, onde pela primeira vez a tinha encontrado. Queria algo melhor para ela que Whitechapel, e a carga de seus habitantes perdidos, e sem esperança.

E acrescentou:

— Ao mesmo tempo, sou responsável por seu futuro.

Seu semblante desabou, obviamente recordando a discussão da manhã e seu anúncio de que desejava que se casasse.

Com um suspiro, ela tirou sua luva, e ele vislumbrou a parte exterior de sua tatuagem de serpente.

Ela disse em voz baixa:

— Ainda não tivemos oportunidade de falar e nos conhecer. Diga-me, como sua responsabilidade por meu bem-estar ocorreu? Como conheceu meu pai?

— Conheci-o. . . só de passagem.

De passagem, sim. Dependendo de como se defina a palavra, ele era um miserável mentiroso ou estava dizendo a verdade.

A decepção se mostrou claramente em seu rosto.

— Não eram amigos, então?

— Só conhecidos, na verdade.

Ela franziu o cenho sob a borda do seu chapéu.

— Se não era um amigo ou um familiar, por que o escolheu como meu tutor?

— Porque, srta. Whitney, não havia ninguém mais.

Seus olhos ficaram frágeis pelas repentinas lágrimas. Deus, era um bastardo do princípio ao fim.

— Você o conheceu em suas viagens, então?

Ele assentiu. Uma vez mais, a verdade dependia da definição de “as viagens”.

— Você e eu nos conhecemos antes?

— Não.

Sua voz se tornou rouca.

— Meu pai estava realmente sozinho?

Archer tirou um lenço do bolso de seu casaco. Quando o entregou a ela, ela agarrou o lenço com ambas as mãos.

— Não, absolutamente. — assegurou. — Ele tinha sua mãe, e também a você, e é claro a todas as pessoas que serviam na casa. Gozou da mais alta estima ao longo de sua vida.

Que maravilhoso quadro acabava de pintar, tão simples, mas perfeito.

De repente ele percebeu surpreendentemente que tinha inveja do Dr. Phillip Whitney, personagem que ele mesmo criou.

— Sabe que ainda não tenho nenhuma lembrança.

— Sinto muito por isso.

Ele realmente sentia. Havia proporcionado sem dúvida certa dose de sofrimento a ela. Mas considerando a alternativa, não mudaria nada.

— E se as lembranças nunca voltarem? — Sua voz refletia um débil desespero. — A vida é tão curta, Sr. Black. Não vê? É importante que minhas lembranças voltem. Eu gostaria de ser alguém por quem a minha mãe e o meu pai sentissem orgulho.

— Já o tem.

Ela sacudiu a cabeça em aparente frustração, como se ele não entendesse.

— Meu pai, por acaso, deixou algum tipo de herança?

Seu sorriso desvaneceu. Temia que perguntasse isso. Podia ver sua mente trabalhando, tentando encontrar uma maneira de ser independente de seu governo. Tirou sua mão, deixando o lenço na dela.

— Sim, é obvio, mas não mais que uma pensão de viúva. Certamente, não é o suficiente para te manter pelos três anos na escola de medicina, e mais os cinco anos de prática hospitalar. Seu pai se dedicou a você, Elena, mas era igualmente dedicado a sua profissão. Não se tornaria rico mantendo um hospital com serviços gratuitos na África.

A luz se apagou de seus olhos, e ele odiou ser o culpado por extingui-la. Mas se negava a liberá-la sozinha nesse mundo. Ainda não.

— Tem razão, é claro. — disse ela em voz baixa.

— Sinto muito.

— Não é sua culpa.

— Enfermeira Whitney. — gritou uma voz feminina. — Enfermeira Whitney! Aqui.

Elena procurou a fonte da voz, claramente aliviada pela interrupção. Sim, o Sr. Black deu a resposta que procurava, mas não foi exatamente a que esperava ouvir.

A multidão se dividiu tempo suficiente para que ela pudesse ver uma jovem mulher agitando uma mão enluvada e apoiada em uma só muleta.

— Lizzy.

Sorrindo aliviada, ela saltou do muro e começou a atravessar a rua, parando apenas para incitar Archer a segui-la. Ele assim o fez, com seu olhar escuro e de algum jeito possessivo, algo que a confundia, dada a grave discussão tutor-pupila que tiveram minutos antes.

À medida que se aproximava, Lizzy gritou:

— Olá para você. Que surpresa. Vive por aqui?

— Não, mas segui a multidão.

Não iria dizer à garota quão preocupada estava com ela. Na realidade, não se conheciam muito bem, e Elena não queria fazê-la sentir-se incomodada.

— E você, Lizzy, não estava hospedada com a senhora Eddowes na rua Shoe? Não me diga que caminhou toda essa distância de muletas.

Lizzy riu entre dentes.

— Um de meus amigos me trouxe na parte posterior de sua limusine, mas não o vejo já há algum tempo. Não estou certa de como vou retornar.

— Como está sua perna?

— Melhor que ontem, isso sim eu posso dizer. — A garota olhou ao Sr. Black, que se encontrava a uns passos a seu lado. Aproximou-se mais. — Quem é esse cavalheiro com quem está?

— Somente alguém que conheço. — Respondeu Elena em voz baixa.

— Agora sei por que não está com o bom doutor. Em qualquer dia eu mesma tomaria ao diabo em vez do santo. Mas claro, por isso é que me meto na maior parte dos meus apuros na vida. — Sorriu.

As bochechas de Elena se ruborizaram e rogava para que sua senhoria não tivesse escutado.

Por isso mudou rapidamente de tema.

— A senhora Eddowes encontrou um lugar aonde pudessem estar as duas esta noite?

Lizzy assentiu.

— Oh, senhorita, encontrou um lugar muito agradável. Muito acolhedor na verdade e me reservaram uma cama para amanhã também.

— E a senhora Eddowes? — Elena decidiu não comentar o que a senhora Scott havia dito a respeito de que Catherine se embebedou e a tinham detido.

— Não a vi desde ontem à noite, — o sorriso de Lizzy desapareceu. — disse que era muito cedo para que uma alma errante como ela estivesse trancada. Fecham as portas as oito em ponto, você sabe, para manter a ralé fora e não abrem de novo até às oito da manhã do dia seguinte.

— Uma política razoável, acredito.

A garota assentiu, e enquanto o fazia, seus cachos vermelhos se balançaram.

— Sim, é claro. Dormi sem nenhum problema, sem uma só preocupação no mundo. Catherine me disse que encontrou seu velho e passou a noite com ele.

Lizzy sorriu de novo, mas um toque de nervosismo obscureceu com nostalgia seu brilho. Era sem dúvida uma alma valente, e ainda estava por conta própria. Elena temia que só fosse uma questão de tempo antes que se visse obrigada a procurar o amparo de qualquer homem que a quisesse.

Lizzy pôs uma mão sobre o braço de Elena.

— Disse-me o que fez por nós, a forma que deu as moedas e insistiu para permanecermos em um lugar seguro. Muitíssimo obrigada por isso.

Os lábios do Sr. Black se moveram para baixo em sinal de desaprovação.

Elena não se importava. Agia corretamente, ao menos neste caso.

— Não há de que, Lizzy.

— Estava certa de que veria Catherine aqui. — seus olhos percorreram a multidão. — Geralmente está onde tem uma festa acontecendo.

— Estou certa de que vai aparecer, — assegurou Elena, mantendo a esperança ela mesma.

— Suponho que já esteja por aqui, soube das mulheres que foram assassinadas ontem à noite?

— Sim. Tinha a esperança de que a besta tivesse sido tragada por um grande buraco negro.

A mandíbula do Senhor Archer ficou rígida. Ela se perguntou o que poderia ter causado a alteração de seu humor. Ele abriu o casaco e tirou seu relógio do colete.

— Senhorita Whitney, lamento ter que interromper.

— Sim, Sr... — Elena se conteve. Não serviria de nada revelar seu status aristocrático a Lizzy, ou a qualquer pessoa na rua, limpou a garganta. — Senhor?

— Como eu disse antes, tenho uma entrevista essa tarde.

— Pode ir então. — Fez um gesto com sua mão enluvada. — Não se preocupe comigo. Eu retornarei para casa sozinha.

Seus olhos escuros brilharam.

— Nem sequer pense nisso.

Elena sabia que não devia protestar. Ele foi incrivelmente paciente com ela, mais do que havia esperado. Tinha encontrado Lizzy e estava segura de que a senhora Eddowes estava a salvo também. Não havia outra razão para que ficasse, e a multidão estava ficando incontrolável.

Elena abriu sua bolsa.

— Lizzy, quero te dar...

Lizzy levantou uma mão e se apoiou na muleta.

— Não, senhorita. Já fez o suficiente por mim.

— Como vai voltar para a pensão?

— Sobrevivi todo este tempo sem sua caridade, enfermeira Whitney. — respondeu em voz baixa. — E imagino que o dia de hoje será igual.

Na rua os discursos já começaram, um homem pedia uma e outra vez a demissão de vários funcionários públicos que eram ao parecer culpados da falta de prisões.

Archer se afastou para o local menos povoado da rua e esperou por ela, que ficou inesperadamente sem fôlego ao olha-lo, de pé tão alto e sombriamente arrumado, com seu cabelo e seu casaco longo até o joelho ondeando na brisa.

— Muito bem, Lizzy. — disse Elena a contra gosto. — Por favor, tente não sobrecarregar sua perna machucada e passe pela enfermaria se a dor piorar.

— Está bem, enfermeira Whitney. Cuide-se também. — Lizzy se despediu, antes de passar pela calçada mancando.

Elena se reuniu ao Sr. Black, e se dirigiu para uma fila de carruagens de aluguel.

— Odeio ter que deixá-la. — disse Elena.

— Não pode salvar a todos.

— Seria feliz com somente um.

Archer inspecionou os transportes e escolheu o que se apresentava em melhor estado de conservação. Caminhou para frente e falou com o condutor. Ajudou Elena subir na cabine, fechando a porta atrás dela. Apareceu na janela aberta.

— Não vem?

— Tenho um compromisso.

— Poderíamos ir juntos. Eu posso esperar por você.

— Não desta vez. Vemo-nos mais tarde na mansão. — Fez um sinal ao condutor e a carruagem ruidosamente empreendeu a marcha.

Elena se acomodou no assento e ponderou sobre seu guardião misterioso. Aonde iria? Que negócio teria que resolver? Ainda sentia como se não soubesse nada sobre ele.

Ela se afundou mais no assento, agarrando sua bolsa contra o peito. Era tão formoso, que fazia com que lhe doesse o coração. Por que não podia ser o indicado para ela, já que seu coração suspirava em segredo por ele? Pela primeira vez, perguntou-se se seria um espião. Sim, um espião ao serviço de Sua Majestade Real.

Na realidade, se a medicina não funcionasse para ela, deveria converter-se em escritora de novelas românticas. Às vezes concebia as ideias mais engraçadas.

*****

O crepúsculo caía quanto Archer desceu da carruagem. Deu ao condutor uma coroa, antes de caminhar através do pátio de trens, pedindo que o esperasse. Suas botas rangeram contra o cascalho.

Dois motores de locomotiva, pretos e sem logotipo estavam ligados a quatro carros de passageiros que se encontravam na terceira plataforma e mais distante dos trilhos, com as janelas cobertas por cortinas escuras. Sete guardas, vestindo ternos extremamente finos, muito bem armados e bastante musculosos, estavam situados em vários pontos estratégicos. Um deles segurava uma coleira, passeando com um pequeno Skye terrier.

Quando Acher se aproximou, um dos guardas desceu da plataforma traseira.

— Seu nome, senhor? — Perguntou.

— Black.

O homem olhou para o trem. Uma cortina se moveu, e uma mão fez um sinal do interior.

Deu a Archer uma inclinação cortante de cabeça.

— Prossiga, sua senhoria.

Archer agarrou o corrimão e subiu as escadas de metal. A porta do vagão se abriu em seguida, e outro guarda estava de pé com olhos de aço lhe dando as boas-vindas.

— Sua Senhoria.

Archer entrou em uma sala completamente mobiliada, com paredes carmesins ricas e iluminada por uma série de abajures de mesa.

Arranjos descomunais de primaveras e violetas cobriam várias mesas laterais, aromatizando o ar. Mais dois guardas estavam de pé situados no extremo oposto do carro.

A mulher que veio encontrar estava sentada em um pequeno sofá, o rosto redondo como um retrato melancólico por cima do cetim do laço em seu pescoço. A equipe de apoio estava nas almofadas ao lado dela.

— Sua Majestade. — Archer se aproximou, estendendo sua mão para ela.

— Black. — A rainha colocou sua palma sobre a dele, e ele se inclinou para beijar seus dedos. Enquanto seus olhos só revelavam um toque mínimo de fascinação, ele sentiu a ascensão do entusiasmo correr por ela.

Com um movimento de sua mão, o Guarda de Infantaria abandonou a sala.

— Por favor, por favor, sente-se. Obrigada por voltar para Londres tão depressa.

— Sinto-me honrado por estar ao seu serviço. — Sentou-se em uma cadeira dourada coberta de brocado. — Não esperava seu chamado, sabendo que estava em Balmoral. Irá a Buckingham daqui?

— Não, querido imortal. Bertie se encarrega de todas as necessárias aparições em Londres. Vim só para vê-lo, de fato, voltarei esta mesma noite. — riu fracamente. — Se deseja voltar a me ver, terá que ir à Escócia.

— Talvez algum dia.

Vitória assentiu, com seu sorriso seco como uma indicação de que percebia que ele nunca se apresentaria para as férias em seu amado castelo nas terras altas da Escócia.

— Uma vez mais, obrigada por responder a meu chamado. Não é que não apreciemos o entusiasmo dos jovens da Guarda, mas acredito que nossa situação merece a atenção dos mais altos níveis de sua organização, — seus lábios se apertaram em uma linha fina. — Seja sincero comigo Black, como sempre fomos entre nós e me diga que classe de monstro caminha entre meus súditos?

Archer escolheu cuidadosamente suas palavras. Embora os Amaranthines desfrutassem de uma relação benéfica com a Coroa, e a conservassem desde Guillermo o Conquistador, somente algumas informações podiam ser reveladas.

— Só posso dizer que esta alma em particular foi marcada para sua Recuperação. O qual, em si mesmo dá testemunho do excesso de mal dentro dela.

— Mas esse... — Os lábios de sua Majestade se moveram para baixo com desgosto. — Jack o Estripador, como ele mesmo se denominou, é diferente, não é assim?

— Demonstra ser um desafio.

Ela levantou sua sobrancelha.

— Inclusive para você?

— Algumas almas tomam mais tempo e habilidade para Reclamar que outras. Quanto mais deterioradas estejam, menos visível será o rastro que deixam atrás de si para que nós o sigamos. E não facilita as coisas que tenha

escolhido Londres, uma cidade populosa e com milhões de motivos para caçar. A densidade demográfica e a complexidade resultante da pobreza e da violência, só se adicionam à dimensão do desafio.

— O que o motiva a matar essas mulheres em particular? Cada uma era uma alma perdida. Uma prostituta.

— Não se equivoque. As presumidas vítimas do Estripador não foram somente essas quatro mulheres, a não ser toda uma cidade, e de fato, todo mundo. O assassino não sente nenhum remorso pela selvageria que inflige, e se deleita com a atenção que recebe, embora a vaidade não inspire seus assassinatos. É simplesmente um vampiro que se alimenta da emoção e do temor que produz seus assassinatos. Se ele continuar sem ser identificado, se tornará imensamente mais forte.

— O qual o eleva a um nível de preocupação para sua organização.

— De fato, é verdade.

A rainha começou a rodar o bracelete em seu pulso, que ocultava um pequeno retrato de seu amado marido, o príncipe Alberto, que morreu há quase trinta anos atrás, e do qual nunca deixou de sentir saudades.

— Os esforços de nossas autoridades são inúteis?

— Não, absolutamente. As almas deterioradas não são perfeitas em sua loucura. Cometem erros, e às vezes são capturadas e Recuperadas graças a eles. É imperativo que o Ministério do Interior continue suas investigações, especialmente neste caso onde o vilão parece tão decidido a zombar deles. Gosta de dar pistas. Não podemos descartar sua importância e ajuda.

— Por favor, saiba que qualquer recurso será posto a seu dispor. Só tem que pedir. O primeiro-ministro está comigo nisto.

— Prefiro como sempre, trabalhar sozinho.

Suas mãos se apertaram em punhos contra sua saia.

— Odeio me sentir impotente. Eu não gosto que esta besta aterrorize as ruas de meu reino. Faça o que seja necessário para Reclamá-lo, Sr. Black, e envie o bastardo para o inferno.

— Esteja certa de que quero isso mais que a senhora, Sua Majestade.

— Muito bem, então. Suponho que devo deixá-lo ir e lhe permitir fazer o que melhor sabe fazer. Devo admitir que me sinto mais tranquila por havê-lo visto.

Archer ficou de pé.

— Informarei qualquer novidade. — Fez uma reverência, como se quisesse despedir-se.

— Espere. Por favor. — Chamou a rainha em voz baixa, mordendo seu lábio inferior com incomum ansiedade. Levantou ambas as mãos e fez um sinal para avançar. Ele se aproximou dela. Depois que remexeu na almofada de sua cadeira, sentiu a pressão de um pergaminho contra a palma de sua mão.

— Por favor, Senhor Black. Receba.

Ele a olhou com compaixão. Apesar de que uma eternidade de tempo havia passado, recordava a crua ferida do luto e da dor de viver sozinho.

Em voz baixa disse:

— Sabe que não posso agir como mensageiro. Minha autoridade se estende só aos corruptos de almas mortais que ameaçam a existência da raça Amaranthine. Todos os outros estão fora de meu domínio.

— Pode contar algo dele?

— Só que está em paz e deseja o mesmo para você.

Ela assentiu, com pesadas lágrimas contra seus cílios. Piscou afastando-as.

— Não desejaria nada mais que estar com ele outra vez.

Apertou sua mão.

— Quando chegar o momento.

Ele a deixou então. A última imagem da rainha, foi dela com um manuscrito contra seu peito, uma mensagem de amor eterno. Nesse momento, não era a monarca mais poderosa do mundo, e sim uma viúva amargurada.

Capítulo 9

— Senhorita Whitney, viu a condessa hoje? — Perguntou Mary Alice enquanto arrumava uma pequena pilha de toalhas ao lado da pia.

— Não, não a vi. — Elena desviou o olhar para longe da saia que usou em East End essa tarde. Pendurou a roupa no cabide atrás da porta de madeira, acabando de limpar uma mancha com a esponja. — Sei que saiu de casa ontem à noite, mas depois disso não estive a par de suas idas e vindas. Por que pergunta?

Honestamente, tinha tentado esquecer a condessa e sua estranha conversa na noite passada. Ainda não estava segura da relação da mulher com sua senhoria e se perguntou se algum dia saberia. Apesar do tempo que passou com o Sr. Black nessa tarde, não sentia como se o conhecesse melhor que antes. Tudo e todos os assuntos relacionados com ele permaneciam ocultos atrás de um muro de mistério impenetrável.

Quanto mais pensava nisso, sua ideia tola de que era um agente da Coroa não era tão ridícula assim. Dirigiu-se para a pia e derramou água para lavar as mãos.

Mary Alice forneceu uma toalha limpa.

— Bom, senhorita, hoje pela manhã retornou de onde passou toda a noite. Irrompeu nas escadas e ordenou que um bule de chá turco forte fosse entregue imediatamente em seu quarto.

— Mas não pediu livros?

— Perdão, senhorita? Livros? — O cenho franzido de Mary Alice revelou sua confusão.

— Oh... não é nada.

— Eu me apressei em levar seu chá, só para descobrir que tirou todas as peças de roupa de cama do quarto. Os lençóis, as toalhas, tudo, estava fora em uma pilha no corredor.

— Explicou por quê?

— Oh, sim. Foi muito direta. — Respondeu Mary Alice com um leve tom de sarcasmo. — Disse, não, simplesmente gritou que usava somente roupa de alta qualidade por causa de sua pele que era muito delicada.

Elena riu entre dentes, olhando fixamente a toalha em sua mão.

— Que classe de roupa estamos usando?

— Roupa de cama de lã, ao que parece. Assim imediatamente, a governanta querendo agradar aos convidados de sua senhoria, enviou um pedido a Harrods pelo que havia de melhor e da mais alta qualidade, e duas horas mais tarde, uma vez que tudo foi entregue, subi para fazer uma vez mais sua cama.

— E?

As bochechas de Mary Alice se ruborizaram.

— Quando bati na porta, gritou para que fosse embora.

Elena encolheu os ombros.

— A condessa parece ser uma mulher de extremas paixões e temperamento difícil. Entretanto, talvez devêssemos lhe dar o benefício da dúvida. Gritou simplesmente, ou poderia estar transtornada?

— Não posso dizer que conheço a diferença, não com ela de todos os modos. Fui até seu quarto por três vezes mais e chamei, e ninguém respondeu. Não quis incomodá-la. Tampouco quero ser a responsável por sua delicada pele se destroçar. — franziu o cenho. — O que acredita que esteja fazendo ali?

Elena pensou na noite anterior.

— Sabe, agora que estou me lembrando, não se sentia bem ontem à noite. Algo relacionado com sua digestão, acredito.

— Talvez esse seja o motivo, então. — disse Mary Alice duvidosa.

— Tem as peças agora?

— Em meu carrinho, no corredor.

— Pode me entregar, eu as levarei.

— De verdade, senhorita? — Perguntou a garota. — Estou realmente aliviada. Tenho que lhe confessar que estou um pouco intimidada pela condessa. Não só isso, mas tenho que orientar uma nova criada que acabaram de contratar hoje. Deixei-a lá embaixo para que vestisse seu uniforme, e o mais provável é que esteja esperando por mim agora.

— Então estamos acertadas, irei ver a condessa.

Elena seguiu Mary Alice até o corredor e pegou as toalhas e os lençóis, se separaram em direções opostas, Mary Alice para a escada de serviço e Elena para o quarto da condessa, situada no outro extremo da casa, justo ao lado da senhora Hazelgreave. Passou por baixo da claraboia, já escurecida pela noite iminente.

Parou na frente do quarto da condessa, bateu na porta.

— Sra. Pavlenco? — chamou, mas não recebeu resposta. Talvez a condessa tivesse abandonado a mansão de novo, desta vez sem que ninguém o notasse.

Com um giro na maçaneta de bronze, entrou no quarto e parou. As cortinas foram fechadas, e o ambiente estava escuro como uma cova. Esperou um momento para permitir seus olhos se ajustarem. Poucos carvões brilhavam fracamente na lareira, mas fazia tempo que queimaram e se tornaram cinzas em sua maioria.

Ouviu-se um som, um suspiro ou o roçar de tecido, e um murmúrio de palavras na voz da condessa. Palavras que ela não entendeu. Talvez Selene estivesse com febre? Dirigiu-se para a cama e tropeçou em algo. Uma cesta grande, tecida com juncos grossos. Havia vários recipientes, junto com suas tampas.

Um gemido saiu da direção da cama de dossel. De repente, ocorreu a Elena que talvez tivesse interpretado mal as coisas, e que a condessa não estava sozinha.

Ela sabia muito bem das relações apaixonadas que existia entre um homem e uma mulher, não de primeira mão é obvio, mas não podia continuar sem educação muito tempo trabalhando com os pacientes descaradamente comunicativos da enfermaria de Whitechapel.

Uma imagem da condessa e do Sr. Black, nus e entrelaçados na cama, acendeu-se espontaneamente em sua mente. A profundidade da dor que experimentou apenas de imaginar tal coisa a surpreendeu.

Agora que a imagem estava em sua mente, sentiu-se obrigada a fazê-la desaparecer.

— Sua senhoria? — Chamou Elena com voz clara, acreditando que era justo que se anunciasse antes de envergonhar a alguém. Ninguém lhe respondeu.

Elena parou ao pé da cama. Levou um momento para que seus olhos se acostumassem a constante escuridão formada pelas cortinas pesadas, ao longo dos lados da janela. Entretanto, quando o fizeram, piscou, não acreditando o que sua visão revelava. De verdade, a condessa não estava sozinha.

Algo preto deslizou para o pé da cama.

Para ela.

Elena gritou e jogou as toalhas.

— Quem é? — Exigiu a condessa, com a voz grossa pelo sono.

— Serpentes. — exclamou Elena, andando para trás até que suas costas se encostaram contra a parede ao lado da lareira. — Há serpentes em sua cama.

— Senhorita Whitney? — A condessa se sentou na brumosa escuridão, aparentemente despreocupada pelas não menos de vinte serpentes deslizando-se sobre e ao redor de suas pernas, cintura e braços. Além das serpentes, só estava sua pele pálida e cabelo escuro brilhante. A condessa, efetivamente, dormia nua.

— O que está fazendo no meu quarto? — Murmurou mal-humorada.

Elena pegou o atiçador de ferro da lareira ao lado do fogo.

— Eu... hei, supus que como entrou no meu quarto ontem à noite e tivemos uma agradável conversa, estávamos bem socialmente.

Uma serpente deslizou do cabelo de Selene e se deixou cair sobre seu ombro nu, antes de cair sobre o travesseiro e afastar-se ondulando.

— Quer dizer... como amigas? — perguntou Selene com receio.

— É claro. Como amigas.

A condessa pegou um grande e exótico tecido de aspecto quadrado da cama, e com cuidado depois de transferir várias de suas companheiras para o colchão, se envolveu no estilo toga.

Ficou de pé e se aproximou de Elena através da escuridão.

— Devo parecer bastante excêntrica para você.

— Bom, sim. As serpentes... — Elena começou a rir nervosamente, com um olho na cama. Toda a cena era tão surrealista. — São muito incomuns.

— Eu as adoro.

— Temo que eu não.

Uma serpente ondulou pelo chão para elas, apenas visível contra o tapete. Elena saltou de lado, aproximando o atiçador contra si mesma. Era evidente que as serpentes eram mascote. Não acreditava que se dessem muito bem se partisse uma delas em pedacinhos.

— Nem sempre foi assim. — Selene se inclinou para recolher a criatura, — Serpentes costumavam me aterrorizar, mas aprendi há muito tempo, aceitar o que mais me assusta. Tem-me feito mais forte. — Sorriu. — Além de que é um símbolo da realeza.

— Ah, é mesmo?

— Vem e toque Xerxes ao longo de suas costas com o dedo.

A condessa sustentou Xerxes para ela. Seu corpo pequeno e estreito se afundou entre suas mãos. Elena realmente não queria tocá-la, mas tampouco desejava parecer covarde. E amaldiçoou sua impulsividade, se tão somente não tivesse feito essa tatuagem no pulso. Não tinha sentido que gravasse a imagem de uma serpente em sua pele, e mesmo assim, rejeitasse o desafio de tocar apenas uma.

Cautelosamente passou a ponta dos dedos sobre as escamas suaves de obsidiana.

— Que surpresa. Está fresca e seca. Imaginei que seria viscosa. É... venenosa?

— Mortalmente. — Sorriu Selene, mostrando seus dentes brancos e retos.

Elena ficou gelada.

— Somente, não faça nenhum movimento brusco, ou comece a gritar ou algo igualmente ridículo e estará bem. — Ela encolheu os ombros. — E se te consola já me disseram que não é uma má maneira de morrer.

Elena tragou.

— Agora já me sinto mais tranquila.

— Venha, me permita colocá-la ao redor de seu pescoço.

Antes que Elena pudesse recusar, Selene colocou Xerxes ao redor de seus ombros. Rapidamente levantou seu cabelo para que não se enredasse.

— Aí está. — anunciou a condessa, soando satisfeita.

— Ela... não é tão má. — Elena olhou para baixo, pela extremidade do olho. À estreita bifurcação da língua que Xerxes lançou para lhe tocar o queixo.

— Oh, olhe, lhe deu um beijo. Gostou de você. — Sussurrou Selene. Um amplo sorriso iluminou seu rosto. No momento seguinte, o sorriso desapareceu e seus olhos brilharam. — Agora me devolve isso.

Poucos momentos depois, Elena escapou para o corredor. Abriu a porta e a fechou rapidamente.

Olhou para as pontas de seus sapatos para estar segura de que não havia nada deslizando por baixo da porta. Ao não ver nada, apoiou-se contra a parede com alívio.

Senhor, nunca conheceu alguém tão estranho como a condessa. Finalmente conseguiu sair do quarto dizendo que não podia deixar à senhora Hazelgreaves esperando para o jantar, o qual era dificilmente uma mentira. Sua anciã acompanhante se tornava bastante irritante quando passava muito tempo entre o chá da tarde e o jantar. Cruzando o atapetado corredor até a porta do quarto dela, chamou e esperou, mas não recebeu resposta. Uma imagem extravagante passou por sua mente, a de uma senhora Hazelgreaves nua, sorrindo e contorcendo-se languidamente sobre uma cama de serpentes. Senhor, certamente não estava pronta para outra revelação desse tipo. Provavelmente a senhora Hazelgreaves chamou o mordomo para levá-la para baixo.

Elena desceu correndo as escadas, imaginando que pela extremidade do olho via serpentes por toda parte, penduradas nos candelabros e rodeando o corrimão. Como poderia conseguir dormir nessa noite? Deveria dizer a alguém?

Justo quando estava a ponto de entrar na sala de jantar ouviu vozes femininas. Mary Alice e uma criada doméstica caminhavam pelo corredor, uma criada cujo encaracolado cabelo vermelho aparecia debaixo de sua boina branca, a qual coxeava com uma muleta.

— Lizzy. — Exclamou, assombrada e surpresa.

Lizzy sorriu, cambaleando para frente.

— Não queria dizer nada. Não estava segura sequer de que vivia aqui. E olhe! Encontramo-nos.

Mary Alice se apressou para chegar até ela, franzindo o cenho com desconfiança.

— As duas se conhecem?

Elena tomou a mão da garota a modo de saudação. Lizzy tremia bastante de emoção.

— O que está fazendo aqui, Lizzy?

— O homem que estava com a senhorita esta tarde, sua senhoria voltou para conversar comigo depois de que você se foi. Disse-me que o trabalho era meu, se eu quisesse. Maldição! Se eu quisesse? — Pressionou uma mão contra sua avermelhada bochecha. — O que aconteceu em seguida é que me ajudou a subir em um carro e se despediu de mim. Não posso acreditar na minha boa sorte.

Lizzy estava fora das ruas! Era obvio, era apenas uma entre os milhares de pessoas que mereciam algo melhor, mas o alívio que Elena sentia era incomensurável. E não pôde acalmar a voz dentro de sua cabeça que gritava com absoluto prazer que sua senhoria levou Lizzy à mansão para agradá-la.

Ela lhes perguntou:

— Sabem se sua senhoria retornou de East Sede?

Mary Alice sacudiu a cabeça.

— Não senhorita, não o vi nem o escutei.

— Sua senhoria, — suspirou Lizzy animadamente. — Estarei para sempre em dívida com ele. Se tão somente Catherine Eddowes pudesse me ver agora.

Mary Alice olhou por cima do ombro.

— Será melhor que façamos nossos deveres antes que o senhor Jarvis nos encontre aqui conversando com a senhorita Whitney. — olhou para Lizzy com a altivez de rainha. — Não é permitido, sabe.

A cabeça de Lizzy balançou.

— Correto.

— Estou muito feliz por você, Lizzy.

— Obrigada enfermeira Whitney.

À medida que avançavam caminhando perto dela, Mary Alice se inclinou e murmurou:

— É um pouco vulgar devido as ruas. Vamos ter que trabalhar em sua forma de falar e suas maneiras.

— Obrigada por dar as boas-vindas a Lizzy, Mary Alice. Irei agora ver se a senhora Hazelgreave chegou para o jantar.

Mary Alice balançou a cabeça.

— Esqueci-me de lhe dizer, que não será assim. Ela se sente indisposta.

Elena recordou como se separaram nesta manhã no gabinete do Sr. Black. Ela surpreendeu sua acompanhante com o anúncio sobre a escola de medicina.

— Está segura de que não está...

— Não está o que, senhorita?

Elena fez uma careta.

— Me evitando. Pode ser que eu a tenha incomodado hoje.

— Não creio, porque apenas nesta tarde me disse que era um prazer que a senhorita estivesse aqui. E que não poderia deixar de falar de como sua senhoria era um perfeito cavalheiro. Ela tinha só coisas agradáveis a dizer. — Inclinou a cabeça. — Completamente fora do normal dela, agora que penso sobre isso.

— Talvez fosse melhor ver como está.

— Já estava na cama com um de seus tônicos. Estou certa de que receberá visitas pela manhã.

— Muito bem. — Elena aceitou a contra gosto. Já ouviu falar mais de uma vez a respeito dos “Tônicos” da senhora Hazelgreaves. Comentaria sobre a situação com o Dr. Harcourt, quando retornasse ao hospital no dia seguinte pela manhã. — Acho que vou jantar no meu quarto então e atualizarei minha leitura.

— Muito bem. Informarei à srta. Harper na cozinha. Ah, e pôde falar com a condessa?

— Sim. — E com as serpentes! — Ah, pendurei as toalhas, e quanto ao resto, como a roupa de cama, deixei-as ao lado da porta, quando tiver um tempo livre, você pode arrumá-las.

Elena voltou para as escadas, e agarrou a saia para subir, sentindo-se como se pudesse flutuar diretamente para cima. Acabou de receber um presente maravilhoso e inesperado, e estava tão emocionada, que quase esqueceu a condessa e suas serpentes.

Recordou a expressão do Sr. Black essa tarde quando seu transporte afastou-se. Estava tão severo, tão reservado.

E pensar que no momento seguinte voltou para apertar-se entre a multidão para encontrar Lizzy.

Como poderia lhe agradecer?

*****

Horas mais tarde, Leeson deslizava as pesadas cortinas ao longo da barra de latão, bloqueando a noite fantasmal.

— Meu senhor, deixei sua correspondência diária em sua mesa. — Cruzou a sala, e com alguns golpes com o atiçador rapidamente despertou o fogo.

Archer saiu de seu quarto de vestir, abotoando a calça de flanela em sua cintura.

— Algo interessante?

— Não que eu recorde. Só o último de seu demonstrativo financeiro. E muitos cartões de apresentação e cartas de pessoas que desejam conhecê-lo. O sr. Jasper perguntou se estará em casa para receber visitas.

Archer franziu o cenho. Que ideia horrível. Se não fosse por Elena, ninguém mais que seus advogados e banqueiros saberiam sequer que se encontrava ali.

— Suponho que teremos que nos ocupar disso cedo ou tarde.

Archer precisava conversar com a senhora Hazelgreaves. Muitas das joias mais exclusivas do mundo eram exibidas em lugares privados e muito exclusivos. Talvez Elena, e ele, na realidade, poderiam evitar o desconforto de um evento formal e grandioso, e poderiam entreter a possíveis pretendentes em uma escala menor.

O secretário do Sr. Black dava voltas ao redor da sala, recolhendo qualquer tipo de roupa que seu empregador imortal tivesse esparramado enquanto se dirigia ao banho

— Retornará à cidade esta noite?

— Sim. — Acher examinava a pilha de cartas. — Antes da meia-noite.

Seu olhar travou em algo.

— Leeson, recorda isto? — Levantou um envelope.

Como questão de rotina, Leeson abria toda sua correspondência, toda, exceto as missivas que levavam o selo triangular dos Primitivos. Esse envelope, menor que o resto da pilha, tinha permanecido fechado.

Leeson estreitou os olhos.

— Não, senhor. Estranho que não tenha visto esse.

Archer olhou seu nome, escrito em uma pesada, e escura caligrafia por cima do endereço da mansão, entretanto, não havia nada mais escrito. Algo cravou em sua memória, algo cruel e feio. Pegou o abre cartas da mesa, e abriu o envelope ao longo de sua dobra superior.

O vil aroma de Jack se derramou como uma praga. Com uma maldição, Archer reflexivamente amassou o envelope em sua mão.

— O que acontece, sua senhoria? — Leeson o observou com preocupação do outro lado da sala, sobre uma pilha de roupas em seus braços.

Archer queria gritar. Amaldiçoar. Mas sozinho. Em voz baixa, respondeu:

— Não é nada. Pode se retirar.

— Muito bem, senhor. Só levarei isto pelas escadas até a lavanderia, depois tenho que dar algumas instruções. Tem fome? Gostaria que lhe enviasse algo da cozinha?

— Não esta noite.

Archer esperou que seu secretário fechasse a porta antes de abrir o envelope na superfície de madeira de sua mesa.

Recebeu uma carta de seu alvo sangrento.

Jack o Estripador se excedeu. Isso não tinha precedentes. Nunca recebeu uma comunicação direta de nenhuma das almas que caçava, inclusive daqueles que cruzavam esse perigoso estado sobrenatural. As regras do jogo mudaram e ficaram muito mais perigosas. Mas quando aconteceu? Como Jack tornou-se tão forte?

Com um grunhido, abriu a carta.

"Black.

Bem-vindo a Londres. Gostou dos dois encantadores presentes que deixei para você?

Sua pupila é uma garota encantadora. Ouvi que se prepara para uma escola de medicina. Poderia lhe ensinar algumas coisas sobre a anatomia humana, já que me converti recentemente em um perito no tema... Ah! Quem sabe eu decida chamá-la e oferecer uma aula quando retornar de minha breve viagem?

Até então".

*****

Elena abriu os olhos, acordando de um sonho inquietante. Estava correndo ao longo de uma rua escura e carregada de névoa. Estava assustada. Aterrorizada. De repente, todos os postes de luz de metal e vidro se transformaram em árvores negras com as extremidades em chamas. Alguém estava perseguindo-a, alguém cujos passos pesados correspondiam ao batimento rápido de seu coração.

Felizmente, algo a tinha despertado. Uma porta se fechando? Vozes?

De seu lugar no assento da janela olhou para o relógio da lareira. Onze em ponto. Colocou o texto que esteve lendo e que repousava em seu colo, sobre a almofada a seu lado e foi até a porta.

Ao abri-la, chegou a ver o sr. Leeson, com seus braços cheios de roupa, indo em direção à escada de serviço. No final do corredor, a luz brilhava debaixo da porta da privada sala de sua senhoria.

Exalou, um pouco nervosa.

Tentou permanecer acordada, até que sua senhoria retornasse. Tinha que agradecer por ter dado a Lizzy o posto de dama doméstica. Não teria a oportunidade de falar com ele pela manhã antes de partir para seu turno no hospital.

Assegurou-se de que os botões de sua bata estivessem bem fechados, e passou os dedos ligeiramente por seu cabelo.

Um momento depois, chamou sua porta.

— Adiante. — gritou ele laconicamente.

Ela congelou, pensou que ele abriria a porta, onde brevemente ela poderia agradecer e fazer uma rápida retirada para seu quarto.

No segundo seguinte, a porta se abriu.

— Leeson...

Elena deu um passo atrás.

Sua senhoria se elevava por cima dela, com seus largos ombros obstruindo qualquer visão da sala. Estava sem camisa, apenas de calça e vagamente abotoada em seus quadris esculpidos. Obviamente, acabava de banhar-se.

Seu cabelo estava úmido, e podia cheirar o sabão em sua pele.

— Não, não sou Leeson. — respondeu ela sem fôlego. — Apenas eu.

— Olá... sou eu. — Não parecia muito contente em vê-la. Seu olhar era intenso, em conjunto com sua mandíbula rígida.

— Eu... eu queria falar com o senhor a respeito de algo.

— Bem. Eu gostaria de falar com você também.

Antes que pudesse responder, distanciou-se dela. Com a boca seca, ela o viu afastar-se, tendo a vista seus bem torneados ombros e suas fibrosas costas. Seu cabelo se pegava a pele, como uma rica cortina úmida. Haveria alguém alguma vez visto algo tão formoso? Tinha visto as estátuas e obras de arte, mas o Sr. Black era vibrante e vivo, e sua graça leonina era profundamente atraente.

Ela o seguiu, mas só até a soleira debaixo da porta.

— Sei que é tarde, e não quero incomodá-lo. Mas tinha que lhe agradecer.

Parado em sua mesa de barbear, virou para olhá-la.

— Por trazer a garota, Lizzy, à mansão?

— Sim.

A luz do fogo iluminava seu quarto. Móveis negros, grandes e elegantes feitos em sedas claras asiáticas, dominavam o ambiente. Não se atreveu a olhar diretamente para a cama. Em lugar disso procurou seu reflexo no espelho de borda dourada.

Seus olhos brilhavam misteriosamente.

— Se me conhecesse melhor, não me agradeceria por isso.

Seu sorriso desvaneceu.

— Não arruíne seu gesto maravilhoso com suas palavras.

Ele vestiu uma camisa de estilo inglês solta sobre seus ombros, mas não se incomodou em fechar os botões.

— Quero que faça algo por mim agora.

Elena se armou de coragem. Certamente, ele a lembraria que teria que encontrar um marido logo que fosse possível. Ele abriu uma gaveta, encontrando um pente e uma tesoura de prata com longas folhas brilhantes.

— Cortaria meu cabelo? Poderia esperar Leeson para que fizesse as honras, mas já que está aqui...

Elena exalou aliviada de que as palavras esperadas não tivessem saído de seus lábios. Até que entendeu o que lhe pedia.

— Cortar seu cabelo? — Franziu o cenho, horrorizada. — Por que me pede que faça isso?

— Porque o desejo.

— Mas seu cabelo é...

Notável.

Divino.

— O que? — Exigiu com impaciência.

— Simplesmente não quero que o corte.

— Voltará a crescer. É sempre assim. — ficaram olhando um para o outro até que ele voltou a falar. — Posso tomar sua falta de resposta como uma negativa?

Seus olhos eram duros, sim, e carecia de boas maneiras, mas havia um brilho na superfície, algo intenso e beirando ao desespero, que a convenceu que deveria ficar.

— Está equivocado. — contestou em voz baixa.

Um breve brilho de surpresa se mostrou em seus olhos.

— Entre, então. — A ferocidade de sua expressão diminuiu, mas só por uma fração de segundos. — Não irei mordê-la.

Equivocado outra vez, Elena respondeu em silêncio. *Já estava totalmente mordida.*

Ele se abaixou entre as sombras próximas de uma mesa e puxou um banquinho. Sentando-se, apoiou os pés contra o degrau, depois lhe ofereceu uma tesoura e um pente.

— Suponho que cortar seu cabelo é o mínimo que posso fazer em troca de ter tirado Lizzy de sua vida nas ruas. — Tomou posse das ferramentas. — Esperemos que não o faça parecer um idiota. Não estou segura de que alguma vez cortei o cabelo de alguém.

— É só cabelo. — Ele endireitou os ombros e esperou. — Vamos, Dalila, corte.

A lembrança apareceu de repente e o quarto girou. Ela cambaleou e sentiu as mãos dele em sua cintura, enquanto a envolvia em seus braços.

Capítulo 10

— Costumava cortar o cabelo de meu pai. — Sussurrou Elena. Ela mantinha os olhos fechados, com medo de que a bela, e esperada lembrança desaparecesse tão rapidamente como tinha chegado. — Em uma cadeira ao lado da janela, onde a luz da manhã era brilhante.

Em sua mente contemplava seu pai lhe sorrir com o intenso poder do amor em seu olhar. Ela também sorriu. As lágrimas se uniram contra seus cílios.

— Você está bem? — Perguntou Archer, deslizando as mãos por suas costas. Suas mãos eram grandes e capazes, e gostava da forma como a segurava.

— Tenho medo de abrir os olhos.

— Então não o faça. Não ainda, se não quiser. — Disse em voz baixa, com os lábios contra sua bochecha.

Elena voltou para a consciência e percebeu tudo, inclusive seu abraço.

Tinha deixado cair os braços sobre os ombros dele, os seios estavam pressionados firmemente contra o peito sólido, em sua maioria desnudo. O calor de sua pele queimava através do tecido de seu vestido.

Seus olhos se abriram.

— Me desculpe. — ela abriu os braços, girando com cuidado a tesoura para não machucar ninguém. Porém, notou manchas de sangue na manga da camisa dele, logo cima do cotovelo.

— Oh, meu Deus. Eu cortei você.

Soltando a tesoura e o pente em uma mesa próxima, segurou seu ombro. Os músculos ondularam debaixo de sua camisa enquanto novamente a agarrava pela cintura, fazendo-a novamente ver seus olhos.

— Não, não é assim.

— Há sangue. — Insistiu ela, mortificada. — Tenho que examiná-lo. É possível que necessite pontos de sutura.

— Pelo amor de Deus. — Ele tirou a camisa puxando por cima do ombro para revelar seu braço. Pegou sua mão e forçou a tocá-lo na pele que não estava cortada.

— Oh. — Ela segurou seu braço, sentindo-se queimada. Maravilhosa, deliciosamente escaldada.

Os lábios do Senhor Black estavam tensos. Em silêncio, endireitou a camisa. Seus dedos foram para os botões.

Até que Elena pressionou sua mão sobre a dele.

O olhar de Archer se desviou até encontrar a sensual chama de fome nos coloridos olhos de Elena.

O desejo queimava dentro dele, aflorado momentos antes pela pressão de seu exuberante corpo contra o seu. Demônios se fosse honesto, assumiria que a tinha desejado no momento em que abriu a porta.

No que estava pensando, convidando-a a entrar em seu quarto? Obviamente, julgou a si mesmo tão consumido pela carta de Jack que não iria cair em tentação.

No entanto, como o antigo guerreiro que era, na véspera de uma grande batalha, sentia imenso desejo de fazer amor. E ninguém exceto Elena, com seus expressivos olhos e sua boca suave, formosa, o satisfaria.

— Boas notícias! — Ela soltou de repente animada.

— Boas… notícias? — Grunhiu ele sentindo como se estivesse obrigado a tomar as rédeas de vinte cavalos fora de controle.

— Se esta nova lembrança não me falha, sou uma muito competente barbeira. — Pegou a tesoura e o pente. — Tem certeza que não vai mudar de opinião?

Querido Deus, ela pensava que se tratava de cortar o cabelo. Não percebia quão perto estava da borda de um perigoso precipício. Não percebia que ele desejava agarrá-la pelos ombros, colocá-la sobre o tapete e rasgar o respeitável vestido de musselina de seu corpo e desfrutar de todo o prazer sensual imaginável. Se ela percebia, fingia inocência muito bem.

— Continue.

— Quão curto? — Perguntou alegremente.

Ele fez um gesto com o dedo perto de sua orelha.

— Até aqui.

Ela franziu o cenho e apertou a ponta de seu dedo mais abaixo, contra a pele de seu pescoço, estabelecendo um ardor mais uma vez.

— Por que não até aqui?

— Aqui. — precisou laconicamente ele, esticando mais a mandíbula.

Ela se calou. Os primeiros cabelos caíram ao chão em um sussurro forte. Ele se sentou rígido, endurecendo-se contra ela com cada toque. Finalmente, depois de uma eternidade de tortura, ela fez o último corte.

Seu peito roçou o ombro. Ele vacilou.

Ela ficou imóvel.

— Cortei-o outra vez?

— Não com a tesoura.

Significativamente, ela não perguntou o que ele queria dizer.

Era melhor que ele falasse o que tinha para falar e a enviasse de volta a seu quarto.

— Srta. Whitney.

— Sim?

— Como disse antes, tenho que lhe pedir algo.

— E pensar que acreditava que uma vez que lhe cortasse o cabelo, minha dívida estaria quitada. — Solenemente, juntou as mãos com a tesoura entre elas. — O que deseja senhor?

— Eu gostaria de lhe pedir que atrasasse sua volta ao hospital. De fato, já enviei uma nota ao Dr. Harcourt.

Sua expressão se transformou de interessada expectativa a uma de furiosa incredulidade, como se com essas poucas palavras lhe tivesse traído imperdoavelmente.

— Não está falando sério. Pode usar Lizzy contra mim dessa maneira? Depois dessa tarde pensei, pensei, oh, não importa o que pensei. — Deixou a tesoura sobre a mesa e se encaminhou para a porta.

— Elena. — Trovejou ele.

— Me deixe em paz. — Exclamou ela, levantando as mãos, como se só isso pudesse mantê-lo afastado.

Justo quando agarrava o trinco da porta ele a segurou e a fez girar para ele. Prendeu-lhe o rosto, tentando fazer com que o olhasse, mas ela se afastou, apertando-se contra a porta, como se quisesse desaparecer na madeira. As lágrimas brilhavam contra seus cílios, ameaçando derramar-se, mas ainda assim, seus olhos brilhavam com desafio.

— Vai tirar tudo de mim, não? Só porque pode.

— Não. Não o farei, eu juro. Tão somente uns dias, Elena. Até que este assassino tenha sido capturado. Tem lido os jornais. Há um grande número de suspeitos. É só questão de tempo.

Seu lábio inferior tremeu, até que ela o mordeu.

— Quero que esteja a salvo. — Archer olhava sua boca em transe. Passou o polegar ao longo de seu rosto corado. Ela exalou e estremeceu. Ainda que levemente, virou o rosto para aceitar sua carícia. Um milhão de avisos passaram por sua mente, mas os silenciou sob o rugido de seu desejo.

Tudo aconteceu muito rapidamente para parar. Em um instante olhavam um ao outro, e no seguinte, ele pressionava sua boca contra a dela. Converteram-se em um emaranhado de braços e roupas. Ela se aproximou mais, gemendo brandamente em sua boca. Ele nunca provou nada tão inocente e tão sensual. Ele a abraçou, fundindo-se com ela, com tanta força que suas costas se chocaram contra a parede. Os pés em suas sapatilhas se prenderam contra a sua calça. Deus, a pressão das mãos sobre seus ombros e seus seios sem espartilho contra seu peito, para não falar de sua doce boca aberta, enviava-o a uma espiral mental.

Repentinamente, percebeu o que estava fazendo e uma onda fria de vergonha rasgou através dele.

Pouco a pouco, infelizmente, afastou seu rosto, pressionando sua bochecha contra a dela, e cuidadosamente descendo-a ao chão. Ela se firmou sedutoramente aturdida, contra a parede, com seus lábios rosados e inchados, e seu cabelo como uma massa pálida, despenteada.

— Você tem que ir. — Pronunciou em voz baixa.

Ela sustentou seu olhar sem vacilar, e sussurrou:

— O que acontece se eu não quiser sair?

Ele abriu a porta com um puxão, agarrou-a pelo braço e a empurrou através dela.

— Senhor Black.

Ele fechou a porta em seu rosto.

Impulsivamente, Elena segurou o trinco, só para escutar a volta metálica da fechadura.

— Vá embora. — Pediu através da grossa madeira, com sua voz rouca, e soando tão torturada que lhe doeu o coração. — E deve se assegurar de fechar a porta para mim.

Elena fez o que ele mandou. Escapou para seu quarto, com as bochechas ardendo e seu coração transbordando de muitas emoções para nomeá-las. Deus a perdoasse, mas queria ficar, descobrir a plena medida de seu desejo, e do dela, sem se incomodar com o bom senso ou com as consequências. Ela desejava conhecê-lo, emocional e fisicamente, descobrir a tragédia ocultava dentro de seus olhos escuros.

Segurando o trinco da porta, trancou-a e colocou a chave junto a um pequeno abajur na mesa próxima. Afastou-se da porta até que seu vestido uniu-se com a borda da cama.

Pouco tempo depois, ouviu o som de uma porta se abrindo e fechando. Foi até a porta para tentar ouvir melhor, com seu coração pulsando como um tambor, mas o eco de passos desvaneceu rapidamente.

Momentos depois ouviu o rumor de um transporte procedendo dos antigos estábulos.

*****

— Cortou o cabelo. — Observou Leeson com o cenho franzido ao perceber. — Só faz isso quando...

— Olhe isto.

Os dois imortais estavam de pé no gabinete. Archer lhe entregou a carta. Leeson abriu a página dobrada e, à luz do fogo, leu o conteúdo.

— Maldição. — Exclamou, olhando para cima. — Isso nunca aconteceu antes.

Archer não ofereceu nenhuma resposta. O que poderia dizer?

— Como a carta chegou até essa casa? Inclusive se chegou com a correspondência da manhã, eu deveria ter sentido alguma coisa. Deus, cheira como a cavalo morto.

— Aprendeu a dissimular a si mesmo, pelo menos em alguns aspectos.

— Apesar disso!

— Talvez seja algo pior que um Transcendido.

— O que é pior? — Os olhos de Leeson se abriram com alarme. — O que quer dizer com algo pior? O que é pior que um Transcendido de alma?

— Não sei. — Refletiu Archer, soturnamente. — Ainda não. Mas vou averiguar. Quero que esteja alerta na mansão e proteja seu perímetro. Vigie os criados. Pode ser que seduza alguém para lhe ajudar no seu trabalho.

— Maldita seja essa alma sanguinária.

Archer colocou seu casaco sobre os ombros.

— Fique perto da senhorita Whitney em todo momento, entendeu?

— Sim, senhor.

— O assassino pode tentar machucá-la. — Archer apertou os olhos fechando-os. Machucá-la, isso nem começava a descrever o que o Estripador fazia às mulheres. A imagem das prostitutas mortas estava bem viva em sua mente, mas com o rosto de Elena incorporado a elas. — Poderia tentar fazer mal a ela para chegar até mim. Não permita que isso aconteça.

— Não permitirei. — Contorcendo o bigode, Leeson jogou de lado as lapelas de sua jaqueta em um ângulo que revelava suas adagas gêmeas, artisticamente fixadas no seu colete de brocado. As folhas das adagas, forjadas de prata Amaranthine, brilhavam com uma luz irreal.

— Assassinos de almas, não sou da Guarda, mas posso ser um maldito desagradável secretário quando é necessário.

Archer assentiu e se dirigiu para a porta. Seu instinto lhe dizia que ficasse com Elena, para entrar nas sombras e protegê-la através da noite. Mas seu propósito eterno não era proteger a mulher, a jovem mortal cuja existência terrestre terminaria em um abrir e fechar da eternidade, e sim, manter o equilíbrio da população mortal do mundo, com a finalidade de proteger o reino em perigo de extinção dos Amaranthines.

Leeson o chamaria.

— E quanto a afirmação de que o Estripador deixou a cidade?

Archer parou.

— Hoje, enquanto estava em East End, com meus poderes restabelecidos com força total, não encontrei o menor rastro dele. Havia fios desvanecendo-se, vestígios antigos, que investigarei nessa noite. Pode ter passado à clandestinidade, aos túneis subterrâneos debaixo da cidade. Ou pode ter ido a Paris, ou inclusive a Nova Iorque. Outra cidade do tamanho e da complexidade de Londres. Ele as prefere. Advirta Charon para que esteja preparado, partiremos a qualquer momento.

*****

Não havia luzes funcionando em Thrawl Street, Spitalfields era a avenida mais notoriamente perigosa. Archer se moveu ao longo da calçada com lixo espalhado.

— Jogos à venda. — uma menina disse com voz áspera enquanto Archer se movia passando-a.

Uma alma solitária estava apoiada em uma parede de tijolos com um vestido muito grande. Uma bandeja pendurada por uma alça ao redor de seu pescoço, continha várias caixas de cartas. Pensando em Elena, Archer deixou cair umas quantas moedas entre as caixas pequenas retangulares, e seguiu adiante.

Normalmente, ainda haveria pessoas circulando, incitando intrigas, lutas e trocas, mas essa noite os que podiam se permitir ao luxo de um refúgio o tinham tomado. O resto havia procurado abrigo nos parques e áreas públicas do oeste de Londres, com a esperança de escapar de ser o próximo da lista assassina do Estripador.

Não Archer. A fúria o fazia desumano. Com a entrega da carta na mansão, não podia evitar sentir como se o Estripador tivesse invadido seu santuário, deixado as portas abertas ao vento e salpicado alegremente o sangue de suas vítimas nas paredes... e em Elena.

Archer tinha destruição em sua mente. Ansiava por um motivo para sentir a chama da raiva debaixo de sua pele.

Na metade de uma rua, parou na frente de um edifício infestado de ratos, com uma fila interminável de casas alugadas, propriedade de pessoas ricas que viviam nas ruas mais finas, e que deixavam a desagradável vida do dia a dia de seu negócio a desumanos encarregados das casas. A maioria tinha cinco andares de altura, com janelas para a rua. Débil luz de velas brilhava dentro de umas poucas, mas a maioria estava às escuras. O mau cheiro se negava a deixar as ruelas e canais.

Olhou para cima, e tirou a cartola. Logo acima, um vento indolente moveu as sujas cortinas de lona de uma janela aberta. No momento seguinte, bateu seus dedos enluvados em uma porta em ruínas, no nível da rua que parecia ter sido chutada em numerosas ocasiões anteriores.

Numerosas maldições soaram do interior. Um homem pálido e jovem com os olhos fundos respondeu.

Usava apenas uma camiseta e calça larga.

— É muito tarde. Todos os quartos estão completos. — O encarregado da casa deu uma risada maligna, vazia, deixando expostos dentes manchados pelo tabaco. — Meu ganho, ninguém quer ser triturado nas ruas esta noite.

Archer parou o fechamento da porta com a mão.

O homem grunhiu:

— Hey! Acabo de...

Olhou os olhos de Archer. Imediatamente, todo desafio o abandonou, e empalideceu um tom mais.

— Não necessito um quarto. — Disse Archer. — Mas eu gostaria de ver um. Em particular, a do terceiro andar, justo em cima de nós.

O pomo de Adão do homem balançou de forma errática.

— Sinto muito. Esse quarto está alugado.

— Então eu gostaria de falar com o inquilino.

O encarregado replicou com ansiedade.

— Certamente está alugado, porém o homem não o ocupa, mas o mantém reservado.

— Qual é o seu nome?

— Não vejo por que tenho que dizer. — Seu olhar se moveu sobre Archer, avaliando-o. — Não é da Scotland Yard, sua capa é muito fina. O que está fazendo nesta parte da cidade a esta hora da noite? Necessita muito de uma garota? Posso conseguir se quiser.

— Só quero o nome. — Archer atirou uma moeda no ar.

O homem arrebatou a coroa.

Ele respirou de forma irregular e olhou por cima do ombro para a escuridão da sala atrás. Seus olhos brilhavam mostrando o conflito entre o medo e a avareza. A avareza claramente venceu.

Em voz baixa lhe disse:

— Não sei seu nome, e só o vi uma vez. Pagou o dobro da taxa normal, fazendo o pagamento através da caixa na parede, e vai e vem como lhe agrada.

— Vou dar uma olhada no seu interior.

— Esqueça. — Seu informante sacudiu a cabeça com veemência. — É meu melhor inquilino. Pagamento em dia e não causa nenhum problema.

Archer poderia, é claro, transformar-se em sombras e simplesmente subir pela parede, mas às vezes os mortais, sobre tudo com medo, proporcionavam a informação mais excelente. Este mortal parecia aterrorizado pelas duas frentes.

Archer lançou uma segunda moeda. Uma vez mais, a mão suja pegou.

— Por aqui, então. Depressa.

Archer se meteu debaixo da soleira e, depois de fechar a porta, seguiu ao encarregado da casa até um corredor escuro com uma escada estreita. Um ancião dormia no chão do patamar do primeiro andar, com um rato encarapitado a seus pés. Aproximou-se e continuou até o lance seguinte das escadas.

No terceiro andar o encarregado anunciou:

— Aqui estamos.

Tirou um anel de chaves de seu cinturão, e com um continuado som metálico escolheu uma, e colocou-a na fechadura. Quando a porta rangeu, Archer levou uma mão ao ombro do encarregado, e o manteve em seu lugar à medida que avançava entrando.

— Não demorarei muito.

— Já veremos.

Archer fechou a porta, mas não antes de tirar a imagem da memória do homem. Não era difícil de fazer, enquanto a lembrança do inquilino não identificado desvanecia da linha de frente de sua mente. Novamente, como Archer viu nas lembranças da prostituta Kate, apenas os olhos.

Frios olhos em branco.

O homem cruzou os braços e olhou para a maçaneta, mas o seguro mental que Archer tinha colocado em marcha desafiava qualquer ação ou violência. De pé na escuridão, examinou o estreito quarto. Um vento frio e úmido soprou através de uma janela aberta, trazendo o aroma fétido da rua. Algo ao seu redor estava balançando, eram pilhas de jornais, algumas quase tão altas quanto seus ombros.

Examinou os mais próximos, e os encontrou completamente molhados, como se as janelas estivessem abertas por dias, durante as recentes chuvas.

Uma mesa de má qualidade ocupava o espaço debaixo da janela. Sua superfície brilhava com a umidade, igual ao piso de madeira ligeiramente curvado. Uma cama estreita encostada na parede adjacente, com sua manta de lã colocada cuidadosamente em seu lugar.

Soluços miseráveis desciam do andar de cima, e no quarto ao lado, um homem amaldiçoava com raiva. Havia tanta pobreza entre essas paredes finas,

tanta miséria e loucura. Nunca experimentou uma concentração tão intensa da deterioração humana.

Essa era a razão pela qual o Estripador desapareceu tão efetivamente na noite anterior depois dos assassinatos de Liz Stride e Kelly Kate. Na verdade o Estripador escolheu esse lugar porque se alimentava do sofrimento, e ao fazê-lo, encontrou um esconderijo quase perfeito dos Guardas das Sombras que o caçavam, ao menos nas primeiras horas, enquanto os poderes de Archer cresciam em sintonia com o rastro difícil de alcançar de seu objetivo e o labirinto emocional da cidade.

Neste caso, seguir ao Estripador era profundamente amortecido pela quantidade de inquilinos, e pelas complexas turbulências emocionais que emanavam.

Aproximou-se da mesa. Em cima dela havia um par de tesouras enferrujadas, carentes de pistas. Se Jack as tinha utilizado, usou luvas. Archer tentou abrir uma gaveta solitária, mas a madeira havia inchado e apertado contra o quadro. Conseguiu abri-la e encontrou o espaço lotado de jornais. Mais precisamente, manchetes, recortadas com cuidado.

Pegou alguns, referiam-se aos assassinatos de Mary Ann, Polly Nichols e de Annie Chapman. As investigações. Os suspeitos. As detenções falsas. Ele foi mais fundo, e parou.

Havia manchetes sobre desastres naturais: inundações do Rio Amarelo da China em 1887; O Grande Furacão Branco na América do Norte em março. Também havia outros títulos sobre crimes resolvidos e por resolver em todo mundo, com nomes e lugares familiares para Archer.

Não, ele não tinha caçado cada uma dessas almas, mas outros Guardiões das Sombras o tinham feito.

Soltou uma maldição.

Chegou ao fundo da gaveta, só para descobrir o que parecia mil pedaços recortados de jornais, as manchetes se reduziam a letras. Cobriam e quase ocultavam um diário encadernado em couro. Uma vez mais, havia muita umidade, como se a água da chuva tivesse entrado pelas janelas abertas e penetrasse para convergir na parte inferior.

Removeu os fragmentos encharcados o melhor que pôde, e pôs o diário na mesa. As páginas estavam deformadas e inchadas, e o verde da capa de couro manchada. Abrindo o livro pelo centro, Archer separou duas páginas ao acaso.

Havia palavras, em sua maioria ilegível por causa da umidade, e alguns desenhos.

Estreitou os olhos, tentando decifrá-los.

Abrindo outro par de páginas, seu sangue imortal esfriou.

Ali, viu o desenho de um homem e junto a ele, as palavras “Alexander” e “sombra”.

Em outra página havia o que parecia ser um vulcão.

Antigas lembranças se precipitaram para fora da caixa escura de sua mente. O mal-estar ondulou sob sua pele. Fechou o livro e o colocou no bolso de sua jaqueta. Colocou a gaveta na mesma ordem e a fechou, olhando para a rua escura, tentando dar sentido a tudo o que tinha visto.

Uma repentina rajada varreu todo o quarto. Algo rangeu atrás dele. Sentiu como se unhas afiadas tivessem sido arrastadas por sua espinha dorsal. Ele se virou.

Na parede sobre a porta, em grandes letras pretas formadas por centenas e centenas de fragmentos de jornais, estava a palavra: TÁNTALOS.

*****

Elena despertou aborrecida na segunda-feira pela manhã. Permaneceu na cama por um longo tempo, olhando seu uniforme de enfermeira, limpo e cuidadosamente engomado, pendurado no gancho de bronze onde o tinha colocado na noite anterior.

Antes de sua visita ao quarto do Senhor Black.

Colocou o rosto no travesseiro e gemeu.

Passou a hora seguinte em seu assento na janela, completamente vestida e olhando as páginas de Anatomia de Gray antes de admitir que não assimilou uma só palavra. Uma imagem se mantinha em sua mente, a da expressão perturbada do Senhor Black enquanto a empurrava para o corredor e fechava a porta em seu rosto.

Mas era infantil ficar sentada ali, escondida em seu quarto. Era uma mulher adulta, e não tinha feito nada errado em corresponder à paixão de um homem a quem considerava atraente até a alma, mesmo sendo seu tutor. Não esperava nada dele.

Não queria matrimônio ou promessas.

Geralmente, nessa hora da manhã Mary Alice já teria batido em sua porta dizendo que a senhora Hazelgreaves a esperava para tomar o café da manhã. Nessa manhã não houve tal batida, mas novamente ninguém teve acesso à discussão entre ela e sua senhoria na noite anterior quando ele insistiu que evitasse Whitechapel e o Hospital de Londres nos próximos dias.

Colocando seu livro de lado, deixou o quarto.

— Srta. Whitney!

Elena parou surpresa. Leeson se apressava para ela vindo das sombras. Teria estado sentado na cadeira do outro lado do corredor?

— Bom dia, querida. — Disse amavelmente. — Vai tomar o café da manhã? Eu a acompanharei até lá.

— Obrigada, Sr. Leeson. — Não voltou a conversar com o sr. Leeson desde sua chegada com o Senhor Black. O tapa olho e seu bigode lhe dava uma aparência bastante extravagante, mas parecia ser um tipo muito agradável.

Na escada central, Mary Alice e Lizzy poliam o corrimão.

— Bom dia senhoritas, poderiam me dizer se a senhora Hazelgreaves já desceu para tomar o café da manhã?

Mary Alice fez uma pausa, com um pano na mão.

— Eu a encontrei mais cedo, parecia haver algo de errado com ela, mas nada que eu pudesse definir e não quis minha ajuda para vestir-se. Mas disse que ainda não se sentia em seu estado normal.

Elena pôs uma mão no braço do sr. Leeson.

— Sr. Leeson, irei em um momento. Eu gostaria de visitar a senhora Hazelgreaves.

— Muito bem. — Sorriu, enrugando seu único olho.

Elena foi até o quarto da senhora Hazelgreaves, e por sorte, não viu serpentes deslizando ao longo dos corredores. Orou para que Xerxes e seus companheiros estivessem enrolados felizes e apertados em suas pequenas cestas dentro dos aposentos da condessa.

Bateu na porta e ouviu uma débil resposta de dentro. A senhora Hazelgreaves estava sentada em um sofá rosado, com os pés calçados com sapatilhas sobre uma almofada de listras rosa e branca.

— Bom dia, senhora Hazelgreaves. Mary Alice me disse que não se sente bem. Não pude deixar de notar que não desceu para jantar ontem à noite, e hoje para tomar o café da manhã.

A senhora Hazelgreaves sorriu brandamente.

— Estou bem, querida. Estou bem.

A senhora Hazelgreaves não parecia bem. Embora usasse um vestido elegante, todos os botões foram fechados fora de ordem. Seu cabelo sempre perfeito estava decididamente despenteado. Cachos cinzentos saltavam em todas as direções. Um em particular balançava sobre seu olho esquerdo. Ela tentou prender o cacho, mas com cada giro de cabeça, a manga do tecido grosso de seu vestido interferia, bloqueando sua visão.

— Acredito, entretanto, que preciso de óculos. — Queixou-se ela. — Pensei nisso agora, depois de todos esses anos sem eles.

— Quanto tônico bebeu hoje? — Elena nunca esteve segura do conteúdo dos tônicos, mas o comportamento da dama era suspeito.

Os ombros da mulher idosa ficaram rígidos, e franziu o cenho na defensiva.

— Não mais do que o habitual.

— Tem certeza? — Elena procurou nas mesas, inclusive até se atreveu a levantar a larga colcha da cama, mas não encontrou frascos ou garrafas escondidas em nenhum lugar.

A senhora Hazelgreaves não parecia ofendida que Elena estivesse procurando por bebidas. Em vez disso, estava suave como manteiga derretida.

— Na realidade, apenas estou cansada.

Ela girou, afastando-se de Elena, e olhando pela janela. Um passarinho pousou no batente da janela, olhou-a. Ela bocejou delicadamente e tocou a boca com a ponta de seus dedos.

— Poderia voltar amanhã de novo querida? Estou certa de que me sentirei com mais disposição após descansar um pouco.

— Não gostaria de descer para tomar o café da manhã? Talvez pão torrado e chocolate quente?

A senhora Hazelgreaves fez uma careta.

— Isso soa absolutamente horrível. — Voltou o rosto para longe, olhando a palma de sua mão. — Acho que não tenho fome.

Elena se perguntou se o senhor Black teria algo a ver com o súbito mal-estar da senhora Hazelgreaves.

— Falou com sua senhoria ontem?

— Ah, sua senhoria. — Suspirou a senhora Hazelgreaves, girando novamente seu rosto para longe de Elena. Tinha um sorriso sonhador. — Homem encantador. Tão bonito. Tão rico. Poderia considerar casar-se com ele?

Elena piscou:

— Perdão, o que disse?

— Com o Senhor Black. Seria um ótimo esposo. Por que não?

Elena recordou a porta se fechando em seu rosto. Quase podia ouvir seu eco em sua cabeça.

— Não tenho a sensação de que sua senhoria esteja procurando esposa.

— Tolice. — Riu a senhora Hazelgreaves. — As capturas mais difíceis são as mais satisfatórias.

Elena ficou com a senhora Hazelgreaves um pouco mais. Embora sua acompanhante não parecesse estar em perigo real, física ou mentalmente, enviaria uma nota para Harcourt lhe pedindo que viesse. Precisava falar com o

médico de qualquer maneira para lhe assegurar que seus planos eram retornar ao trabalho no hospital o mais rápido possível.

Quando a mulher começou a dormir, Elena puxou a manta e saiu.

— Srta. Whitney!

Elena deu um salto. Leeson avançava para ela vindo do final do corredor.

— Eu me distraí um pouco. Vamos querida. — Ele tomou sua mão e a colocou em seu braço. — Vamos tomar o café da manhã.

Capítulo 11

Abotoando a parte dianteira de seu casaco, Archer desceu correndo os degraus da frente mansão. Sua visita se limitou a uma comida rápida, a um banho e uma troca de roupa. Não teve muito tempo para examinar a correspondência, de negócios ou pessoais, como Leeson lhe tinha assegurado não havia mais cartas do Estripador.

Puxando a manta de lona preta no transporte Vitoriano, Archer se sentou no banco de couro. Passou os últimos quatro dias na cidade, observando a investigação da polícia e percorrendo a cidade avaliando a avalanche de cartas recebidas por diversas entidades, de todos os que se diziam ser o Estripador, embora poucas resultassem em autênticas. Quando não estava na Scotland Yard, Archer continuava submerso nos muitos túneis subterrâneos debaixo das ruas e do Tâmisa, em busca de qualquer rastro dessa alma difícil de alcançar. Tinha encontrado exatamente isso. O rastro do Estripador, uma pista que se desvanecia e levava a todas as partes e a lugar nenhum.

Tudo, da capacidade do assassino em escapar da consciência de Archer, e de sua brincadeira contínua com a polícia, apontava à probabilidade de que essa alma não houvesse somente transcendido, mas transcendido a um nível extremo nunca antes experimentado pelos Guardiões das Sombras.

Tântalos.

Tudo o que tinha descoberto no quarto alugado da Rua Thrawl colocava um ponto de vista diferente sobre as coisas. Talvez o nível avançado da Transcendência do Estripador não fosse culpa de qualquer pessoa, inclusive de Marcus. Talvez o Estripador fosse realmente único.

Maldição, seu sangue se acelerava com esse novo desafio sem precedentes. Para alguém que existia desde o começo dos tempos, o novo não vinha com frequência suficiente. Em consequência, a emoção sombria do perigo se converteu em algo que desejava, mas raramente experimentava. Se não fosse pelo possível envolvimento de Elena com o Estripador, na realidade estaria desfrutando do jogo.

Percebeu pelo canto do olho, alguém correndo pelas escadas: Elena, vestida elegantemente segurando chapéu e bolsa para um passeio. Os músculos de seu estômago se contraíram. Não a tinha visto desde aquela noite em seu quarto, e com apenas um olhar, lembrou-se de tudo o que a fazia irresistível para ele.

— Espere. — Ela gritou para o criado, que estava começando a fechar a porta.

Ela correu com um breve som com cada golpe de seus sapatos contra as escadas de metal. Varreu o interior do carro com suas saias, com graça as envolvendo sobre suas pernas, e sentando-se a seu lado.

Leeson saiu correndo da mansão, e parecia contrariado. Como Archer escolheu utilizar o transporte Vitoriano naquele dia, não havia espaço disponível para outro passageiro.

— O que está fazendo? — Perguntou ele com frieza.

— Vou com você. — Seu chapéu preto, ricamente adornado com fitas brilhantes, escondia com arte todo o seu rosto, exceto seus sorridentes lábios.

— Nem sequer sabe aonde vou.

Elena observou o transporte, e a Leeson, com os braços caídos ao lado do corpo. Ela se viu imensamente aliviada.

— Temo que me vi forçada a escapar de seu homem, o sr. Leeson, ali.

— Vou ao Museu Britânico.

— Maravilhoso! Nunca estive lá. — Suas palavras, pronunciadas com sua voz macia e baixa, tinham um ligeiro tom irônico.

Seu suave aroma de flor de laranja encheu o ar a seu redor, por isso quis pressionar seus lábios contra seu pescoço, abrindo o seu colarinho. As suas saias estavam pressionadas e coladas ao longo de sua perna, e não conseguia evitar imaginar o que estava por baixo.

Realmente precisava tirá-la do carro, e do seu alcance.

Ele conseguiu manter seu tom distante.

— Vou ao museu por negócios, não por prazer.

Ela cruzou as mãos sobre sua bolsa.

— Não espero que me acompanhe através das exposições. Pode seguir seu caminho, e eu sigo o meu. Simplesmente fico feliz com a viagem.

O carro afundou um pouco quando o condutor se acomodou.

— E agradecida. — Murmurou. — Por me afastar de minha querida sombra, o sr. Leeson, embora seja por poucas horas. É minha imaginação, ou foi nomeado meu novo acompanhante até que a senhora Hazelgreaves tenha boa saúde de novo?

Em lugar de responder, Archer levantou sua mão enluvada e fez um gesto para Leeson.

— Como está nossa querida senhora Hazelgreaves?

— O Dr. Harcourt a visitou na quarta-feira e a diagnosticou com melancolia.

— Melancolia? — Repetiu ele duvidoso.

— Ela está... melancólica. Ele acredita que ficará melhor em alguns dias. Conseguimos que uma enfermeira ficasse com ela. Se não melhorar, tenho a intenção de telegrafar para seu filho.

Com um toque no teto, o condutor moveu seu chicote e os dois cavalos negros com arnês de prata colocaram a carruagem Vitoriana em movimento.

Permaneceram em um silêncio incomodo até que o transporte desacelerou no tráfego paralisado da manhã.

Ele sentiu sua agitação crescendo a cada momento que passava. Ela se mexeu em seu assento, e uma de suas mãos enluvadas brincava com a alça de bambu envernizado de sua bolsa.

— Você está me evitando. — Anunciou ela de repente.

— Por que estaria te evitando? — Sabia que deveriam ter essa conversa, e supostamente deveria estar contente pela iniciativa dela.

— Sabe por que.

Ela falou em voz baixa, apesar do barulho e o tumulto dos carros ao redor assegurava que nem sequer o condutor escutaria uma só palavra da conversa. Entretanto, não levantava o queixo. Ele cansou de falar com seu chapéu.

— Refere-se, acredito, a todos os beijos que trocamos na outra noite no meu quarto.

Ah, isso conseguiu levantar completamente seu rosto.

— Sim. — Disse ela, soando um pouco estrangulada.

Suas bochechas ardiam tão vermelhas como rosas, e apesar do exílio de quatro dias longe dela, não queria nada mais que tomá-la em seus braços e continuar de onde tinham parado. Ali, no banco do carro, no meio do tráfico de Londres.

— Para sua informação, não estou te evitando. Meus interesses exigiram a totalidade de minha atenção na cidade. Era mais conveniente ficar por lá.

— Ah, sim? — Uma vez mais, o tom irônico. — Durante quatro dias? Dormiu em algum banco?

— Não, não o fiz.

Não tinha dormido absolutamente. Felizmente, precisava descansar muito pouco em comparação com os mortais.

Em sua mente, as camas eram mais para sexo que para dormir.

Meia hora depois, serenamente seu transporte caminhava pela agitada rua Great Russell, parando diante da fachada com colunas gregas do museu. Depois de ajudar Elena a descer do transporte, Archer pegou a mão dela que estava em seu cotovelo.

— Disse que nunca visitou o museu? — Caminharam sob as colunas.

— Os jardins são muito extensos para que a senhora Hazelgreaves caminhe, por isso sempre íamos a pequenas exposições.

Entraram pela porta principal. De um lado havia uma mesa grande, composta por funcionários da biblioteca.

— O que você gostaria de ver primeiro?

— Na realidade, sua senhoria. — Ela se afastou dele com expressão suave. — Ficarei bem por minha própria conta. Tenho o meu relógio, em minha bolsa. Só me diga quando e nos encontraremos aqui.

Elena era tão transparente como um cristal. Ele a tinha magoado, beijou-a, e logo a expulsou de seu quarto. Não podia fazer nada para reparar esse dano. Porque isso significaria atraí-la mais para perto, só para machucá-la de novo. Entretanto, poderia ser seu guardião e fazer as coisas que eram próprias de um tutor. Era o suficientemente disciplinado para isso. Não era?

— Você gostaria de ver a Sala de Leitura? — Perguntou.

Seu queixo se levantou uma polegada mais alta.

— Ouvi falar muito sobre ela.

— Vamos, então.

— Não precisamos de ingressos? — Ela fez um gesto para uma sala, especificamente a curta fila de pessoas debaixo de um cartaz que dizia SALA DE LEITURA. Ela correu e comprou uma cópia do guia. Ao retornar, folheava as primeiras páginas. — Eu me lembro de ter lido em algum lugar que primeiramente deveríamos solicitar à biblioteca principal.

— Não se estiver comigo.

Isso foi tudo o que necessitou, um sorriso irônico, claramente forçado de sua parte, mas que fez uma enorme diferença. Não pensou que fosse possível, mas ele ficou mais bonito com o cabelo curto, sem nada para disfarçar seus fortes traços masculinos.

Ela segurou seu braço e saíram do hall de entrada cheio de gente e passaram ao que, de acordo com a orientação de seu mapa era a sala das Inscrições. Havia vários bustos em exibição, e uma pilastra imponente do templo de Athena. Contra a parede oposta havia uma série de estreitas colunas de pedra, com inscrições gregas e romanas.

— Por aqui. — Archer pôs a mão na parte inferior de suas costas enquanto a conduzia para um par de grandes portas de vidro. Um jovem de rosto sério vestido com túnica e a insígnia de empregado da biblioteca se aproximou deles.

— Senhor, tem ingresso? — Perguntou com tom cansado, como se estivesse de pé no mesmo lugar, fazendo a mesma pergunta durante vários dias.

O Senhor Black discretamente se identificou.

A expressão do jovem se transformou em uma que Elena só poderia interpretar como temor.

O jovem quase tropeçou nos próprios pés na tentativa de sustentar a porta aberta para eles.

Archer a escoltou através dela, a um estreito corredor, ao final do qual, Elena ficou sem fôlego com surpresa e admiração.

Torres retangulares de caixas davam volta no amplo ambiente, cada uma cheia até a borda com documentos. Por cima delas, havia uma fileira de janelas arqueadas, mas foi o marfim e a cúpula dourada, aberta em cima delas com uma altura de pelo menos cem metros, o que a deixou sem fôlego. No centro brilhava um medalhão espetacular de vidro lapidado.

— É mais bonito do que eu imaginava. — Maravilhou-se ela, voltando-se lentamente em um círculo completo para admirar tudo.

— Senhor Black. — Chamou um homem vindo do setor em que ficavam as mesas de pesquisa. Archer pegou o cotovelo de Elena e se aproximou mais perto dela, quase como se pensasse que deveria protegê-la. Um cavalheiro bem vestido, com bigode, precipitou-se para eles, com óculos no alto da testa.

— Sua senhoria, que prazer vê-lo por aqui. Lembra-se de mim? Já se passou um longo tempo, mas nos conhecemos há cerca de dois anos no trem...

— Bélgica, sim. — Archer assentiu um pouco rígido, como se o homem fosse uma espécie de intruso.

Que estranho que um homem fisicamente belo fosse refratário para os conceitos da sociabilidade. Certamente, tinha suas razões.

— Srta. Whitney, eu gostaria de lhe apresentar o Sr. Stoker. Senhor, ainda é gerente do... ah...

— Liceu. — forneceu Stoker, assentindo. — Sim, continuo. Senhorita Whitney, é um prazer.

Elena inclinou a cabeça com graça.

— Obrigada, senhor. O Liceu, você disse? Minha acompanhante e eu assistimos a uma representação do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde em agosto. O Sr. Irving esteve absolutamente insano em sua interpretação do personagem. Desfrutamos muito da noite.

Elena não pôde deixar de notar a maneira como o senhor Stoker olhou para Archer, como se seu guardião fosse alguém para ser admirado.

Archer perguntou secamente, como se um mínimo de conversa cortês requeresse um grande esforços concentrado.

— O que o trouxe para a biblioteca hoje, sr. Stoker?

O cavalheiro fez um gesto de descaso com a mão.

— Comecei a escrever contos. Eu adoraria poder continuar com essa atividade um dia. Estou atualmente investigando os detalhes do folclore Vampírico.

Archer, franziu o cenho.

— Vampiros, sr. Stoker?

— Na realidade sim. — O sorriso do cavalheiro se ampliou sob o bigode.

— Vis criaturas.

— O que se adapta perfeitamente a meus propósitos. — Riu o senhor Stoker. — Quem sabe se minha ideia algum dia chegará a ser bem sucedida? Senhorita Whitney, disse a minha esposa, depois de conhecer sua senhoria, que um dia escreveria um personagem baseado nele.

— Sério? — Sorriu para Archer, cujo cenho afundou.

O sr. Stoker continuou.

— Não é um vampiro, é obvio, mas alguém bonito e heroico. Ah, vejo que estamos recebendo olhares de censura da mesa principal. Mas, por favor, sua senhoria, eu insisto. Você e a senhorita Whitney têm que vir ao Liceu uma noite como meus convidados.

Despediram-se e com um último olhar por cima do ombro, o sr. Stoker retornou para sua volumosa e desorganizada pesquisa.

Archer parecia aliviado por ficaram sozinhos de novo.

— Estou certo de que um dos bibliotecários ficaria encantado em nos ajudar na localização de uma seção sobre a qual poderia estar interessada. Talvez a história da medicina?

Elena olhou seu pequeno mapa.

— Na verdade, acho que eu gostaria de ver algumas das coleções de antiguidades. Possivelmente a egípcia, ou a greco-romana, se não o incomodar.

Momentos mais tarde, encontrava-se em uma das salas de exposição do museu, na Sala Elgin.

— O Parthenon. — Elena respirou assombrada. — Datado em 454 a.C. É um desafio a todos os fundamentos que um pouco de algo tão antigo possa estar aqui, hoje em Londres, para que possamos admirá-lo. — Elena inclinou a cabeça, analisando o enorme friso. — O que acha que é?

Archer olhou ligeiramente para o desenho.

— É uma representação do nascimento de Athenas da cabeça de Zeus.

Ela olhou para ele.

— Lembro algo de mitologia, mas não conheço estes personagens. Quem é esse no carro, saindo do mar?

Ele se aproximou, simplesmente para ficar de pé ao seu lado, tão perto que ela sentiu seu calor ao longo de suas costas. Fechou os olhos contra a tentação, querendo apoiar-se nele. Qual seria sua reação se o fizesse?

— Esse é Hélio, o sol, em seu carro. Vê? Segue a progressão do dia para a noite, terminando mais além, com Selene, a lua, correndo por baixo do horizonte em seu carro.

— Selene. — Repetiu o nome e se obrigou a dar alguns passos. Segurou seu guia com as duas mãos. — Vocês são amantes?

Archer tossiu, parecendo ligeiramente alarmado.

— Perdão? — Ele franziu o cenho, o que o fez parecer crescer em altura.

— Está tudo bem. Nos dois somos adultos. — Ela olhou ao redor da sala. — E não há ninguém por perto. Selene, a condessa Pavlenco. Vocês dois são amantes?

— Não. — Seus olhos escureceram da prata para o castanho.

— Mas o foram em algum momento?

Ele hesitou por um longo momento, estava calmo. Finalmente, respondeu:

— Há muito tempo atrás.

Ela sentiu uma repentina onda de impaciência. Por que falava em termos tão definitivos?

— Ambos ainda são jovens. Quanto tempo pode ser muito tempo atrás?

Ele sorriu com esforço.

— Como mil anos.

Nesse momento, vários visitantes entraram na sala.

Elena diminuiu a voz.

— É consciente das serpentes, então.

Ele piscou. Rígido. Duas vezes. O Senhor Black a olhou como se fosse estrangulá-la. Em muitos aspectos, ela queria estrangulá-lo também. Nem sequer poderia começar a contar a metade das razões de por que, só conhecia uma parte dela que o odiava por havê-la levado tão perto de um misterioso paraíso na noite em seu quarto, só para lhe fechar a porta na cara.

Ele resmungou:

— Sim, sou consciente delas.

— Então, como os dois conseguem...

— Srta. Whitney.

Elena fechou os lábios. De algum jeito, sua satisfação o fez inquieto. Prosseguiu sozinha para a sala ao lado, com a decisão de que ele podia segui-la se assim o desejasse. Quando a encontrou outra vez, ela apreciava um vaso preto com cabo que estava sobre um pedestal estreito.

— Não é lindo? — Maravilhou-se ela, agindo como se nada houvesse acontecido momentos antes.

— Suponho que sim.

Ela se inclinou, olhando meticulosamente a cena pintada bem de perto.

— É o rapto de Perséfone. Sempre gostei dessa história. — Assinalou com um dedo enluvado. — Ali está a chegada de sua mãe para salvá-la de Hades. Nunca entendi por que ela ficou com esse idiota, embora apenas por um terço do ano.

Endireitou-se e viu que o rosto dele ficou duro como granito.

— Senhor Black, não está interessado na história?

— É claro que estou. — Murmurou ele sombriamente.

— Então, por que olha o vaso assim?

— Porque o que estamos vendo é um mito. Uma lenda, não a história.

— Mas não é interessante perguntar-se se os mitos têm sua origem na realidade?

— A realidade bem complicada da época, sem um pingo de verdade que seja? Na verdade, qual é o ponto?

Ele passou ao seu lado, como se fosse para o teste seguinte.

O calor queimou as bochechas de Elena.

— Se não está gostando, pode prosseguir sem mim e fazer tudo o que foi originalmente planejado.

Sabia que soava como uma criança petulante, mas de algum jeito o Sr. Black mexia com as suas emoções e a fazia se comportar de maneira totalmente atípica.

De repente, ele a atraiu para ele, com tal força que seus seios se esmagaram contra seu peito.

— Não quero prosseguir sem você. — Seus batimentos cardíacos aceleraram. Tudo o que estava sentindo, a irritação e a impaciência, passaram por uma mudança total com seu toque. Ele a olhava com sensualidade, com intimidadora intensidade. Ela ainda escutava a voz dos visitantes do museu na sala ao lado.

O Senhor Black manteve a voz baixa e discreta.

— Quero te beijar. Arrastá-la como o idiota que acaba de desprezar e te violar atrás dessa porta.

Tinha um tom sério e cru, com sua voz emocionando-a até a medula. Desmoronou sua fachada sem emoção. O guia de Elena caiu no chão, esquecido, quando ele agarrou seus braços e instintivamente se inclinou para ele, movendo seus quadris contra ele com audácia. Uma rigidez longa de excitação queimou através das múltiplas camadas de sua roupa interior e exterior. Ela não precisava de uma explicação para perceber a prova de seu desejo por ela.

Ela abriu a boca enquanto ele a agarrava pela cintura, com seus polegares dobrados possessivamente contra seu estômago. Murmurou:

— Vê por que eu fiquei longe?

— Então, estava me evitando. — Acusou em voz baixa.

— Qual é a alternativa?

Ela olhou para cima admirando seus olhos.

— Me beije de novo.

— Não consigo deixar de te beijar.

Passos se aproximaram soando contra o tapete. Com firmeza a afastou dele e se abaixou para recolher seu guia.

Uma voz masculina se ouviu:

— Senhor Black. É um prazer. É um prazer na verdade.

Um homem com um terno limpo e escuro correu para eles.

— Como podem ver, as notícias correm rapidamente dentro do museu, sobre tudo quando nosso maior benfeitor decide por nos visitar.

Elena, ainda muito afetada pelo intenso momento que acabou de passar, mal registrou a saudação do homem. Maior benfeitor? O que era isso?

— Por favor, permita me apresentar. — Ele se inclinou bruscamente. — Sou Edward Matthews, diretor assistente aqui do museu. O Sr. Bond, nosso principal bibliotecário, sem dúvida o teria recebido pessoalmente se não estivesse neste momento no Chipre fazendo o que faz de melhor que é ser paleógrafo.

Com um olhar quente, Archer apresentou Elena como sua pupila. Elena quase começou a rir.

O Sr. Matthews juntou as mãos nas costas, sorrindo.

— Qualquer amigo de sua senhoria é um convidado bem-vindo do museu. Sendo que nunca antes o tínhamos conhecido, Senhor Black, eu pessoalmente posso reconhecer sua contribuição ao museu, tanto nos artefatos como nos recursos de beneficência, que foi profundamente significativo, igual a seu pai e seu avô antes de você.

Então o Senhor Black era, com efeito, um antiquário. Que emocionante! Essa era também a primeira vez que ouvia falar da família de Archer. Isso lhe agradou, porque Elena começava a se perguntar se não eram humanos, como a mística Athenas, que tinha brotado da cabeça de Zeus.

— Estaria mais que encantado em oferecer meus serviços pessoais como guia para ambos hoje. Senhorita Whitney, o Senhor Black mostrou as Nereidas[5]?

Archer disse:

— Na realidade, apreciaria muito se acompanhasse a srta. Whitney durante o restante da visita. Vim hoje para ver um dos textos contido no arquivo privado do museu.

Elena olhou para Archer, bastante aborrecida por ter sido imposta a um membro do pessoal, especialmente depois do momento que acabaram de compartilhar.

O Sr. Matthews assentiu amavelmente.

— Estou encantado por levar a senhorita Whitney. Certamente está de posse das chaves necessárias?

— Estou.

Archer deu a Elena o guia.

— A encontrarei em breve.

Elena não respondeu. Não, não estava feliz com sua saída, mas ansiava aprender mais sobre o Sr. Black... e o Sr. Matthews parecia muito acessível.

*****

[5] Da Mitologia Grega, as Nereidas eram veneradas como ninfas do mar, gentis e generosas, sempre prontas a ajudar os marinheiros em perigo. Por sua beleza, as Nereidas também costumavam dominar os corações dos homens.

Archer atravessou a Sala Elgin, desconcertado pela facilidade com que sua resistência desmoronou depois de apenas uma hora na companhia de Elena. Sorte para ambos que o Sr. Matthews tivesse chegado. A evidente boa vontade de Elena de entrar em uma relação ilícita em nada resolvia suas paixões. Não podia deixar de imaginar o que seria estar nu e empurrar-se, completamente dentro da formosa jovem que era sua protegida.

Poderia ser imortal, mas ainda era, sobretudo, um homem.

Forçou necessariamente sua excitada mente a ir para o assunto do Estripador, e seu propósito original de visitar o museu.

Além da Sala Elgin havia uma câmara menor que continha o leão colossal de Knidus, agachado e com três metros de comprimento e dois metros de altura, esculpido completamente em mármore.

Muito tempo atrás, de um navio de vela grega, ele viu o grande leão sobre um escarpado com vista para o mar. Ali, seus olhos brilhavam verdes como esmeraldas. Não podia deixar de sentir pesar porque a criatura majestosa já não mantinha sua vigília no lugar.

Entrando na sombra do leão, viu uma porta escondida na parede de trás. Tirou um par de chaves de bronze de seu bolso.

Uma vez dentro, desceu por uma escada larga e escura, para uma tênue luz visível na parte inferior. Ali encontrou uma sala grande, mas estreita. Dois copiadores olharam para cima, com seus rostos iluminados pelos abajures em suas mesas. Com tanta concentração sobre seu trabalho, que só brevemente o saudaram ao passar.

As paredes estavam forradas completamente com prateleiras de madeira sólida, e sobre elas, centenas de figuras antigas de barro. Cada uma, se abertas, poderiam conter um livro, talvez dois. Todos foram salvos da destruição da Biblioteca Real de Alexandria, milhares de anos antes.

Sabia disso porque havia presenciado. Através dos séculos, mudou a coleção de um lugar para outro. Transferi-las para o reino interior nunca foi uma opção, porque a argila e o papiro não sobreviveriam ao portal. Com o tempo só restou à opção de depositá-las no museu para sua conservação. Muitas delas já se encontravam em pedaços, destroçadas pelo tempo e o clima. Durante os últimos cem anos, os assistentes do museu estavam trabalhando para reconstruir todos os fragmentos, e os copiadores sabiam que seu conteúdo não tinha preço. Entretanto, o texto mais raro que procurava se encontrava protegido por outra porta.

No outro extremo da sala, Archer chegou à porta e usou uma segunda chave para entrar. Com muito cuidado trancou novamente a porta atrás dele. A sala era menor do que a primeira, mas também estava cheia de pergaminhos, com todos os detalhes de uma história há muito tempo mitificada pelos mortais, a da raça Amaranthine.

Uma grande estrutura de madeira erguia-se no centro da sala e continha o texto que procurava. Archer guardou as chaves no bolso. Com muito cuidado levantou a tampa da seção da primeira caixa. Dentro havia filas e filas de papiros, os elementos mais antigos da coleção. O revestimento era de diferentes tamanhos e cores, mas a maioria era composta por argila vermelha. Um catálogo fino estava na parte superior, escrito por sua própria mão, proporcionando uma lista precisa sobre cada uma delas.

Pesquisou no identificador numérico por um papiro específico e procurou o número nas bordas de argila.

*****

— Disse que o Senhor Black não permite que seu nome apareça entre os outros benfeitores do museu. Por que, se suas contribuições são tão grandes?

Elena caminhava junto a seu guia, o Sr. Matthews, inclinando-se de vez em quando para ler uma pequena placa de metal explicando o significado dos artefatos que passavam. Como esperava, ele foi muito amável em responder a todas suas perguntas, e não só daquelas sobre os objetos expostos.

— Acredite, se ele quisesse, seu nome estaria estampado em uma das coleções, é provável que inclusive em uma ala do museu. — Disse efusivamente o Sr. Matthews. — Disseram-me que foi o mesmo com seu pai e seu avô antes dele. Que tinham rejeitado qualquer elogio ou reconhecimento público por suas contribuições.

— Que pouco comum.

Os olhos do Sr. Matthews brilhou com óbvia admiração pelo tema da conversa.

— Nem sequer posso expressar Srta. Whitney, como nossas coleções já se beneficiaram de sua generosidade, e da generosidade de seus antepassados no último século. Muita riqueza está associada com tal cavalheiro.

Sim, muito afortunado. Ao recordar a intensidade de seu olhar um pouco antes do Sr. Matthews os interromper, Elena não pôde evitar alegrar-se também.

*****

Ao ouvir a leve batida, Archer cruzou a sala estreita e abriu a porta.

Um dos copiadores estava ali, com uma expressão curiosa.

— Tem visitas, sua senhoria. Disseram que o senhor as aguardava.

A condessa Pavlenco e o senhor Marcus Hélios Alexander estavam atrás dele.

— Sim, obrigado.

O copiador se afastou, concedendo aos outros dois o acesso a porta estreita. Uma vez dentro da sala, Archer novamente fechou a porta.

— Cortou o cabelo. — Selene observou Archer, com uma expressão afetada.

— Por favor, sentem-se. Aqui, próximo à mesa.

Marcus recusou o convite. Em vez disso, ficou rígido e vigilante, no canto escuro da sala. Archer se aproximou e olhou nos olhos do Guarda menor.

— Estava certo na sua avaliação desta alma, Marcus. O Estripador Transcendeu.

O alívio transformou as feições de Marcus. Passou os dedos por seu cabelo dourado.

— Deus, acredita em mim? Pensei que ninguém o faria. Tudo aconteceu tão rápido. Muito rápido, Archer. Não entendo a Transcendência rápida de Jack.

— Acredito que eu sim. A resposta está aqui, nesta sala.

Capítulo 12

Selene se sentou em um banquinho.

— Prossiga.

— Algum de vocês recorda algo dos Tantalus?

Marcus também se sentou em um banco à mesa. Franziu o cenho, e depois de um momento de silêncio, assentiu.

— Existiram antes de nossa era, é obvio, mas sim, lembro ter lido algo a respeito deles durante minha formação acadêmica em Alexandria. Não posso dizer que lembro os detalhes, mas não era uma seita que vivia isolada em uma remota região do Monte Hemo, e que adoravam ao Tântalos?

Archer assentiu:

— Sim.

—Tântalos. Companheiros desagradáveis. Canibalismo. Sacrifícios humanos. — Selene estremeceu, tirando o extravagante chapéu com plumas de avestruz e deixando-o junto a ela na mesa. — Seu nome me dá calafrios, e não tenho calafrios facilmente.

Archer se sentou na frente dela.

— Também havia seguidores. Os sacerdotes Tantalus chamavam a si mesmos brotoi, filhos de Tântalos e se viam como seus servos. Procuravam libertar Tântalos e suas mãos negras do castigo eterno do Tártaro, com a intenção de governar a terra ao seu lado.

Selene olhou para Archer, com seus olhos acesos com reverente admiração.

— Mas nunca tiveram êxito, porque você Reclamou todos eles e os jogou no Tártaro para junto daquele que tratavam de pôr em liberdade.

Marcus revirou os olhos e franziu a testa. Inclinou-se para trás da mesa.

— Tudo isso aconteceu antes de 8000 a.C. Que ligação tem isso com Jack?

— Parece que nosso amigo Jack é um Tantalus.

Selene se levantou, franzindo o cenho com o pensamento, e caminhou ao longo da parede de pergaminhos. Passando o dedo ao longo da prateleira poeirada.

— Como pode ser, quando essa história esteve escondida em segredo sob sete chaves nesta coleção durante séculos?

Archer colocou a mão no bolso de seu casaco e tirou a carta do Estripador e o diário.

Empurrou-os através do centro da mesa para Marcus. Selene rapidamente voltou para o lado do irmão e pegou a carta. Depois de olhar o conteúdo, levantou o pergaminho e levou seu nariz até a dobra.

— Por favor, não coma isso. — Disse Archer.

Ela fez uma careta e a devolveu para ele.

— Quem iria querer? Está rançoso.

Marcus comentou sobre o diário.

— Fez desenhos de mim. Sabe meu nome.

Selene olhou por cima de seu braço.

— Há algo errado com esta imagem. O que você acredita que é?

Marcus perguntou:

— Um vulcão?

Archer assinalou o centro da página, onde uma fileira vertical de cartas foi desenhada, uma sobre a outra.

— Olhe aqui. É difícil ler devido aos danos, mas diz Krakatoa.

Selene franziu o cenho.

— Ah, sim, ele entrou em erupção com muita força na Indonésia há cinco anos. Milhares e milhares de pessoas foram mortas. Recordam como as ondas do mar bateram inclusive aqui, contra a costa da Inglaterra como consequência?

Archer se levantou da mesa.

— São exatamente essas ondas que me preocupam. Não as ondas reais do oceano, a não ser as reverberações que seguem até o dia de hoje. Acredito que há um padrão para elas, e que foram enviadas pelo Tântalos para despertar um exército adormecido, do qual Jack é só o primeiro.

Uma vez mais, a impaciência esticou as feições de Marcus.

— Por que nos chamou aqui, Archer?

— Simples. — Pegou o diário em suas próprias mãos e voltou algumas páginas. — Veem estes números?

Marcus os olhou.

— Pouco. A água os danificou gravemente, a maioria é ilegível.

— O que mais chama atenção? Do que pode ler?

Um sorriso lento de realização se estendeu através dos lábios de Marcus.

— Estão escritos no Acádio antigo.

Selene sorriu e bateu no ombro do seu irmão.

— Eu disse que seria muito útil algum dia.

— Nem sequer acredito que Jack realmente os entenda. Simplesmente grava o que vê dentro de sua mente. Mas acredito que uma vez traduzidos, poderemos alinhá-los com um número de eventos que tiveram lugar após a erupção do Krakatoa. De desastres naturais. De pandemias. E de vários incidentes de violência e assassinatos, entre os quais estão os ocorridos aqui em Londres nos últimos meses.

Os olhos de Marcus se queimaram com fervente entusiasmo.

— E o mais importante, poderemos predizer quando voltará a atacar.

— Precisamente.

Marcus levantou-se lentamente da mesa, com a mandíbula apertada e os olhos brilhando com ferocidade.

— Inferno, por que não descobri tudo isso?

— Dê-me um pouco de crédito. Ando por aqui desde o começo dos tempos. Vi muitas coisas.

— Portanto, atuaremos como seu tradutor? E depois? Espera que Selene e eu voltemos um passo atrás enquanto reclama a glória?

Archer argumentou:

— Não se trata de glória, Marcus. Trata-se de terminar a Recuperação. É sobre a proteção do mundo interior.

— Isso não é suficiente. — Concluiu Marcus em voz baixa. — O Estripador era minha missão. O que será de meu registro? E a minha Reputação?

— Comuniquei meu testemunho sob juramento aos Primitivos, detalhando a deterioração pouco comum de Jack e que você não é culpado por sua Transcendência.

— Excelente. — Suspirou Selene, agarrando o ombro de seu irmão em celebração. — Estamos juntos novamente!

Archer balançou a cabeça.

— Vocês não entendem. Colaboraremos somente nessa Recuperação.

Selene franziu o cenho com decepção.

Marcus cruzou os braços sobre o peito.

— Tanto faz. Vamos agir.

— Estou de acordo. — Adicionou sua irmã gêmea bruscamente.

Archer interveio:

— Você tem sua própria Recuperação para cuidar, Selene.

— Sim, eu sei. — Ela franziu o cenho. — E você já ouviu a última? Um tronco sem cabeça, depositado em Whitehall na sede da nova Scotland Yard. Pode acreditar na audácia? Mas te asseguro, eu consigo levar o jogo a bom termo. Nego-me a ser excluída desse negócio com Jack. Estamos fazendo história aqui, senhores.

— Bem. — Archer pôs ambas as mãos contra a mesa. — Infelizmente, a tradução tomará mais tempo de que esperava.

— Por quê?

— Falta o papiro original que necessitamos.

— Falta? Como pode ser? — Selene foi até a caixa aberta, e depois de examinar o catálogo, chegou à mesma conclusão que Archer. — Quem tem as chaves para entrar nesta sala?

Marcus a fulminou com o olhar.

— E quem poderia roubar algo tão bem guardado no museu, despercebidamente?

Todos se olharam em silêncio.

— Então. — Disse Archer. — Ou Jack esteve aqui, ou convenceu algum funcionário a roubar o papiro para ele.

Marcus olhou para as paredes.

— Os papiros foram copiados por um escriba, séculos mais tarde, na biblioteca de Alexandria. Os rolos estavam aqui. É possível que o original pudesse estar aqui nestas paredes?

— Já os encontrei. — Archer foi até uma caixa selecionada. — Este é o nosso problema.

Com muito cuidado, inclinou a caixa sobre a mesa. Duas barras de marfim se deslocaram e milhares de fragmentos de papiro desintegrado deslizaram.

— Maldição. — Marcus praguejou.

— Exatamente.

Maldição, porque o senhor Matthews estava a ponto de passar pela porta.

O som de vozes abafadas chegaram com o chocalhar de chaves na fechadura. A porta se abriu totalmente.

— Sua senhoria? — O Sr. Matthews entrou com os olhos muito abertos, procurando. Depois de um tempo, levantou uma grande lanterna. — Há alguém aqui?

Elena apareceu ao lado dele, entreabrindo os olhos para a mesa.

— Por que estão todos sentados aqui no escuro?

Archer cerrou os dentes. Os Recuperadores não requeriam luz para ver, por isso não havia necessidade de uma lanterna.

— Ah! — Selene saltou, e rapidamente pegou um candeeiro da cavilha na parede. — Nosso fogo se apagou quando os dois entraram. Tinha que haver outro candeeiro. Felizmente para nós, trouxeram-nos luz, e não teremos o incômodo de reacender este.

O Sr. Matthews parecia inseguro.

— Espero que esteja correto mostrar à senhorita Whitney a seção aqui embaixo.

— É claro. — Archer foi para o lado de Elena.

Seu olhar, entretanto, estava fixo em Marcus, que também se levantou de sua cadeira e agora estava sorrindo.

Archer lançou a Marcus um olhar de advertência, enquanto dizia:

— Sr. Matthews, uma pergunta antes de sair. Quem, além de mim, tem cópias das chaves das salas daqui de baixo?

— O bibliotecário principal. Em sua ausência, é claro, o privilégio da guarda passa para mim. Um dos estudiosos de nosso idioma, o Sr. Limpett, também tem uma cópia.

Ele já tinha rastreado o Sr. Matthews por qualquer sinal de deterioração anormal e não encontrou nada de interesse. Os olhos de Archer se estreitaram.

— O Sr. Limpett está disponível para conversarmos nessa tarde?

— O Sr. Limpett estava de férias durante a semana passada. Certamente posso enviar uma mensagem para ele.

— Não há necessidade de nenhuma mensagem.

— Muito bem, então. Senhorita Whitney, foi um verdadeiro prazer conhecê-la.

— Obrigada por sua atenção, senhor Matthews.

— Sua senhoria, há algo mais que possa fazer para que sua visita seja tudo o que deveria ser?

— Aqui tem tudo o que necessito.

Tudo menos um papiro original e o Sr. Limpett.

O Sr. Matthews em silêncio fechou a porta atrás dele.

Mark se adiantou.

— Srta. Whitney, não tive o prazer. Sou Marcus Hélios, senhor Alexander. A condessa Pavlenco é minha irmã.

Elena sorriu, olhando para trás e para frente entre os dois imortais altos e magros.

— Não me diga que são gêmeos.

— Na verdade somos.

— Hélios e Selene. — Ela abriu a boca. — Acabo de chegar do salão do Egito, suponho que os dois foram chamados assim em homenagem a Alexandro Hélios e a Cleópatra Selene, os gêmeos filhos da rainha Cleópatra e de Marco Antônio.

Selene se aproximou mais. Seus olhos tinham um brilho provocador.

— Nossa mãe era, em efeito, uma fanática por tudo que se relacionava com o Egito.

As sobrancelhas de Elena subiram questionando.

— E ambos estão associados com o Senhor Black? Os três estão envoltos com a aquisição e preservação das antiguidades?

Marcus pôs os olhos em branco e murmurou:

— Infernos, suponho que isso é tudo.

Quando saíram do museu, as sombras da noite tinham descido sobre a rua. Uma névoa fina pairava principalmente em volta da Elena, enquanto esperavam que o condutor trouxesse a carruagem vitoriana dos estábulos. Os outros dois partiram em uma condução de aluguel, com o rolo fragmentado e envolto em papel escondido na capa sob o braço de Marcus.

Logo, o transporte impecável do Senhor Black se deteve ruidosamente diante deles. Enquanto Archer ajudava Elena, os lampiões a gás colocados na avenida se abriram para a vida.

Elena estremeceu enquanto se sentava a seu lado.

— Está com frio.

— Um pouco. — Confessou ela, esfregando-as mãos enluvadas.

Ele sentiu a tensão dentro dela e soube que ela estava revivendo seu apaixonado abraço na sala de exposição.

— Então se sente mais perto de mim.

Com um sorriso tímido ela se moveu para mais perto dele.

O carro viajava pela avenida e rodou até parar atrás de um número de outros veículos, todos à espera de prosseguir através do cruzamento. Os gritos de impaciência vinham de toda parte.

O Senhor Black chamou outro condutor cujo veículo passava em sentido contrário.

— Qual é o problema ali?

— Todo mundo está tentando voltar para casa mais cedo, e não há nenhum oficial para organizar o trânsito. Todos foram chamados a Whitechapel para patrulhas adicionais.

O condutor acenou e tirou o chapéu em despedida.

— Venham! Senhores! Senhoras!

Elena olhou pela janela, para encontrar um homem com um chapéu de veludo vermelho proclamando em voz alta, chamando a todas as pessoas nas proximidades.

— Não há necessidade de ir a Tussaud, não quando temos a melhor representação de cera aqui. Jack o Estripador e a sua nova vítima. Venham ver suas caras horríveis.

Atrás dele, uma cortina de lona grossa, cinzenta foi erguida. Por causa do vento, uma parte da cortina se abriu, oferecendo uma visão do escárnio sobre a roupa de uma mulher com uma forma rígida, semelhante à humana.

Uma placa em seu peito, dizia “EDDOWES”.

O vento se acalmou, e o tecido caiu rígido, bloqueando sua visão.

Ela se levantou para abrir a porta.

— Elena? — Archer a chamou.

Ela saltou do carro, agarrou a saia, e precipitou-se sobre a calçada.

O homem do chapéu se aproximou enquanto ela corria.

— Quer entrar senhorita? Tem que pagar primeiro.

Ela passou pela lona e ficou sem fôlego.

Ali, nas sombras havia uma mulher de cera, com um horrível falso cabelo marrom, esculpido no seu rosto uma chocante expressão de terror. Envolto ao redor de seu pescoço havia um lenço, salpicado com sangue falso. Preso em seu avental estava uma placa de madeira grosseiramente pintada: “CATHERINE EDDOWES” e embaixo: “KATE KELLY”. Justo a seu lado se encontrava outra figura, alta e vestida com um manto puído e uma cartola. Sua placa dizia “JACK O ESTRIPADOR”.

Ela ouviu passos. Botas que corriam pelo caminho atrás dela. A voz de Archer.

— Elena? O que está acontecendo?

Ela sussurrou:

— Não parece em nada com ela.

E desabou nos seus braços.

*****

Elena jazia em sua cama, apoiada sobre dois travesseiros empilhados, com os olhos e o nariz vermelho de tanto chorar.

— Realmente, estou bem. Só surpresa. Eu não a conhecia bem. É algo muito desconcertante que alguém tenha passado algum tempo com uma pessoa que mais tarde teria uma morte horrível nas mãos de um monstro, como Jack o Estripador.

Archer estava sentado na beirada da cama, com a perna dobrada em seu joelho. Odiava que essa notícia a fizesse se sentir tão miserável. Desceu o olhar para os jornais.

— Naquele dia estava procurando Lizzy e a uma outra mulher. A outra mulher era Catherine Eddowes?

— Sim. — Ela soluçou, e se levantou. Seu cabelo caiu livre de seu coque sobre seus ombros. — Assim, quando li no jornal que o nome de uma das vítimas era Kate Kelly, não pensei em nada além de que uma coisa muito horrível houvesse acontecido a essa pobre mulher. Ela aparentemente vivia com um companheiro de nome Kelly, e se considerava casada com ele. Ela usava os dois nomes. Muitas mulheres dessa parte da cidade o fazem.

— Sinto muito, Elena.

Realmente sentia. E se inquietava, ao perceber que tinha entrado em contato direto com uma das vítimas, a mesma que o Estripador havia mencionado na carta que morreria como um "presente" para ele. Naquele dia ele ouviu os nomes de Catherine e Kate de boca em boca, mas infernos, parecia que a metade da população feminina da cidade se gabava de ter esses nomes. Ele não tinha nenhuma razão para acreditar que as duas mulheres fossem a mesma pessoa.

Haveria algum significado?

— Como darei a notícia a Lizzy? Não acredito que ela já saiba. Considera Catherine como uma espécie de mãe.

— Falaremos pela manhã, juntos, se você quiser.

Viu a apreciação em seus olhos, inundados por uma nova onda de lágrimas, mas ela recusou.

— Na verdade, acredito que seria melhor se você não estivesse presente. Ela tem muito medo de você, já sabe disso. Provavelmente a notícia será ruim o suficiente.

— Tudo como você quiser.

Ela pegou sua mão, e com uma inclinação de cabeça, sussurrou:

— Obrigada.

— Por quê?

— Por não me rejeitar hoje.

Suas palavras lhe roubaram o fôlego, mais que suas lágrimas.

— Elena.

— Sei que não posso ficar. Não quero nem saber por quê. Está tudo bem. — Ela sorriu com valentia, com os olhos muito abertos e sem esconder nada. — Tenho meus próprios planos, meus sonhos, e estarei bem sem você. De fato, minha aceitação na faculdade de medicina chegará em poucos dias. Talvez seja eu quem deve dizer adeus primeiro. Aconteça o que acontecer, estou contente e agradecida por ter passado esse tempo na sua casa.

Lentamente, ele a apertou contra seu peito, desconcertado por ela parecer pertencer a seus braços. Não importava o quanto ele tentasse mantê-la a distância, não conseguia. Sua mente absolutamente opunha-se à ideia de se afastar dela, embora soubesse que esse momento chegaria, e logo.

Ele recordou detalhadamente a mulher que chorava, sangrava, acabada e muito pior que morta na calçada suja de Londres. A conversa de Elena sobre a escola de medicina fazia com que seu sangue esfriasse, porque sabia de suas ambições de retornar para East End, e toda essa loucura e morte que ali se encontrava. O otimista espírito de Elena florescia, mas sabia que aqueles a quem tentava salvar, ao longo do tempo a tragaria em suas mazelas e destruiria a jovem mulher que tão profundamente o tocara.

Não permitiria que isso acontecesse.

Finalmente, sua respiração ficou mais lenta, e soube que ela estava dormindo. Tirou o travesseiro, e escureceu o quarto. Enroscou-se a seu redor, deixando-a somente quando o amanhecer pintou o céu de rosa.

*****

Seis dias depois, Archer se moveu na forma de sombra pelo corredor amplo do quase inaugurado Hotel Savoy. Embora os andaimes ainda cobrissem as paredes externas da estrutura, e nos andares inferiores trabalhadores se apressassem para concluir a pintura e a instalação de obras de arte, só havia silêncio e luxo refinado. Sem anunciar-se, deslizou por baixo da porta do quarto 712.

— Elegante. — Disse materializando-se e percorrendo o exuberante tapete.

Marcus estava sentado em uma cadeira junto à janela, sustentando um caderno de desenho, lápis na mão.

— Saudações. — Selene o olhou inclinada sobre uma mesa de mogno, com seu longo cabelo sobre um ombro. Com a visão dele, a cor surgiu em suas bochechas. — Como foi na França?

— Jack não estava lá. Tampouco em Belfast ou Dublin. Suspeito que ainda esteja aqui, em Londres, observando e esperando. — Respondeu Archer.

Selene trabalhava sobre um pedaço grande de tecido. Em cima dele estava o rolo montado. Estava empregando pinças estreitas prateadas para colocar um minúsculo fragmento.

— Estou quase terminado aqui.

Archer examinou o mobiliário de luxo, o suporte da lareira rica em detalhes e as tapeçarias japonesas. O casaco de pele bordado de Selene estava pendurado no encosto de uma cadeira.

— Quase como sua própria casa em miniatura.

Mas, como não sofrer ao ter intimamente tanta gente por perto?

Lá fora, na rua movimentada, e inclusive ali dentro, em certa medida, ele experimentou uma sensação similar em alguns aspectos ao da pensão na rua Thrawl, salvo que ali os pensamentos, em lugar de refletir a miséria e a loucura, centravam-se quase exclusivamente em um tipo completamente diferente de loucura, em Bond Street e nas compras.

— Como você consegue essas acomodações? Antes mesmo que o hotel seja aberto ao público?

Selene respondeu apontando para seu irmão gêmeo.

— Marcus é um dos principais investidores do Savoy.

Archer olhou para Marcus, que franziu o cenho para uma página.

— Por que não alugam uma casa? Não é como se não pudessem pagar.

Marcus respondeu em voz baixa:

— Prefiro minha casa aqui.

Archer se moveu para o lado da janela, coberta de cortinas brancas e listas vermelhas.

— Na verdade, a moradia não é tão ruim assim. Observei que colocou colunas de granito e vigas de aço. Aparentemente, utilizam pouca madeira na construção.

Archer puxou as cortinas e olhou a paisagem. Ao longe, a Agulha de Cleópatra suportava camadas de névoa como uma densa capa sobre Vitória.

— Uma vista agradável. — Disse em voz baixa, compreendendo um pouco melhor a escolha de Marcus pelo quarto.

— Marcus sempre foi o filhinho da mamãe. — Sussurrou Selene. Riu de sua própria brincadeira, e repetiu. — O menininho da mamãe.

Marcus lhe lançou um olhar de desgosto.

Archer interveio.

— O que fez, Marcus?

— Enquanto esperava que Selene restaurasse o livro, procurei a filha do Sr. Limpett em sua casa em Manchester.

— Mas não encontrou o senhor Limpett?

Marcus negou.

— E nem a Jack. Estou de acordo contigo. Acredito que ainda está aqui na cidade.

— O que disse a filha do Sr. Limpett?

— Disse-me que ele retornou para Londres faz uma semana, mas desapareceu, e não o viu mais.

— E seus pensamentos refletiam a verdade disso?

Marcus assentiu.

— Não tem a menor ideia de onde ele está, mas pude perceber que têm suspeitas.

— De que maneira?

— Tem medo de que esteja traficando com artefatos roubados.

— Interessante.

— Não podemos dizer onde está o papiro agora. Teremos que encontrá-lo depois que esse negocio com Jack seja resolvido.

— O que mudou até o momento?

Marcus respondeu:

— Quase nada. Tentarei ser breve, mas por que não se senta? — Indicou-lhe uma cadeira a seu lado.

Enquanto Archer se sentava, Marcus voltou algumas páginas no caderno de desenho.

— O rolo se abre com várias profecias, chamadas eventos de acontecimentos, quer dizer, o cataclismo da erupção de vulcões e explica a teoria das ondas que identificou no museu.

Archer assentiu, à espera de ouvir mais.

— As ondas, é claro, inicialmente tomaram a forma física de tremores de terra, terremotos e tsunamis. Entretanto, a seita orientava seus seguidores que continuassem receptivos às ondas invisíveis na atmosfera, que se prolongariam durante décadas, talvez inclusive um século depois do evento. Predisseram que um vulcão, em algum momento não especificado do futuro, seria um farol de que Tântalos faria sua chamada às armas, na forma de uma energia escura que despertaria aos que tivessem a capacidade oculta de tornar-se brotoi.

Archer tirou o chapéu e as luvas, e os pôs sobre a mesa de mármore ao lado da cadeira.

— Fale mais a respeito destes brotoi. Como é sua evolução?

— A tendência a ser brotoi já se encontra dentro de uma determinada população de mortais, e por tudo o que já li no rolo, são os mesmos mortais que são propensos a Transcendência, os que sofrem uma excessiva deterioração moral e mental.

Archer esfregou a ponta do nariz, pensando em tudo o que Marcus estava revelando.

— Pelo menos estamos interessados na mesma fração da população que antes, só que como entendo as coisas, os brotoi finalmente uniram seus esforços, enquanto que as almas Transcendidas permaneceram solitárias em suas atividades enfurecidas.

Marcus assentiu.

— É correto. Uma vez acordados, eles se tornaram mais fortes a cada evento. Os acontecimentos não apenas serão uma fonte de poder, mas também de comunicação e instrução das profundidades do Tártaros.

Na mesa estava Selene, estendida como um gato ágil e escuro.

— Terminei aqui. Pode fazer o registro da última sequência, Marcus.

Ambos os Recuperadores deixaram seus assentos à mesa.

Selene pegou as duas hastes de marfim do rolo, e torcendo o cabelo sobre sua cabeça, utilizou-as para prender a massa de cabelo em seu lugar. Deixou-se cair na cadeira que Archer tinha acabado de levantar. Optou por não fazer nada mais que selecionar três livros de decoração da mesa auxiliar e analisar as palavras escritas em ouro, como conhecedora do assunto.

— O que não entendo é, se Krakatoa teve uma erupção em 1883, por que demorou até o ano 1888 a essa primeira alma emergir como um brotoi?

Depois de escolher uma página, arrancou uma longa e estreita tira, e a enrolou sobre seu dedo. Inclinando a cabeça para trás, deixou cair o papel entre seus lábios.

— Porque só agora entendem as mensagens. — Respondeu solenemente Archer. — É como qualquer outro idioma. Alguém deve pesquisar durante um determinado período de tempo antes que o padrão tenha sentido. É como um código, liberando o potencial de maldade do seu interior.

Marcus assentiu.

— Pelo que li, o Estripador poderia muito bem ser o Mensageiro mencionado nas profecias, e o propósito de suas obras aqui em Londres é despertar o exército de adormecidos, ou aos imperfeitos brotoi de todo o mundo. O plano final é, naturalmente, que esse exército vicioso se multiplique e viva na terra... e, é claro, mais tarde no Reino Interior.

— Hmmm. — refletiu Selene. — Pergunto-me se o meu assassino de Thames é um brotoi. Ele ou ela são particularmente difíceis de rastrear.

Archer encontrou seu olhar.

— Neste momento, tudo é possível.

Marcus pôs o caderno na mesa junto do rolo. Olhando de um para o outro, escreveu uma série de números debaixo dos que já tinha registrado.

Finalmente, Marcus se endireitou.

— É como você pensava, Black. — Entregou o caderno de desenho para Archer e assinalou o que tinha escrito. — Olhe as primeiras linhas e as compare uma com a outra. Uns poucos ajustes ao código numérico e poderá ver o padrão das ondas. Estendem-se para fora de Krakatoa e atingem vários pontos no mundo em momentos específicos. Quando comparamos este modelo com o calendário dos últimos cinco anos, as datas correspondem a tudo o que foi detalhado. Os desastres. As epidemias. Os assassinatos. Uma série de assassinatos muito desagradáveis.

Archer estudou os personagens do livro, comparando os números registrados por Marcus.

— Em apoio a este particular padrão, o de Londres que abrange a localização latitudinal e longitudinal, previa que o Estripador atacasse de novo em dez de novembro.

Marcus assentiu.

— Essa é a data a que cheguei também.

Archer encontrou o duro olhar de Marcus.

— Excelente trabalho.

Marcus pareceu não ter o menor prazer com o elogio.

— Uma coisa mais, Black. Se estes Mensageiros brotoi forem tão fortes como os rolos das profecias dizem... — A voz de Marcus sumiu.

— O que? — Exigiu Selene.

— Li o rolo várias vezes. Os brotoi são um tipo desagradável. Apenas se tornam cada vez mais fortes com o tempo.

— Conclua o que você quer dizer. — Archer cruzou os braços sobre seu peito.

— A única maneira de assegurar a derrota de um brotoi é brigar com ele em seu próprio nível. Um de nós terá que Transcender.

Capítulo 13

— Não vamos fazer isto. — Declarou Archer com firmeza. — Uma vez que um Guardião transcende, não há volta. Ele arriscaria...

— Ou ela correria o risco. — Interveio Selene, com os olhos brilhando.

Com um gesto de reconhecimento, Archer continuou.

— Ele ou ela correria o risco da loucura eterna, e seriam expulsos para sempre, não só das fileiras da Guarda das Sombras, mas também do Reino interior.

Selene adicionou:

— E convidados ao seu próprio assassinato. Pode estar seguro de que os Primitivos não deixariam em liberdade um Guarda das Sombras convertido em um brotoi.

Archer sacudiu a cabeça.

— Uma vez mais, não vai acontecer. Talvez, se apenas houvesse um de nós obrigado a lutar sozinho com essa alma, mas somos três. Juntos podemos derrotá-lo.

— Juntos? — Repetiu em voz baixa Selene, endireitando-se na cadeira. A pesada seda azul de seu vestido chiou contra o brocado. — O que quer dizer, Archer?

Archer levantou o queixo sem sorrir.

— É a única maneira de assegurar a derrota de Jack.

Marcos grunhiu:

— Por que isso não soa suficientemente bom para mim?

— Não insista. — Advertiu Selene.

— E se eu quiser ouvir de seus lábios que entende as razões que motivam Black?

Archer lançou um olhar de aspecto perigoso para Marcos.

— Estou aqui agora, disposto a entrar nesta Recuperação em igualdade de condições com os dois. Podemos seguir adiante em vez de retroceder?

— Marcos. — Selene ficou em pé, implorando. Seu olhar se desviava de um imortal para o outro. — Diga que sim. Diga que vamos trabalhar juntos nisto.

Marcos olhou com frieza o centro da sala, fitando o nada. Seu colarinho engomado claramente contrastava com sua garganta.

— Vamos fazer isso então. Estejamos preparados para a batalha que vem pela frente.

Archer pegou suas luvas e o chapéu da mesa.

— Informarei aos Primitivos de nossa estratégia. Quando souberem tudo, talvez desejem como medida de precaução, fechar temporalmente os portais. Caso tenham alguma comunicação para ser enviada ao Reino interior, melhor fazer logo.

Selene o acompanhou até a porta.

— O que vai fazer enquanto isso?

Ele apenas a escutou, porque já se desvanecia como sombra.

*****

Lizzy acenou para as rosas.

— Sim, senhorita. Estou certa de que são para você. O próprio sr. Jarvis leu o cartão da floricultura. — Lizzy fez uma careta. — Quero dizer, ele mesmo leu.

Era evidente que Mary Alice estava tentando polir o discurso de Lizzy.

Elena se levantou de sua mesa, onde tinha passado grande parte da manhã organizando as páginas de apontamentos. Gostou da interrupção. Saber que o Senhor Black voltaria da viagem de uma semana na França a mantinha constantemente distraída.

Encheu duas caixas com os livros a serem devolvidos para o Dr. Harcourt. Depois que sua aceitação à universidade chegasse, só seria questão de tempo antes de sair da mansão e ir para uma pensão de estudantes perto do campus. Não teria espaço para armazená-los ali.

O senhor Black enviou as flores? O prazer formou redemoinhos em seu corpo ao pensar na possibilidade. Aceitou o ramalhete de um vermelho vívido de pelo menos duas dúzias de brotos escarlates, com pétalas tão ricas como o veludo.

— São lindas.

Lizzy limpou a garganta, e com uma inclinação deliberada de cabeça, disse.

— Senhorita Whitney, queria lhe agradecer de novo por me aceitar depois do funeral de Catherine, e assegurar-se de que tivesse uns poucos dias de descanso para acomodar os pensamentos. Isso é, meus pensamentos.

— Não precisa agradecer. Sei que era sua melhor amiga. É importante lembrar-se da Catherine que conhecia, e não da que falavam os jornais.

Catherine teve uma morte horrível, muito violenta. Os macabros detalhes, descritos detalhadamente nos jornais, colaboravam para mesclar sua mente com a caricatura de uma mulher gritando, mais similar à figura de cera que Elena tinha visto na rua que a um ser humano.

Lizzy apertou suas mãos na frente do seu avental.

— Foi mais que amável comigo, senhorita, e não posso dizer que sei o que fiz para merecer tanta consideração.

— Todo mundo merece bondade, Lizzy. Todo mundo, exceto monstros como Jack o Estripador. Ele obterá seu castigo no final pelo que tem feito a essas mulheres. Não tenho nenhuma dúvida disso.

Depois de que Lizzy saiu, Elena pôs as flores sobre a mesa. Não tinha que inclinar seu nariz sobre as flores. Seu aroma enchia o ar ao seu redor. Pegou o pequeno envelope. Estava apenas seu nome, “SENHORITA WHITNEY”, escrito em tinta preta no cartão. Uma vez mais bateram em sua porta.

Quando a abriu, seu coração parou. Archer estava ali, com seus formosos olhos prateados.

— Olá. — Disse ela.

— Elena. — Inclinou sua cabeça. Um prazer quente passou por ela, ao ouvi-lo pronunciando seu nome com intimidade, falando com uma voz que a enchia de desejo.

Uma mecha de cabelo escuro se encontrava roçando sua bochecha. Continuava moreno e misterioso. Uma onda de excitação atravessou todo o seu corpo.

— Como foi na França?

— Frustrante. Sei que esteve confinada na mansão todos estes dias, por meu pedido egoísta. Tenho a tarde livre de compromissos. Perguntava-me se você desejaria dar um passeio.

Seu coração deu um salto.

— Sim, gostaria muito.

As flores. Se ele as enviou, por que não mencionou? Talvez estivesse esperando que ela dissesse algo. Mordeu o lábio, meio delirante de que ele ficasse

olhando-a com tal intensidade. Talvez fosse mais emocionante não dizer certas coisas.

— Gostaria de entrar e esperar enquanto reúno minhas coisas?

— Não. — Ele respondeu rindo e levantando uma mão elegante. Seus lábios se levantaram nos cantos, em um sorriso ligeiramente travesso. — Melhor não. Vou esperar lá embaixo.

Ele retrocedeu vários passos e se voltou para seu quarto, ela deveria pegar seu casaco e o chapéu. Em vez disso, não pôde deixar de olhar para suas nádegas, mesmo sob sua calça de lã fina se viam perfeitas e musculosas. Seu coração pulsou a um ritmo irregular. Correu para seu armário.

Quando desceu, ele já a estava esperando, com sua cartola e luvas na mão. Seu casaco, habilmente cortado para mostrar a masculina forma de seus ombros, caía em uma elegante descida até seus joelhos. O criado deu um passo atrás quando o senhor Black, no lugar dele, segurou a porta para ela. Ela passou, entrando no revigorante frio da tarde. No patamar da escada, ele a segurou até o transporte que não queria que nenhum criado conduzisse. Deu a volta, subiu para ocupar seu assento junto a ela, e pegou as rédeas e o chicote do lacaio.

Ele olhou por cima do ombro para uns criados finamente vestidos, que esperavam a cavalo a uma discreta distância atrás deles.

— Leeson me informou que nossa convidada com melancolia perpétua, a senhora Hazelgreaves, quer que você tenha um noivo pelo bem da decência.

Elena sorriu, e esteve de acordo em voz baixa, cúmplice.

— Não queremos fomentar o escândalo de amanhã.

Conduzindo até os altos portões de ferro da rua, Archer atraiu seu olhar, mas só fugazmente.

— Aonde quer ir? Esta é sua tarde, já sabe.

— Sério? Minha? Qual é o motivo?

Archer mirou fixamente além da parte superior das cabeças dos cavalos, para a rua mais à frente.

— Em seu quarto na outra noite, você tocou no tema de despedida.

— Você partirá em breve.

— Sim.

Ela sabia que ele viajava o tempo todo, e foi sincera em seu dormitório quando disse que não esperava nada dele. Os dois tinham sonhos e obrigações que os levavam em direções diferentes. Entretanto, isso não significava que não pudessem compartilhar uma tarde de boas lembranças.

Ela sorriu para acalmar o ardor de seu coração.

— Então vamos tirar o máximo proveito de minha tarde. Já que sou eu quem toma as decisões a respeito de aonde iremos, você não acha que eu devo conduzir?

Sem vacilar, Archer lhe entregou as rédeas.

— Certamente, se o deseja.

— Considere-se a minha mercê, sua senhoria. Se estiver esperando um passeio tranquilo em Hyde Park, não deveria ter me dado as rédeas.

Breves dez minutos depois, ela conduzia o carruagem na Jermyn Street. Passaram por uma série de edifícios com cinco andares cheios de lojas e escritórios.

Ela continuou para o leste até que as vitrines adquiriram um aspecto um pouco estéril.

Ela parou a condução.

— Em um dos guias da cidade li sobre uma loja que eu gostaria de visitar, e acredito que é logo ali.

Amarrou as rédeas, e um menino se aproximou do veículo para cuidar dos cavalos. Archer desceu e pegou Elena pela cintura para pousá-la a seu lado na calçada. Na loja havia pôsteres anunciando uma série de artigos. Chás. Pós-medicinais. E perto da porta havia um letreiro, “TATUAGENS”.

— Me diga outra vez por que estamos aqui. — A escura sobrancelha de Archer se levantou com suspeita.

— Li sobre o cavalheiro dono da loja. Vende todo tipo de coisas de todo o mundo e afirma ser descendente de Omai, o capitão nativo polinésio que desapareceu nas ilhas Marquesas. — Encolheu os ombros. — Quem sabe se isso é verdade mesmo.

— E é um tatuador.

— Sim.

— Por que estou começando a sentir como se estivesse em perigo de algum jeito?

— Eu já tenho uma. — Elena sorriu, angelical e diabolicamente ao mesmo tempo.

Ele tinha visto a serpente antes, mas é claro que ela não sabia. Misteriosamente divertido, ele segurou seu pulso e com audácia observou sua pele junto do couro ajustado de sua luva. Quando reviu, desenhada ao redor de seu pulso pálido e delicado, um impulso ardente surgiu dentro dele de pressionar sua boca na carne tatuada.

— É essa a razão pela qual a senhora Hazelgreaves estava tão exaltada?

— Não sou tão escandalosa como gostaria de acreditar. Pequenas tatuagens discretas se consideram muito chique, inclusive nos mais exclusivos círculos de mulheres.

— Diga-me por que estamos aqui.

Um rubor se estendeu por suas bochechas. Ele ainda sustentava seu pulso. Era quase como se estivessem de mãos dadas na rua movimentada, enquanto todo mundo passava ao lado deles.

— Não pude deixar de notar na primeira noite que o conheci em seu gabinete, e depois novamente naquela noite em seu quarto...

Agora ele sentiu como se ruborizasse. Quando foi a última vez que isso aconteceu?

— Notar o que?

— Que não tem uma tatuagem.

— Há uma razão para isso. As malditas coisas duram para sempre.

Ela inclinou a cabeça.

— O que há de errado com para sempre?

Ela não podia saber quão profundamente suas palavras o cortavam. Não diria ou pensaria sequer na palavra amor, porque era impossível considerá-lo no contexto de sua existência solitária, mas tinha desenvolvido a mais perigosa e devastadora das paixões por sua jovem e formosa protegida. Era doloroso saber que cada momento os aproximava da despedida. Ele piscou afastando o pensamento taciturno.

— Está me tentando.

Seus olhos de cores diferentes o deslumbraram com sua malícia sincera.

–Estou tentando desafiá-lo

— Pensa que não seria capaz?

— Não, não acredito. — Incitou-o levemente. — Acredito que é um puritano, Senhor Black.

Ela era uma beleza etérea em um mundo pintado em tons de cinza. A rua, os edifícios e o céu todos pareciam tristes em comparação. Ela ficou tão destruída quando soube do assassinato de Catherine Eddowes, que ele queria manter seu sorriso.

Queria que ela recordasse seu tempo juntos assim.

Elena olhava enquanto ele retrocedia para a porta, com um sorriso lentamente estendendo-se através de seus formosos lábios.

— Você vem?

Ele virou nos saltos de suas brilhantes botas pontudas e empurrou a porta, sustentando-a até que ela o seguiu para dentro. A loja estava escura e repleta até o teto com todo tipo de produtos farmacêuticos, velas em pacotes de doze contas, e produtos alimentícios a granel. A névoa e o aroma de incenso flutuavam no ar.

Um homem corpulento com olhos brilhantes e careca estava sentado no canto mais afastado, cercado até a altura dos ombros por caixas de todos os tamanhos. Tinha a cabeça tatuada com um dragão verde e vermelho que olhava ao redor de seu pescoço. Pelo menos quatro gatos estavam ao seu redor, cada um de diferentes tamanhos e cores.

Saudou-os amavelmente.

— Olá! Posso ajudá-los?

Archer olhou para Elena, e de volta ao comerciante.

— Sou um homem em busca de uma tatuagem.

Momentos depois, Archer se sentou junto a um enorme abajur, um enorme gato avermelhado girava ao redor de sua calça. Na parede atrás dele havia pendurado com tachinhas várias insígnias do regimento, provavelmente modelos para tatuagens dos oficiais e soldados britânicos. O tatuador saiu de uma escura cortina na parte traseira da loja. Vestiu uma túnica branca imaculada, e trazia consigo um pacote com instrumentos com cabos de bambu e um pequeno frasco de tinta.

— Que tipo de desenho gostaria? Um dragão? Um navio? — Riu entre dentes. — Uma mulher?

— Senhorita Whitney, acredito que deveria ter a honra de decidir.

— Realmente? — Elena vacilou a vários metros de distância, surpresa por Archer ter aceitado. — Não brinque, porque não vou recusar.

— Diga ao senhor que marca terei na minha pele. — Ele fez uma careta. — Para sempre.

— Uma como a minha, acredito. — Ela empurrou para baixo o punho de uma luva e mostrou o pulso ao homem. — Apenas ao redor de seu braço.

Ela indicou o espaço entre o ombro e o cotovelo.

— O que diz, senhor Black?

Archer inclinou a cabeça, sem dúvida satisfeito por compartilhar o mesmo desenho, elevando a relação a um nível mais íntimo. Sabia que inclusive sem a tatuagem e as agulhas ele tinha sido marcado para sempre.

— Prossiga senhor.

— Ficarei aqui. — Disse Elena do outro lado da sala, onde as prateleiras criavam um ambiente casual de intimidade. Ali perambulou, parando para observar uma fila de panelas de cerâmica cheias de diferentes tipos de tabaco. Levantou uma tampa de vidro e inalou o doce aroma de madeira e chocolate.

Olhando entre as latas de chá e garrafas de vinagre, vislumbrou Archer desabotoando a camisa. Obcecada, viu quando ele desabotoou os botões e abriu a

camisa de linho encolhendo um ombro e um braço, deixando a metade de seu peito e seu braço completamente nu.

Ele levantou a cabeça, capturando os olhos dela. Tudo ficou muito quente, mas ela não desviou o olhar. O calor ardia em seus olhos cinzentos, com a evidência da atração não dita ardendo entre eles. Aflita pela intensidade dos sentimentos, Elena se virou para olhar as mercadorias.

Uma hora mais tarde, Archer estava tatuado, enfaixado e vestido. Elena acariciava o gato, enquanto Archer pagava o comerciante.

Ao sair à calçada movimentada, Elena experimentou um repentino desespero. Não queria que a tarde chegasse ao fim, com sua partida tão próxima no horizonte.

De algum jeito ela sabia que quando ele fosse embora, iria para sempre.

— Para onde iremos agora? — Ela ponderou em voz alta.

— Tenho medo de perguntar.

Ela fingiu ficar ofendida.

— Disse que era meu dia. Segundo o meu relógio só gastamos uma hora e meia.

— O que você quer fazer agora?

— Bom, já que pergunta... — Ela sorriu.

— Pode falar.

— Sempre quis fumar um narguilé[6].

Archer se destacava por cima dela, de costas largas e escuras. Ele negou ligeiramente, e apertou os lábios, mas sorriu com os olhos.

— E suponho que seu guia disse aonde poderíamos encontrar um cigarro?

— Não. — Ela olhou os pedestres avançando pela rua ao redor deles. — Desta vez terá que perguntar a alguém.

*****

Elena tossiu atrás de seu punho.

— Acredito que minha curiosidade foi satisfeita quanto a questão do narguilé.

Ela passou o tubo e o bocal para Archer. Estavam meio reclinados sobre uma montanha de brilhantes almofadas multicoloridas, com os casacos e chapéus jogados em uma pequena mesa no canto. As paredes da sala reservada foram pintadas de uma cor turquesa intensa.

Archer sorriu.

— Isso é tudo? Três baforadas e já terminou?

Em uma mesa baixa, incrustada de finos desenhos ao lado deles, o tubo cilíndrico se apoiava em uma dourada base de flor de lótus, e borbulhava como um gato ronronando.

— Perdão? Você quis dizer, três. — Voltou a tossir. — Três e meia baforadas.

Ele habilmente travou o tubo em seu gancho.

Archer não podia recordar nenhuma vez em que tivesse andado de um lado para o outro, e passado um longo período de tempo de lazer pelo simples desfrutar da companhia de outra pessoa, mas descansar ao lado de Elena nesse lugar esfumaçado, enviava uma onda de prazer através de sua parte inferior, estômago e virilha.

---

[6] Narguilé é um cachimbo árabe de água utilizado para fumar.

Seu cabelo se soltou dos grampos, e brilhantes cachos desarrumados estavam ao redor de seu rosto. Seu corpete de pescoço alto roçava em cima de seus firmes seios e cintura estreita. O contraste da decência e a sensualidade trazia para a vida cada impulso masculino dentro dele.

Sem perceber o que se passava com ele, Elena observou:

— Este é certamente o lugar de encontro para o público adepto, não é assim? — Cruzou suas pernas nos tornozelos.

— Hmmm. Sim? — Archer fechou os olhos, saboreando a fricção de suas meias, com uma coxa roçando contra a outra.

— Acredito que passamos pelo senhor Wilde e Sr. Dodgson sentados juntos em uma mesa quando entramos.

O atendente, vestindo uma larga túnica branca e calça de linho, retornou ao lugar diante deles com dois copos pequenos, cheios com um líquido de cor âmbar.

— Sim, de fato. — Confirmou em tom confidencial. — Whistler o artista é também um habitual frequentador, como seu jovem acompanhante, o Sr. Sickert, mas a meu entender, estão de férias na França.

O atendente desapareceu novamente. Elena se sentou em seu magnífico trono de almofadas. Pegou o copo da mesa e deu um gole na bebida, apenas para tossir.

— O que é isto? — Perguntou com olhos chorosos.

Archer pegou o copo de sua mão e o devolveu à mesa.

— Infusão de Anis com conhaque.

— É muito bom. Quero terminar. — Aproximou o rosto uma e outra vez contra os travesseiros, cada vez mais perto dele, tão perto que ele sentiu um endurecimento distinto em sua calça.

Ele se moveu, pois não queria alarmar sua inocente companheira. Para sua consternação ela soltou os três primeiros botões de seu espartilho. Por baixo, usava uma blusa de musselina branca, visível o suficiente para que o contorno do decote da camiseta e a elevação de seus exuberantes seios ficassem evidentes.

— Muito melhor. — Suspirou ela, encontrando seu olhar.

— Me alegro. — Respondeu ele com firmeza.

Para não lhe dar um beijo, Archer falou.

— Tenho uma tatuagem e fumamos um narguilé. Que mais, Elena? Que mais poderia fazer deste um... dia perfeito?

— Realizei dois desejos. Sou afortunada o suficiente para ganhar três? Hmmm... — Refletiu com um sorriso. — Se pudesse arranjar nossa participação em uma dissecação, estaria no céu.

Archer piscou.

— Fazer uma autópsia? — Alcançou o conhaque e bebeu o copo inteiro. — Às vezes diz as coisas mais inesperadas.

Ela riu, apertando a mão em seu braço.

— Não esperava que conseguisse isso, mas foi tão cooperativo e como é um homem com muita influência, pensei que poderia pedir. É muito difícil para as mulheres prosseguirem seus estudos de medicina sem verem uma honesta e boa autópsia, em particular de um exemplar masculino. Só nos resta confiar em grande medida nas ilustrações, modelos de cera e conferências. Dá para acreditar que eu poderia fazer meu caminho pela escola de medicina sem observar os verdadeiros detalhes da anatomia masculina? É uma vergonha que nossos órgãos do governo determinem que a sensibilidade das mulheres seja muito delicada para tal realidade.

Ele não respondeu, na esperança de evitar completamente o tema de suas inclinações médicas. Olhou para o seu copo vazio.

— Na ausência de uma autópsia, tem algum outro desejo?

Seus olhos se encheram de expectativa, e engoliu como se conseguisse valentia nisso. Em voz baixa disse:

— Sou forçada a confessar meu desejo mais profundo, queria que me beijasse outra vez.

Ele colocou o copo sobre a mesa.

— Sabe que não posso.

— Não quer me dar um beijo?

Deus, seus olhos, sua voz, sua boca. Ela o torturava.

— Não direi a ninguém. — Um pequeno sorriso brincalhão iluminou seus lábios. — Assim como não direi a ninguém a respeito de sua perversa tatuagem, ou da única baforada que tirou do narguilé.

Impulsivamente a agarrou pelo ombro. Seus olhos se abriram. Ele pressionou suas costas nos travesseiros. O enchimento firme de seu corpete era evidente entre eles, mas ainda assim, sentia o esmagamento completo de seus seios por baixo.

Olhando para cima, ela era toda sedução, enigmática com lábios rosados. Um pano de fundo vivo de seda azul que se estendia por todo o lugar. Ele acariciou a parte inferior da mandíbula, maravilhado de como ela conseguia desvanecer a lembrança de qualquer outra mulher do passado de sua memória. Inclinou seu rosto para ela.

Ela rapidamente se afastou dele, sorrindo.

— Mudei de opinião. Não quero que me beije agora.

— Menina perversa. — Sussurrou ele.

Mas isso era todo seu encanto. Ela não era perversa. Era Elena.

— Não sou uma menina, Archer.

Ele deslizou seu polegar contra seu lábio inferior. Suas pupilas estavam enormes e escuras.

Sua boca pressionou a dela, provando a doçura da aguardente, do tabaco e das especiarias.

As vozes continuaram suas conversas fora de sua porta. Sua mão deslizou por baixo de sua blusa acariciando seu estômago. Inclusive através do tecido da blusa, camiseta e espartilho, sentiu seu calor, e a suave musculatura de seu estômago por baixo. Elena suspirou.

Sua mão deslizou ao redor da nuca. Inocentemente, tentando apenas experimentar os sentimentos, ela se uniu com o impulso apaixonado de sua língua.

O sangue correu para suas orelhas e outras partes mais perigosas de seu corpo. Sentia-se deliciosamente fora de controle, e em um lugar tão público. Ele deixou escapar um grunhido rouco, e girou para cair sobre os travesseiros.

— Isso... — Murmurou ele. — Isto tem que parar. Não podemos passar mais tempo juntos e sozinhos.

Quando ela não se moveu nem falou, ele se virou para ela, e a encontrou recostada contra os travesseiros, com o cabelo revolto e as bochechas rosadas. Ela sorriu, um pouco aturdida.

— E pensar que pedi primeiro a autópsia.

*****

Mary Alice acompanhou Elena até seu dormitório.

Elena tirou o chapéu.

— Se houver tempo, eu gostaria de tomar um banho antes do jantar.

Queria lavar a fumaça do narguilé de seu cabelo e ter um aspecto especialmente agradável para a noite por vir, já que a passaria com Archer e provavelmente na companhia do sr. Leeson, se a senhora Hazelgreaves não descesse. Admirava mais ainda Archer por sua determinação ao assegurar-se de que as coisas não fossem muito longe entre eles.

Fez uma pausa, olhando para as rosas. Esqueceu completamente de perguntar se ele as havia enviado.

— Há correspondência para você em sua mesa, senhorita Whitney, e vários cartões dos visitantes que a procuraram enquanto estava fora.

Elena deixou cair seu casaco na cama e foi ver. Seu pulso saltou quando viu uma carta de aparência oficial sobre os cartões dos visitantes, com o endereço impresso da Universidade de Medicina para Mulheres de Londres. Pegou o envelope com um sorriso.

Sua aceitação. O final perfeito para um dia absolutamente perfeito.

Logo, Archer partiria. Sem a faculdade de medicina para cursar, ela seria abandonada sem nada.

Deslizou seus dedos debaixo da aba e abriu a carta. O pergaminho levava o cabeçalho oficial da universidade. Leu as palavras.

Piscou, sem acreditar.

Voltou a ler cada palavra para assegurar-se de que não tinha entendido mal.

Infelizmente não. A carta que sustentava na mão não era uma aceitação, mas uma rejeição.

Capítulo 14

As lágrimas ardiam em seus olhos. Confusa, e cegamente procurando o consolo de Archer, saiu do seu quarto, estreitando a carta na mão, e rapidamente chegando a seu quarto. Chamou. Quando ele não respondeu, correu pela escada central, até seu gabinete.

— Senhor Black.

Ele estava sentado em sua mesa. A seu lado estava o sr. Leeson, que em seu braço sustentava uma pilha de documentos.

— Sim? — Archer olhou para cima.

Leeson deu um passo atrás.

— Não entendo isto. — Exclamou ela correndo para ele, ferida. — Não entendo absolutamente.

— O que aconteceu? — Seu rosto expressou imediata preocupação.

— Recebi esta carta.

O alarme iluminou seu rosto, e se levantou abruptamente. Correndo ao redor da enorme mesa retangular, arrebatou a carta de sua mão. Seu olhar revisou o conteúdo.

— Vê? — Ela tentou manter sua voz tranquila, embora por dentro estivesse desesperada. — É uma carta de rejeição a minha solicitação à escola de medicina. Não entendo. Passei facilmente nos exames necessários. Minhas referências são impecáveis.

Ele não disse nada, nem sequer a olhava nos olhos. Ante seus olhos sua preocupação se transformou em algo mais, algo duro e escuro. A distância se levantou entre eles como a terra gelada do norte.

— Não parece surpreso.

Finalmente, ele levantou a cabeça, com seu olhar frio, com a mandíbula tensa confessando tudo.

Ela pensou naquela noite em seu quarto, em sua insistência para que não voltasse ao hospital. Recordou como ele escutou em silêncio quando confessou seus planos. Ela interpretou seu silêncio como uma aprovação.

— Tem alguma ligação com esta carta?

Leeson juntou os documentos contra seu peito, com uma expressão de piedade.

— Utilizou sua influência para que me rejeitassem na universidade? Por quê? Por que faria isso comigo?

Archer falou com voz baixa, mas firme.

— Porque Elena, não a verei destruída por seus sonhos nobres, embora entretanto, ingenuamente otimistas.

Ela retrocedeu, com lágrimas de ira brotando quentes contra seus cílios. Não percebeu seu completo envolvimento com Archer até esse momento. Retrocedeu vários passos afastando-se dele, para sustentar-se no encosto de uma cadeira.

Ele continuou.

— Investi muito na sua vida e no seu futuro para que o desperdice com prostitutas e órfãos e com uma multidão de pessoas que não têm esperança.

— Desperdício?

— Se não for Jack o Estripador, haveria algum criminoso ou vagabundo a machucando, ou alguma enfermidade, ou... — Ele mordeu suas palavras, claramente torturado pelo que tinha feito, mas com implacável firmeza. — Você não entende?

— Sim... — Ela piscou suas lágrimas, não acreditando até esse momento que a traição pudesse feri-la tão profundamente. — Entendo que disse que admirava minha ambição e meu desejo de servir os outros e que apesar de tudo o que aconteceu entre nós, não quis dizer essas palavras absolutamente.

Saiu correndo da sala.

Archer se moveu para ir atrás dela, mas sentiu uma mão apoderar-se de seu braço.

— Tudo o que aconteceu entre vocês, meu senhor? — Repetiu Leeson em voz baixa.

Archer se levantou, querendo agarrá-la, sustentá-la, fazê-la compreender.

— Prova águas perigosas. — sussurrou Leeson. — É melhor que a deixe ir.

*****

— Senhorita Whitney, querida?

Do seu assento na janela, Elena olhou para a porta. Não escutou ninguém bater, mas ali estava a senhora Hazelgreaves. Estranho, mas sua companheira usava um vestido verde, não o rosa habitual. O cacho cinza irritante estava preso no centro de sua testa com uma presilha de borboleta esmaltada.

Elena sorriu fracamente.

— Saiu do quarto. Deve sentir-se melhor. Estou muito contente.

Realmente se alegrava, mas era difícil convocar algum entusiasmo após a confrontação no gabinete de sua senhoria, três dias antes. Desde então, manteve-se em seu quarto, tentando decidir qual rumo sua vida tomaria a partir de agora.

Elena fez outra observação.

— Sua bengala. Não tem mais necessidade dela?

— Meu recente descanso fez maravilhas por mim. — Ela sorriu alegremente. — Teremos visitantes em apenas uma hora. Está preparada?

Elena olhou pela janela. Sim, os visitantes. Apesar de tudo o que tinha acontecido entre eles, o Senhor Black outra vez estava determinado a fazê-la cair na armadilha de um marido, ou algo assim. O sr. Leeson havia explicado com cuidado como se essa fosse a solução mais normal no mundo para seu futuro. Estariam recebendo candidatos nessa tarde. Ela ainda não havia resolvido se compareceria.

— Ele se preocupa com você, querida, sei disso.

Elena voltou a cabeça para trás, surpresa.

— Por que diz algo assim?

A anciã fechou a porta atrás dela.

— Posso ter ficado confinada em meu quarto, mas me dizem o que acontece nesta casa.

O coração da Elena parou.

— O que, exatamente ouviu?

— Isso não é importante, querida. O que importa agora é que devemos encontrar uma maneira de castigar ao Senhor Black. Portanto, menina querida, devemos lhe mostrar o engano de suas decisões.

A senhora Hazelgreaves começou a rir alegremente.

Elena olhou para a senhora Hazelgreaves com incredulidade. Ao mesmo tempo, acostumou-se a tudo o que era estranho e inesperado nas semanas anteriores.

— Cuidemos das prioridades. — Os olhos dela se moveram de cima a baixo sobre Elena. — Não está pensando em usar esse vestido, verdade?

*****

Archer olhou seu relógio. Onde diabos estava Elena? Nunca foi perito em uma conversa cortês, e não tinha previsto que ficaria sozinho, por vinte minutos, com a ridícula expectativa de ser amável e encantador.

Sorriu forçosamente por cima da mesa quadrada coberta de linho branco e equipada com o chá, estavam um marquês e dois condes, cada um em companhia de uma mãe viúva ou irmã. Ele os escolheu pessoalmente com base em uma investigação intensa sobre suas finanças e reputação. Certamente Elena poderia encontrar alguém digno para matrimônio entre eles, apesar de serem incrivelmente corpulentos, e se aproximarem da idade de Selene e Marcus.

Todos estavam sentados rigidamente nas cadeiras e sofás, e suas luvas e chapéus descansavam adequadamente sobre seus joelhos. Cheiravam a dinheiro velho, casas antigas e a sensibilidades da idade.

Todos lhe devolveram o sorriso forçado e ficaram olhando como se fosse o diabo.

Sua seleção não incluiu uma opção óbvia, o Dr. Harcourt. Era certo que, depois da noite no baile, desenvolveu uma inveja infantil pelo médico bonitão.

Passos suaves soaram sobre o mármore fora da porta do salão, e de repente a senhora Hazelgreaves e Elena estavam na porta, Elena mais formosa do que alguma vez a tinha visto.

Seu cabelo estava preso em um estilo gentil e sofisticado, que só melhorava o brilho de seus olhos e o formato de seu delicado nariz. Substituiu o branco padrão de uma debutante em sociedade, por uma seda da cor berinjela, com o corte engenhosamente mostrando seus exuberantes atributos de mulher à perfeição. Os convidados da sociedade não tinham nada assim em seu armário.

Apesar da afirmação de Elena por seu desinteresse na sociedade, não parecia nem um pouco incomodada ao entrar na sala com estranhos. De fato, com o primeiro sorriso, seu calor irradiou por toda parte, e o estado de ânimo imediatamente foi transformado de tenso e sombrio a animado e alegre. Cada um dos cavalheiros saltou de seus assentos, dois chocaram seus ombros na tentativa de ajudá-la com sua cadeira. A senhora Hazelgreaves se afastou para um canto longínquo da sala.

Uma vez que Elena sentou-se, os cavalheiros voltaram para seus assentos. Archer suspirou com alívio, agradecido de ter a atenção de todos longe dele. Ao mesmo tempo, seu coração permaneceu como um lingote grande de ferro no peito, sabendo que não um, mas todos esses cavalheiros disputariam o direito de cortejar Elena.

Por um breve momento, ele desejou sua mortalidade e se perguntou como seria viver sua vida, em vez de carregar a responsabilidade de eliminar ao mais vil e ao mais deteriorado das almas da humanidade.

— Chá, sua senhoria? — Elena se inclinou para ele, com seus deliciosos seios embalados na seda. Sustentava uma xícara de chá e um prato com biscoitos em suas mãos.

Ele aceitou a xícara, sentindo-se um grande tolo. Na realidade, o ritual todo do chá era ridículo.

O senhor Rathcliffe abertamente comeu os seios de Elena com os olhos. Archer franziu o cenho, mentalmente tirando-o da lista.

O senhor Levinger se inclinou em sua cadeira.

— Entendi que passou algum tempo como voluntária no hospital de caridade em Whitechapel.

Elena sorriu docemente.

— Na verdade, para provar isso sou empregada como enfermeira.

A matrona irmã de Rathcliffe assentiu e olhou a seu redor com evidente nervosismo.

— Estou certa de que seu tempo gasto ali é muito gratificante.

— Deve nos dizer tudo sobre isso. — Alguém mais a animou.

Elena cruzou as mãos sobre o colo.

— Oh, não quero aborrecê-los.

O senhor Nevil que estava perto da lareira, elogiou:

— Estou seguro de que qualquer história que você conte será nada menos que fascinante.

— Muito bem. — Reconheceu Elena amavelmente. — Uma noite, um senhor entrou com seus pés tão inchados que não podíamos tirar as suas botas para ver o que acontecia. E logo que conseguimos, sabem o que encontramos?

— Nos diga, srta. Whitney.

— Vermes. — Sorriu tão inocentemente como se estivesse falando do arco íris e de mariposas. Só então Archer suspeitou a profundidade da rebelião dentro dela. — Sim, é verdade. Uma bota e uma perna cheia de vermes.

O calor ardeu no pescoço de Archer até seu rosto.

— Oh, meu Deus. — Exclamou uma condessa viúva, soando horrorizada. — Olhe para a... a hora. Prometemos à senhora Eggerton passar para visitá-la também nessa tarde.

Com isso, Elena se levantou. Embora não disse nada para Archer, seu olhar atrevido dizia tudo. Ele nunca imaginou Elena capaz de tal retumbante desafio. Ela amavelmente ficou perto da porta e agradeceu a todos enquanto passavam pela entrada. Quando todos se foram, saiu da sala.

— Elena. — Trovejou ele indo atrás dela, mas ela levantou suas saias e correu para as escadas.

Ele a teria seguido, mas ouviu o som da risada abafada de uma mulher na sala atrás dele. Virando-se, retornou ao salão para encontrar à senhora Hazelgreaves olhando satisfeita aos visitantes escaparem precipitadamente, na sua posição ao lado da janela da sala. Agora que todos tinham saído, ele concentrou sua atenção nela, analisando suas congeladas e plásticas características.

— Você. — Grunhiu Archer avançando para ela.

A senhora Hazelgreaves se levantou de sua cadeira.

— Sua senhoria. Estou muito mortificada de que as coisas não tenham saído como tínhamos planejado.

— Oh, acredito que foi exatamente isso que planejou. — Acusou-a Archer ameaçador.

— O que está dizendo?

Archer moveu as mãos com força contra seus ombros estreitos, fazendo a anciã voar sobre uma mesa baixa, e atrás em seu assento com tal força que a cadeira se reclinou para trás sobre duas pernas.

— Ooooh! Oh! — Ela agitou seus braços por um momento, até que emergiu em uma confusão de anáguas com babados e rendas.

Duas pernas muito peludas, muito masculinas se sobressaíram retas no ar, acabando em uma calça negra com meias e botas grandes de couro até o tornozelo.

Archer plantou seu pé contra a borda do assento, e empurrou com força suficiente para que a cadeira estivesse em posição vertical uma vez mais. Marcus o encarou, com o vestido verde da anciã pendurando em farrapos soltos sobre seus musculosos ombros.

— Maldição. — Gritou ele claramente furioso por seu ardil ser descoberto.

Archer sussurrou:

— Pensei que tínhamos um acordo.

— Me jogue no rio, por que não?

— Eu gostaria. Mas você retornaria. Isso é lamentável para os imortais.

Marcus se levantou da cadeira e saiu em um amplo círculo ao redor de seu Guarda superior, com a seda destruída arrastando-se atrás.

— Sabe o que me aborrece, Black. Conhece minha história. Vai contra minha natureza acatar qualquer acordo quando não sou eu quem está na liderança.

Uma das cozinheiras entrou com uma bandeja de prata vazia.

— Oh. — Exclamou, com seus olhos tão amplos como rodas de carro ao ver Marcus de pé como um deus meio nu com os restos do vestido destroçado.

Archer a encontrou na entrada.

— Deixe-me ajudar com isso. — Estendeu a mão para a bandeja.

Muito surpresa para negar, ela a entregou. Ele tocou sua mão, com seus olhos negros brilhantes e metalizados. O rosto da garota ficou branco. Como uma sonâmbula, saiu da sala.

Archer colocou a bandeja em uma mesa e devolveu o olhar aceso para Marcus.

— Mas por que isto? Por que tomar a aparência da senhora Hazelgreaves?

— Melhorei, não é verdade? — Sorriu Marcus abertamente. — Esteve sentado nessa sala uma meia hora inteira comigo e não percebeu nada.

— Por quê? — Trovejou Archer.

Os músculos dos ombros de Marcus se moveram com tensão.

— Porque é óbvio que se preocupa com a moça.

— Tenho uma responsabilidade com ela, sim.

— É mais que isso, Black. Está completamente distraído por causa dela. Por uma mortal. — Riu ironicamente. — Pensei que poderia frustrar seus esforços em casá-la, assim ela manteria sua atenção em outros lugares.

Archer apertou os dentes com impaciência.

— Enquanto você Reclamava Jack.

— É isso mesmo.

— Sozinho? — Archer riu amargamente. — Pensa em Transcender para fazê-lo?

— Talvez consiga de outro jeito. Possivelmente quando traduzir o livro, eu...

— Eu posso ler acadiano, Marcus.

Marcus olhou para Archer com descrença.

Archer recitou textualmente algumas linhas das profecias. Como Guarda tinha a capacidade de fazê-lo, com um olhar tinha registrado o documento completo em sua mente e mentalmente analisado todos os eventos em um momento posterior.

— Você estava me testando?

Archer assentiu bruscamente.

— E adivinha? Falhou. Precisava saber se poderia confiar em você. E assim com antes, Marcus, é óbvio que não posso.

— Não pode manter esse rancor para sempre. O que aconteceu em Paris deve ser relegado ao passado.

Archer apertou os olhos fechados. Paris. Paris foi uma farsa sangrenta.

— Isso não é um rancor mesquinho. Você e Selene mentiram.

— Mentir. Que interpretação mais desagradável.

— Utilizou mentiras e subterfúgios para interceptar minha correspondência sobre aquela alma.

Marcus cruzou os braços em cima da seda verde esticada sobre o sutiã.

— Você estava ocupado com uma caça maior. O tempo era essencial.

— Correspondência selada dos Primitivos dirigida a mim. E utilizou a informação contida nela para Reclamar o objetivo. Meu objetivo.

— Continuará nos castigando para sempre pela falta do registro de mais uma alma sangrenta em seu histórico perfeito, Archer?

— Meu desgosto não tem nada haver com essa alma, ou com meu histórico. Chama-se confiança, Marcus.

— Não, isso se chama ambição. — Grunhiu Marcus. — Não é o único Amaranthine que a tem. Sim, foi nosso mentor depois de nosso recrutamento pelo Conselho Primitivo. Sim, ensinou-nos a Reclamar, mas pensou que permaneceríamos sob seu comando para sempre? Já era tempo de nós dois nos libertarmos.

— Pensa que os queria constantemente arrastando-se em minhas costas? São os Primitivos, não eu, quem determina sua independência, ou a falta dela. Você conhecia as regras Marcus, e as desobedeceu, tudo por um pouco de glória. Olhe o que tem. Uma missão prestes a fracassar, a desconfiança de seus pares e o desagrado do Conselho. Selene pelo menos tenta repará-lo. Mas você segue com sua arrogância imprudente.

A mandíbula de Marcus estava apertada em uma linha rígida. Seus olhos brilhavam com desafio, mas não ofereceu nenhuma resposta.

Archer não requeria nenhuma. Tinha terminado com esse conflito.

Perguntou:

— Onde diabos está a verdadeira senhora Hazelgreaves? Não a matou, verdade?

— Ela está bem. — Irritou-se Marcus. — Está em um dos quartos não utilizados, repousando até que eu retorne.

— Quanto tempo ela está lá? Você estava se fazendo passar por ela todo este tempo? Desde o início de sua melancolia?

— É claro que não. Só por esta tarde. Ela foi sempre muito maleável, e do ponto de vista de casamenteira se converteu na maior campeã. Ainda assim, não poderia interferir muito nos assuntos da srta. Whitney, ou não haveria espaço para toda a deliciosa falta de decoro de vocês dois. — Riu entre dentes. — Esperava que ela pudesse presidir o chá, mas tinha tomado muito de seu tônico especial esta manhã e não era de todo capaz de receber os convidados.

— Tônicos especiais? — Archer o fulminou com o olhar.

— Melancolia. Um diagnóstico tão impreciso.

— Você a manteve tão alto como a um globo de ar quente sobre flores negras de lótus durante as últimas duas semanas, não?

Os olhos de Marcus se estreitaram.

— Nunca foi tão feliz.

*****

Elena desceu apressadamente da carruagem de aluguel com sua mala na mão. Entrou através da porta traseira do hospital. Encontrando a enfermeira James em sua mesa no corredor.

A mulher levantou os olhos sob a toca branca.

— Enfermeira Whitney, não estava segura de que iríamos vê-la outra vez.

— Ouvi que estão um pouco escassos de pessoal.

— De fato sim.

—Vou ao alojamento, e estarei de volta para saber onde serei mais necessária.

Um quarto de hora mais tarde, Elena se dirigiu de uniforme para a enfermaria. A forma mais rápida de esquecer o Senhor Black e seus sentimentos para com ele era seguir adiante com sua vida. Sozinha. Não sabia como iria à escola de medicina sem a herança de seu pai, e sem o apoio de seu tutor, mas encontraria uma maneira.

— Enfermeira James, qual é o próximo paciente para ser visto?

— Na realidade, poderia levar o sr. Stephenson para seu quarto? — A enfermeira James indicou um homem que estava sentado em uma cadeira de madeira contra a parede. Vestia pijama e usava um chapéu de cogumelo. — Um policial o encontrou lá fora faz pouco tempo, arrastando-se debaixo da janela da sala de repouso. É a terceira vez esta semana.

— O que acontece com ele? — Elena o estudou. Tinha os ombros cansados, e olhava as palmas abertas de suas mãos.

— Esgotamento nervoso, dizem os médicos. Está consumido por esses assassinatos do Estripador, sempre escreve cartas aos jornais e às autoridades, apresentando suas teorias. De qualquer forma, é tão inofensivo como um camundongo. Poderia levá-lo para a sala Currie?

— Certamente. — Ela deu um tapinha suave no ombro do homem. — Sr. Stephenson, sou a enfermeira Whitney. Vou levá-lo para o seu quarto.

Elena acompanhou o sr. Stephenson pelas escadas até seu quarto. Depois de acomodá-lo para um descanso, fechou a porta com um som estridente atrás dela.

— Enfermeira Whitney.

Elena se voltou para ver quem a chamava. O Dr. Harcourt saiu de uma sala vizinha.

Com ele estavam três cavalheiros que levavam insígnias de aspecto oficial. Ele acenou para um deles, e se aproximou de Elena.

Harcourt a cumprimentou. Linhas de frustração franziam sua testa.

— São detetives. Estão entrevistando cada um, pensando que o Estripador poderia ser alguém com conhecimentos médicos ou cirúrgicos. Inclusive têm feito investigações sobre o sr. Merrick.

Elena protestou:

— O sr. Merrick não pode manter a cabeça erguida, e muito menos atacar uma mulher na rua.

— Depois de entrevistá-lo eles mesmos, acredito que perceberão isso melhor.

— Você acha possível que o assassino esteja associado com o hospital?

Harcourt encolheu os ombros.

— Não tenho ideia. Eu não gostaria de pensar que alguém com quem tenha trabalhado lado a lado seja capaz de algo tão cruel. Mas chega de falar desse tema mórbido. Estou muito contente em vê-la. Voltou a trabalhar, então?

— Sim. E espero ainda contar com a aprovação do hospital para continuar a residência no dormitório de enfermeiras. Já coloquei minhas coisas no alojamento.

Suas sobrancelhas se levantaram.

— É claro. Necessitamos de todos os conhecimentos de enfermagem que possamos conseguir. Recebemos mais de três desistências nos dias anteriores, cada uma insistindo em que não voltarão até que o Estripador seja capturado.

— Lamento ouvir isso. E sinto não ter estado aqui durante as últimas duas semanas.

— Não é sua culpa. Compreendo perfeitamente os sentimentos do Senhor Black sobre a matéria. De fato, não posso acreditar que tenha mudado de ideia.

— Não sei se mudou. Não o consultei antes de retornar.

O sorriso do Dr. Harcourt se desvaneceu.

— Elena...

— Realmente, estou certa de que ficará encantado com a minha partida. Não acredito que alguma vez realmente tivesse querido a responsabilidade de uma pupila. É óbvio que não sabe o que fazer comigo, exceto me casar com alguém. — Sorriu fracamente.

— Seu nome tem poder, Elena. Se estiver aborrecido com sua volta ao hospital, poderia causar problemas. Talvez devesse voltar para a mansão até que as coisas se resolvam.

— Não causará problemas. De fato, duvido que sequer note minha ausência.

Uma declaração petulante por parte de Elena. Não podia negar que procurava em cada canto, com a secreta esperança de que Archer estivesse ali para lhe pedir perdão e lhe dizer que tudo iria sair tal como havia planejado. E depois, é claro, poderia haver mais beijos.

Quando se converteu em uma mulher tão ridícula?

Deixando Harcourt, Elena desceu e passou o resto da tarde e a noite inundada nas lesões e enfermidades da emergência. A intensidade do trabalho acalmou seus nervos no limite e a fez recordar exatamente por que gostava da medicina e servir aos menos privilegiados da cidade. Acabava de despachar um montão de roupa suja na lavanderia quando a enfermeira James se aproximou.

— Estamos contentes de você ter voltado enfermeira Whitney, mas não se esgote. Recorde-se, precisaremos novamente de você amanhã, muito cedo. Vá comer alguma coisa antes que a sala de jantar feche e vá dormir.

Só então Elena percebeu a dor intensa em suas costas e pernas por ter ficado de pé durante horas e horas.

Ela assentiu.

— Obrigada, enfermeira James. Veremos-nos pela manhã, então.

Não se sentia muito bem para comer. Uma vaga curiosidade tinha cravado nela nas últimas horas, uma que não se calaria até que aliviasse sua mente. Os detetives foram ali em busca de suspeitos, mas o que se passava com as vítimas? Ela entrou pelo corredor da sala de recepção, que já estava fechada para a noite. Só a luz dos abajures iluminava o interior do corredor.

Elena foi até a mesa e acendeu um abajur antes de sentar-se na cadeira.

Cinco livros de registro encadernados em couro ocupavam uma prateleira debaixo da mesa, cada um com um período de datas escritas na coluna, todos exceto o último. Escolheu esse volume e voltou às páginas até que chegou aos últimos dias de julho e agosto, que terminavam em 31 de agosto, quando a primeira vítima do Estripador conhecida como Mary Ann Nichols foi assassinada.

Arrastando seu dedo indicador pelas colunas, continuou por cada uma das páginas, explorando os nomes, todos escritos na letra fina da recepcionista.

Rose Smith, 16 George Street.

Jane Ransom, 107 High Street.

Depois de uma hora observando os registros de meses e meses de entradas, ficou de pé e se espreguiçou, esgotada, mas aliviada. Enquanto viu algumas variações nos nomes que poderiam coincidir com as vítimas do Estripador, não havia um padrão claro de concentração de incidência. Supôs que não poderia esquecer que as mulheres da rua tinham o costume de trocar seus nomes para satisfazer seus propósitos. Fechou o livro de registros e ficou olhando para a sala às escuras, só para ser surpreendida por um rosto olhando-a.

— Sr. Stephenson! O que está fazendo aqui?

Ele se queixou:

— Não conseguia dormir com todas aquelas carruagens fazendo ruído diante da minha janela, e com os doentes das camas ao meu lado, por isso vim aqui para ter um pouco de tranquilidade.

— É muito tarde. Estou segura de que o tráfico da rua se acalmou. Vamos voltar para seu quarto.

Elena o ajudou a levantar o braço e o levou por um caminho conhecido até seu quarto.

— De novo em casa. — Ele anunciou de mau humor ao passar pela estreita soleira a porta.

— É paciente aqui do hospital desde julho? — Perguntou Elena.

— Sim. Eu gosto aqui. — Com gestos suaves, abaixou-o para sentá-lo na borda de sua estreita cama, e em seguida lhe tirou os sapatos. Deitou-o de lado. — Costumava ser um cirurgião, já sabe. Estudei medicina em Paris.

— Verdade? Terá que compartilhar suas experiências comigo em algum momento. Mas agora, eu gostaria que dormisse um pouco.

— Obrigado, enfermeira.

— Não há de que.

Elena sob a luz do abajur fechou a porta atrás de si. Exausta, fez o breve caminho até o dormitório das enfermeiras, sem desejar nada mais que dormir um par de horas antes de voltar para o trabalho.

*****

Os dois dias seguintes passaram rapidamente, uma rápida sucessão de pacientes, enfermidades e emergências e fragmentos de sonhos roubados em sua cama no estreito dormitório. Um dos benefícios de estar assim tão cansada era que não tinha energia para pensar em Archer nem em sua traição, que ainda lhe doía muito. Deu as boas-vindas ao esquecimento, chegando a cobrir o plantão suplementar de uma enfermeira amiga que ficou doente. Nessa terceira noite, quando procurava algo na escuridão de seu pequeno quarto depois da meia-noite, cheirou algo, algo muito estranho.

Rosas?

Por fim encontrou o pacote de fósforos na mesinha de cabeceira, e depois de três tentativas, aproximou uma chama contra o pavio curto da vela.

De fato, na cama havia um buquê de rosas. Vermelhas, como as que recebeu na mansão. Uma dúzia desta vez, envoltas em um fino papel preto, e amarradas com um laço preto. Preto.

Negro como o Senhor Black[7]?

Juntamente com as flores havia um cartão.

A mão tremia quando a levantou. Toda a dor voltou, mas junto com isso, a lembrança de seus lábios. Ainda não entendia o que tinha acontecido entre eles. Foi tola ao pensar que ele a entenderia?

Doía-lhe que não lhe explicasse sua traição, que a fizesse acreditar que o tinha feito porque tinha certa profundidade de sentimentos equivocados.

Finalmente, incapaz de suportar a curiosidade, abriu o cartão. Ah, percebeu com esmagadora decepção, de que era uma nota da senhora Kerrigan convidando-a para jantar na noite seguinte de quarta-feira, sete de novembro. Um pensamento repentino lhe ocorreu, fazendo-a afundar em seu estreito colchão.

O que aconteceria quando o Senhor Black concluísse seus negócios em Londres?

O que aconteceria se ele partisse sem dizer adeus?

[7] Trocadilho negro em inglês é Black como em Sr. Black.

Capítulo 15

— Minha querida senhorita Whitney, tem certeza de que não quer passar a noite? — Perguntou Lady Kerrigan da porta do pequeno vestíbulo no primeiro andar, onde Elena se refrescou depois de chegar do hospital.

Vestia seu uniforme ao pegar uma carruagem alugada, não desejando chamar a atenção sobre o fato de que foi convidada para jantar na casa do Dr. Harcourt, para não atrair animosidade das outras enfermeiras.

Elena pegou sua maleta em cima da mesa.

— Obrigada, senhora, mas aceitei uma troca de turno no hospital, e prefiro dormir o máximo possível no dormitório, do que me levantar mais cedo para ir até Whitechapel.

Lady Kerrigan assentiu compreensivamente.

— Sim, posso compreender porque o prefere.

— A propósito, obrigada pelas rosas que acompanhavam o convite.

A testa da senhora se enrugou com curiosidade.

— Rosas?

— Sim, as rosas que chegaram com o cartão. Acreditei que tinham chegado com o cartão... — A vergonha esquentou as bochechas de Elena.

Um sorriso de conhecimento curvou os lábios da mulher idosa.

— Parece que tem um admirador.

As flores podiam ter vindo de qualquer pessoa. Talvez de Harcourt? Ele sabia que estava passando um momento difícil. Mas o tinha visto várias vezes no hospital e não disse nada.

Os batimentos do coração de Elena se aceleraram. Sua garganta se fechou.

Archer?

Absolutamente. Estava cada vez mais segura de que ele partiu de Londres. Se ainda estava na cidade, por que não tinha feito averiguações sobre ela?

Em qualquer caso, se ele enviou as rosas e queria ser devidamente reconhecido, deveria ter enviado um cartão. Era incorreto pô-la na condição de ter que averiguar quem lhe tinha enviado flores.

Elena e sua anfitriã saíram da sala a caminho da grande galeria, onde o baile de aniversário de sua senhoria teve lugar cinco semanas antes. Essa noite estava como sempre. Elena não podia deixar de maravilhar-se de como sua vida mudou desde então.

Charles se levantou de uma elegante cadeira. Alto e bonito, saudou-as com seu entusiasmo habitual.

— Minha senhora. — Ele deu um beijo na bochecha de sua mãe. — E senhorita Whitney, é um prazer tê-la aqui nesta noite.

Beijou a parte superior dos dedos dela, e a agarrou pelo cotovelo. Oferecendo o mesmo a sua mãe, acompanhou-as pela escada de marfim dourada até a formal sala de jantar. Passaram pela porta, que estava emoldurada profusamente com flores douradas.

Elena ficou gelada. Ali, entre outros convidados, havia um homem alto, forte e impecavelmente vestido. Conversava com o sr. Kerrigan, mas seus lábios deixaram de mover-se assim que a viram.

Parecia que o chão se abria debaixo dela. O Sr. Black não tinha deixado Londres. Elena estava residindo no hospital durante toda a semana, e embora ele permanecesse na cidade todo o tempo, não entrou em contato com ela.

— O que acontece? — Perguntou Charles em voz baixa.

Sem perceber, ela agarrou seu braço. Balançou a cabeça sem dizer uma palavra.

Maldito protocolo, ela deveria ter previsto sua participação. Uma jovem solteira não seria convidada para um jantar sem um convite a seu tutor também. Seu coração trovejou enquanto ele se dirigia para eles, com um olhar inescrutável. Todos os olhos o seguiram com curiosidade e admiração.

— Lady Kerrigan. Senhorita Whitney. — Com apenas um movimento de seus olhos, ela se sentia nua, como se a tivessem despojado de seu vestido. Só podia rezar para que seus ombros erguidos e seu falso sorriso escondessem a profundidade de seu efeito sobre ela.

— Sua senhoria. — Respondeu ela com um tenso assentimento.

— Senhorita Whitney. — Trilou com voz familiar.

A senhora Hazelgraves passou orgulhosa através da pequena multidão no braço de um cavalheiro de meia idade. As apresentações se fizeram rapidamente. O filho da senhora Hazelgraves, Theodore, atuava como acompanhante, e rapidamente iniciou uma conversa com Archer, afastando-o dela.

— Senhora Hazelgraves. — Disse Elena. — A senhora está positivamente... radiante.

Era verdade. Um rubor rosa vibrante se espalhava nas bochechas da anciã. Apoiada em sua bengala, parecia mais saudável e feliz do que Elena já tinha visto. Inclusive seu cabelo parecia brilhar mais prata que nunca.

Harcourt assentiu.

— Parece que duas semanas de descanso de qualidade era o que a senhora Hazelgraves necessitava. Recuperou-se totalmente.

A senhora Hazelgraves acrescentou.

— Não posso dizer por que, mas me sinto completamente fortalecida, muito fortalecida. O querido Teddy e sua esposa entraram em acordo para me levar a Paris até dezembro.

— Que maravilhoso para você. — Exclamou Lady Kerrigan.

— Partimos imediatamente. Amanhã pela manhã, de fato. Agora está compartilhando as notícias com sua senhoria. — O sorriso da anciã fraquejou. — Não é como se me necessitassem aqui, verdade, minha querida senhorita Whitney? — Seu olhar apontou para Elena.

— Não, senhora Hazelgraves. — Concordou Elena em voz baixa, percebendo agora o muito que ela cresceu em sua companhia. — Temo que não. Eu residirei em outros lugares a partir de agora. Mas eu agradeço por sua maravilhosa companhia durante os dois últimos anos.

A senhora Hazelgraves inclinou a cabeça e estudou cuidadosamente Elena.

— E eu a você, querida. Tenho certeza, entretanto de que logo voltaremos a desfrutar da companhia uma da outra novamente.

— Assim espero.

— Então, não nos diremos adeus. — Ela estendeu uma delicada mão para apertar a de Elena e se inclinou para lhe dar um beijo na bochecha. — Até mais tarde.

Elena deixou que Charles a levasse na direção oposta para lhe apresentar a Lorde Lister, um estimado cirurgião-cientista, membro do Real Colégio de Cirurgiões, um cavalheiro que estaria encantada de conhecer, se não fosse pela presença de Archer. O fato de saber que estava tão perto depois de dias sem saber dele elevava sua tensão a níveis insuportáveis.

Felizmente, o mesmo protocolo que tinha levado seu tutor a comparecer ao evento, impedia que se sentasse a seu lado. Um quarto de hora mais tarde, e sem

ter comido nada, encontrou-se por acaso com um olhar fixo nela do outro extremo da mesa. Ele não desviou o olhar ao encontrar o seu.

Ela, por sua vez, baixou seu olhar ao prato.

A conversa divagou a seu redor.

— Acredito que o Estripador se foi. Provavelmente esteja morto. O fardo do que fez a essas mulheres acabou com ele. Acredito que cometeu suicídio. — O cavalheiro se virou de repente em sua cadeira para Lady Kerrigan. — Minhas desculpas por falar tão rudemente diante das damas.

Sua senhoria inclinou a cabeça.

— Entretanto, espero que o que supôs esteja certo. Rezo para que o vilão esteja flutuando com o lixo no fundo do Tâmisa.

As bochechas de Lady Kerrigan ficaram vermelhas com seu arrebatamento.

Risadas de aprovação se espalharam ao redor da mesa.

Depois de uma rodada insuportável de receitas de comida, o jantar chegou ao fim. Como era costume, os homens foram em direção à biblioteca onde gozariam de charutos e licores, enquanto as mulheres passariam à sala.

— Senhorita Whitney? — Lady Kerrigan estava de pé no meio da grande galeria. — Não vem?

— Temo que não me sinto bem. — Disse Elena. — Por favor, não se preocupe comigo. Acredito que estou cansada. Voltarei para o dormitório.

Depois de assegurar a sua senhoria, pelo menos mil vezes, que não havia motivos de preocupação excessiva, Elena correu pelas escadas, e logo à sala, como uma menina temerosa de ser capturada depois da hora de dormir. Só tinha que pegar sua bolsa e sair. Não queria correr o risco de encontrar Archer na entrada aguardando seu meio de transporte.

Não era de Archer de quem tinha medo, era dela mesma. Ao bloquear sua entrada na escola de medicina, ele destruiu seu sonho, tinha-a deixado sem nada. Demonstrou dessa maneira o pouco respeito que lhe tinha.

Então, por que só desejava estar de novo em seus braços?

— Elena.

Ela estava a ponto de gritar, mas percebeu imediatamente de que a voz pertencia ao Dr. Harcout. Relutante e com uma postura rígida, voltou-se e o encontrou de pé a certa distância, parecendo sem fôlego, como se a tivesse seguido todo o caminho da sala de jantar.

— Sim, doutor?

— Posso falar com você um momento?

Não. Ela precisava sair correndo. Sorriu.

— É claro.

— Aqui. — Acenou com a mão, indicando. — O salão de desenho azul servirá.

Elena voltou para onde ele estava de pé, e passou pela porta indicada, com a cabeça martelando.

Harcourt fechou as portas, mas não completamente.

— Elena.

— Sim?

— Gostaria de se sentar?

— Não, estou bem de pé, obrigada. — Assim que o doutor lhe dissesse o que queria lhe dizer, tentaria escapar.

Acaso imaginava coisas ou suas bochechas estavam coradas, e sua postura era tensa? Não podia recordar nenhuma ocasião em que tivesse ficado nervoso.

Uma coisa que gostava em Harcourt era que parecia tão completamente à vontade e confiante em sua própria pele. Alguma coisa estava errada.

— O que acontece, doutor?

— Charles. — Insistiu firmemente, tentando segurar sua mão.

— Charles.

De repente, ela percebeu tudo.

— Ele falou com você, verdade? Quer me forçar a perder minha posição no hospital e quer que eu volte para a mansão.

— Suponho que fala de Lorde Black. Não, ele não falou nada.

Por um momento, Elena sentiu um pouco de irracional decepção.

— É um alívio.

— Entretanto, no jantar, Sir Dunord me informou discretamente da atuação do Sr. Black em relação ao seu pedido de entrada na universidade.

Elena assentiu.

— É verdade. É por isso que deixei a mansão e me mudei para o dormitório.

Charles tragou.

— Acredito que tenho a solução perfeita para você.

— Eu adoraria escutá-la. — Não podia imaginar o que queria lhe sugerir. Espremeu seu cérebro tentando pensar em uma forma de sair da poderosa influência de seu tutor, e sua futura falta de recursos, e não chegou a nenhuma conclusão.

— Case-se comigo.

— Casar com você? — Sua boca se abriu.

— Sim, Elena. — Respondeu ele avançando para segurar suas mãos. — Você não vê? É a resposta perfeita para nos dois.

— Para os dois?

Querido Dr. Harcourt. Estava procurando fazê-la seu próprio caso de caridade pessoal? Não poderia suportar essa possibilidade.

Ele respondeu.

— Se casar-se comigo, ele perderá o privilégio da tutela sobre você. E, é claro, não interferiria com seu desejo de obter o diploma de medicina. Na verdade, eu apoio todas as suas aspirações, Elena.

— Todas essas razões me beneficiam. Como o casamento beneficiaria a você?

Harcout parecia custar encontrar as palavras adequadas, ou talvez fosse difícil para ele falar de algo tão pessoal.

— Durante muito tempo acreditei que nunca voltaria a me casar, que nunca poderia fazer com que uma mulher sofresse por minha dedicação à medicina e meu compromisso com o hospital. Nunca esperei encontrar alguém como você, Elena, que compartilha minhas paixões.

Suas palavras ressoaram em sua cabeça, e o olhou, incrédula e confusa. Não esperava isso. De forma nenhuma.

— Juntos, poderemos alcançar nossos sonhos.

— Charles...

— Diga que sim.

Ela se preocupava com o Dr. Harcout. Ele foi seu médico, seu mentor e a tinha apoiado invariavelmente em seu objetivo de ser médica. Agora que ele propôs casamento, tudo parecia diferente. Era como se sua confissão tivesse desencadeado uma avalanche de honestidade em seus olhos. Ele a olhava com adoração indisfarçável.

— Não posso me casar com você.

Seu formoso rosto escureceu, e o sorriso desapareceu de seus lábios.

— É por causa dele, não é? O Sr. Black.

— Não.

— Por Deus, vocês estão se relacionando?

Ela balançou a cabeça, envergonhada de que ele pudesse pensar tal coisa.

— Não, não estamos.

Mas na verdade, desejava somente a Archer. Desejava-o com uma paixão que desafiava todos os limites da razão e do amor próprio. Levando em conta sua traição, isso a tornava uma idiota, uma completa idiota, em razão de não poder demonstrar afeto por outra pessoa, sem importar quão digna fosse.

— Justamente o contrário. — Sussurrou ela. — Ele tentou a todo o momento conseguir um compromisso para mim. Tenho certeza de que ficaria muito contente em saber que se ofereceu para casar-se comigo.

Charles parecia estar com seu coração ferido. Ele apertou o antebraço contra o suporte da lareira, e olhou com ar taciturno para o fogo.

— Vi a maneira como olhava para você hoje à noite.

Ela balançou a cabeça.

— Está imaginando coisas.

Harcourt não pareceu convencido. Apertou os punhos contra seus formosos lábios. De repente se virou.

— Esperarei até que esteja pronta, Elena.

— Não diga isso. Não tem nenhuma obrigação para comigo.

— Obrigarei meu coração a esperar, por que você não pode ver? Eu a amo. Suponho que sabia desde o começo, eu esperei e... Deus, não parecia nunca o momento certo. Agora me parece que esperei demais.

Momentos mais tarde, Elena entrou no pequeno vestíbulo onde tinha deixado sua bolsa antes do jantar. Deixou-se cair em um banquinho e cruzando os braços sobre a mesa, abaixou a cabeça e chorou.

Ela acabou de romper o coração de um homem honrado.

Um som veio da janela. Ela levantou a cabeça para olhar nessa direção, e quase gritou, ao ver o rosto de Archer flutuando na escuridão, como um vampiro de um conto macabro.

— Vá embora. — Queixou-se em voz baixa, não querendo que ninguém a escutasse.

Ele bateu outra vez, apontando secamente a trava. Finalmente, cada vez mais zangada, ela cruzou a pequena câmara. Depois de abrir a janela, empurrou as cortinas.

— Passei o diabo para encontrar a sala em que estava.

Ela olhou para baixo e viu suas botas plantadas no degrau de uma escada de aparência frágil. Parecia completamente inadequado em seu elegante traje de noite.

— Disse-lhe que fosse embora.

Ele ficou olhando fixamente para seu rosto.

— Está chorando? — Estendeu a mão para seu braço, mas ela se moveu para fora de seu alcance, voltando para o centro da sala. — O que está acontecendo? — Exigiu-lhe. — Alguém a machucou?

Não. Eu feri alguém, algo imperdoável. Tudo por sua culpa, ela desejou gritar.

— Só tem que ir para bem longe de mim.

— Não irei.

— Então não ficarei aqui.

Ela correu para ele de novo nas janelas. Com o cenho franzido, tentou fechá-las, ele parou cada um de seus esforços com as mãos.

— Tenho um presente para você.

— Eu não quero nenhum presente. Não de você. — Ela o olhou fixamente através do estreito espaço criado pela armação de madeira.

— Temo que não tenha escolha a não ser aceitá-lo. Não é do tipo que se possa devolver. E tenho de dizer que foi bastante caro.

Ela soltou as janelas e foi até a lareira, onde juntou as mãos atrás de sua cintura.

— Deixe o maldito presente no batente da janela, depois vá embora.

Não se importava com o presente, só queria que ele desaparecesse.

— Vou esperar por você lá embaixo. Tome cuidado ao descer.

— O que? — balbuciou ela. — Eu não descerei por aí.

Elena viu o pacote no batente da janela, uma forma escura. Foi até ele e enfiou um dedo. Quando não grunhiu nem mordeu, pegou e encontrou um casaco de homem... uma camisa... e calça.

Archer se apoiou contra o tronco de uma árvore no jardim, esperando. Logo, viu-a voltar para a janela, vestida com a roupa que havia deixado na janela. A satisfação inundou suas veias. Ela deixou cair sua bolsa. Esta ricocheteou na terra, obviamente cheia com sua roupa.

Ele atravessou o pátio para sustentar a escada insegura, ao mesmo tempo em que via a parte inferior de Elena em sua calça enquanto descia. Não retrocedeu, nem sequer quando seus pés tocaram o último degrau. Quando ela se virou pegou-a efetivamente em um arco formado pela escada e seus braços.

Seu cabelo loiro brilhava como ouro contra os ombros da jaqueta de homem.

— Ainda me despreza pelo que fiz.

— Tal como deveria. — Ele pôs uma cartola na cabeça e se afastou.

— Para alguém que insiste em que me resigne a uma vida digna de casamento, parece decidido a arruinar minha reputação.

Ela estava certa. Sua mente lógica lhe dizia que deveria deixá-la ir e deixá-la viver sua própria vida, mas não conseguia obrigar-se a deixá-la sozinha. Ao mesmo tempo, atuava com um propósito distorcido. Queria levá-la de volta para a mansão e à segurança antes que a onda que havia predito Tartarian passasse por Londres, quando Jack o Estripador atuasse de novo.

De algum jeito ele sabia que ela não poderia resistir à promessa de uma aventura.

— Vamos. — Ele se inclinou para pagar sua bolsa.

Rapidamente deram a volta no muro da casa e saíram à rua.

— Para onde está me levando? — Perguntou em voz baixa, ironicamente. Moveu seus cachos sob o chapéu. — Aos jogos de azar? A uma casa de má reputação? Finalmente compartilhará todos seus escuros segredos comigo?

— Espere e verá.

Ele levantou a mão para chamar uma carruagem de aluguel. Uma delas se deslocou através do caminho e parou na frente deles. No interior, Elena se sentou no banco. Archer deslizou a seu lado. Viajaram em silencio por mais de meia hora.

A um sinal dele, desceram nas vias estreitas alinhadas com calçadas asseadas, e casas de classe média. Embora um punhado de transeuntes apressadamente fossem daqui para lá e de lá para cá e conduções passando ruidosamente, havia um ar de tranquilidade desconhecida para os distritos mais duros da cidade.

— Aqui estamos. — Disse, parando na calçada.

— Por fim. — Respondeu ela, sem deixar-se impressionar.

A frente da grandiosa casa inspirou grandes expectativas da parte de Elena. Os abajures de ferro pendurados em cada lado da porta estavam apagados, e não se podia ver luzes pelas janelas. Por que Archer a teria levado, vestida de homem, a uma casa abandonada? Ele subiu os degraus da entrada, e chamou. As janelas da porta de madeira rangeram, e apareceu um rosto de barba cinza.

Archer anunciou em voz baixa:

— Senhor Black e sr. Flowers.

Elena supôs que ela era o senhor Flowers. Exalou nervosamente e manteve sua testa sob o chapéu, com a esperança de que a perna de sua larga calça continuasse ocultando a fivela do arco superior de seu sapato.

O homem barbado parou no hall de entrada escuro, fazendo uma reverência e abrindo a porta grande da entrada.

— Bem-vindo, sua Senhoria. Estávamos esperando-os.

Archer pôs sua bolsa no chão contra a parede. Elena colocou as mãos nos estreitos bolsos da frente de seu casaco e seguiu seu alto companheiro por um curto corredor. Conversas zumbiam, formadas por muitas vozes masculinas, mas se detiveram imediatamente com sua chegada. Uma sala cheia de rostos se voltou para eles. Todos usavam respeitáveis jalecos e trajes refinados por baixo. Pilhas de casacos e cartolas enchiam duas mesas. Três candelabros enormes de bronze ardiam, enchendo a sala com luz.

Um cavalheiro com óculos e com um jaleco de cirurgião se afastou do grupo aproximando-se de Elena e do Senhor Black. Tinha uma expressão simpática de saudação.

— Senhores da sociedade, por favor, demos as boas-vindas ao nosso mais recente patrono, o Senhor Black. Muito nos agrada que o senhor e seu sócio, o sr. Flowers estejam aqui.

Elena tocou a aba de seu chapéu, mas o manteve em sua cabeça, e seu rosto se inclinou para baixo.

— Obrigado, Dr. Alcott. — Disse o Senhor Black.

O homem sorriu e se virou para a multidão.

— Agora que nossos convidados especiais chegaram, podemos prosseguir.

O senhor barbudo que lhes mostrou a porta tocou o cotovelo de Elena e, com um pequeno empurrãozinho, encaminhou-a para o centro da sala.

— Deve aproximar-se mais, para uma melhor visão.

Para sua surpresa, todo mundo se afastou para revelar o volume que estava sobre uma mesa de metal no centro da sala. Debaixo de um lençol branco e reluzente estava o inconfundível contorno de um cadáver.

Elena olhou para Archer. Ele olhava para frente, com um sorriso no canto de seus lábios.

As lágrimas cristalizaram seus olhos, mas rapidamente piscou.

O Dr. Alcott disse:

— O corpo humano é um mundo fantástico e misterioso, e, como médicos em formação, e homens do conhecimento, todos sabemos quão difícil é ter a oportunidade de dissecar um corpo humano em sua forma mais completa, em nosso tempo livre e pelo simples luxo da educação.

— Agora! Agora! — Foi à resposta de todos no ambiente.

— Sir James que faleceu esta manhã, aceitou que seu corpo fosse doado à sociedade para esse propósito específico. Espero que o restante de vocês

considere fazer o mesmo generoso sacrifício quando suas decisões finais serão tomadas.

— Deus abençoe Sir James. — Gritou um senhor na parte de trás, e logo assuou em um lenço.

O Dr. Alcott se colocou ao lado do cadáver.

— Vamos começar.

Vários homens vestidos com batas se aproximaram de seu lado, dispostos a ajudar. O cirurgião retirou o lençol e pegou um brilhante bisturi.

Archer não podia ver a reação de Elena debaixo da aba larga do seu chapéu, mas por trás, onde ninguém o via, agarrou o punho de sua manga e se moveu para um ângulo mais próximo dela.

*****

Não falaram enquanto desciam os degraus entre os que estavam presentes na dissecação. Em silêncio, o grupo rapidamente se dissipou nas sombras da noite.

Lâmpadas a gás se alinhavam na avenida, produzindo um suave zumbido. Sua mente ainda não conseguia compreender o que acabou de presenciar. Seu ex-tutor a tinha vestido com roupa de homem, levado na escuridão noturna de Londres e lhe tinha dado algo tão caro para ela em seu coração, que não podia evitar sentir que se tornaram imensamente mais próximos em poucas horas, e nem sequer tinham conversado, mas sim apenas ficaram juntos um do outro, observando a dissecação de um homem morto. Curiosamente, ela achou o gesto dolorosamente romântico.

— Deseja retornar ao hospital? — Ele perguntou em voz baixa.

Não, não desejo. Quero ficar com você.

Ela assentiu.

— Sim. Ao hospital.

— Então eu vou levá-la. — Ele levantou a bolsa dela em direção da avenida.

— Obrigada.

Sentia a calça contra seu corpo e era estranho e sensual, apesar de que por baixo, usava seus calções de lã e calcinha de renda. A ideia de que ele tivesse escolhido os objetos masculinos para ela era tão ilegal como se tivesse comprado alguma peça de diáfana roupa íntima.

O grupo de médicos que os tinham precedido pela calçada, subiu no último transporte de aluguel disponível estacionado na calçada. Amontoaram-se nele, e o veículo seguiu ruidosamente pela rua.

Pararam por um momento, procurando por outro carro. Ela olhou para o relógio e disse a Archer:

— Ainda não é meia-noite. Podemos pegar o trem.

Percorreram uma curta distância antes de chegar à entrada na forma de arco da estação de trem, e desceram as escadas. Os abajures de azeite estavam acesos nas paredes, proporcionando uma luz tênue ao cavernoso, espaço subterrâneo. O aroma de pó de carvão se mesclava com o enxofre enchendo o nariz de Elena. Archer pagou por seus bilhetes, e juntos cruzaram a plataforma para esperar com um punhado de outros passageiros.

Pouco tempo depois a máquina despontava no túnel escuro e parou em seco. Elena seguiu Archer ao carro de primeira classe e se sentou a uma distância respeitável dele nos assentos de couro. Altas paredes revestidas de madeira os rodeavam. As janelas eram estreitas, e havia uma prateleira de ferro próxima do

teto. Os abajures de azeite pendurados em correntes de bronze emitiam um brilho dourado. O condutor uniformizado selou as passagens e atravessou a porta para entrar no vagão da segunda classe, deixando-os sozinhos.

O trem sacudia durante a viagem, e o vagão escureceu ainda mais no túnel. O banco onde estavam sentados os levou a um suave movimento de balanço, que, em companhia de seu silencioso guardião, resultou em um efeito claramente sedutor.

Ela apoiou a cabeça contra o couro e considerou.

— Por que me trouxe aqui esta noite?

Durante um longo momento ele ficou olhando sua mão, que estava no banco entre eles. Finalmente, levantou o olhar para ela.

— Porque apesar do que fiz... queria que soubesse... — Vacilou, olhando para outro lado, e riu baixinho. — Sou decididamente abominável em temas deste tipo, questões pessoais.

Elena não respondeu, tentando fazer o momento mais fácil para ele.

Esperou que ele continuasse.

Ele o fez.

— Equivocou-se quando disse que não acredito em você.

— Então por que, Archer? — perguntou em voz baixa. — Por que fez o que fez?

Pouco a pouco sua mão cobriu a dela.

— Porque nada mais importa, exceto proteger você. Odeio que queria passar sua vida em Whitechapel. Ainda continuo detestando. Pensei que poderia suportar seu ódio, mas não posso.

— Eu não odeio você. — Ela exalou levemente. — Nunca conseguiria odiar você. — Seus dedos se entrelaçaram com os seus. — Magoou-me.

— Eu sei. — Ele levantou suas mãos unidas e fechou os olhos, tocando com seus lábios os dedos dela. — Arrumarei as coisas. Tudo. Percebo que estava tentando sufocar tudo o que mais admirava em você. Também percebo que tenho que permitir... — Exalou.

— Permitir o que?

— Voar, Elena. Tenho que deixar você voar.

Suas palavras tocaram seu coração, e ao mesmo tempo, percebeu que essa noite poderia ser sua despedida. Ela se aproximou mais. Sua mão pegou seu queixo. Seu olhar se moveu de seus olhos a seus lábios.

Elena estremeceu, sabendo que ele a beijaria. Ele inclinou a cabeça, debaixo da aba do chapéu pressionando sua cálida boca contra a dela. Elena estreitou sua mão contra a mandíbula, querendo tê-lo para sempre. Ela estendeu seus dedos tocando os espessos cabelos de sua nuca. Com toda a paixão em seu coração, retribuiu o beijo.

Ele grunhiu em sua boca.

— É maravilhosa, sr. Flowers.

A vibração do trem se estendeu por suas costas, e ao longo de suas nádegas e na parte inferior de suas coxas.

— Toque-me Archer. — Ela implorou.

Sua mão entrou debaixo de sua gravata, invadindo a abertura entre os botões de sua camisa para acariciar as ondas nuas superiores de seu peito em cima de sua camisa. Seus mamilos se apertaram em picos duros. A proximidade não era suficiente para ela. Passou os braços sobre seus ombros levantando-se sobre um joelho para fazer passar sua perna sobre seu quadril de maneira que o montasse.

— Querida... — Archer exclamou, do fundo de sua garganta.

Cara a cara, seus lábios se mesclaram, quentes e acolhedores. Seu chapéu caiu no assento, e seu cabelo caiu sobre os ombros de seu casaco. Debaixo da roupa fina de sua camisa ela sentia a dureza de seu peito, a quente dobra de seu estômago. Ele deslizou suas mãos pelas coxas dela, debaixo do casaco fechado sob suas nádegas. Ele levantou o quadril e a agarrou contra ele. Rígido e quente, empurrou contra ela, estendendo-a, lhe dando um prazer inimaginável, mesmo através dos tecidos da calça de lã e calça de linho.

De repente Archer virou o rosto para um lado e a fez sentar-se no assento junto a ele.

Ela se acomodou, aturdida pela paixão.

— O condutor. — Ele disse com voz áspera, entregando rapidamente seu chapéu e endireitando a gravata. Riu, um som baixo e rouco, e cruzou as pernas e os braços sobre seu peito.

Ela colocou o chapéu sobre a cabeça, escondendo seu cabelo. Ele ouviu um ruído de passos? Uma porta? Ela não ouviu nada, mas de novo, tinha perdido todo o contato com a realidade em seus braços.

Como Archer tinha advertido, o condutor deu um passo retornando do vagão de segunda classe e se apoderou da polia de bronze.

— Aldgate! Ultima parada.

As rodas chiaram, e seu corpo balançou em rápida desaceleração. Uma vez que o trem parou completamente, Elena com as pernas trêmulas saiu à plataforma. Archer era uma sombra atrás, levando sua bolsa. Enquanto subiam as escadas às escuras, ele agarrou seu pulso, e riu com voz rouca, empurrando-a contra a parede. Deu-lhe um breve, mas fervente beijo nos lábios. A emoção ilícita de saber que poderiam ser descobertos a qualquer momento enviou uma inesperada emoção através de Elena. Ela se arqueou contra ele, sustentando seu chapéu no lugar. Entre suas coxas se sentia úmida e quente, e doía por algo mais.

— Volta comigo para a mansão esta noite.

Febril de desejo, Elena assentiu.

— Sim. Desejo isso.

Ele se afastou dela, com os olhos vivos e intensos, inclusive nas sombras. Ela sabia exatamente com o que tinha concordado. Passaria a noite na cama de Archer, fazendo amor com ele. Ele poderia partir depois de amanhã, mas as próximas horas seriam suficientes para enchê-la de lembranças que durassem toda a vida. Tinha que ser.

Quando chegaram à calçada, ela se surpreendeu ao ver uma carruagem conhecida estacionado na calçada. Leeson estava no alto de seu banco, com uma bengala e um chicote na mão. Saudou-a com a cabeça, sorrindo.

— Não fique com raiva. — Archer murmurou. — Tinha a esperança de te convencer em alguma parte do caminho de retornar para casa, embora não da maneira como aconteceu.

— Não estou zangada. Quero ir com você. — Ela exalou com entusiasmo. — Só uma coisa. — Ela pegou seu braço. — Estamos a poucos minutos do hospital. Com os recentes assassinatos, há regras rígidas sobre nossas idas e vindas, e a equipe de enfermagem deve verificar o paradeiro no dormitório dos internos pela manhã e à noite. Não desejo que enviem a polícia quando comprovarem que não estou onde deveria.

Archer a fulminou com o olhar, com uma imagem sensual de impaciência, mas assentiu. Uma vez dentro do transporte, Elena deixou de lado a cartola. Colocou sua maleta no chão. Abriu-a para retirar sua capa comprida de dentro.

— Não posso permitir que me vejam vestida assim. — Riu entre dentes, movendo-se para ficar na borda do banco.

De repente, por trás, Archer pôs seu braço ao redor de sua cintura, atraindo-a de volta contra seu peito.

— Não a quero com mais roupa, quero-a com menos. Estou relutante em deixá-la nem que seja por um minuto.

Inclinou seu rosto para seu pescoço, beijou-a ali, provando sua pele com a língua.

Tudo dentro dela ficou quente como cera derretida. Suas mãos apertaram ao longo de sua costela roçando a parte inferior de seus seios. Elena se contorceu de prazer.

A carruagem parou. Archer a deixou em liberdade e descansou no canto do banco, com as pernas longas estendidas. Uma olhada pela janela mostrou que estavam parados junto à entrada dos fundos do hospital, a que habitualmente o pessoal de serviço utilizava.

— Se apresse.

Rapidamente ela vestiu a capa e fechou os botões da frente. Deslizou para mais perto da porta, mas hesitou, pressionou suas mãos em suas bochechas e esfregou os olhos.

— O que está fazendo? — Archer perguntou.

— Tentando não parecer tão apaixonada. A enfermeira James sem dúvida perceberá que estou em meio de ser seduzida.

Archer sorriu.

— Deveria ir com você?

— Não. — Insistiu Elena com firmeza, rindo. — Isso só pioraria as coisas.

Girando o trinco, desapareceu na escuridão, fechando a porta atrás de si.

Imediatamente o sorriso desapareceu de seus lábios.

Com a invasão do ar da noite chegou um cheiro forte do rastro, pestilento e fétido.

Ele abriu a porta. Ainda podia ouvir seus passos.

Leeson se agachou, preparando-se para saltar do banco. Suas adagas brilhavam dentro de seu colete.

— Eu o senti também.

— Fique. — Archer levantou uma mão trêmula. — Pode ser chamado para levar Elena rapidamente.

Archer seguiu o mesmo caminho de Elena. Chegou a ver sua capa escura enquanto varria o hospital.

No interior do pequeno hall de entrada, dois enfermeiros com cara de cansados conversavam e riam em um banco.

Ali o rastro do Jack era mais forte.

Estava ali, no hospital.

Todos os músculos do corpo de Archer ficaram tensos em preparação para a batalha. Seu olhar focou na sala aonde Elena entrou. A encontraria e a enviaria a Leeson, antes de iniciar a caçada.

De repente, algo o distraiu. O cuidado com os mortais despontou nele, com seus pensamentos retorcendo-se. Atrás dele a porta se abriu.

Lá estava ele.

Um grande cavalheiro.

Archer fechou os olhos à espera.

Uma mão se fechou sobre seu antebraço.

— Desculpe, senhor. — Perguntou uma voz. — É o seu carro que está esperando na calçada em frente?

— É sim. — Archer respondeu, olhando o corredor e rezando para que Elena ressurgisse.

— Então você é o Senhor Black.

— Sim, sou eu.

O homem ficou diante dele. Era um bom meio palmo mais baixo que Archer, e seu bigode chegava a baixar sobre sua papada para reunir-se com seu cavanhaque. Ele abriu um pouco seu casaco para revelar uma placa de bronze pendurada em seu pescoço.

— Inspetor de Primeira Classe Abberline da Polícia Metropolitana, senhor, do Ministério do Interior. Temo, sua senhoria, que terá que vir conosco para ser interrogado.

Capítulo 16

Outros três agentes se aproximaram, dois deles agarrando seus braços por cima do cotovelo. As enfermeiras, com os olhos muito abertos e sussurrando, afastaram-se pelo corredor.

Facilmente poderia se livrar dos homens, mas não podia se dar ao luxo de chamar mais atenção sobre si mesmo ou sobre seu poder, não com tantas testemunhas. Os Guardiões das Sombras, ou qualquer Amaranthine, eram expressamente proibidos de revelar seus poderes sobrenaturais à audiência mortal. Como em uma tela, poderiam chamar atenção não desejada e levá-los ao mundo Interior.

— Sobre o que? — Perguntou Archer.

O olhar de Abberline revelou a apreciação da relativa cordialidade de Archer. Falou brandamente, discretamente.

— Está envolvido em um crime, sua senhoria.

A notícia se espalhou. Os pacientes e o pessoal do hospital corriam para onde estavam. Falavam em voz baixa, com os olhos muito abertos, assombrados de que pudessem ser testemunhas da apreensão do Estripador.

O Estripador estava ali, demônios, em algum lugar.

Archer engoliu em seco e tentou acalmar seu acelerado coração. Nunca antes sentiu medo. O medo de ficar sozinho de novo. Deus, Elena, onde estava?

O rastro do Estripador estava por ali, quase zombando de sua força. O impulso de converter-se em predador se abateu sobre ele.

A polícia e todos os presentes, todo mundo pensaria que estava louco se começasse a transformar-se. Se não tomasse cuidado, não só se veria preso, mas sim o levariam a Bedlam. Tinha que continuar sendo racional.

Apontou seu olhar para Abberline.

— Alguém lhe deu uma informação falsa.

Quem teria sido esse alguém? E como saberia que tinha que enviar a polícia ao hospital para espera-lo?

— Agora o descobriremos, sua senhoria. — Assegurou-lhe Abberline com voz calma. — Pode estar certo, mas não podemos desprezar o relatório até que venha conosco e ofereça seu testemunho, e o testemunho de uma ou duas testemunhas.

Archer respondeu entre dentes.

— Terá que avisar meu empregado que está lá fora, ele poderá encontrar minha protegida, a senhorita Elena Whitney e informá-la de que estou sob custódia.

Abberline respondeu sem rodeios.

— O sr. Leeson foi identificado como seu cúmplice. Tem que vir conosco também.

— Archer!

A voz de Elena.

O alívio o percorreu, moderado pelo conhecimento de que ela ainda estava em perigo. Ela correu para ele, com o rosto marcado de preocupação por cima do pescoço alto de seu manto. Um dos detetives a interceptou, agarrando-a pelos ombros.

— O que está acontecendo? — Perguntou, ficando pálida em sua beleza. Mesmo agora, em meio a tudo isso, ele ainda a desejava.

Archer olhou para ela.

— Estão me prendendo.

O rosto de Elena caiu.

— Prendendo?

Abberline assegurou.

— Está tudo bem, senhorita. Se ele estiver dizendo a verdade, então não tem nada com o que se preocupar. Uma vez que nos proporcione as testemunhas adequadas e a documentação requerida...

Archer engoliu uma maldição, irremediavelmente preso em sua falsa identidade mortal.

O Dr. Harcourt abriu caminho a empurrões.

— O que significa tudo isto?

O detetive respondeu novamente.

— Sua senhoria se viu implicado nos crimes do Estripador.

— Isso é impossível.

Abberline riu entre dentes.

— Isso é o que ele afirma. Suponho que qualquer suspeito diria o mesmo, não? Assim vamos fazer nosso trabalho, e se não houver nenhuma validade nos relatórios anônimos que nos passaram...

— Anônimos? — Archer riu causticamente. — Quantas denúncias anônimas receberam no caso do Estripador? Milhares. Estou seguro que não atuam em todas elas.

As sobrancelhas de Abberline se elevaram.

— Não são tão fundamentadas como estas.

Archer mirou Harcourt.

— Leve Elena para a mansão. Relate à condessa Pavlova que fui levado a um interrogatório.

— Sim, é claro.

Embora fosse depois da meia-noite, os rumores se espalharam rapidamente, e uma multidão barulhenta se reuniu fora. Quando Archer foi arrastado escada abaixo, viu Marcus de pé na frente da multidão.

Elena, aturdida pela perda repentina e inesperada de Archer, ficou na porta através da qual os policiais o tinham levado. De repente, a multidão se dispersou e ela ficou sozinha, à exceção de Harcourt.

Ele a olhou sem sorrir.

— Depois que minha proposta foi rejeitada vim aqui esperando encontrá-la. Tinha a esperança de que ainda pudesse persuadi-la a se casar comigo.

Elena não respondeu. Apertou a capa a seu redor, querendo chorar, entretanto, negou-se a ceder ao desespero. Archer poderia rebater qualquer falsa denuncia que tivessem feito contra ele. Voltaria para ela e teriam sua despedida.

Harcourt declarou com voz baixa.

— Não estava com ele antes. Mas está com ele agora, verdade?

Ela não percebeu rancor em sua voz, apenas dor e resignação.

Elena sussurrou.

— Sim.

Mesmo Archer partindo no dia seguinte de Londres, e nunca o voltasse a ver, sim. Ela lhe pertencia de corpo e alma.

Justo nesse momento as portas se abriram. Uma multidão de homens com casacos de couro, com os rostos sujos, abriram um espaço. Carregavam um homem inconsciente pendurado pelos braços e pernas.

— Doutor! Enfermeira! Ajudem-nos, houve uma explosão na fábrica de cerveja.

*****

Archer ficou olhando a parede cinza de sua cela, com o batimento do seu coração ressoando em seus ouvidos. Estava preso na subestação da polícia de Whitechapel, enquanto o Estripador estava por aí, a poucas ruas de distância, à espreita de Elena.

"Eu poderia lhe ensinar uma ou duas coisas sobre anatomia humana, já que me converti ultimamente em um perito no assunto,ha ha".

Passou as mãos pelo cabelo. O ácido rompia seu estomago e sentiu como se fosse vomitar no chão da cela. Mal viu Leeson, que estava recluso em uma cela no canto. Os detetives da divisão H lhe tinham interrogado sobre suas idas e vindas da semana anterior. Tinha-lhes respondido, referindo-se especialmente aos funcionários da alfândega para provar que chegou à Inglaterra depois que os assassinatos tinham começado. Também viu uma nota manuscrita que o acusava de ter participado dos crimes do Estripador. Embora o autor tivesse tentado disfarçar sua letra, Archer a reconheceu facilmente como a do Estripador.

Amaldiçoou e caminhou pela cela estreita. Quanto tempo passaria antes de sua liberação?

A única maneira que tinha de escapar dessa cela era a de converter-se em sombra e deslizar através da porta de metal. Entretanto, o jovem sargento que estava do lado de fora de sua cela vigiava todos seus movimentos, e não só o veria, mas também poderia dar a voz de alarme quanto a suas habilidades paranormais. Nunca esteve o suficientemente perto para que Archer pudesse tocá-lo e apagar sua memória. Rigidamente, Archer se sentou em um banco no centro da cela. Abaixou a cabeça entre as mãos e se armou de coragem para esperar.

*****

Horas mais tarde, Elena, entorpecida pelo cansaço, sentou-se em um banco com outra enfermeira. Depois que as vítimas da cervejaria começaram a chegar, não houve mais tempo para voltar para a mansão. Com a autorização de Harcourt, enviou um mensageiro do hospital com uma nota informando a Selene a prisão de Archer.

Doía-lhe as costas depois de ficar horas de pé no chão de linóleo do hospital. Desamarrou o avental, que estava irremediavelmente sujo. Infelizmente, dois trabalhadores morreram por causa de graves lesões, mas o Dr. Harcourt e três cirurgiões do turno da noite, conseguiram salvar os outros.

— Eu não sei vocês, mas estou morrendo de fome. — Exclamou a sempre alegre enfermeira Braxton apoiando-se contra a parede. Ela também tirou o avental e o esfregou para tirar um pouco de sangue do pulso.

Elena olhou seu relógio.

— É muito cedo para o café da manhã.

Não estava com fome. Em seu estômago havia um emaranhado de nós desde que levaram Archer. A única coisa que a salvou foi o hospital, que lhe tinha proporcionado distração constante... até agora.

Onde estaria Archer agora? Por que os detetives teriam levado a ele e ao sr. Leeson se logo seriam liberados? Sua mente repetia as mesmas perguntas várias vezes.

A enfermeira Braxton lhe deu uma cotovelada.

— Tem essa loja na Philpot, sempre abre cedo. Vamos. Vamos juntas. Supõe-se que não podemos ir por conta própria.

Harcourt passou apressado, obviamente em resposta a uma nova emergência. Uma das enfermeiras do dia que acabara de chegar para seu turno, com o cabelo preso perfeitamente, o uniforme limpo e engomado, seguia-o.

— De acordo. — Confirmou Elena.

Faria qualquer coisa para manter-se ocupada. Não queria descansar até saber que Archer foi liberado.

Lá fora, a noite se transformava em uma manhã azul pálido. Atrás do hospital, ela e a enfermeira Braxton cruzaram a grama e seguiram pela Philpot, unindo-se a um bom número de trabalhadores portuários e homens do armazém a caminho do Tâmisa. Finalmente chegaram à loja. A luz brilhava nas janelas, revelando o movimento de outros clientes em seu interior. Caminharam sob o toldo amarelo e a enfermeira Braxton abriu a porta.

— Enfermeira Whitney!

Elena parou, procurando ao redor. Lizzy estava na esquina, com um meio sorriso de desculpas. Usava roupas velhas e estava despenteada e cansada, como se tivesse passado a noite na rua.

Elena disse à enfermeira Braxton:

— Pode entrar. Eu irei em um momento.

A enfermeira Braxton olhou com curiosidade para Lizzy e assentiu.

— Muito bem.

Com uns poucos passos Elena ficou de pé frente à garota.

— Lizzy, o que aconteceu? Por que não está na mansão?

*****

— É um telegrama da própria rainha. Em termos diretos, ordena a liberdade de sua senhoria. Imediatamente.

Archer se sentou no banco do centro de sua cela. Ouviu as palavras e percebeu que Selene telegrafou à Sua Majestade, mas seu olhar na janela estreita seguia fixo através da cela. O céu se iluminava a cada momento que passava. Levou uma mão à boca e sentiu o suor do lábio superior. Todos os séculos, todas as batalhas e todos os acontecimentos magníficos dos quais foi testemunha se desvaneceram em um nada no transcurso da noite. Apenas existia Elena.

Se ela morresse...

Seu coração ficou escuro.

Se ela morresse, ele morreria também. Murcharia, apodreceria e se consumiria por dentro. Ele não poderia explicar, nem sequer para si mesmo, como se conectou com ela, em um nível tão profundo de alma, mas aconteceu. Não sobreviveria a sua perda. Não queria.

A fechadura da cela se sacudiu e a porta se abriu.

— Sua senhoria...

Ele agarrou seu casaco e seu chapéu, roçando ao detetive em sua carreira pelo corredor. Leeson gritou de sua cela. Fora na rua, começou a correr. Seu desespero o acompanhou por todo o caminho até as portas do hospital de Londres.

Empurrou-se para dentro. Havia uma pequena multidão na sala de recepção. É claro, todo rastro de Jack tinha desaparecido.

Palavras e pensamentos o criticavam a seu redor.

— Sr. Black!

— Liberaram-no

— Quem diria?

Harcourt girou o rosto, ferido. A seu lado estava uma jovem enfermeira, com uma lágrima no rosto, e dois detetives.

Archer grunhiu, com voz profunda.

— Onde ela está?

*****

Elena despertou entre as sombras e com algo úmido e duro contra sua bochecha.

Aturdida, levantou-se e gritou.

A seu lado, havia um homem morto, com sua cabeça e ombros em um ângulo impossível. Não, sua mente aterrorizada percebeu imediatamente, a coisa a seu lado não era um homem, era uma efígie[8] de tamanho natural, suas mãos e cabeça eram feitas de cera. A mesma efígie de Jack o Estripador que ela viu na rua depois de sair do museu.

O medo, em sua forma mais escura e profunda, medo que jamais sentiu antes lhe adormeceu os braços e as pernas. Pressionando a mão contra sua boca, refugiou-se no mais escuro das sombras, agachando-se de costas para a parede.

Estava encarcerada em um poço de pelo menos quatro metros de profundidade. Uma grade de metal cobria a abertura, e uma luz alaranjada oscilava mais à frente. Sob seus pés havia restos de cerâmica. Estreitou os olhos, tentando ver algo mais. Roupas velhas e jornais. Tudo cheirando a velho, úmido, deteriorado.

Elena fechou os olhos e tentou recordar como tinha chegado até ali. Recordou ter saído do hospital e visto Lizzy, nada mais. Lizzy fez isso? Não podia acreditar.

Porém, quem o tinha feito?

Sua cabeça dava voltas, de pânico ou por algum narcótico? Suspeitava ter sido submetida a clorofórmio, um método frequentemente utilizado pelos malfeitores de Whitechapel. Quanto tempo esteve inconsciente e alguém estaria procurando-a?

Ficou de pé outra vez, insegura, e apertou as mãos contra as úmidas pedras. Mais lúcida agora, examinou-as. Eram muito lisas e muito próximas para subir, sem contar com o limo negro esverdeado.

Algo rangeu acima. Uma sombra em particular, tomou forma mais sólida.

— Está acordada. Delicioso. Assim me apresentarei.

Uma voz estranha e oca. Um homem ou uma mulher, não podia ter certeza.

Ela limpou a garganta e perguntou com voz forte.

— Quem é você?

— Pode me chamar de Jack. — A voz riu malvadamente. O frio que experimentou invadiu todo o corpo. — Todo mundo o faz.

O fôlego de Elena saiu áspero de sua garganta, fazendo-se eco contra as paredes do poço.

— Não desmaiou... verdade, senhorita Whitney? — Perguntou alegremente a voz.

— Como sabe meu nome?

[8] É uma representação escultórica de corpo inteiro de uma pessoa já falecida, em pedra ou madeira, podendo surgir em monumentos fúnebres em igrejas.

— Mmmmm... O Sr. Black. Esforço-me para me manter informado de todos seus assuntos. Ele gosta de ser evasivo, verdade? Gosta da escuridão... do silêncio... das sombras. — A voz sussurrou vazia.

Elena deu a volta no perímetro, com sua mente ocupada em partes iguais de horror e de curiosidade. Que tipo de criatura estava lá em cima zombando dela? Sentia um ardente, irracional desejo de vê-lo de perto.

Pela primeira vez se perguntou se o Estripador não era de todo humano. Mas se não era humano, o que era?

— O que vai fazer comigo?

— Vou me divertir.

A sombra deslizou por cima da borda do poço. Algo escuro e suave se agitou ao seu redor para baixo. Elena ficou sem fôlego e se moveu de lado.

Pétalas de rosa. Pétalas de rosas vermelho escuro.

Ela percebeu que não era a primeira vez que as recebia desse monstro.

Ele grunhiu, um som mais animal que de homem.

— Na realidade, eu não a quero, é claro. Não é absolutamente de meu gosto, com seus dentes brancos e seu formoso cabelo. Apesar disso, a considero interessante... futura doutora Whitney. Não acredito que possa consertar o que há de errado comigo. Nem em meus gostos. Igual a eles, você não consegue olhar dentro de mim, por isso não tente me analisar.

— Se não me quer, por que estou aqui?

As pétalas caíam agora de suas mãos cheias.

— Porque ele a deseja. Você sabe, eu gosto de jogar. Meu senhor me ordena jogar.

As pétalas eram mais pesadas agora, e úmidas. Cheiravam a podre. Caiam na cabeça, nos ombros, grandes pingos pestilentos. Ela se defendeu delas, apenas para perceber que estavam manchando suas mãos... com sangue?

Algo ecoou no chão de pedra a seu lado, uma esfera de metal oxidada do tamanho de uma bola de críquete. Saía fumaça amarela acre em espiral. Ela se agachou, cobrindo a bola com jornais e roupa. Outra desceu se chocando contra um pedaço de cerâmica. Toc. E outra. Toc. O estreito espaço se encheu de fumaça. Embora ela apertasse as mãos sobre o nariz e a boca, e tentasse manter a garganta fechada seus olhos lacrimejaram muito para conseguir enxergar. Enjoada, caiu de costas perto da parede.

— Não. — Rogou em voz baixa. — Não perca a consciência. O Estripador sem dúvida fará o mesmo que fez com Catherine. Não... não... não.

— Não se preocupe, querida. — Ela o ouviu dizer. — Tenho algo muito espetacular planejado para você. Mas não quero ouvir seus gritos.

*****

Uma pedra bateu na parte posterior de sua cabeça. Alguém a agarrou pelos ombros com uma força dolorosa e beliscou sua bochecha. Uma pessoa com unhas. Era muito mais que um sonho onde era agredida.

— Haaa... — Finalmente se queixou.

— Está viva. — Anunciou uma voz de mulher com ar decepcionado.

— Fora do meu caminho, Selene.

Elena abriu os olhos.

Um rosto substituiu o de Selene. Marcus. Era tão formoso. Mas não tão bonito como Archer. Ouviu o farfalhar de folhas e jornais ao redor.

— Senhorita Whitney, está bem?

Sentia-se fraca e fora de si. Mal conseguia manter os olhos abertos. Entretanto, estava suficientemente consciente para saber que se encontrava a salvo e não nas garras do Estripador.

Murmurou:

— Sinto-me melhor agora.

Ele levantou sua cabeça e a levantou em seus braços musculosos. Na tarde do museu teve a impressão de que Archer e Marcus não se davam bem. Talvez devesse mostrar mais lealdade a Archer, mas nesse momento, não sentia nada exceto adoração por esse homem. Jogou seus braços ao redor do pescoço dele e apertou.

Selene ficou sem fôlego.

— Cortou-lhe a garganta.

Maldito Estripador. Tinha-lhe talhado.

Estranho. Ela não sentia nenhuma dor.

Uma mão cálida apertou sua pele.

— Não, não é mais que uma pintura. O filho da puta riscou uma linha através de sua garganta para nos mostrar o que poderia ter feito.

Em três fantásticos passos, Marcus a levou até o alto da parede. Tal façanha não era humanamente possível, mas obviamente, sua mente a enganava com truques sujos devido a fumaça amarela.

— Graças a Deus que a encontrei. — Retumbou a voz em sua garganta. Ela sentiu a vibração em sua testa.

— Obrigada. Muito obrigada. — Elena sussurrou.

— Vamos. — Selene flutuava perto de uma porta de madeira. — Não está preparado para nos enfrentar ainda. Não ganhou toda sua força. Ainda podemos encontrá-lo se nos apressarmos.

— Não podemos deixá-la aqui. — Marcus abaixou Elena em uma diminuta cadeira. A escuridão os rodeava. Pelo que podia ver com o brilho de uma luz frágil de fogo, estavam em um porão. Não podia ouvir o som das carruagens quando estava no poço, mas agora conseguia. O lugar cheirava a rosas. Estavam por toda parte, camada sobre camada de flores e caules quebrados. Ela não queria voltar a cheira-las novamente.

Marcus se ajoelhou a seu lado, e tirou um lenço do bolso de sua calça, percorrendo a marca do pescoço de Elena até que ela empurrou sua mão.

A condessa grunhiu.

— Está bem. Irei eu sozinha.

— Maldição, Selene.

Sua mente pouco a pouco foi clareando e apresentou uma série de perguntas, sendo a principal, por que a condessa queria perseguir Jack o Estripador? Por que teria falado do Estripador com Marcus? Sua mente era como um quebra-cabeça de um milhão de peças, mas nenhuma se encaixava.

— Malditos sejam os dois. — Foi a maldição gutural. Archer gradativamente se materializava ao passar sob a porta, como um gigantesco fantasma, algo que sua mente considerava impossível.

Com uma súbita agitação de braços e pernas, Marcus golpeou as costas contra a parede de pedra com tal força que levantou uma nuvem de poeira que sujou o ar ao redor. Fez uma careta gemendo e lançou um olhar furioso para Archer.

Archer foi até o centro da sala de teto baixo. As feições contorcidas pela raiva, junto com alguma outra emoção que não podia identificar. Não usava

casaco nem chapéu. Apesar dos suspensórios, um lado de sua camisa estava fora de sua calça. Ela nunca o viu em tal desordem.

— Pensei que estivesse morta. — De repente sua voz se tornou um sussurro. — Ele estava aqui com você.

Archer caiu de joelhos, agarrando-a pela cintura a puxou com ferocidade. Ela afundou a cabeça em sua camisa e deixou escapar uma respiração entrecortada.

Aturdido pela ferocidade de sua emoção, Archer a estreitou entre seus braços. Seus ombros musculosos estremeceram. Ele tremia. Com medo por ela?

Selene disse com voz sombria.

— Logo que chegamos. O Estripador a mantinha prisioneira nesse poço. Não sabemos o que planejava fazer com ela.

Ele se inclinou para trás. Elena o olhou nos olhos.

Ela assentiu.

— Tenho certeza de que me salvaram a vida.

Archer franziu as sobrancelhas.

— Mas segui o rastro de Elena até aqui. Por que não há nada do Estripador?

Marcus esfregava um ombro, como se ainda doesse.

— Ontem à noite, depois que foi preso e nem sequer pense que eu planejei isso, Archer, porque não fiz nada, procurei o Estripador no hospital, mas é como se tivesse evaporado. Deve ter vindo aqui. Seu repentino desaparecimento pode ter relação com todas essas pestilentas rosas.

Selene disse:

— É estranho, mas este barro tem seu cheiro ruim.

Seu gêmeo conjeturou:

— Suas táticas são muito diversificadas. Ele não queria cortá-la em pedaços, queria que a rastreássemos até aqui, interessante. Encontramos este lugar pelo rastro também.

Archer fechou a mandíbula e com um grande esforço aparente disse.

— Estou profundamente agradecido por salvá-la.

Por trás, Archer ouviu Selene dizer.

— Ele está perto, Archer, e devido a que saiu de sua clandestinidade cedo, antes da próxima onda do Tártaro, não é suficientemente forte para lutar contra nós se o encontrarmos agora.

Marcus acrescentou.

— É chegada a hora, Archer. Podemos detê-lo antes que se converta em brotoi. Selene e eu podemos conseguir.

O orgulho de Archer gritava que ele deveria ir, que deveria ser ele a aplicar a punição a essa alma por ter usado Elena contra ele, ameaçando sua vida. Mas, de repente, seu orgulho não tinha qualquer influência sobre ele.

— Vão atrás dele. — Archer passou seus braços por baixo de Elena e a levantou da cadeira. — Vão até aquele filho da puta e aceitem, com minha gratidão, seja qual seja a Reclamação que recebam da Guarda. Levarei Elena para casa.

Elena se agarrou a Archer quando ele chutou a porta e abaixou sua cabeça. Ele a levou para uma carruagem. Dentro Leeson inclinou a cabeça sobre as mãos entrelaçadas, como se agradecesse que estivesse com vida. Seus olhos brilhavam com umidade. Deu um salto para baixo, abriu a porta da carruagem e rapidamente as escadas. Archer subiu.

Sustentando-a com força contra ele, como um tesouro valioso ele se deixou cair sobre o assento de couro. A porta se fechou atrás deles.

As mãos de Archer se moveram sobre ela, tocando em todas as partes freneticamente, seus seios, seu estomago, suas pernas, como para se certificar que não tivesse cortes ou perdido um membro. Grunhiu contornando com o dedo o lugar onde o Estripador pintou a marca em seu pescoço. De repente, suas mãos estavam enredadas em seu cabelo e seus lábios esmagaram sua boca.

Elena ficou sem fôlego, afligida.

Ele recostou-se, ainda embalando-a entre seus braços e ela o olhava muito fixamente com olhos abertos.

— O que foi? — Perguntou ele.

— Seus olhos. — Sussurrou ela. — Sua pele...

O conhecimento deslizou por Archer. Foi tão cuidadoso com sua segurança, que falou e agiu precipitadamente, justo diante de Elena. Ela ouviu tudo o que ele e os outros dois Guardas das Sombras tinham discutido. O pior de tudo, revelou-se diante dela com todo seu monstruoso esplendor.

Colocou-a sentada ao lado dele. Sem nada para se proteger, sem chapéu, sem óculos, e sem capa, cobriu os olhos com as mãos.

— Não olhe para mim.

Com um esforço terrível, ele se obrigou a separar-se emocionalmente desse momento. Elena. Tinha-a deixado aproximar-se muito. O mundo se destroçou a seu redor. Como poderia ter falhado tanto e havê-la levado de volta a essa situação? Era como se estivesse outra vez no terraço arruinado onde a encontrou, como nos últimos dois anos, em especial as últimas seis semanas, quebrado em mil pedaços.

Ela se apoderou de seus pulsos.

— Não faça isso. Não se esconda de mim. — Ela insistiu, mas ele escutou medo em sua voz.

Ele assustou Elena, e isso que tinha visto, não era nem a metade do que era capaz de fazer. Permitiu que afastasse suas mãos.

Na noite anterior eram apenas um homem e uma mulher, quase amantes. Agora, à fria luz do dia, ela era mortal, e ele um monstro imortal.

— Vou fazer você esquecer. — Prometeu.

— Por quê? — Ela ficou sem fôlego ao escutar suas palavras. — Por quê? Fez-me esquecer antes? — Um lento entendimento se estendeu por seu rosto. — Você fez, verdade? É a razão pela qual não tenho lembranças.

De repente, golpeou seu ombro com o punho fechado.

— Não se atreva. Não se atreva a me fazer esquecer novamente. — Ela bateu de novo. — Me devolva minha memória, maldição.

— Não posso. Não quero. — O desespero se apoderou dele.

— O que é Archer? — Perguntou de repente. — Anjo ou demônio?

Um sorriso torturado apareceu em seus lábios. Ele sorriu baixinho.

— Não sei.

— Sou eu, Archer. Eu, Elena. Não me importa o que você é. Só me deixe saber. Não finja que não se importa.

— Está terminado entre nós.

As lágrimas se amontoaram nos olhos de Elena.

— Depois de termos chegado tão longe? Por que eu vi o que você é? Por que escutei seus segredos? — Ela piscou e a dureza de seus traços se firmou.

— Nós temos que nos separar. Dói-me muito. Infelizmente é preciso. — Ela se afastou tanto quanto pôde no banco, seus seios subiam e desciam sob o corpete do uniforme.

— Mas não tirará minhas lembranças. Quero lembrar de você quando me casar com Harcourt. Quero lembrar quando me deitar em sua cama. — Sua voz ficou mais grossa. — E quando fizer amor com ele todas as noites e quando tiver os seus filhos...

— Cale-se, Elena. — Archer apertou os olhos fechando-os.

Ele sempre sentiu pena dos humanos pela brevidade de suas vidas. Estava errado. A brevidade de sua existência atribuía a cada momento um significado profundo.

As palavras dela o torturavam com o que nunca teria.

— Quero lembrar, de cada momento, de cada dia...

— Não diga isso.

— ... e desejar que ele seja você.

Não entendia como podia olhá-lo e ainda desejá-lo. Archer a agarrou pela cintura, e pressionou o rosto contra seu peito. Seus braços passaram ao redor dele, suas mãos se enredaram em seu cabelo, e lhe deu um beijo fervente contra a cabeça encurvada.

— Simplesmente, me ame, Archer. — Sussurrou. — Só uma vez. Prometo que será suficiente para lembrar quando você tiver partido.

De repente, seus braços estavam vazios.

Capítulo 17

Elena saltou da carruagem e subiu correndo as escadas da mansão, vendo tudo através de olhos lagrimejantes. Leeson a chamou, mas ela não parou, não até que chegou a seu quarto onde se lamentaria e choraria e lançaria qualquer maldito objeto contra a parede. Um lacaio surpreso abriu a porta para ela.

Archer se foi. Desapareceu de seus braços, e sabia que nunca voltaria a vê-lo. Lamentava e o odiava ao mesmo tempo. Suas saias se soltaram em sua mão, correndo passou junto à Mary Alice na escada.

— Oh, senhorita! — A criada franziu a testa preocupada. — O que está acontecendo?

— Por favor. — Respondeu Elena suplicante. — Só preciso ficar sozinha.

No patamar do segundo andar, agarrou a escada decorada e continuou apressada para o terceiro andar.

No meio do caminho, algo agarrou seu tornozelo. Ela se contorceu, mas caiu, levantou-se só para ser capturada por alguma força invisível e sofrer a dor de uma nova queda.

Uma sombra, quase invisível a olho nu, enroscou-se em seus pés... ao redor de sua saia... e de seus ombros.

Ela reconheceu a pele áspera de Archer.

Sentiu o calor e a pressão, a qual facilmente foi interpretada como seu corpo. Hábeis, invisíveis mãos avidamente reclamaram seus seios e apertaram suas nádegas, enviando uma explosão de prazer para suas extremidades. Os botões de seu corpete voaram livres ricocheteando contra o corrimão de mármore.

— Senhorita Whitney? — A voz de Mary Alice ecoou de baixo.

A sombra parou seu prazeroso ataque, retirando-se rapidamente.

— Ah... Estou bem. — Gritou Elena.

Ela se levantou e subiu os degraus restantes, sem parar até que chegou ao seu quarto. Fechou a porta freneticamente, e jogou a chave em cima da mesa, não porque queria manter Archer longe, mas sim porque queria vê-lo entrar.

Abriu a boca por ar, sem fôlego.

Longos momentos se passaram e Archer não apareceu, não como ela esperava. Virou, afligida, só para que ele se esfregasse nela.

— Querida.

A voz de Archer. Apenas mais escura e mais misteriosa. A expectativa se apoderou dela.

— Onde está? — Ela se voltou, procurando o espaço a seu redor.

Uma fricção repentina, formada de calor e energia, subiu por seu estômago e em ambos os seios em uma carícia possessiva. Ficou desamparada, torturada pelo prazer, desejava lhe dar um abraço. Seu calor se estendeu como mel debaixo de seu uniforme, em cima de sua pele. Seus mamilos endureceram, e instintivamente cruzou os braços sobre si mesma.

— Eu a desejo.

Elena não tinha medo. Na realidade não. Estava muito excitada. Afinal, tratava-se de Archer.

— Tem medo?

Suas bochechas arderam. Tudo em chamas.

— Não.

— Bom.

Ela vislumbrou um brilho, uma chama ou um metal.

Seu uniforme, e tudo por baixo, abriram-se pelo meio. Ela ofegou e pegou as pontas abertas, tentando fechar contra sua pele nua, mas Archer, invisível, puxou e devorou seu calor tocando sua pele, o tecido se moveu e desapareceu.

— Archer!

Quando terminou, ela estava de pé somente com seus sapatos e suas meias pretas, presas com cintas em suas coxas.

Mãos invisíveis a empurraram, e ela se deixou cair com seu traseiro nu, no banco da penteadeira. Mãos invisíveis acariciavam ao longo de seus joelhos e subiam, acariciando suas coxas, com uma pressão suave, para abri-las.

Elena riu nervosamente. Instintivamente desceu ambas as mãos cobrindo a junção de suas pernas. Mas enquanto defendia o centro de sua feminilidade, ele alisava suas costas. Ela sentia o brilho de sua ternura, a intensidade de sua adoração.

A língua dele lambeu seu mamilo. Ela viu o pico úmido enrijecer.

— Oh meu... — Exclamou em sua garganta.

A sensação era muito intensa. Ela deslizou as mãos sobre os seios, só para sentir uma pressão imediata entre suas coxas. Suas mãos... seus dedos... massageando-a ali. Ela ficou escorregadia e úmida, e se contorceu de prazer. Seus olhos estavam em branco pelo deleite.

— Sim. — Gritou ela, apenas para congelar.

Sem dúvida uma língua. Uma língua larga, musculosa, extraordinariamente hábil. Os sapatos saíram voando de seus pés.

Ela derreteu com a mesma rapidez.

— Archer, por favor...

— Por favor, o que?

— Deixe-me ver você.

Ela sacudiu a cabeça em êxtase, agarrou a borda do banco estreito, com as pernas por cima de seus ombros largos para não cair. Quando seus olhos se abriram de novo, sua cabeça morena se levantou de entre suas coxas, com seu olhar intenso, e sua impressionante expressão. Não era mais uma sombra, a não ser um homem. Ela ruborizou violentamente por que ele ainda estava completamente vestido, enquanto ela não usava nada, apenas as meias.

— Vamos querida. — Ele a agarrou pela cintura, levantando-a facilmente contra ele. Ela se agarrou a seus ombros. Seu cabelo estava livre. A massa longa descia por suas costas. Só uns passos e a jogou no colchão.

— Deveríamos estar em minha cama, sabe. — Ele riu, um som áspero, muito masculino. — A sua é muito pequena, e provavelmente é barulhenta.

Ela se levantou sobre os joelhos, olhando enquanto ele descia os suspensórios, puxava a camisa sobre sua cabeça revelando seu dorso perfeito, musculoso e rígido.

Ela sussurrou:

— Na próxima vez iremos para a sua.

E ela secou a boca, quando ele solenemente passou a mão ao longo de seu eixo comprido, inchado.

— Deite-se de costas, Elena. — Sua voz estava tensa de tanto desejo.

Ela fez o que ele disse, caindo de novo na colcha de veludo sobre ambos os cotovelos. Ela não queria tirar os olhos de cima dele. Adorava a firmeza, a perfeição de sua pele morena, e as ondas que seus músculos faziam com o menor movimento. Era formoso, e ela pôde ver pela forma em que seu olhar se movia sobre ela, que ele a achava bonita também. Depois de se dobrar pela cintura para tirar as botas, ele desceu a calça sobre os quadris, deixando-a cair no chão.

Chutou tudo para longe, finalmente a tocando uma vez mais, começando pelos pés cobertos por meias.

Seu ventre se agitou com entusiasmo. As mãos dele, grandes e capazes, alisaram sua pele, ao longo de seus tornozelos... seus joelhos... e suas coxas.

Justo ali seus dedos invadiram fundo, roçando em seu clitóris com golpes ritmados. A ousadia a dominou. Ela ofegou, instintivamente abrindo-se para ele. Seus joelhos tomaram vantagem, instintivamente levantou suas pernas ao redor dele. Ele se posicionou fácil, empurrando até que seu eixo rígido se colocou contra sua carne úmida. Uma mão percorreu ao longo de seu corpo até capturar seu seio. Seu polegar pressionou o enrugado mamilo.

De repente ele evaporou como sombra. Os braços de Elena caíram sobre si mesma e seu calor desapareceu.

— Tem certeza de que ainda me deseja?

Ela deixou escapar um grito desesperado. Com uma risada profunda, rouca, ele ficou sólido uma vez mais, descendo a cabeça para sugar o bico de seu seio com língua e lábios decididos. O prazer correu em grandes ondas, até chegar à ponta de seus pés.

— Não faça isso de novo. — Ela jogou os braços ao redor de seus ombros. — Por favor.

Ele inclinou o quadril, pressionando sua espessura ao longo do canal entre suas pernas.

— Vou penetrar você agora.

— Sim, eu quero isso.

Ele levantou um pouco. O ar fresco do quarto passava entre eles, e endurecia seus mamilos. Ela observou entre eles, enquanto ele agarrava seu eixo. Seu estômago se dobrou, como uma rede definida. E cravou a ponta rosada e torcida contra o centro dela, umedecida com a evidência de seu prazer.

— Agora, Archer. — Ela apertou suas mãos sobre os ombros dele e gemeu, com seu corpo, sua paixão, exigindo tudo. Pouco a pouco, ele entrou nela.

Seu corpo se esticou, aceitando-o.

— Tão bom. — Sussurrou ele entre dentes, atraindo-a, apenas para prová-la de novo. — Melhor do que sonhei. Não quero te machucar.

— Não pode me machucar. Eu o desejo muito.

— Bom, porque... — Seu fôlego ficou em sua garganta. — Não posso esperar.

Ele se cravou nela, apertada, úmida, com um suspiro profundo de sua garganta, com a resistência de seu corpo, resistência que ele, com um poderoso impulso, destruiu.

Elena era uma virgem.

Ele olhou para seus olhos cristalizados de paixão e lágrimas.

— Sinto muito. — Pronunciou, sentindo arrependimento no fundo de sua alma.

— Por quê? — Ela se retorceu debaixo dele, abraçando-o com mais força, puxando-o até que ele foi atingido pela necessidade. — Não sinta. Eu te amo.

O coração de Archer cresceu e se despedaçou de uma só vez. Ele fechou os olhos, afundando-se nela, e apertando o rosto contra seu pescoço, querendo nunca se afastar, querendo nunca esquecer.

Elena se moveu contra ele, com a dor de sua virgindade perdida comparada com a enormidade de seu amor por ele. Tão perto. Tão perto. Nunca se sentiu tão perto de alguém.

— Elena. — Ofegou ele, com seu ritmo repentinamente intenso e urgente. Ela tocou seu peito, seu rosto, memorizando-o, aceitando cada investida como

sua própria. Sentiu o cobertor debaixo dela, e sua pele em contato com ele, e a vaga pressão da cabeceira.

De repente, uma intensa onda indefinível de prazer a inundou, do lugar onde seus corpos se uniam, abrindo-se para fora, tão pura e tão vermelha, como uma súbita explosão de luz.

Archer sentindo as contrações de seu corpo contra ele, imediatamente se perdeu. Amaldiçoou e a elogiou, e amaldiçoou outra vez. Agarrou-a pelos quadris e derramou sua liberação.

Ele caiu sobre ela, rodeando-a com seus braços e pernas, adorando seus olhos e seu aturdido sorriso amoroso. Preciosa Elena. Sentindo sua pele sedosa, deitou de lado abraçando-a, sussurrando finalmente:

— Eu te amo também.

*****

Ela despertou com os beijos de Archer contra seu pescoço.

— Sei que está cansada querida, mas tem que despertar.

Ele estava deitado a seu lado, musculoso e quente contra suas costas. Sua perna grande e pesada estava passada sobre as suas. Ela se sentia pequena, amada e protegida.

Ela se virou até que ficaram cara a cara.

— Por um momento, quando despertei, temi que isto tivesse sido um sonho.

— Talvez quando você adormeceu eu deveria ter saído e fingido que nada aconteceu? —Archer riu com amável cinismo.

— Não. — Ela sacudiu a cabeça, sem sorrir. — Não quero esquecer este dia. Jamais. Onde está sua tatuagem?

— Perdão?

— Não está aí.

— Desculpe amor. — Ele murmurou intimamente. — Só queria te fazer feliz. A tinta não permanece na pele Amaranthine.

— Amaranthine. — Ela repetiu.

— Meu corpo rejeita tudo de fora. Por isso, quando me cortou com as tesouras me curei tão rapidamente. Meu corpo rejeitou o aço.

— É verdade.

Ele viu sua mente médica trabalhando, tentando determinar a ciência de como poderia ser possível.

— Compreenda, não sou invencível. Uma arma de fogo ou qualquer outra ferida profunda poderia me fazer um desagradável dano, mas só temporariamente. O que poderia ser instantaneamente fatal para um mortal pode me pôr fora de serviço por um dia ou dois. Ou de cinco a sete em caso de... você sabe. — Ele passou um dedo por seu pescoço.

Elena estremeceu.

— Decapitação?

— Marcus pode dizer isso por experiência, não é nada agradável. Entretanto, só um ser imortal pode matar outro ser imortal.

Ela balançou a cabeça, maravilhada.

— Só de pensar que todo este tempo meu guardião era um...

Ela olhou para ele.

Seu sorriso desvaneceu.

— O que exatamente você é, Archer?

— Perguntou-me se era um anjo ou um demônio. — Ele esquadrinhou seu rosto, como se tentasse decidir quanto ela poderia digerir. — Não sou nenhuma dessas coisas.

Ela levantou a mão para sua bochecha.

— Então diga o que é. Quero saber.

— Sou um Amaranthine. Sou um ser imortal.

Ela fechou os olhos por um momento.

— Ainda não posso acreditar em tudo isto. Se não tivesse visto essas coisas por mim mesma... — Mordeu o lábio inferior. — É algo como uma fantasia, mas diz que são imortais como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— É normal. Para mim e para os de minha espécie. — Encolheu os ombros. — Suponho que tivemos muito tempo para nos acostumar com a ideia.

Ela assentiu, tentando entender.

— Acredito que sim. Foi sempre assim?

Ele se levantou sobre um cotovelo e, sério agora, olhou em seus olhos.

— Sou muito velho, Elena. Isto pode ser difícil para você entender, mas caminho nesta terra quase desde o começo dos tempos.

— E quanto a Selene e Marcus?

— Nasceram mortais e se transformaram mais tarde. Alguns mortais têm essa disposição para converter-se em imortais. É uma coisa rara, entretanto, e ainda mais rara nos últimos séculos. Não sabemos por que. — Passou a mão por sua bochecha. — É muito estranho compartilhar estas coisas.

Elena refletiu sobre tudo o que recordava do porão.

— Você e os gêmeos são uma classe de caçadores, não? Estão caçando Jack o Estripador.

— Sim. — Ele admitiu em voz baixa.

— Por que o Estripador? Por que não a todos os vilões do mundo?

— Somos membros da antiga Ordem dos Guardiões das Sombras. Estamos encarregados da eliminação, a qual chamamos Reclamação, de almas mortais extremamente corrompidas. Almas tão perversas que se aproximam de um estado sobrenatural chamado Transcendência, onde se tornam perigosamente poderosas, e adquirem a capacidade para atravessar para o Reino Interior.

— O Reino Interior... — Murmurou Elena.

— Um lugar lindo, com um sem-fim de colinas verdes e o ar tão limpo que você se sente mais vivo só por respirá-lo. Ou ao menos isso é o que me lembro. Faz um longo tempo que não volto lá.

Bateram na porta. Elena se levantou, sustentando o lençol.

Um gesto saiu dos lábios de Archer.

— É sua garota, Lizzy. — Disse. — É melhor responder.

— Lizzy? — Repetiu Elena, com um pouco de pânico. — Lizzy foi a última pessoa que vi antes de despertar no poço de Jack o Estripador.

— Quem viu não foi Lizzy, foi uma aparição criada por Jack para ganhar sua confiança e a atrair suficientemente perto para capturá-la. Sua Lizzy nunca saiu das instalações da mansão.

— Que alívio. — Exalou Elena. Continuou olhando para a porta. — Entretanto... Não estou preparada. Necessito mais tempo com você.

— Sei. Mas temos visitas lá embaixo, e poderia ser algo importante.

Elena assentiu. Embora desejasse esconder-se em seu quarto para sempre, não poderia esquecer o que aconteceu e o que levou a esse momento. Poderia haver uma batalha em curso, nesse mesmo momento, com a participação de Selene, Marcus e Jack o Estripador.

Tirando o cabelo dos ombros, rapidamente puxou um roupão do armário. Em seguida olhava por uma pequena abertura da porta.

— Lizzy.

— Boa tarde, senhorita. — Os olhos da jovem se estreitaram pela abertura com suspeita. — São mais de duas horas e não está vestida? Espero que não esteja doente.

— Tive uma longa noite.

— Tem visita. Devo dizer que não o receberá?

— Quem é?

—É o bonito doutor Harcourt do hospital. Parece bastante agitado, senhorita. Pediu para vê-la e ao Senhor Black, mas não localizamos sua senhoria.

— Vou em seguida.

— Precisa de ajuda para se vestir?

—Não, obrigada. Acredito que pode encontrar sua senhoria em seu gabinete.

— Já procurei ali, senhorita.

— Trate de procurar novamente. — Elena começou a fechar a porta.

— Espere, senhorita. — Sussurrou Lizzy, pressionando seu rosto na porta.

— Sim, Lizzy?

A garota agarrou sua mão e apertou algo suave e fresco na sua palma.

Elena olhou para baixo. Seus botões. Uma onda de calor queimou suas bochechas.

Lizzy sorriu e correu pelo corredor.

Elena rapidamente fechou a porta. Archer desceu as pernas pelo lado da cama. O lençol mal cobria seus quadris. Ele pegou sua calça. O olhar de Elena varreu em apreciação sobre os músculos fortes de seus ombros. Os batimentos de seu coração aumentaram de maneira agitada ao recordar a paixão que tinham compartilhado poucas horas antes.

— Você acha que eles o pegaram?

Archer parou.

— Uma vez que nos inteiremos do que Harcourt tem a dizer, sairei daqui com Leeson para averiguar.

Ela disse:

— Desce primeiro. Seguirei daqui a pouco.

Ainda vestindo a camisa, inclinou-se para beijar seu nariz.

— Você e eu ainda temos muito que discutir.

— Sim, sim, mas Archer... está tudo bem. Entre você e eu... aconteça o que acontecer. Só quero que saiba disso. Eu o entendo melhor agora.

Um quarto de hora mais tarde, depois de se vestir e arrumar seu cabelo, Elena se juntou a Archer e ao Dr. Harcourt no gabinete. Archer estava sentado atrás de sua mesa. Harcourt estava sentado na poltrona. Ambos em silêncio. Rigidamente. Ela se perguntou se teriam falado duas palavras um ao outro antes que ela entrasse na sala.

Ao vê-la, os dois se levantaram, aproximando-se da mesa de Archer parou a seu lado. Harcourt agarrou a aba de seu chapéu entre as mãos.

— Recebi a notícia de que estava a salvo, senhorita Whitney, mas me sinto imensamente melhor agora que a vi com meus próprios olhos. — A agitação iluminava seu rosto. — O Senhor Black me contou sua terrível experiência. Só posso culpar a mim mesmo. Se a houvesse trazido de volta para a mansão imediatamente, como o Senhor Black instruiu...

Elena olhou para Archer, com esperança de que não tivesse cobrado do homem esse detalhe. Sua expressão pétrea não a tranquilizou.

Olhando para Harcourt, disse:

— Não deve se culpar. Como você, quando as vítimas da cervejaria chegaram, pensei que era melhor ficar e ajudar. Estou a salvo agora. — Sorriu para tranquilizá-lo. — Isso é o que importa.

Sua pele normalmente dourada ficou muito pálida.

— Não estou muito convencido disso.

— Por que diz isso?

— Você conhece uma mulher chamada Mary Kelly?

Mary Kelly. Que nome tão familiar. Ela percorreu sua memória.

— Sim. — A mulher que conheceu em Tell Bells com a Sra. Scott. — Acredito que a conheço, sim é a mesma garota. Não posso dizer que compartilhamos mais de algumas palavras, mas alguém comentou a forma como parecíamos. — O sorriso de Elena desapareceu. — Por quê?

— Nesta manhã recebi uma intimação do médico da polícia que me pediu para acompanhá-lo à cena do crime na Corte de Miller.

Elena experimentou uma súbita premonição do que ele diria.

— Não me diga que...

Harcourt concordou.

— É verdade, eu temo. Ontem à noite, Mary Kelly foi assassinada em sua cama.

Elena ficou sem fôlego.

— Não.

Harcourt continuou com voz grave.

— Essa é uma palavra amável para o que ele fez a ela. E digo ele, porque não tenho dúvida de quem cometeu o crime.

Ela olhou para Archer, e o encontrou em pé rígido e carente de emoção junto à mesa.

— Encontrei isto em seu quarto. — Ele tirou um envelope do bolso e o estendeu para Archer. — Está dirigido ao senhor, Senhor Black.

O olhar de Archer queimou o envelope com ódio tão intenso que Elena temeu que o conteúdo explodisse em chamas na mão de Harcourt antes que tivessem a oportunidade de lê-lo.

— Não diga a ninguém onde conseguiu a carta, por favor. Estou arriscando minha reputação profissional por não entregar às autoridades, mas quando li o que estava escrito no bilhete, não pude fazer nada mais que trazer diretamente ao senhor.

— Abra, Archer. — Insistiu Elena. — Leia o que escreveu.

Archer pegou o envelope e abriu.

— O que diz? — Ela perguntou.

Leu em voz baixa.

— Muito parecida com ela... Estou desenvolvendo certa preferência pelas garotas bonitas... — Fechou a carta. — Há mais coisas vis. Não vou ler o resto em voz alta na presença da senhorita Whitney.

O sangue abandonou o rosto de Elena, e rapidamente se sentou em uma cadeira próxima.

— Ameaçou-me de novo, verdade?

Nesse momento se surpreendeu ao ver pelo canto do olho uma sombra se mover. E logo outra. Harcourt se dirigiu a Archer.

— Sua senhoria, a senhorita Whitney se encontra em maior perigo. Proteja-a. Eu peço. Faça o que deve para mantê-la a salvo. Meu Deus, tire-a da cidade se

for necessário. Quanto a mim, tenho que retornar imediatamente à cena do crime.

O médico pegou seu chapéu na cadeira e saiu da sala.

Um longo tempo passou em silêncio.

Elena sussurrou:

— Eles estão aqui, não?

Archer assentiu.

Selene e Marcus se materializaram das sombras.

— Assim ouviu as últimas notícias de East End. — Marcus ironizou.

Elena sussurrou:

— Ele matou a garota enquanto eu estava naquele buraco.

Selene jogou seu manto sobre as costas da cadeira vazia. Olhando para Archer, furiosa.

— Ele utilizou sua amante não só contra você, Archer, mas também contra todos nós. Como uma distração.

Elena se levantou da cadeira.

— Fale a respeito da carta, Archer. Ele me quer, embora seja para chegar ao resto de vocês. Assim, deixem ele me pegar. Usem-me como chamariz e o forcem a se mostrar.

— Não vou colocá-la em perigo.

Ela se aproximou, colocando a mão no seu braço.

— Não deixará que me faça mal, sei que não o faria. Confio em você.

— Elena. — Disse ele em voz baixa. — Tenho que pedir a você que nos deixe agora. Tenho que falar com Marcus e Selene em privado.

Elena ficou rígida. Assentiu, com seu plano obviamente rejeitado. Queria ficar com ele, ser incluída em tudo, não importando quão perigoso fosse o resultado.

Mas não podia esquecer o que era e o que não era.

Archer viu Elena sair. Na porta, ela parou.

— Amo você.

Seus ombros se endireitaram, mas ela não olhou para trás. Em vez disso, abriu a alta porta de madeira e a fechou atrás de si.

Boa garota.

Ele deu toda atenção aos gêmeos Guardiões que o esperavam.

— O sinal está sobre nós. Jack se converteu em brotoi.

Marcus cruzou os braços sobre seu peito.

— Vamos buscá-lo então, nós três, juntos. Não trabalharemos divididos de novo.

Selene pegou seu manto.

Archer balançou lentamente a cabeça.

— As coisas foram muito longe. Este brotoi tem-nos feito de tolos, embora tenhamos lutado para encontrar nosso rumo. Não teremos mais outra chance.

Marcus perguntou:

— O que está dizendo?

A paz se propagou através de Archer, acalmando os batimentos de seu coração. Estava preparado. Satisfeito. Tinha levado sua existência tão longe como desejou que fosse. Não podia compartilhar essa terra com Elena sabendo que a cada momento a levava mais perto da morte, a um lugar onde, por causa de seu espírito imortal, ele não poderia segui-la.

O manto deslizou das mãos de Selene.

— Vai Transcender.

— Sim. — Archer olhou nos olhos de Marcus. — E depois de Reclamar Jack, você Marcus, poderá me matar.

*****

Elena estava em sua cama, olhando para o teto, enquanto tentava compreender a enormidade de tudo o que viu, ouviu e aprendeu esse dia. Fechou os olhos. Era demais. Não podia imaginar como nenhuma delas podia funcionar. Apertou seus punhos em sua testa, tentando evitar o desespero.

— Ele vai se sacrificar, sabe. Por sua causa.

Ela abriu a boca e se sentou. Marcus estava sentado no assento da janela, e estendia suas longas pernas diante dele.

— Ele vai Transcender para matar ao Estripador. — continuou Marcus

— Pensei que a Transição era algo que só as almas deterioradas poderiam fazer.

— Os Guardiões das Sombras podem empregar a Transição como uma espécie de estratégia, mas só como último esforço para derrotar o nosso inimigo. É o maior sacrifício que um Guardião pode fazer.

— Continua usando a palavra “sacrifício”. Por que?

— Porque uma vez que ele tenha Transcendido, derrotará ao Estripador, não há duvida sobre isso. Mas depois enlouquecerá. Tornando-se instável. Uma bala perdida. Os Primitivos ordenarão caçá-lo e matá-lo, para proteção do Reino Interior.

— Ele é um de vocês.

— Não seria um dos nossos nunca mais. Seria uma ameaça.

Elena se levantou da cama e lentamente atravessou o quarto até o Guardião das Sombras de cabelo louro.

— Qual é o seu motivo para me contar tudo isso, Marcus?

Seu olhar, sua expressão, manteve-se neutro.

— Não é importante que saiba meus motivos. Quer que Archer viva ou morra? Isso é tudo. Só há dois resultados possíveis para esta situação.

Capítulo 18

Elena suspirou tremula.

— É claro que eu o quero vivo.

Ele sustentou seu olhar.

— Então terá que me ajudar. Eu arcarei com as consequências.

Elena refletiu sobre suas palavras por um longo e tortuoso momento. Considerando as palavras de Marcus, seria uma traição a Archer?

Quer que Archer viva ou morra?

— Diga-me o que devo fazer.

Ele se sentou mais reto agora, e seus olhos brilhavam com um pouco de secreta ambição.

— Nada diferente do plano que você mesma propôs. Esta noite, logo após o anoitecer, quero que tome um transporte de aluguel, e me encontre em Tell Bells. Isso é tudo. Simples assim.

— O Estripador me encontrará. — Sussurrou ela.

— Não chegará perto o suficiente. Não a machucará.

Elena fechou os olhos. Não podia acreditar que estivesse de acordo com isso. Nem sequer sabia se podia confiar em Marcus.

— Uma coisa mais. Ele ordenou que Selene a proteja, aqui na mansão.

— Como supõe que vou escapar dela?

— Dê-lhe isso. — Ele entregou um pequeno pacote, envolto em papel pardo. — Quando ela comer ficará adormecida durante horas. É importante que não conte nosso plano a ela. Faria todo o possível por nos deter.

— Gosta de Archer também. — Declarou Elena brandamente. — Apoia sua decisão de Transcender?

— Depois de mim, sim. Porque somos do mesmo sangue. Somos irmãos. Teria que ser um de nós para entender.

Em um abrir e fechar de olhos, estava sozinha em seu quarto outra vez. Seu olhar foi até a janela. O dia começava a desvanecer. Seu coração pulsava em um ritmo ansioso e irregular. Sabia muito bem que o plano de Marcus não tinha êxito garantido. Assim muitas coisas poderiam dar errado.

Sabendo que Archer sairia logo, desceu ao gabinete. Ele e Leeson estavam examinando uma série de caixas abertas. Leeson, ao vê-la, fechou a caixa mais próxima, como se quisesse ocultar seu conteúdo.

Archer disse:

— Está tudo bem, Leeson.

Elena se aproximou e viu o brilho branco de metal. Armas. Espadas, adagas, e outras que não pôde definir exatamente.

Leeson murmurou.

— Só não as toque, moça. Estão... muito afiadas.

Elena assentiu, com seu olhar fixo em Archer.

— Sairá logo, verdade?

Ele evitou seu olhar.

— Sim.

— Pensava em se despedir?

Archer ficou em silêncio. Por um longo momento não disse nada.

— Leeson, pode ir agora e diga ao sr. Jarvis que o pessoal está de folga, inclusive ele mesmo, podem desfrutar do restante da semana com suas famílias, ou fazendo o que desejarem. Realmente penso que seria mais simples mantê-los longe de casa enquanto fazemos nossos preparativos.

— Muito bem, senhor.

Uma vez que seu secretário saiu, ele ficou de pé silenciosamente, contemplando-a. Finalmente, quando Elena não pôde aguentar mais a separação, correu para ele. Seus braços a envolveram tão ferozmente, que perdeu o fôlego.

Sua mandíbula se moveu contra a parte de acima de sua cabeça.

— Não quero dizer adeus para você.

— É o que pode acontecer, verdade? Poderia não voltar. Poderia não vê-lo nunca mais.

— Pode acontecer dessa forma.

— Eu te amo Archer.

Seu abraço se fez mais forte.

— Eu também te amo.

— Desfrutei de cada momento que passamos juntos. Inclusive os infelizes.

Ele riu, com um som profundo, que ecoou.

— Você é muito valiosa para mim. — Uma lágrima caiu por sua bochecha. — Guardarei você em minha memória para sempre. Tenho um presente para você.

A emoção que sentia a queimava com muita intensidade. Não poderia olhá-lo sem chorar como uma criança.

— Não posso Archer. Não posso suportar mais nada.

Ele levantou seu queixo.

— Você é forte.

Ela olhou para aquele rosto amado. Sem travas, as lágrimas correram abundantes por suas bochechas.

— Não feche os olhos, querida. — Ele inclinou sua cabeça para pressionar seus lábios contra os dela.

Elena olhou fixamente para seus olhos prateados. Suas pupilas dilataram. O mundo se moveu em espiral.

Agora ela realmente fechou os olhos. Ofegou, imagens e emoções cintilaram através de sua mente em uma profusão selvagem de cores. Ele a puxou e a abraçou com força.

— Aqui estão. — Maravilhou-se. — Minhas lembranças. Até a última...

Archer esperou. Como sabia que aconteceria, ela ficou tensa. Seu rosto ficou branco e enrijeceu em seus braços.

Depois de um longo tempo, seus olhos finalmente se abriram.

— O Dr. Philip Whitney, meu pai. Um médico missionário na Costa de Marfim. É tudo verdade.

Archer acariciou sua bochecha.

— Só conhecia os fatos principais. É muito difícil obter muitos detalhes sobre uma alma mortal que partiu. A maioria esta fora de meu domínio.

— Sinto muito. — Ela se afastou. Apesar do momento, sorriu baixinho. — Eu manchei sua camisa com minhas lágrimas. Tem um lenço?

Archer pegou um em sua mesa.

Ela limpou os olhos.

— Meu pai e eu tivemos uma maravilhosa vida lá, mas faleceu. Sempre ajudei nas consultas e desejava continuar seu trabalho. Cheguei a Londres para me ocupar das formalidades para frequentar a faculdade de medicina e adquirir a licença, mas em meu primeiro dia aqui, sofri um acidente. Tudo é como me explicou na carta, só que não fui ferida. Deixaram-me com os indigentes, quando me roubaram tudo.

— Isso era tudo o que eu sabia sobre você, Elena. Tomei a liberdade de acrescentar outros detalhes.

Ela assentiu com sua expressão corajosa.

— Fui ao endereço do homem que deveria ser meu tutor, só para descobrir que também havia falecido recentemente. Sua enteada não queria ter nada haver com o custo de tomar a uma estranha sem dinheiro e me enviou de volta às ruas. Sem mantimentos, ou um lugar para ficar, só tive a opção de trabalhar em uma fábrica. A Senhora Eddowes acreditava haver-me reconhecido de uma hospedaria da Berner Street. Aquele casebre foi um dos muitos lugares onde passei minhas noites.

Archer se aproximou outra vez, uma presença silenciosa, consoladora.

— Fez o que era necessário para sobreviver, Elena.

— Sim. — Sua voz calou em um sussurro. — Cortei couro de sapatos. Winslow era meu chefe.

Sua boca tremeu. Outra vez, Archer a apertou em seus braços, mas não a interrompeu.

— Abusou de tantas moças. Consegui escapar dele naquela noite. — Apertou uma mão contra sua boca, recordando. — Ele me forçou a... tocá-lo... mas você o deteve antes que pudesse... — Tragou com força, tentando se acalmar. Ele deu um beijo em sua têmpora.

— Acreditei que tivesse êxito. Mas só tive certeza quando fizemos amor.

— Você me defendeu. Mas ele me matou, ou quase.

— Sim.

— Você me deu uma segunda oportunidade. — Ela levantou os olhos para ele. — Por quê?

— Porque te amo. — Archer acariciou seu cabelo e tocou seu rosto. — Minha formosa Elena, eu a amo desde então.

*****

Elena ainda soluçava uma hora mais tarde.

— E então sua mãe, embora pudesse ter se tornado imortal, suicidou-se ao saber da morte de Antônio?

Ela e Selene estavam sentadas lado a lado na cama da condessa, com cada uma das serpentes de Selene deslizando e enroscando-se ao lado delas.

Selene assentiu, completamente com os olhos secos.

— Fez a Marcus e a mim imortais em troca. Devíamos ser sua vingança contra Otaviano e o mundo, eu suponho.

Elena engoliu em seco.

— Essa é a história mais trágica que já ouvi.

Selene se recostou sobre os travesseiros, com as mãos atrás da cabeça.

— Isto é tão encantador, nós estarmos aqui, juntas e conversando. Não tive uma amiga mulher em muito tempo. Nunca, desde que a multidão esfolou a minha querida Hypatia até matá-la.

Elena limpou os olhos com um lenço limpo.

— Esfolada. Isso parece um pouco violento.

— Recorda a primeira noite quando me encontrou em seu quarto? A noite que eu disse que necessitava uma camisola?

— Sim.

— Não precisava de nada para vestir.

— Então, por que estava em meu quarto?

Selene revirou os olhos e pegou uma caixa de joias do lado da cama. Abriu a tampa e de dentro tirou uma pequena boneca grosseiramente formada. Parecia feita de cera e tinha um chumaço de cabelo rebelde e louro na cabeça.

— O que é isso?

— É você. — Selene riu, balançando a boneca. — Ou o kolossoi que fiz com o cabelo que tirei da sua escova naquela noite. E vê estes outros pequenos fios e restos de sua roupa?

— Por que fez algo assim?

— Queria enfiar um alfinete em seu estômago, ou cortar a sua cabeça. Alegro-me de não havê-lo feito. Realmente eu gosto de você agora, mesmo com Archer a amando.

— Certamente não sou a única mulher pela qual se apaixonou.

Selene recostou-se novamente, girando a boneca entre seus dedos.

— Amou realmente a alguém uma vez, faz muito tempo.

— Me fale dela.

— Realmente não sei muito e como sabe, Archer não é da classe de homem que compartilha seus sentimentos. — Selene encolheu os ombros indiferente. — Pelo que eu sei, estiveram loucos um pelo outro, mas a mãe dela proibiu a união.

— O que aconteceu? Como terminaram as coisas?

— Pelo que me disseram, uma tarde ela estava no campo recolhendo flores, esperando para se encontrar com Archer, quando uma alma que Transcendeu a sequestrou e a matou.

— Isso é terrível. — Exclamou Elena.

— Isso foi quando a civilização começou a mostrar sinais de deterioração na parte externa. Muito antes do meu tempo. Inclusive antes que os Primitivos decidissem fechar o reino Interior à intrusão humana. Isso é certo. Mortais e imortais uma vez viveram em paz lado a lado. Archer seguiu à alma, é obvio, e a jogou ao Tártaro.

— Tártaro?

Selene assentiu.

— O Buraco da Escuridão Eterna.

— Há um poço de Escuridão Eterna?

— Oh, sim. — Os olhos de Selene se alargaram dramaticamente. — Muito escuro e muito eterno. Você não gostaria de ser jogada lá. Ali é onde as almas mais repugnantes são encarceradas. É onde as almas Recuperadas são encerradas para sempre, depois que as Recuperamos.

— Ao menos Archer castigou o vilão.

Embora a tragédia tivesse ocorrido há muitos anos atrás, Elena tinha visto vislumbres de dor escondido no profundo dos olhos de Archer. Agora sabia por que. Fez uma oração pela moça.

Selene estendeu a mão para pôr a boneca na mesa ao lado.

— Pode acreditar que a mãe dela culpou Archer por tudo? Alguns séculos mais tarde, os mortais puseram seu toque pessoal à história e pronto. Por sua culpa tivemos terríveis invernos. Após a morte da jovem Archer se converteu no primeiro Guardião das Sombras de modo que nenhum outro Amaranthine sofresse a mesma perda. — Pela primeira vez a emoção umedeceu os olhos da Selene. — Sentirei falta dele.

— Ooo-ooh! — Elena estremeceu.

— O que foi?

— Jezabel se meteu debaixo da minha saia.

Elena se sentou cuidadosamente para não esmagar a nenhum dos mascotes favoritos da condessa. Pegou a serpente em suas anáguas e a enviou deslizando para Selene.

— Aonde vai? — Perguntou Selene bruscamente.

— Só me lembrei de algo...

— Ah, não, não o fará. — Selene saltou da cama com a graça de um leopardo. — Não pense inclusive em tentar escapar. Archer me fez responsável por você.

— Não quero escapar. É só um presente para você.

— De verdade? Um presente? — Selene relaxou. — Adoro presentes.

— Espero que você goste deste. — Elena foi até uma mesa ao lado da porta onde antes colocou o pacote. Voltando onde Selene estava de pé abriu o papel. Um cheiro de mofo envolveu toda a cama. Vendo o livro pela primeira vez, Elena, leu o título em voz alta: A Morte d'Arthur.

Selene ofegou, engasgando. Elena rapidamente entregou o volume às ansiosas mãos da condessa.

A condessa sustentou o livro no nível do nariz, abanando suavemente as páginas em seu rosto. Inalou profundamente e suspirou:

— Excelente buquê.

— Realmente você gosta de comer... papel? — Perguntou Elena hesitando.

— Não qualquer papel. Só coisas interessantes. Uma vez que como as páginas, gravo o conteúdo.

— Isso é incrível!

Selene passou a ponta de seu dedo ao longo do título gravado em dourado no livro.

— Sou bastante perita em muitos temas. Não me peça que explique como funciona isto, porque não sei. Começou como um hábito nervoso, suponho, depois que a Biblioteca Real da Alexandria foi queimada. Toda a história e o conhecimento, ambas perdidas para sempre. Comecei a mordiscar o que restava, e nunca mais consegui parar. Desejo opções mais finas, como esta.

— Então vá em frente. Rasgue uma página. — Elena incentivou, astutamente olhando o relógio da lareira.

— É um presente muito bom. Não poderia. — Selene mordia o lábio inferior e seus olhos brilhavam como fogos cheios de desejo.

Elena piscou os olhos.

— Por favor. Ferirá meus sentimentos se não o provar.

— Talvez apenas uma amostra de uma destas páginas em branco da parte de atrás.

Logo, Selene caiu em um sofá próximo.

— Mmmm. — Estava deitada de costas, com os olhos vidrados, colocando várias tiras entre os lábios vorazes, separando-os. — Tão bom.

Elena girou silenciosamente a maçaneta da porta e passou para o corredor. Depois de fechar a porta atrás de si, correu até seu quarto. No seu armário, selecionou freneticamente sua roupa mais velha, mais apropriada para uma noite em Bells. Trocou-se rapidamente.

Depois de pegar com urgência sua bolsa e o chapéu preto de aba larga, voltou apressada ao quarto de Selene e olhou para dentro. Selene estava inconsciente e roncando no sofá.

Satisfeita por sua guardiã estar como Marcus havia dito: incapacitada, Elena desceu as escadas. Uma parada final. Foi ao gabinete. Marcus lhe havia dito que não veria nem sequer ao Estripador, e que estaria segura. Entretanto, como ele

tinha uma inclinação mercenária, não estava a ponto de aceitar sua palavra. Não, ela não era uma Recuperadora imortal, e suas débeis tentativas de defesa falhariam sem dúvida ante uma alma Transcendida como o Estripador. Ainda assim, se sentiria melhor levando uma arma de qualquer espécie.

Na escuridão encontrou as caixas. Abriu uma. Duas. Três. Todas vazias. Quatro.

Adagas. Tão pálidas e formosas. Nunca viu nada igual. Agarrou-as pelo cabo e as colocou bem seguras no cinto de sua saia. Um momento depois corria sobre a grama escura pela noite em direção à rua. Só podia pensar em Archer, e rezar para que o plano de Marcus funcionasse.

De repente, seus pés escorregaram debaixo dela. Tropeçou. As adagas. Caiu com força, mas conseguiu não se ferir. Devagar, com cuidado, ficou de pé, sacudindo a grama de sua saia.

Selene gritou:

— Que demônios está tentando fazer?

Muito alto por cima de Elena, a condessa avançava.

— Eu estava... — Por que mentir? Sua intenção era óbvia. A confissão se derramou de seus lábios. — Iria tentar salvar Archer.

— Sozinha?

— Sim.

— Agora está mentindo. — Gritou alto a Reclamadora. — O papel usado para embrulhar o livro, era o mesmo jornal com o qual eu estava acostumada a envolver os pergaminhos do museu, acredite em mim quando digo que conheço papel. Isto vem do quarto de Marcus no Savoy. O que ele te convenceu a fazer?

*****

Selene pegou as rédeas do transporte vitoriano. Elena agarrava-se ao banco de couro da carruagem enquanto corriam ao longo da estreita avenida. Obviamente os detalhes horrorosos do assassinato de Mary Kelly se espalharam. As ruas estavam desertas, deixando o caminho livre e silencioso.

Elena agarrou o braço de Selene.

— Cuidado. Há alguém no caminho.

— É só uma moça. Passarei ao lado dela.

Elena olhou, estreitando os olhos. Lizzy estava de pé no meio da rua, agitando as mãos para que parassem.

— Dá a volta.

— Passarei a seu lado.

— Dá a volta. — Gritou Elena, alcançando as rédeas.

Selene conseguiu desviar a carruagem o suficiente para conduziu a uma rua lateral cheia de edifícios altos e escuros. Com o cenho franzido, exigiu.

— Por que fez isso?

Elena virou, olhando sobre seu ombro.

— Ele está aqui.

O metal e a madeira arrebentaram.

O céu noturno se inclinou violentamente.

A força do transporte virando lançou Elena no chão. Aturdida ficou imóvel um longo tempo, com suas mãos sangrando e sua saia enrolada ao redor de seus joelhos. Doía-lhe o ombro e sua cabeça palpitava.

O Estripador.

Elena se levantou do chão. De pé, esforçou-se para recuperar o equilíbrio. Viu Selene caída no outro lado da carruagem, tentando levantar-se sobre suas mãos e joelhos. Soprando e relinchando, os cavalos assustados, logo correram rua abaixo, arrastando os arreios por trás deles.

Então ouviu um som, uma horrível risada, baixa, insana, risada que ouviu antes no fundo do poço escuro. Algo escuro passou rapidamente na sua frente. Girou, seguindo seu curso. A sombra saltou sobre Selene.

O sangue trovejou nos ouvidos de Elena. O Estripador agachou-se sobre Selene, com sua capa fluindo como asas de morcego com um vento inexistente. Sua cartola alta brilhava vagamente na noite.

Seu poderoso braço subiu, uma pequena lamina brilhou em sua mão. Sem vacilar, Elena apertou as mãos ao redor dos cabos das adagas, e as puxou de sua cintura, liberando-as. Correu em direção das duas figuras lutando, levantando no alto as laminas.

Afundou-as nas costas de Jack e sentiu a reverberação repugnante das lâminas quando rasgaram músculos e ossos.

Ele gritou, um som desumano, agudo, e com um golpe de seu braço, lançou Elena na calçada. Aterrissou do outro lado da carruagem, tão perto que quase bateu a cabeça nela.

— Corre. — Ordenou uma voz. Era Selene, pouco a pouco se levantando da calçada.

O Estripador se agachou perto, amaldiçoando em uma língua que Elena não entendia. Dois cabos de prata se sobressaíam de cada ombro. Ele alcançou atrás da cabeça, agarrando um cabo com sua luva negra.

— Faça o que digo Elena. — Pediu Selene. Seus olhos brilhavam, sem nunca abandonar o Estripador. Seu cabelo estava despenteado, sua blusa amassada, e um pouco rasgada, revelando o cós de sua saia. Ela sacudiu a blusa e endireitou os ombros imperiosamente.

— Não quero te deixar.

Depois de tirar uma adaga, o Estripador se levantou em toda sua glória.

— Só fará com que ele a use contra mim. — Sussurrou Selene, olhando-o como uma onça faminta, inalando profundamente, como se estivesse preparada para o ataque.

Elena exalou com frustração, ao perceber a verdade de suas palavras. Agarrando suas saias, correu pela calçada, longe do Estripador. Ele se materializou diante dela.

Ela gritou e entrou em uma porta aberta. Justo quando fechava rapidamente a porta, o grito de batalha da Valquíria perfurou seus ouvidos. Um grande estrondo fez um estalo que sacudiu a porta e a parede da moradia. Pó e fragmentos voaram empoeirando o ar e o chão da escura sala, onde se escondia.

Ela empurrou suas costas na porta, e pôs as mãos contra os lados de sua cabeça, tentando pensar. Olhando fixamente a negra escuridão ao seu redor, distinguiu as formas de camas quebradas e mobílias destruídas. Outro golpe. Ela se preparou. Perto de seus pés se encontrava a chave da porta. Pegou-a e rapidamente reforçou o trinco da porta, mas sabendo que não a salvaria se o Estripador concentrasse sua atenção nela.

Elena subiu a longa escada com cuidado, utilizando os degraus mais inteiros. Rapidamente venceu os cinco andares. Uma vez no terraço, correu para a borda e ficou de joelhos para olhar para a rua lá embaixo.

A inquietação gotejou por ela. Não havia ninguém.

Capítulo 19

A mente de Elena criou uma imagem de Selene esfaqueada na calçada lá embaixo.

Algo rangeu e bateu de repente.

Uma porta.

Ela se virou explorando o terraço, mas não viu ninguém. Haveria uma porta no alto da escada? Seu sangue corria tão rápido e forte que mal podia respirar.

Aproximando-se viu que sim, com efeito, havia uma porta, e alguém a fechou. O medo ondulava sob sua pele. Provavelmente alguém a observava das sombras agora mesmo.

Pressentindo alguma coisa maligna atrás dela, virou-se.

Um homem alto e magro vestido com uma capa estava o suficientemente perto para agarrá-la se o desejasse.

— Boa noite, senhorita Whitney. — Ela retrocedeu, quase tropeçando. — Não a esperava nesta noite. Eu pensei que nós já tivemos nossa parte na diversão. — Deu um passo para ela, seus pés rangiam nas folhas de alcatrão que estavam ali para secar. — Não deveria ter me apunhalado com essas adagas malditas. Você me machucou. Agora eu vou ter que fazer a mesma coisa com você.

— O que é você? — Ela retrocedeu, sem nunca tirar os olhos dele.

Não podia, pela vida nela, deixar de olhar seu rosto. Sim, tinha olhos. Sim, tinha boca. Não podia distinguir suas horríveis feições além deles. Viu seus dentes brilharem enquanto seus lábios se abriam em um amplo sorriso.

— O que você é? — Gritou ela.

— Sou o primeiro de muitos. Sou um brotoi.

— Se afaste dela! — Ordenou uma voz firmemente.

Elena cobriu a boca com a mão para silenciar um soluço. Archer estava de pé na borda do terraço, uma sombra em Transição de um caçador imortal, tão formoso e mortal como a primeira noite que o viu no terraço do imóvel em Spitalfields.

Seu olhar negro prateado tocou seu olhar fugazmente.

Quando ele estendeu os braços para os lados, grandes espadas gêmeas apareceram. Sussurrou uma série de palavras em uma língua que ela não entendeu.

De repente, sua pele começou a mudar, e seus olhos cintilaram a um tom bronzeado escuro.

Oh, Deus. Ela sabia o que estava acontecendo. Estava Transcendendo.

O desespero e a tristeza se apoderaram dela, sabia que ele daria sua existência imortal por salvá-la e deter o Estripador.

— Muito tarde, Recuperador. Chegou tarde demais para me deter. — Jack investiu, derrubando Elena no chão. Correu através do terraço até a borda, de onde saltou, com a capa estendendo-se na noite...

Só para ser puxado de volta.

Ele caiu sobre uns escombros. A madeira estilhaçou, e tijolos voaram. Seu chapéu saiu rolando para um lado.

Marcus surgiu na escuridão, seus olhos brilhavam em um tom bronze. Agarrava uma espada com uma malvada lâmina curva.

Imediatamente, Archer cessou o processo de sua Transição. O veneno sob sua pele diminuiu.

Perguntou para Marcus:

— O que você fez?

— E pensar que esperava agradecimento. — Retrucou sem sotaque, sua voz soando de forma fria.

Jack subiu sobre umas placas, em nova tentativa de fuga.

Os olhos de bronze se voltaram para ele com uma malícia quase tranquila.

— Onde pensa que vai, homem? — Marcus golpeou com a parte plana da espada atrás da cabeça de Jack. Este ofegou de dor.

— Elena foi apunhalada.

Archer se virou para Selene, observando-a correr da borda do terraço até Elena, que segurava com ambas as mãos sua blusa. Seu coração parou, vendo o sangue.

— Estou bem. — Sussurrou ela com olhos vidrados.

Ela cambaleou e caiu. Archer se moveu, pegando-a em seus braços.

A risada do Estripador ecoou na noite, um som malévolo, desumano.

— Eu peguei você. Peguei antes que você pudesse me Recuperar. Ela morrerá. É uma lástima, entretanto, não poder cortá-la mais. Sou um filho de Tântalos. Outros me seguirão. Já ouviram minha chamada. Pode imaginar? Logo haverá milhares, milhares e milhares de almas exiladas que querem vingar-se de você e de sua classe.

— Pequeno brotoi malvado. — Assobiou Marcus. — Um que não sabe quando fechar a boca.

O Estripador gritou, ferido outra vez pela navalhada da espada de Marcus.

Selene abaixou-se ao lado de Elena, pegando-a dos braços de Archer.

— Vá, Archer. Termine isto agora.

Marcus grunhiu.

— Por muito que o odeie, ganhou a honra. Mas tem que se apressar. — O esforço de segurar Jack, esticava sua voz.

— Vá. — Sussurrou Elena. — Detenha-o.

Archer apertou a boca contra a palma de Elena alarmantemente fria e rezou para que esse beijo não fosse o último antes que a vida a abandonasse.

Marcus resmungou.

— Não posso prendê-lo por mais tempo.

Archer se dirigiu para Jack.

Seus olhos brilhavam com ardor, e seu sangue trovejava com fúria assassina. Duas laminas surgiram em suas mãos.

— É hora de morrer, Jack.

— Nunca. — Grunhiu o brotoi. De repente, sua capa saiu voando junto a ele, e como um grande morcego, escuro, levantou-se de um salto, com seu rosto como uma máscara demoníaca.

Archer deu um chute no centro do peito dele. Suas espadas brilharam, e braços giraram em um golpe duplo.

A cabeça de Jack se separou de seu pescoço, em seguida, em um segundo seu corpo se desintegrou com um brilho de milhões de fragmentos. Durante um longo tempo, só houve o som das pequenas partículas que caíam sobre o terraço.

— Isto nunca aconteceu antes. — Murmurou Marcus. Aproximou-se do lugar onde esteve o Estripador, e passou sua bota sobre um pequeno monte de pó preto. Curvando-se, tocou os brilhantes grãos e cheirou seus resíduos. — Areia vulcânica.

Archer não estava escutando. Recolheu suas espadas.

Selene levantou os olhos.

— Ainda está viva.

Mas havia perdido a consciência. Archer se agachou, gentilmente tocou seu pescoço, examinando sua pulsação. A dor se propagou através dele como uma praga, devorando tudo de bom que havia dentro dele. Ela estava além de sua ajuda. Salvou sua vida uma vez, e não podia fazê-lo de novo. Não haveria uma segunda oportunidade.

Ficou quieto, ferido, olhando nos olhos de Selene.

— Por que a trouxe aqui?

— Maldição, Marcus! — Selene irritou-se, com lágrimas deslizando por suas bochechas. — Se não fosse por sua imprudente ambição, ainda teria... — Sua voz tremeu. — Ainda teria a minha amiga e ainda teria o meu irmão.

Archer olhou para trás.

— Você trouxe Elena para isto?

Marcus devolveu o olhar, com seus olhos bronze inabaláveis.

Com um rugido, Archer outra vez sacou suas espadas.

Marcus se afastou.

— Se conseguir voltar disto, Archer, serei uma lenda entre as lendas.

— Voltar disto? — Archer espreitou o Recuperador. — Não pode voltar disto. Tenho que matá-lo agora.

Selene soluçou.

— Marcus.

— Quebre as regras. — Disse Marcus

— Não posso. — Respondeu Archer.

— Pode. Em troca do que posso oferecer a você.

— A glória já não desejo. Você não tem nada que possa me interessar.

Archer tremeu, consumido pelo ódio e a dor. Mataria Marcus e logo seguraria Elena até seu último suspiro.

— Posso salvá-la.

Archer sacou suas espadas.

— Só feche a boca e morra!

— Vi-a na rua. — Sussurrou Marcus. — Ela usou as adagas. Prata Amaranthine.

Selene secou os olhos.

— Meu Deus. É verdade. Ela trouxe adagas com ela. As suas adagas Archer. Com elas apunhalou Jack.

— O que? — Sussurrou Archer sem poder acreditar.

Com um simples toque na prata primitiva, os seres humanos morriam.

Marcus se aproximou, atrevendo-se a ficar dentro do alcance das espadas de Archer.

— Ela poderia fazer a Transição, Archer. Como Selene e eu. É uma mortal, com capacidade para fazer-se imortal.

— Depressa. — Suplicou Selene. — Temos que conseguir levá-la ao portal.

Archer se apressou em tirá-la dos braços de Selene. Levantou seu corpo mole contra seu peito. Apertando-a firmemente sentiu que seu sangue escorria por sua camisa, aquecendo sua pele. O desespero fechou sua garganta. Sentiu como se não pudesse respirar, como se seu coração fosse arrebentar. Havia ao menos uma possibilidade de salvá-la.

A escada rangeu sob o peso de ambos. Logo, corria com ela pela rua. Marcus e Selene, tendo descido do terraço, já haviam subido na carruagem.

Archer ordenou a Leeson.

— Rápido!

A carruagem saiu em disparada. Archer embalou Elena em silêncio. Depois de uma eternidade, finalmente chegaram à mansão dos recuperadores. Ele levantou o rosto do esplendor de seus cabelos emaranhados.

Selene saltou correndo pelas escadas para manter a porta aberta para Archer. Seu coração estava acelerado com a enormidade do que tinha a intenção de fazer. Levou Elena através da sala até seu gabinete. Os passos de Marcus e Leeson soavam no piso de mármore atrás dele.

Luz laranja brilhava no teto e nas paredes. Um fogo alto ardia na enorme lareira, como se os portais houvessem sido totalmente abertos com a notícia da Recuperação do Estripador.

Selene esperava de lado.

— Tenho negócios inacabados aqui. Archer, fale por nós. Avise se ela sobreviver.

Archer olhou para Marcus.

— Eles me enviarão atrás de você.

A voz de Marcus soou oca.

— Tudo o que preciso é um bom começo. Vou embora logo que desapareça nas chamas. Olhe para mim, Archer. Serei o primeiro a voltar da Transição.

— Depressa, sua senhoria. — Pediu Leeson.

Archer parou um momento para pressionar seus lábios na testa de Elena. Ainda estava viva, podia sentir a vibração tênue dentro dela.

— Seja forte por mim, querida. — Ofegou, sabendo que o próximo passo por si só poderia matá-la.

Com os ombros erguidos, aproximou-se do fogo.

Um grande rugido encheu seus ouvidos. Ele apertou os dentes. As chamas se lançaram sobre ele, um forte vento, abrasador, ameaçando arrancando Elena de seus braços. Gemeu com esforço. Gritou, usando até a última fração de força que tinha em seu interior.

O vento cessou.

A cor viva...

A pureza do ar...

Oscilou, caindo de joelhos. Ofegante, baixou-a brandamente na grama.

Ela piscou.

— Archer?

Ante seus olhos, despertou radiante. As bochechas acesas de uma cor rosa, com vida. Inclusive seu cabelo brilhava com um resplendor etéreo.

— Parece tão diferente. — Sussurrou ela olhando para ele.

— Não consegui deixá-la ir. Não pude, Elena. Espero que não me odeie por tomar a decisão por você.

— Este é seu verdadeiro lar?

— Sim.

— Então não lamento. — Seus olhos brilhavam, com amor intenso.

— Seja bem-vindo de volta a casa, Antigo.

Archer olhou pra cima. Três Primitivos desciam a encosta de uma colina verde, com suas longas vestes brancas balançando ao vento atrás deles. Inumeráveis Amaranthines os seguiam, rostos que ele não via desde que abandonou o Reino Interior milhares de anos antes. Olhavam atentamente com curiosidade para Elena. Aitha se agachou ao lado dela e brandamente tocou sua bochecha.

— Bem-vinda, filha.

A tensão dos músculos de Archer relaxou.

Hydros, alto e poderoso, colocou uma mão no ombro de Archer.

— Um trabalho bem feito.

Khaos, cujo longo cabelo preto tocava a grama, pegou na mão de Elena e a ajudou a levantar.

— Seus talentos mortais não serão esquecidos aqui.

— Meus talentos? — Elena a olhou, sem mostrar nenhum medo.

— Seu desejo de curar.

Aitha disse:

— Não podemos perder nosso Guardião das Sombras mais poderoso. Queremos fortalecê-lo permitindo que ele tenha uma Interventora como companheira.

Archer exalou ante a enormidade de seu presente. Agarrou Elena pelos ombros e olhou fixamente seus formosos olhos, nunca teria acreditado que sua existência eterna poderia mudar tão repentinamente.

— Uma Interventora, Elena. Você poderá salvar vidas inocentes não destinadas ainda a morrer.

Os olhos de Elena se encheram de lágrimas.

— Você deve descansar, filha, e completar sua Transição. — Aitha sorriu benevolentemente. — Volte para suas terras, Archer, e as compartilhe com sua noiva.

Archer olhou atentamente para Elena. Tocou em seu rosto.

— Sempre soube que te amaria para sempre.

De repente, Archer recordou. Virou para os Primitivos.

— O que acontecerá com Marcus?

FIM

Prévia do Próximo Livro: **So Still The Nigth**

A NOITE SEGUINTE

Willomina Limpett inclinou seu rosto para a voz.

Um homem estava ali, bem ao seu lado, alto e elegante, cujo pano de fundo era uma exuberante colina escarpada, coberta de grama. A tarde já estava avançada, e as sombras já caíam, mas, como não pôde vê-lo antes? Um arrepio sombrio percorreu-a, da cabeça com seu chapéu marcado pela fita preta do luto, até a ponta de seus sapatos de couro preto. Era uma resposta muito inapropriada, dado o momento... mas ninguém precisava saber.

— Srta. Limpett. — Disse ele, aproximando-se com passos lentos.

Usava um traje talhado em bom tecido, da classe da qual só os mais ricos cavalheiros poderiam encomendar aos alfaiates da famosa Savile Row de Londres. Sua cartola de seda se elevava alta e brilhante. Óculos escuros, com lentes azuis a impediam de ver diretamente seus olhos.

Ela rapidamente olhou para seu tio, o sr. Trafford, que estava alguns passos dali, falando com um dos convidados do enterro. Momentos antes, Mina havia

pedido desculpas cortesmente aos que estavam próximos e se afastou para ver a exuberante beleza do cemitério Highgate.

— Fomos apresentados? — Perguntou Mina, mesmo sabendo que não. Ele não era alguém que pudesse esquecer.

— Perdoe minha falta de etiqueta. — Sua voz era rica e quente. Com habilidade tirou o chapéu para revelar um cabelo loiro que chegava até o queixo, com mechas em um tom mais claro, como a luz da lua. — Sou... Alexander. Vi o anuncio no jornal e soube que devia vir para oferecer minhas condolências.

— Você conhecia meu pai? — O cascalho rangia sob seus pés.

Nenhum de seus colegas de profissão compareceu ao funeral. Os convidados que agora se dirigiam para as filas das carruagens que aguardavam, eram conhecidos na sociedade de Lorde e Lady Trafford, todos desconhecidos para Mina. Também desconhecidos para seu pai.

— Interesso-me superficialmente por idiomas. Um interesse pessoal, realmente. Nada que se compare ao nível da experiência de seu pai.

— Alexander... — Murmurou ela. Seu pai mencionou esse nome alguma vez?

— Tenho algo em meu poder, mas gostaria que você o aceitasse.

— Ah, sim? O que é?

Uma vez mais ela olhou para seu tio, que estava absorto na conversa. Sua tia e suas primas tinham desaparecido na carruagem fúnebre.

Mina voltou sua atenção para Alexander, que tirou um objeto escuro, retangular de seu bolso traseiro. Solenemente ofereceu seu presente. Suas mãos enluvadas se tocaram brevemente. Uma onda de calor subiu para suas bochechas. Ela abaixou a cabeça, escondendo-se sob a aba de seu chapéu, ao mesmo tempo, observando a capa de couro em sua mão. Ela deslizou seu polegar contra o fechamento e logo encontrou uma fotografia de dois homens agachados um ao lado do outro em cima de uma laje imensa de pedra.

Seu fôlego ficou preso na garganta. Pela primeira vez desde que o ataúde de seu pai foi selado em Bangladesh, as lágrimas correram através de suas pestanas. Turvando a visão da fotografia, uma imagem de seu pai como um homem jovem, com seu chapéu surrado de lado e seu rosto radiante de emoção. Nunca perdeu esse ardor, esse entusiasmo pela aventura. Não até os momentos finais, quando se despediram.

O senhor Alexander murmurou.

— A fotografia foi tirada nas ruínas de...

— Petra. Sim. Ele me levou ali, uma vez. Quem é este homem que está com ele? — Ela perguntou, levantando a fotografia para poder ver mais de perto. — Seu rosto está desfocado...

— Infelizmente.

— Parece com você. É seu pai, certo?

Alexander inclinou a cabeça.

— Obrigada. — sussurrou Mina. — Viajamos tanto, de um lugar para outro. Por necessidade, não podíamos colecionar muitas lembranças. Entesourarei esta para sempre.

— Me alegro. — Ele apertou seus lábios, como se estivesse considerando as palavras que diria depois. — Srta. Limpett...

— Sim?

— Espero que não esteja ultrapassando os limites do decoro por meu desejo nesse momento de mencionar um tema em particular, quando a dor de sua perda ainda está muito recente.

Nesse momento, ela não queria nada mais que alcançar e tirar os óculos de seu rosto. Desejava muito ver a cor de seus olhos.

— Por favor, fale livremente.

Ele assentiu.

— O professor, sei que possuía uma coleção pessoal extensa além da que entregou ao museu. Em particular, sei que possuía dois pergaminhos acadianos muito estranhos.

A inquietação, como suaves plumas, moveu-se em espiral pela coluna de Mina. Ela olhou para a foto, aos olhos de seu pai.

— Possivelmente agora que seu pai morreu, poderia querer se desfazer deles?

Ela guardou a foto.

— Temo que isso não seja possível.

— Estou disposto a pagar generosamente por eles.

Ela balançou a cabeça, e tentou um sorriso cortês, simples, enquanto sua mente destacava algumas opções para afastar-se rapidamente de sua companhia, algo necessário, considerando a linha de suas perguntas.

— Os pergaminhos não estão disponíveis para venda.

— Provavelmente já vendeu os pergaminhos para outra pessoa?

Ele se aproximou, tanto que ela quase não podia respirar pela magnitude de sua presença. O rígido espartilho apertado de Mina incomodava a parte inferior de seus seios.

Sua voz diminuiu e seguiu quase silenciosa.

— Se pudesse me proporcionar simplesmente um nome, estaria mais que feliz de me aproximar deles eu mesmo.

O coração de Mina pulsava com força. Na verdade, houve muitas ofertas. Também muitas ameaças, algumas muito desagradáveis, por isso neste momento carregava uma pistola em sua bolsa de pedraria pendurada no seu pulso.

— Não posso lhe dar nenhum nome.

Ela não podia ver seus olhos, mas sabia que se estreitaram, pelas rugas que se formaram em suas têmporas. Seus pensamentos giravam em sua cabeça, como se estivesse tentando entrar na mente dele, sem dúvida era o resultado desafortunado de sua torturada consciência. Ela experimentou um repentino desejo entristecedor de confessar tudo.

— Onde estão os pergaminhos, srta. Limpett?

Entretanto, ela não podia confessar.

Em vez disso, exclamou.

— Com meu pai.

Um sorriso brotou nos lábios dele. Mina de repente sentiu uma emoção diferente, como se estivesse sendo examinada até a alma.

— O que quer dizer, com seu pai?

Ela olhou fixamente para a Rua dos Mortos, até onde desaparecia entre as sombras das árvores de folha perene. Nesse momento, o ataúde descia com seu féretro hidráulico, a um túnel abaixo, e transportado pelos trabalhadores do cemitério a umas catacumbas invisíveis.

Inclusive à luz que se atenuava, sua pele pareceu empalidecer a um nível mais claro.

— Não pode está falando sério. Os pergaminhos foram... enterrados com seu pai?

— No final, eram seus bens mais queridos.

— Falamos de manuscritos antigos, nunca traduzidos ou transcritos, está me dizendo... — Ele riu, um som profundo, incrédulo. — Que se perderam para sempre?

— Temo que sim. — Ela enroscou sua mão nas alças de sua aveludada bolsa. — Passaram quatro longos meses, pode compreender.

— Ah, isso é uma lástima.

Ela olhou sob a aba do seu chapéu.

— Suponho que gostaria que devolvesse a fotografia?

Ele respondeu com um sorriso triste, mas um sorriso, que embora um pouco tenso, parecia surpreendentemente genuíno.

— Não, srta. Limpett, não desejo que me devolva a fotografia. — Quando repetiu suas palavras, imitou sua cadência e tom, um flerte ligeiro que agora enviava um calafrio agradável por ela. — Estou decepcionado, é claro, mas como posso opor-me aos últimos desejos de um homem agonizante? Deveria ter esperado por algo assim. William sempre foi bastante excêntrico. Ou assim me disseram.

Mina assentiu. A excentricidade de seu pai tinha amargurado sua existência, entretanto, o amou completamente, do principio ao fim.

— Tenho que me despedir de você agora, srta. Limpett.

— Obrigada por vir. — Disse ela em voz baixa, aliviada e decepcionada. — Sua presença teria significado muito para meu pai.

O canto de sua boca se elevou, voltou a pôr o chapéu em sua cabeça.

— Eu gostaria de pensar assim.

Ela o viu caminhar para a saída, e finalmente desaparecer pela escura arcada que dava para a estrada, onde mais carruagens esperavam levar aos convidados longe do cemitério.

— Com quem estava falando? — Seu tio se aproximou, com a bengala preta na mão.

— Não sei exatamente. Apresentou-se como Alexander.

Lorde Trafford sorriu.

— Pensei o reconhecer.

— Conhece-o?

— O visconde Alexander. Não o vejo no clube à meses. — Seu olhar vagou para a saída. — Pergunto-me se posso alcança-lo ainda?

Ela acompanhou seu tio até uma carruagem transparente, onde seis cavalos com plumas de avestruz, e cascos coloridos, estavam impacientes com seus arnês.

Quando chegaram junto ao transporte, disse:

— Querida Mina, vá para casa com as mulheres. Diga a sua senhoria que irei um pouco depois.

Um dos lacaios dos Trafford, vestido completamente de preto, apressou-se em abrir a porta e descer as escadas. Seu tio tirou o chapéu e foi procurar o visconde.

Mina examinou a carruagem. Três rostos femininos, emoldurados por cabelos negros brilhantes e plumas, apareciam do interior sombreado. Perguntou-se se alguém alguma vez, já se afogou em seda preta. Não conseguia decidir inteiramente em subir os degraus.

O cemitério a chamava... um detentor de segredos. Seus segredos. Sua conversar com Lorde Alexander a deixou intranquila. Como poderia comer? Como poderia dormir, até que estivesse segura? Segura de que o ataúde de seu pai foi

enterrado em seu lugar de descanso final, atrás de uma porta de ferro fechada com chave... para sempre.

Afastou-se do carro.

— Sigam sem mim.

— Seguir? — Repetiu Lady Trafford, com seus olhos azuis ampliados pela incredulidade.

— Só necessito um pouco mais de tempo com meu pai.

— Astrid. Evangeline. Acompanhem a sua prima... — Um coro de irritadas negativas soaram de dentro.

— Prefiro ficar sozinha. Posso caminhar na volta para casa quando tiver terminado. Não fica longe.

— Não seja ridícula, querida. Há ciganos acampados no campo do outro lado da estrada. — Ela olhou para o céu que escurecia e levou uma mão enluvada contra a pele de sua garganta. — E está anoitecendo.

— Se ficarmos um momento a mais, serei eu a próxima a expirar. — Murmurou Astrid em um tom áspero.

— Por favor. — Rogou Mina. Levou o lenço ao nariz em um efeito dramático, atuando segundo as lições que tinha aprendido observando a suas primas. -— Simplesmente não estou pronta para deixá-lo ainda.

— Oh, querida. Muito bem, então. — Cedeu sua tia, ante a ameaça de suas lágrimas. — Iremos na carruagem de Trafford, mas deixaremos que o segundo condutor e dois lacaios a acompanhem. Devo insistir que não deve ficar sozinha depois de escurecer.

Momentos mais tarde, depois de dar instruções aos lacaios de permanecer atrás na carruagem, Mina correu pelo caminho sombreado pelas árvores. Sabia o caminho. Tinha percorrido o caminho no dia anterior quando seu tio mostrou onde seria enterrado o ataúde de seu pai. Só que na ocasião o sol estava alto no céu, e o cemitério estava cheio de visitantes. Agora a escuridão se filtrava na terra, junto com a grama, com farrapos de névoa elevando-se. Um anjo de pedra apareceu na distância com os braços abertos. Só o som de seus sapatos pelo caminho, e o furtivo arranhado das aves e outras criaturas invisíveis nas árvores e arbustos, rompiam o silêncio.

Mina parou por um momento na frente da entrada arqueada da Avenida Egípcia, apoiada em ambos os lados por duas colunas e estátuas egípcias Um denso véu de hera caía de acima. Ela passou por baixo, entrando na escuridão. Imensas, de estilo etrusco as criptas se alinhavam na avenida, cada uma com uma porta maciça de ferro e duas tochas invertidas que simbolizavam as vidas extintas. Rapidamente saiu do asfixiante túnel e seguiu ao Lebanon Circle, onde duas filas de mausoléus rodeavam um alto cedro.

Embora os Tafford possuíssem uma cripta central para o enterro dos membros com título, seu pai que se casou com um membro da família, deveria ser colocado ao menos ao lado de sua mãe, uma Tafford nas menos exclusivas Catacumbas do Terraço de cima. Mina agarrou suas saias e subiu os degraus de pedra. Uma rajada repentina de vento levantou as folhas secas ao seu redor, enchendo o círculo de mil sussurros ininteligíveis.

No silêncio que seguiu, ouviu o repetitivo som de metal contra metal.

Click. Clik. Click.

O medo apertou sua garganta, e mais fundo, em seu peito, mas o afastou. Durante o último ano, enfrentou coisas muito piores que sombras da noite e imaginários fantasmas. Os sons que ouvia provavelmente eram feitos pelos

trabalhadores do cemitério que estavam terminando seus últimos trabalhos do dia.

Click. Click.

Seu lábio, onde estava mordendo, palpitava levemente. Que tarefa poderia requerer golpes tão repetitivos? Chegou às catacumbas onde o ataúde de seu pai deveria ter sido depositado. A porta estava com uma abertura pequena, quadrada, marcada com barras de ferro, e dividida em bandas e rebites decorativos. Sons de algo arrastando vinham de dentro.

Click.

Ela caminhou nas pontas dos pés e agarrou a grade, olhando atentamente para dentro. Na escuridão, mal conseguia perceber os ataúdes, empilhados em prateleiras... porém uma sombra se moveu.

— Você! Ei, você! O que está fazendo? Pare!

Mina sacudiu a porta, mas foi em vão. A porta estava fechada com chave. Para seu horror, o som de madeira estilhaçando veio de dentro.

Ela virou, voltando para a avenida egípcia, procurando por qualquer trabalhador, por qualquer visitante que pudesse gritar e avisar sobre a profanação da tumba. Não viu ninguém. Uma vez mais voltou para a grade, pressionando suas mãos contra sua boca, suprimindo seu impulso de gritar. Abriu a sua bolsa, e agarrou a pistola.

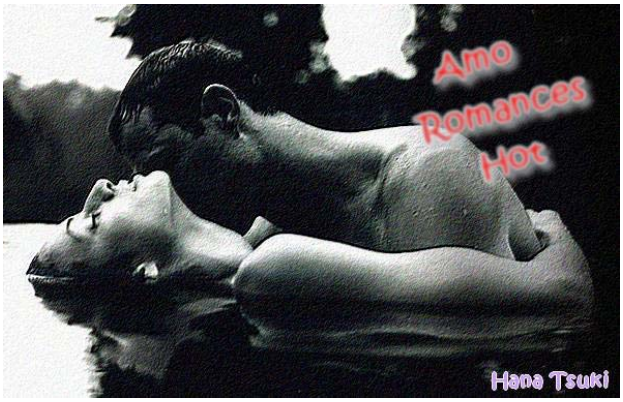
— Estou avisando. Saia daí! — Gritou.

Desesperada para parar a sombra, desesperada para proteger seu segredo, colocou o braço entre as barras de metal, com a pistola na mão. Não daria mais que um disparo de advertência, e amedrontaria a pessoa que estava lá dentro, e ao menos assim saberia com quem estava tratando.

Uma grande pedra foi jogada na escuridão para golpear a porta ao lado de sua cabeça.

A sombra ficou maior. Os olhos de cor bronze piscaram... e brilharam.

Mina gritou. A criatura rugiu e avançou para ela.

Ela disparou.

Em Breve...